

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**DEBATENDO ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM DO CONCEITO DE *IBERISMO*,
ATRAVÉS DA ANÁLISE DAS OBRAS-CLÁSSICAS DO MEXICANO SAMUEL
RAMOS E DO BRASILEIRO SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA:**

El perfil del hombre y la cultura en México (1934)
Raízes do Brasil (1936)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História por Ana Luiza de Oliveira Duarte Ferreira, sob a orientação da Prof. Dra. Beatriz Helena Domingues.

Dissertação defendida e aprovada em 16 de novembro de 2006, pela banca constituída por:

Presidente: Profa. Dra. Sônia Cristina Lino

Titular: Profa. Dra. Maria Emilia Prado

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Helena Domingues

à Lela, à Bia.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais, agradeço a este Programa de Mestrado em História, da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela concessão, a mim, de uma Bolsa de Monitoria, a partir de janeiro de 2005, até dezembro do mesmo ano, mas sobretudo pela proposição de disciplinas que em muito contribuíram para o amadurecimento das idéias e percepções relativas aos temas que me interessavam, desde a entrega de meu pré-projeto.

Em se tratando mais propriamente da elaboração de minha pesquisa (leitura de textos, reflexões e escrita da dissertação), agradeço aos empréstimos, sugestões, dicas e críticas tanto do então coordenador do programa, o professor Alexandre Mansur Barata, como das professoras Sônia Cristina Lino (Mestrado em História – UFJF), Maria Luísa Sherr (Mestrado em Teoria da Literatura – UFJF), Ângela de Castro Gomes (UFF) e Maria Emília Prado (UERJ). Pelo envio de material, agradeço ainda a Victor Salazar Velazquez, estudante da faculdade de História da Universidade Nacional Autónoma del Mexico, através do qual, aliás, estabeleci contato (fundamental) com o professor Alberto Saladino García (UNAM).

Por ter-me apresentado, desde minhas primeiras reflexões mais profundas acerca do trabalho com “textos clássicos”, novas maneiras de se fazer e gostar de História, agradeço especialmente à minha orientadora Beatriz Helena Domingues. Pela força, então, mais do que indispensável, dedico, por fim, meus mais sinceros agradecimentos aos meus queridos pais e irmãos, e aos amigos Alexandre Lopes e Daniela Tranches de Melo.

*“Mas por que será que as histórias maravilhosas
sempre se passam num país distante?”*

*“O mais difícil, mesmo,
é a arte de desler.”*

“Tudo que eu toco se transforma em mim.”

Mário Quintana, *Caderno H* (1973)



Samuel Ramos

In: <http://www.colegionacional.org.mx/Ramos.htm>



Sérgio Buarque de Holanda

http://www.unicamp.br/siarq/pesquisa/guia/sergio_buarque.html

SUMÁRIO

RESUMO.....	I
ABSTRACT.....	II
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1: METODOLOGIAS UTILIZADAS E CONCEITOS APRESENTADOS POR SAMUEL RAMOS EM <i>EL PERFIL...</i> E SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA EM <i>RAÍZES...</i> E A TENTATIVA DE COMPREENÇÃO DO CONCEITO DE “IBERISMO”.....	10
1. <u><i>El perfil...</i>: referenciais metodológicos e interpretações mais recentes.....</u>	15
2. <u><i>Raíces...</i>: referenciais metodológicos e interpretações mais recentes.....</u>	28
CAPÍTULO 2: <i>EL PERFIL...</i> , <i>RAÍZES...</i> E A HISTÓRIA “PRESENTE” DO MÉXICO E DO BRASIL NUM ESTUDO ACERCA DA NOÇÃO DE “IBERISMO”.....	39
1. <u>As primeiras décadas do século XX mexicano em <i>El perfil...</i> e outros textos.....</u>	43
2. <u>As primeiras décadas do século XX brasileiro em <i>Raíces...</i> e outros textos.....</u>	51
CAPÍTULO 3: “IBERISMO” NA ANÁLISE DOS UNIVERSOS INTELECTUAIS MEXICANO E BRASILEIRO EM QUE FORAM ESCRITOS E PUBLICADOS <i>EL PERFIL...</i> E <i>RAÍZES</i>	60
1. <u>O universo intelectual especificamente mexicano, nas primeiras décadas do século XX, por <i>El perfil...</i> e outros textos.....</u>	75
1.1. <i>Ateneo de la juventud</i> : aspectos institucionais e comportamentais	76
1.2. O ensaísmo entre <i>ateneístas</i> : foco na diversidade/paridade de temáticas e metodologias.....	84
1.3. <i>Novelas de la revolución</i> : prosa, engajamento político, e foco no “popular”	104
1.4. O <i>estridentismo</i> como primeiro impulso vanguardista no México: poesia, engajamento político, e foco no “atual”	106
1.5. Um segundo impulso vanguardista mexicano: os <i>contemporâneos</i> , a universidade, a poesia e o ensaísmo.....	112

2. <u>O universo intelectual brasileiro, nas primeiras décadas do século XX, por <i>Raízes...</i> e outros textos.....</u>	121
2.1. Formação da intelectualidade no Brasil: aspectos institucionais e o papel da imprensa.....	121
2.2. A prosa de Lima Barreto: aspectos comportamentais da intelectualidade brasileira de inícios dos noventa.....	129
2.3. O <i>modernismo</i> como movimento de vanguarda brasileiro: posturas críticas em relação à maneira como se comportavam e produziam os literatos do Brasil das primeiras décadas do século XX.....	132
2.4. A Literatura <i>modernista</i> : foco na diversidade/ paridade de temáticas e linguagens.....	141
2.5. O ensaísmo como alternativa para se pensar o Brasil histórico e o Brasil moderno: Paulo Prado e Gilberto Freyre.....	172
CONCLUSÃO.....	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	187

RESUMO

Esta dissertação avalia, a partir das proposições teóricas apresentadas pelo historiador norte-americano Dominick LaCapra, possibilidades de análise das obras-clássicas de Samuel Ramos e Sérgio Buarque de Holanda, publicadas em meados da década de 1930. Tendo como objetivo primeiro verificar de que forma respectivamente *El perfil del hombre y la cultura en México* e *Raízes do Brasil* abordam, propõem e remetem significações para o conceito de “iberismo”, meu trabalho se divide em três partes principais: (1) um esboço das proposições dos autores, que remete às prováveis referências metodológicas de que dispuseram na elaboração específica dos ditos livros, assim como às mais correntes interpretações dos conceitos apresentados; (2) um esboço acerca das proposições ali contidas acerca de aspectos político-econômicos e sócio-culturais do México e do Brasil de inícios do século XX, remetendo a autores que posteriormente se dedicaram ao tratamento da mesma realidade; (3) um esboço mais propriamente focado no universo intelectual no qual se inserem ambos os textos, tanto tendo em vista as perspectivas neles contidas, quanto as perspectivas apresentadas por pesquisadores mais recentes. A intenção é, pois, propor que “iberismo” necessariamente varia de acordo com o modelo de interpretação do qual se lança mão, constituindo mais do que tão somente um conceito, mas um jogo complexo, plural e indeterminado de entendimentos, valorações e projetos que partem da idéia de “herança cultural a nós americanos legada por Espanha e Portugal, desde o período da colonização”.

ABSTRACT

This dissertation evaluates, from the theoretical proposals presented by the North American historian Dominick LaCapra, possibilities of analysis of the classic works of Samuel Ramos and Sergio Buarque de Holanda, published in middle of the decade of 1930. Having as a main objective to verify respectively in which forms *El perfil del hombre y la cultura em México* and *Raízes do Brasil* they approach, consider and give meanings for the concept of “iberismo”, my work is divided in three main parts: (1) a sketch of the authors’ proposals, that matches to the probable methodological references that were used in the specific elaboration of these books, as well as the most current interpretations of the presented concepts; (2) a sketch concerning the proposals contained there concerning politician-economic and partner-cultural aspects of Mexico and Brazil from the beginnings of the 20th century, matching to authors who had later dedicated themselves to the treatment of the same reality; (3) a sketch much more properly focused in the intellectual universe in which the texts are both inserted, as much in view of the perspectives in contained in them, as much as the perspectives presented by more recent researchers. The intention is, therefore, to consider that “iberismo” necessarily varies according to the interpretation model of which it takes, establishing more than just a concept, but a complex, plural and indeterminate game of understanding, valuations and projects that became from the idea of “cultural inheritance to us americans bequeathed by Spain and Portugal, since the period of the colonization”.

INTRODUÇÃO

A proposta central desta dissertação é repensar a idéia de “**iberismo**” a partir da análise de dois livros tidos como uns dos mais importantes ensaios ibero-americanos – *El perfil del hombre y la cultura en México* (1934),¹ do mexicano Samuel Ramos, e *Raízes do Brasil* (1936),² do brasileiro Sérgio Buarque de Hollanda.³

Estas duas obras foram por mim escolhidas como objetos privilegiados não simplesmente porque recebem, na Ibero-América, a denominação de “**clássicos**”. De maneira um tanto diversa, meu interesse por ambas vem mais especificamente do motivo que as fez serem assim (por consenso) rotuladas: o fato de que mesmo passadas diversas décadas após

¹ A versão de que disponho é mais recente: Samuel RAMOS. *El perfil del hombre y la cultura en México*.

² A versão de que disponho é mais recente: Sérgio Buarque de HOLANDA. *Raízes do Brasil*.

³ Creio ser já, de antemão, de grande importância discutir esquematicamente alguns pormenores-essenciais. É que o propósito-primeiro de minha dissertação, ao qual acabo de me referir neste parágrafo, traz consigo o conveniente-inconveniente, de envolver, de maneira às vezes mais às vezes menos direta, o trabalho com questões “delicadas” da historiografia contemporânea. Muitas delas serão tomadas ao longo do texto que ora se apresenta; outras (admito) não serão. Por isso nesta “nota-introdutória” cito todas (ou talvez apenas as que pude perceber): (1) para que fiquem evidenciadas, (2) para que assim permitam um maior entendimento de minhas proposições, (3) para que possam ser melhor pensadas por aqueles que me lerem.

Antes de mais nada, é preciso pontuar que meu trabalho implicou duas reflexões essenciais, que invariavelmente remeteram aos trabalhos em geral associados aos ditos *estudos culturais*. Seriam elas: uma primeira, sobre a noção de **identidade**, quando relacionada ao âmbito **nacional** mas também **transnacional**, a qual tantas vezes se remetem as discussões acerca do conceito de iberismo; e uma segunda, sobre as noções de **verdade**, para melhor (ou menos inocentemente) analisar os textos clássicos, meus objetos.

Primeiramente, então, faz-se mister dizer que considero as **identidades** como *construções narrativas* individuais e ao mesmo tempo coletivas (complexas), que variam com o tempo e o local (que *pode* ser um país) e o anunciante; que promovem a aproximação mas também o afastamento de certos indivíduos; e que não são, entre si necessariamente excludentes. No que diz respeito àquela célebre, que se refere e promove a sensação de pertencimento a um mesmo grupo por parte de mexicanos e brasileiros, companheiros tão distantes de continente, muitas poderiam ser as denominações. Talvez a mais utilizada tenha sido e seja “latinoamericanidade”; eu, contudo, opto pelo termo “iberoamericanismo”, simplesmente porque a observo não sob o viés lingüístico, mas com foco no fato de o México como o Brasil termos vivido a experiência histórica comum da sempre-referência (explicativa/ justificativa/ criticada) à colonização das nações peninsulares.

No que diz respeito à outra reflexão acima aludida como essencial, pontuo que compartilho da percepção de que trabalhar a **produção textual** de intelectuais equivale sempre a trabalhar juízos e maneiras específicas de se compor e apresentar, ao público leigo ou não, *versões* com rótulos de “verdade”. Neste trabalho opto por me referir a três grupos principais: aqueles que denomino “filósofos”, aqueles que denomino “historiadores”, e aqueles que denomino “literatos”. Importante deixar claro que compreendo que um e outro algumas vezes se negam, mas também se interpõem, dialogam. Isto posto, o fato de que muitos dos pensadores dedicados ao estudo do passado que atrelarei ao campo da historiografia se terem julgado, em algum momento da vida, filósofos ou sociólogos; ou ainda o fato de que restrinjo o termo “Literatura” aos poemas, romances e manifestos estéticos... correspondem a uma opção minha meramente didática, e deve ser apenas e tão somente assim compreendida – o fato de ter-me sentido impelida a escolher determinadas possibilidades de definição para tais termos tão complexos (que isso fique bem claro) não vêm corresponder à uma possível minha impressão de que elas são as únicas possíveis ou as mais corretas.

suas publicações originais, elas **continuam exercendo um papel muito relevante** no teatro das idéias mexicano e brasileiro contemporâneo, fornecendo elementos para compor o cardápio de qualidades e defeitos, comportamentos e entendimentos, tidos como mais característicos dos cidadãos –pensadores, pesquisadores, literatos, políticos e homens “comuns” – do México e do Brasil, de ontem e de hoje; e também (não se pode esquecer) daquilo que se entende genericamente como “povos ibero-americanos”.

Em se tratando da referida noção de “iberismo”, há que se dizer que tem sido utilizada correntemente por nossos intelectuais para as abordagens das **heranças legadas** pelos povos oriundos da Península Ibérica à conformação de um modelo civilizacional na América. De minha parte, contudo, acredito ser valioso apurar este foco, e dar ênfase ao fato de que as percepções de quais seriam essas heranças variaram e têm de necessariamente variar com o tempo, dependendo da nação em que e sobre a qual se escreveu ou escreverá, e ainda de acordo com o autor que a tomou ou tomar como tema de reflexão. Daí que, neste meu presente trabalho, “iberismo” apareça com uma denominação mais precisa: corresponde às inúmeras e tantas vezes contraditórias **construções narrativas** que se associam ou são associadas à concepção de “legado cultural ibérico” – um jogo caótico e complexo de articulação e/ou negação entre as mais diversas obras que propuseram ou serviram para que se propusessem interpretações e valorações para esta idéia.⁴

Isso requer que, ao me dedicar ao estudo de *El perfil...* e *Raíces...*, não pretendo apenas buscar as **versões** de Ramos e Sérgio para possíveis heranças deixadas a mexicanos e brasileiros por, respectivamente, hispanos e lusos; também requer que minha dissertação não se restrinja a apresentar as **associações** que estes autores fizeram entre este tema e a realidade mais ampla, transnacional/ibero-americana. Para além, compreender “iberismo” como “textualização” exige que (1) se tente compreender de que **formas** Ramos e Sérgio construíram seus argumentos a respeito do legado ibérico e de que **formas** seus argumentos têm sido entendidos, contemporaneamente; que (2) se busque perceber qual relevância estes Autores e outros creditam a tal tipo de reflexão, especificamente na e para a **conjuntura** específica em que foram apresentadas; e, por fim, que (3) se analise os **diálogos** que Suas suposições podem ter estabelecido com as de outros intelectuais daquela época, através de referências apresentadas em *El perfil...* e em *Raíces...*, cruzadas à leitura de outros trabalhos sobre a produção de filósofos, historiadores e literatos, a Eles contemporâneos.

⁴ Cito alguns célebres autores interessados no tema do “iberismo”: Cf. Richard M MORSE. *O espelho de Próspero*. Simon SCHWARTZMAN. *O espelho de Morse*. Lúcia Lipp de OLIVEIRA. *Iberismo e americanismo: um livro em questão*. Luiz Verneck VIANA. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*.

Faz-se mister ressaltar que, coincidentemente, a única pesquisa acadêmica brasileira a que tive acesso que aborda mais de perto a referida obra de Ramos – um artigo da professora doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Claudia Wasserman –, se dedica também, como esta minha dissertação, a traçar paralelos entre *El perfil...* e a referida obra de Sérgio – intitula-se *Nacionalismo: origem e significado em Sérgio Buarque de Hollanda, Samuel Ramos e Ezequiel Martinez Estrada*.⁵

O texto de Wasserman serviu importante referência, em diversos momentos de minhas reflexões. Há que se ter em mente, contudo, que meu trabalho difere deste em muitos pontos, e chega mesmo a ponderações diversas, às quais remeterei, hora ou outra, ao longo dos capítulos que seguem. Entretanto, julgo ser fundamental destacar de antemão, nesta parte introdutória, em primeiro lugar os **interesses** específicos da referida Autora, distinto dos meus, e, em seguida, os **pressupostos conceituais** e metodológicos de que Ela dispõe, e sobre os quais eu, modestamente, apresento uma visão crítica.

No que tange o **foco** concedido por Wasserman em Sua abordagem comparativa de *El perfil...* e *Raíces...*, pode-se dizer que se encontra na questão identitária, nacional (mexicana e brasileira). É claro que a análise destes **temas** (mexicanidade e brasilidade) aparece como essencial em muitos momentos de meu presente trabalho, que busca esboçar interpretações de *El perfil...* e *Raíces...* Mas minhas observações sobre tal aspecto estão invariavelmente (que isso fique claro) condicionadas ao meu interesse (primeiro) em discutir algo que extrapola os ditos textos – o conceito de “iberismo”.

Não há dúvidas de que metodologicamente tal opção da referida Pesquisadora é tão válida quanto a minha. Entretanto, julgo que ela pode levar o leitor a compreender que comporr **um modelo de** identidade nacional mexicana ou brasileira era precisamente a intenção primeira dos ditos estudos, respectivamente, de Ramos e Sérgio. Tal impressão talvez seja corrente na historiografia, e consensual entre leigos, mas não deve ser tomada como uma verdade. Acredito, em particular, que é provável que, ao invés de formularem concepções de “brasilidade” e “mexicanidade”, estes Autores pretendiam **justamente desconstruir** as apreciações correntes, e deslegitimar os discursos patentes.

Em se tratando da maneira como Wasserman estrutura e apresenta seu raciocínio acerca de tais questões, temos que sua principal **referência teórica** é o trabalho do historiador

⁵ Cláudia WASSERMAN. *Nacionalismo: origem e significado em Sérgio Buarque de Hollanda, Samuel Ramos e Ezequiel Martinez Estrada*.

marxista Eric Hobsbawn,⁶ e que seus **objetivos analíticos** específicos são (conforme suas próprias palavras):

a) Entender o conjunto de motivos que levam os intelectuais latino-americanos da primeira metade do século XX a eleger a questão nacional como preponderante em suas análises, não apenas através do exame das **circunstância históricas** que originariam tais preocupações, mas também das **estruturas institucionais** presentes nessas sociedades.⁷

b) Verificar e comparar nos autores examinados, qual era (...) o **significado** do nacionalismo para cada um deles. Quais eram os mitos fundadores da nacionalidade? Quais os obstáculos e os problemas para a construção das nações?⁸

Isso implica no fato de que o texto de Wasserman se divide em duas partes: uma primeira, na qual se dedica a construir uma síntese de aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais que se têm como característicos do mundo e, mais focadamente, do México e do Brasil do período em que *El perfil...* e *Raíces...* foram elaborados – compondo um quadro daquilo que Ela considera as **origens** das concepções de nacionalidade (que se crê) formuladas por Ramos e Sérgio;⁹ e uma segunda, em que se realiza uma análise das referidas obras, levantando algumas concepções que uma e outra apresentariam, e as acompanhando de extensas citações – compondo um quadro daquilo que Ela considera o **significado** das idéias formuladas pelos ditos autores em seus respectivos textos.¹⁰

Esta Sua maneira de lidar com nossos objetos de análise comuns, creio eu, entretanto, os reduz e/ou manipula, os eclipsa e/ou abandona. Pouco se remete em *Nacionalismo: origem e significado...*, por exemplo, à **maneira** como as concepções de Ramos, em *El perfil...*, e Sérgio, em *Raíces...*, são apresentadas, e nunca que tipo de conceitos ou conceitualização “formais” estes intelectuais teriam, ali, formulado. Destarte, o que vejo no trabalho de Wasserman é, primeiramente, uma tentativa de enquadrar os referidos “clássicos” numa idéia pré-determinada do que seria a **conjuntura histórica** que as envolveria; e, em seguida, uma tentativa de enquadrar os referidos “clássicos” nas concepções hoje correntes **acerca de idéias supostamente apresentadas nesses clássicos**, sem sistematizá-las ou sem jamais citar o nome de outros pesquisadores interessados na

⁶ Wasserman também cita Ernest Gellner, em *Nações e nacionalismos*, mas não me parece ter usado de fato as concepções deste autor para estruturar seus argumentos, no referido artigo. Gellner apresenta pressupostos muito interessantes, e compreende a idéia de “nacionalismo” como uma *construção ativa*, realizada pelos mais diversos atores sociais, dentre os quais os pensadores, pesquisadores e literatos se destacariam, por disporem de maiores condições materiais/objetivas, mas também de todo um repertório de noções/subjetividades (dentre as quais se destacam o que o autor chama “invenção”, “artefato”, “engenharia política”). Idem, p. 04-05.

⁷ Idem, p. 3. grifos meus.

⁸ Idem, p. 4. grifos meus.

⁹ Idem, p. 6-10

¹⁰ Idem, p. 10-19.

compreensão delas. Por fim, percebi, a partir da leitura do dito Artigo, a necessidade de nos dedicarmos mais profundamente às possibilidades e especificidades de estudo/interpretações de textos consagrados pelo cânone acadêmico.

O conjunto da historiografia que se volta a refletir sobre o trabalho com a produção textual de filósofos, historiadores e literatos tem sido chamado “**História intelectual**”. Nesta, um dos expoentes que mais se destacaram nos últimos anos foi Dominick LaCapra, um historiador norte-americano que, dialogando com a Linguística e a Teoria Literária, me despertou o interesse desde minhas primeiras reflexões acerca do tema acima aludido – o “iberismo” **em e a partir** de *El perfil... e Raíces...* –, ou, ainda, em grande parte, viabilizou, ao longo de minha pesquisa, uma compreensão diversa e mais complexa dele.

Em artigo célebre publicado na década de 1980,¹¹ intitulado *Repensar la historia intelectual y leer textos*, LaCapra inicia suas reflexões com uma abordagem pouco alongada, embora objetiva e eficiente, daquelas que considerava as três mais praticadas modalidades de História Intelectual: (1) a “internalista” ou “formalista”, atenta à estrutura do texto, e conhecida (e criticada) como “História das idéias ‘no ar’”; (2) a “externalista”, que encara os textos como reflexos de uma realidade histórica dada; e (3) o que o dito Autor chama “síntese dos contrários”, a qual, inspirada na proeminente História Social das Idéias, vem ganhando espaço entre as produções mais recentes.

Conforme LaCapra, estes dois últimos grupos de autores se posicionariam de maneira crítica no que diz respeito à antiga e corrente (e talvez também, de uma forma ou de outra, inconsciente) noção de “**transcendência**” **das idéias** em relação às épocas que as teriam gerado; noção, aliás, característica dos trabalhos elaborados por aquele primeiro grupo. De maneira diversa, então, eles, por compreenderem como principal função do historiador a redescoberta do passado “tal como ele ocorreu”, creriam que cada obra é “filha de seu tempo”, tornando indispensável **a tentativa de recuperação de seu significado “original”** – o significado que teria para o homem do período histórico em que foi inicialmente escrita e/ou publicada.

LaCapra, particularmente, reconhece especificidades positivas de cada uma das três modalidades de análise acima referidas, mas afirma que não devemos nos ater somente a elas. Busca, pois, alternativa que crê mais consistente do que as que vêm sendo tradicionalmente

¹¹ O referido artigo foi publicado pela primeira vez no ano de 1980 como capítulo do livro *History and theory*, de autoria do próprio Dominick LaCapra, mas particularmente tive acesso a ela na publicação de certo mais recente, organizada pelo argentino Elías José Palti, de nome *Giro lingüístico y historia intelectual*.

postas em prática. Afirma, por exemplo, a respeito das análises “externalistas” ou daquelas associadas à História Social das Idéias: *“la Historia intelectual no debería verse como una mera función de la Historia social. Tiene que explorar otras cuestiones, que exigen técnicas diferentes...”*¹²

Mas o que faz, então, ao ver de LaCapra, da História Intelectual uma área específica? Ora, este Autor propõe que, por se dedicar ao estudo dos clássicos da Filosofia, da História ou da Literatura, o historiador deste campo também precisa estar, por exemplo, atento a problemas relacionados à Crítica Literária e à Linguística; problemas tais como o fato de que *“en ellos [nos clásicos] el uso del lenguaje se explora de una manera especialmente enérgica y crítica, que nos compromete como intérpretes en una conversación particularmente atrapante con el pasado.”*¹³

Isso implica dizer que ao trabalhar com obras filosóficas, historiográficas, ou literárias devemos não apenas dedicar-nos à busca por **informações** valiosas sobre as sociedades, culturas e homens e mulheres do período em que foram produzidas e recebidas, mas também (e principalmente) à percepção de que elas ajudaram e ajudam a estabelecer, corroborar ou mesmo negar **construções conceituais acerca daquela realidade**. Importante então seria, para LaCapra, também, repensar o fato de terem as obras ditas “clássicas” continuado a constituir fontes de inspiração por décadas – os possíveis interesses que delas se serviram e os **mecanismos através dos quais foram ressignificadas**, adequadas a tempos posteriores, ajudando a construir “identidades”, e fundando “verdades”.

E é justamente partindo de tais colocações que LaCapra vai conceber sua definição para o conceito de **“verdade”**: para Ele as realidades de que o homem dispõe são nada mais do que **textualizações**; isto é, o passado se nos apresenta enquanto “textos”, e o que costumamos chamar “contextos passados” nada mais são do que construções elaboradas por meio da palavra escrita e lida.

Aqui é preciso se ter em mente, contudo, que LaCapra se distingue de maneira bem marcada dos demais pensadores contemporâneos ditos “céticos”, interessados no relativismo, por uma série de questões. Em primeiro lugar, por apresentar a idéia de que o **problema** não está propriamente em se propor verdades, mas em se propor uma **verdade una**, à maneira dos pensadores ilustrados do século XVIII; ou mesmo em se propor uma **verdade relativa a outrora**, e desarticulada dos interesses contemporâneos, como fazem tantos, hoje.

¹² LACAPRA, Dominick. *Repensar la historia intelectual y leer textos*. p. 239.

¹³ Idem, p.242.

Em segundo lugar, LaCapra compreende que a noção de “escolha criativa” por parte do **historiador atual** não é tão definitiva – assim como não era para os **autores dos textos tomados como objeto** – quanto parecem argumentar outros historiadores relativistas (destacadamente Hayden White); entretanto, para Ele, isso **não** há de incorrer (como argumentam críticos de White) em uma total **desresponsabilização** dos pesquisadores – estes devem manter **compromissos com a sociedade a que pertencem**, enquanto detentores de conhecimentos dos quais nem todos dispõem, e que cabem a eles, de maneira privilegiada, articular. Por fim, e em suma, o dito Historiador diferencia-se por apresentar uma visão **dialógica** – menos sectária e, a meu ver, consideravelmente mais satisfatória, enriquecedora.

Meu entendimento é que abordagens que simplesmente opõem “tradicionais científicas” a “céticos relativistas” podem repercutir em conseqüências indesejáveis: podem levar a crer que as noções que apresentam cada uma delas são necessariamente **excludentes**. De maneira diversa, acredito que elas devem ser consideradas apenas como perspectivas **distintas**, e por isso mesmo de certa forma **complementares**. Parece-me claro, destarte, que, se por um lado uma abordagem movida por interesses objetivistas, de busca de uma verdade passada, pode resultar em um esboço simplista e destituído de reais interesses para o homem atual, por outro lado, uma abordagem que leve o relativismo ao extremo pode fazer morrer o homem enquanto sujeito da história que busca, entre determinantes sociais e culturais, espaços de atuação e expressão individual e coletiva. Quer dizer, então, que as proposições de LaCapra surgiram, para mim, como a referência **teórica** mais adequada no tratamento dos meus dois principais objetos – *El perfil...* e *Raíces...* –, na medida em que me permitem (na realidade, mais do que isso, sugerem) fugir aos extremos e inter-cruzar concepções diversas no campo da História Intelectual.

Outro fato – a este relacionado – que me fez optar por LaCapra como principal suporte **metodológico** em minha dissertação, é a maneira como Ele trabalha, também em *Repensar la historia intelectual...*, o conceito de “**contexto**”. Na visão de LaCapra, esta idéia, embora não deva ser (como vimos) reduzida à função de designar “conjuntura histórica”, não pode restar abandonada. Deveria ser empregada, sim, como referente a qualquer coisa como “espaços de relação entre textos”.

LaCapra apresenta, destarte, seis principais possibilidades de **contextualização** que, na prática de análise dos historiadores, conforme Ele, apresentariam vantagem evidentes e deficiências intrínsecas, e apareceriam, hora e outra, articuladas e interagindo. Seriam elas: o diálogo (1) entre as intenções do escritor ao escrever e o texto escrito; (2) entre o texto e a

vida do escritor; (3) entre o texto e a sociedade em que foi publicado pela primeira vez; (4) entre o texto e a cultura na qual estava envolto; (5) entre o texto e os demais pertencentes ao *corpus* de um mesmo escritor; e, enfim, (6) entre o texto e outros diversos modos de discurso.

Importante ressaltar que nos três capítulos desta dissertação fica sempre implícita, enquanto busco trabalhar a noção de “iberismo”, a possibilidade de análise contextual nº 06 apresentada por LaCapra; isto é, em cada um deles, invariavelmente, tomo *El perfil...* e *Raíces...* como textualizações e/ou ponto de partida para textualizações, operadas no passado como no presente. Em cada um dos capítulos, porém, concedo foco a uma dessas alternativas, e exploro suas possibilidades (evidentemente, e como se espera) de maneira pessoal. Isso não quer dizer que as três restantes sugestões analíticas, por mim adiante não destacadas, não chegaram a ser de fato trabalhadas; elas aparecessem, sim, num momento ou outro, ainda que vagamente e de forma pouco explícita.

No primeiro capítulo apresento com maior profundidade uma síntese dos conceitos propostos e métodos utilizados por Ramos e Sérgio em Seus trabalhos que são aqui meus objetos privilegiados de estudo; ali faço dialogar destacadamente os textos de *El perfil...* e *Raíces...* com aqueles que se convém dizer que seriam seus principais referenciais teóricos, e também com alguns de outras gerações, tidos como interlocutores imediatos das suas obras escolhidas. Viso, então, ainda que despreziosamente, formular e dialogar com algumas versões acerca de **como**, ali, estariam os referidos Autores a pontuar sobre a questão do “iberismo” – estarei me referindo à possibilidade de análise contextual lacapriana nº1, mas também remeterei aos referidos pensadores que LaCapra classificou como (vimos acima) “internalistas”.

No segundo capítulo, a intenção é traçar possíveis relações entre os aspectos políticos, econômicos, sociais mexicanos e brasileiros de inícios do século XX, e as concepções de “iberismo”, esboçadas por Ramos e Sérgio para *El perfil...* e *Raíces...*, neste período. Para tanto, entrelaço informações tidas como consensuais entre os historiadores da atualidade, acerca do aludido momento histórico, entrelaçadas às informações que Eles apresentaram – estarei me referindo à possibilidade de análise contextual lacapriana nº 3, mas também remeterei aos referidos pensadores que LaCapra classificou como (vimos acima) “externalistas”.

O terceiro e último capítulo desta dissertação se dedica a inserir *El perfil...* e *Raíces...* em seu dito “universo intelectual” – correspondendo ao item nº 04, proposto por LaCapra, e dialogando com outros estudiosos relacionados com o campo historiográfico intitulado

História Social das Idéias. Neste momento, busco traçar paralelos entre as informações que hoje se tem como mais cabíveis acerca das relações estabelecidas pelos pensadores, pesquisadores e literatos daquele período histórico, mexicano e brasileiro, e a visão que Ramos e Sérgio registram em suas respectivas obras, acerca deste mesmo tema, e propor de que maneira a idéia de “iberismo” pode ser, sob este viés, percebida.

Com vistas a garantir maior clareza às minhas colocações, optei por discutir, em cada um dos três capítulos, **inicialmente** as perspectivas apontadas **no, por e através do** texto mexicano – *El perfil...* – e, apenas **posteriormente**, a perspectivas apontadas **no, por e através do** texto brasileiro – *Raíces...* No corpo de cada um, contudo, aparecem, vez por outra, pontes entre as proposições e interpretações das proposições de Ramos e Sérgio.

Acreditando, enfim, que minha dissertação, partindo do referido debate sobre o conceito de “iberismo” (à luz de *El perfil...* e *Raíces...*), há de contribuir para que se repensem também as maneiras como os historiadores têm trabalhado tanto as idéias de “identidade nacional” e de “identidade ibero-americana”, quanto os ditos “textos clássicos”, concluo esta Introdução parafraseando o irônico – e tão interessado pela Ibero-América – historiador norte-americano, Richard Morse:

Estou certa de que as teses de doutorado do futuro poderão concluir este esboço. Tudo isto é para dizer que não tenho em mente nenhum paradigma abrangente, e que estou menos interessada em definir o tema [do iberismo] do que em descobrir maneiras de explorá-lo.¹⁴

¹⁴ Richard M. MORSE. *A volta de Mc Luhanáima*. p. 119.

CAPÍTULO 1. METODOLOGIAS UTILIZADAS E CONCEITOS APRESENTADOS POR SAMUEL RAMOS EM *EL PERFIL...* E SERGIO BUARQUE DE HOLANDA EM *RAÍZES...* E A TENTATIVA DE COMPREENÇÃO DO CONCEITO DE “IBERISMO”

Conforme anunciado, neste capítulo me dedico à tarefa central de partir de uma síntese de alguns dos conceitos-chave trabalhados por Samuel Ramos em *El perfil...* e por Sergio Buarque de Holanda em *Raízes...* – uma síntese que leva em conta destacadamente a **maneira** como essas concepções são apresentadas por ambos os Autores, para que, enfim, se apresente que tipo de noção de “iberismo” pode-se dizer que as referidas obras **compõem**.

Antes de mais nada, contudo, creio ser interessante pontuar que esta modalidade de análise teve destaque no campo historiográfico já desde o século XIX, no trabalho dos ditos **historiadores românticos**. Em tal período, muitos dos pesquisadores, creditando a formulação de conceitos propostos em tratados filosóficos, religiosos e de História, e também em obras literárias, a iniciativas individuais (conscientes) de cada autor, visavam a explicitação do que compreendiam ser as contribuições mais importantes de cada um desses produtos culturais. A partir de então, buscavam compor uma relação consensual de quais seriam os livros de maior relevância histórica, nacional e/ou universal, e traçar prováveis semelhanças metodológicas e conceptuais entre eles, para, enfim, apresentar uma conceituação genérica daquilo que designavam “**formas de pensamento**” de cada época. Grande parte desses intelectuais dos oitocentos compreendia, portanto, o termo “cultura” como equivalente a “espírito de um tempo”, e compôs, assim, o embrião da hoje tão criticada “**História das Idéias**”.¹⁵

É preciso estar atento para o fato de que, embora os mais característicos representantes de tais perspectivas de análise apresentassem sim qualquer interesse por aquilo que convém chamar “conjuntura histórica”, e embora ao longo dos séculos suas proposições tenham evidentemente variado (e muito), eles estiveram sempre priorizando o foco nas **obras mais que nos universos sócio-culturais** que as possam ter envolvido e envolvem, e

¹⁵ Peter BURKE. *Unidade e variedade em História Cultural*. p. 225.
Francisco FALCON. *História das Idéias*. p.99.

permaneceram sempre atrelados à idéia (primeira) de que um “grande texto” apresentaria um sentido tal, de tamanho valor, que haveria de carregar consigo respostas (prontas?), a questões apresentadas a homens de todo e qualquer momento. Podemos perceber isso, por exemplo, quando francês Jean-Jacques Chevallier, um dos nomes de maior expressão na dita História das Idéias, justificava o título de um de seus mais famosos trabalhos, *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias*:

Sem negligenciar (...) o que em cada obra é próprio da época e da personalidade do escritor, sistematicamente se deu maior ênfase às páginas que contribuem para esclarecer os principais problemas políticos, colocados desde séculos ao espírito humano. Por mais profundamente que uma obra se possa prender, por sua origem, às circunstâncias da história, o que nela se encontra de melhor, de mais vigorosamente pensado e expresso, tende sempre a libertar-se, segundo a palavra do grande romancista inglês Charles Morgan, do ‘objeto do momento’, para alçar, através do tempo, o seu vôo independente.¹⁶

Sobre esta opção historiográfica teórico-metodológica (que presa pela ênfase no “conteúdo” dos clássicos) escreveu, mais tarde, o renomado estudioso da Teoria Política, Quentin Skinner.¹⁷ Segundo também Ele a construção de idéias e estilos de pensamento se daria a partir do talento individual de cada escritor; entretanto, de maneira um tanto diversa de outros historiadores, conforme Seu entendimento, o fato é que os pensadores, pesquisadores e literatos mais reconhecidos são justamente aqueles capazes de captar concepções dispersas na sociedade em que vivem, e propor idéias que correspondem mais precisamente a anseios e interesses de outros homens de seu tempo. É por isso que Skinner destaca a importância de se ir um pouco mais além dos limites das obras tomadas para análise, de se buscar possíveis **intertextualidades** trabalhadas pelos autores; de se buscar **influências** que os teriam habilitado a elaborar bem e bons conceitos, aos olhos de seus contemporâneos.

Enfatizando o processo de elaboração das obras e baseando-se na chamada “Teoria dos Atos da Fala”, Ele argumenta que o **falar** constitui uma **ação efetiva**, atuante e transformadora, vinculada a três pressupostos fundamentais: (1) o de que o **dito** e os **sentidos do que é dito** se refeririam com precisão aos **momentos históricos** em que ocorrem;¹⁸ (2) o de que, sendo a **fala** uma atividade racional, é tarefa do historiador que trabalha com obras clássicas, resgatar as **intenções dos autores**;¹⁹ e (3) o de que o historiador, por meio de uma **análise hermenêutica objetiva**, é capaz de compreender **a ambos**.²⁰ No que diz respeito à

¹⁶ Jean-Jacques CHEVALIER. *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias*. p. 14. Outros pensadores associados à dita História das Idéias são Jean Trousard e François Chatelet.

¹⁷ Quentin SKINNER. *As fundações do pensamento político moderno*.

¹⁸ David HARLAN. *A história intelectual e o retorno da narrativa*. p. 23.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Idem, p. 24.

minha dissertação em específico seria, pois, interessante, sob esta perspectiva, trabalhar tanto algumas das fontes que podem ter servido de inspiração, além das referências conceptuais citadas por Ramos e por Sergio, em *El perfil...* e em *Raíces...*

Entretanto, é preciso ter em mente que, quanto à “Teoria dos Atos da Fala”, o historiador estadunidense David Harlan, em artigo recentemente publicado no Brasil, *A história intelectual e o retorno da narrativa*, apresenta três críticas fundamentais: (1) pontua que, malgrado o fato de que **cada conjuntura** produz suas **próprias verdades**, é preciso ter em mente que **conjunturas posteriores** têm acesso aos textos naquela produzidos, e interpretam-nos conforme seus interesses específicos, que são múltiplos e variáveis;²¹ (2) declara que os **intelectuais de ontem**, autores das obras que tomamos como fontes em nossos trabalhos, mesmo tendo vivido no período histórico que intentamos analisar, **não poderiam produzir**, acerca dele, **objetivações inquestionáveis**;²² e (3) reafirma a **inexistência de uma verdade fixa e imutável**, prevista pelos pensadores da Ilustração, a ser supostamente desvendada pelos historiadores mais hábeis.²³ Em seguida, Harlan (inspirado em Hans Georg Gadamer) apresenta também um argumento **contestador** que diz respeito à base sobre a qual se estruturam as perspectivas de Skinner e dos demais pensadores emparelhados à referida teoria (a idéia de que o ato de escrever textos pode ser comparado/associado ao ato de falar):²⁴

[Diferentemente do que ocorre com num diálogo *tête à tête*], o leitor está ausente do ato de escrever; o escritor está ausente do ato de ler. O texto produz portanto um

²¹ Cito Harlan, e seus pormenores argumentativos: “[Para Gadamer] o texto a ser interpretado também está incrustado numa tradição histórica particular – não a tradição não qual o texto foi escrito (jamais poderemos recuperá-la) mas a tradição de interpretação que cresceu em torno do texto desde que ele foi escrito. (...) Skinner (...) argumentou que poderíamos despir o texto de seus significados acumulados, (...) [mas] Gadamer mostra ser isso impossível; o texto não pode nunca ser separado das interpretações através das quais ele chegou a nós, interpretações que agora ‘constituem a realidade histórica de seu ser’.” Cf. Idem, p. 25-26. Vide também p. 37.

²² “[Para Gadamer] as interpretações que gradualmente se acumulam em torno de um texto em particular – ou em torno de um cânone como um todo – são as únicas entradas que podemos possivelmente usar para abordar um texto ou uma coleção de textos. (...) Em outras palavras, a interpretação forma o meio no qual o texto vive – o único meio no qual ele pode viver. Sem o líquido amniótico que sustenta a interpretação, o texto jamais teria nascido em novas mãos, jamais teria sobrevivido à imprudente perda de tempo.” Cf. Idem, p. 49 e 50.

²³ “Gadamer mostrou (...) que os historiadores não podem despir-se de seus preconceitos e parcialidades de modo a projetar-se nas mentes de seus autores porque os preconceitos do historiador são o que faz o entendimento possível em primeiro lugar. (...) ‘A história não nos pertence’, escreveu Gadamer, ‘nós pertencemos a ela’. (...) Nós nos aproximamos do passado então, não num estado de virgindade histórica, mas com todas as suposições, pressupostos e preconceitos que não só fazem de nós pessoas reais, localizadas numa tradição histórica particular, mas também torna possível uma aproximação imaginativa a outros tempos.” Cf. Idem, p. 26.

²⁴ Outros nomes também citados por David Harlan são os de J. G. A. Pocock, Peter Carlet, John Dumn; os três são, assim como Skinner, pesquisadores de Cambridge.

duplo eclipse de leitor e escritor. (...) [Daí] começa a oferecer possibilidades que seu autor pode jamais sequer ter imaginado.²⁵

Apresento, pois, um quadro comparativo das idéias apresentadas por Skinner e Harlan:

Quentin Skinner	David Harlan
O dito possui um sentido, que é específico e correspondente ao momento em que se deu.	O escrito pode ser lido nos mais diversos contextos e interpretado das mais diversas formas.
Aquele que diz, indivíduo racional, deve ter e tem domínio sobre o que aquilo sobre o que se dedica a falar.	Aquele que escreve possui apenas uma versão (parcial e muitas vezes provisória) acerca do objeto ou assunto sobre o qual escreveu.
O historiador de hoje, sujeito racional, é capaz de chegar à verdade acerca do que foi dito outrora.	O historiador, assim como todo e qualquer homem de hoje ou de ontem, apenas pode formular versões acerca do que foi escrito (não existe verdade inequívoca).
O falar também deve ser considerado como uma ação.	O falar e o escrever são ações diversas, com características específicas fundamentais.

Em seu *Repensar la historia intelectual...*, LaCapra afirmara a idéia de que uma interpretação que busca relacionar supostas intenções do escritor com o texto que tenha vindo ele a produzir pode dar vazão a uma série de **incongruências**, por dois motivos principais: (1) porque tende a supor uma **relação de propriedade entre o autor e a obra**; e (2) porque tende a supor a existência de um **significado uno** para cada enunciação proposta.

Crítico a Skinner e próximo a Harlan, LaCapra propõe, então, que as intenções de um intelectual podem ser imprecisas – podem ser esboçadas no ato mesmo de se escrever e falar nelas, ou formuladas retrospectivamente, quando o texto já foi submetido a mais de uma interpretação; além disso, afirmara este Autor (o sabemos), os textos são em geral de domínio público (quanto mais os clássicos), e, a partir deles, se viabilizam as mais diversas significados.²⁶

Um dos mais influentes pensadores do México da atualidade interessado no estudo da produção de intelectuais ibero-americanos é José Luis Gómez-Martínez.²⁷ Tendo em vista que tanto *El perfil...* quanto *Raíces...* são classificados consensualmente como “ensaios”, e que Ele se dedica sobretudo a pensar este modelo específico de construção textual, remeter a suas

²⁵ Idem, p. 25.

²⁶ LACAPRA. op. cit. p. 253-256. Em uma de suas entrevistas mais famosas, o renomado escritor argentino Jorge Luiz Borges, apresentou também argumentos compatíveis com os de LaCapra: “Swift, ao escrever *As viagens de Guliver, quis levantar um testemunho contra a humanidade e deixou, no entanto, um livro para crianças. Platão disse que os poetas são amanauenses de um deus, que os anima contra a sua própria vontade, contra seus propósitos, como o ímã anima uma série e anéis de ferro.*”²⁶ Cf. Jorge Luís BORGES. Borges igual a si mesmo. In: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/bh16borges05.htm>

²⁷ José Luís GÓMEZ-MARTÍNEZ. *Literatura y filosofía en Ibero-América: lo ensayístico en la literatura.*

proposições, aqui, neste capítulo de minha dissertação, será não apenas interessante como fundamental.

Conforme Gómez-Martínez, as obras denominadas “ensaios” correspondem a um gênero narrativo que transita entre o filosófico, o científico e o literário, sem se reduzir a nenhum deles. São ao mesmo tempo problematizadores, críticos, mas pouco preocupados com a apresentação de “certezas” e/ou “provas”; caracterizam-se pelo uso de uma linguagem “inquieta”, que traz embutida (como o próprio termo denota) a consciência da provisoriedade de todo tipo de conhecimento.

Gómez-Martínez aponta ainda que, embora a estrutura de ensaio marque a história do continente desde os primeiros contatos com os colonizadores, foi perdendo força e respeitabilidade. Na transição dos oitocentos aos novecentos, entretanto, diferentemente do que vinha ocorrendo nos Estados Unidos ou nos principais centros europeus (França e Inglaterra), os pensadores da Península Ibérica parecem ter percebido o viés ensaístico como interessante maneira de se pensar a **organização das sociedades** – são bons exemplos os trabalhos dos espanhóis Miguel de Unamuno e José Ortega y Gasset, e dos portugueses José Pereira de Sampaio Bruno, Fidelino de Souza Figueiredo e Antônio Sérgio.²⁸ Fundamental então lembrar que no século XX esta estrutura textual ganhou nova projeção também na Ibero-América; conforme o historiador brasileiro Evaldo Cabral de Mello Neto, “*essa [nossa] necessidade de [assim] interpretar [viria justamente] da tradição espanhola e portuguesa do século XIX, quando [começou a ser cada vez mais] necessário se perguntar porque as coisas tinham dado errado.*”²⁹

Gómez-Martínez destaca, enfim, que, em território ibero-americano, ao contrário dos intelectuais que entre nós se dedicaram à tentativa de compor textos “acadêmicos” (condizentes com aquilo que teria maior projeção e respeitabilidade na Europa), os autores que então se voltaram para uma modalidade menos rígida e castradora de escrita foram capazes de compor um *corpus* epistemologicamente mais significativo – porque mais autêntico, condizente com o modo de entender dos habitantes do Novo Continente.³⁰

Tomando parte de tais perspectivas, neste primeiro capítulo, logo, com a finalidade de esboçar possibilidades de interpretação para a idéia de “iberismo” não busco compreender

²⁸ Nos grandes centros intelectuais do Ocidente, o ensaísmo foi valorizado, nesta época, geralmente por literatos: Thomas Eliot, Paul Valéry e Georg Orwell, são exemplos importantes.

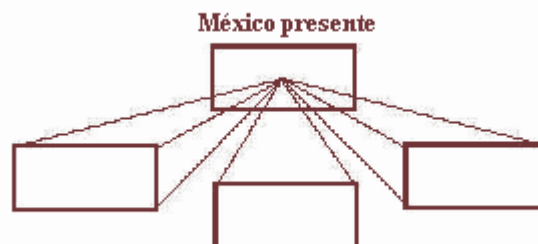
²⁹ Cf. Rafael CARIELLO & Sylvia COLOMBO. Cânone em Questão. In: *Folha de São Paulo*. Sábado, 10 de junho de 2006. E8.

³⁰ GOMEZ-MARTINEZ. op. cit.

com precisão inequívoca de que maneira os mais diversos conceitos vieram a ser construídos, por seus autores, nos textos selecionados. Pretendo, além, elaborar uma interpretação-síntese pessoal consistente, relacionando as fluidas noções ensaísticas de *El Perfil...* e *Raíces...* com perspectivas metodológicas que (afirma-se) permeariam as reflexões de Ramos e Sergio; além disso, irei articular pontos apresentados nestas tão célebres obras acima citadas, com entendimentos apresentados em outras, que se propõem pensar acerca delas.

1. *El perfil...*: referenciais metodológicos, e interpretações mais recentes

Pode-se dizer que Samuel Ramos tinha como preocupação central, em *El perfil del hombre y la cultura en México*, expor os problemas políticos, econômicos, sociais e culturais vivenciados pelos cidadãos de seu país, naquele momento histórico específico que estava vivendo – de acordo com o dicionário Aurélio, “perfil” corresponde a “descrição de algo ou alguém em traços rápidos”.³¹ Pretendendo fazê-lo de maneira inovadora, pois, este Autor recorreu a um viés abrangente, *psicologizante*, no qual seu objeto (os **mexicanos**) **deixava** de ter seu modo de pensar, portar e se relacionar (como era comum, nas análises factuais como nas ditas “cientificistas”/positivistas de então) condicionados às noções fixas de **caráter** ou **raça**.³² Os esquemas abaixo pretendem esclarecer com maior clareza a diferença entre, respectivamente, (1) a estrutura de raciocínio mais corrente nos textos daquele período, no México, e (2) a estrutura montada (como acompanharemos) por Ramos, em seu livro ao qual aqui me dedico enfocar.



³¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.

³² Embora ambas as expressões, correntes na época, como veremos, sejam por ele largamente utilizadas.

Para bem desenvolver seu raciocínio, Ramos opta, desde o início, por analisar separadamente (como prevê o título de seu livro) o “**homem mexicano**” e a “**cultura mexicana**”.³³ Assim, talvez inspirado no fato de ter iniciado sua formação intelectual em uma faculdade de Medicina, Ramos, se posiciona como “doutor”, toma os cidadãos do México de sua época como “pacientes”, e as experiências históricas nacionais como “casos clínicos” a serem avaliados. Deixa claro, contudo, que tanto uma coisa (o ser) quanto a outra (o modo de viver) estão **interligadas**, e se autodefinem; isto é: para Ele (e de maneira bastante semelhantes às concepções de autores de gerações posteriores, tal como aqueles vinculados aos *estudos culturais*) os sujeitos **constroem cultura** (formas de entendimento, comportamentos cotidianos) na mesma medida em que ela os permite **se elaborarem, em grupo**. È o que depreendemos após a leitura desta passagem, na qual o conceito de “cultura” de que dispõe Ramos fica melhor explicitado: “*La palabra cultura no conota solamente obras espirituales [criações filosóficas, historiográficas, literárias e artísticas do homem], sino cierto ordenamiento de la vida entera dentro de normas racionales. La cultura encontrase también en los más humildes [e cotidianos] actos del hombre, como la comida, la conversación, el amor etcétera*”³⁴. A intenção de Ramos não é, logo, compreender o mexicano “*en su fisonomía individual, sino como sujeto perteniente a una **comunidad política***.”³⁵

No que diz respeito às principais referências de Ramos ao longo de sua formação intelectual, muitas são as possibilidades que se apresentam – como veremos no terceiro capítulo, Ele esteve em contato tanto com os principais pensadores tidos como críticos do positivismo, no México, como os mais destacados nomes da vanguarda mexicana. A professora Maria del Carmen Rovira Gaspar destaca, por outro lado, que, ainda que não tenha

³³ Ainda que naquele momento inovadora, tal proposta pode parecer, aos olhos dos homens de hoje, necessariamente ultrapassada. Contudo, em simpósio recente (2000), Edgar Salvadori de Decca, um dos mais reconhecidos historiadores brasileiros, apresentava proposta semelhante: “*Não é fácil encontrar um modo apropriado de definir o que é identidade, principalmente quando se pensa num conceito à luz da psicanálise. Primeiramente, devo adiantar que as ciências humanas têm uma maneira distinta de definir a identidade. Para elas a identidade é uma dimensão da consciência e diz respeito ao sistema de valores que compõem a personalidade individual e coletiva. Isto é bem diferente da definição psicanalítica que coloca a identidade na esfera do inconsciente (isto é, os processos de identificação, que são ações subjetivas e não, digamos, atribuições postas ao sujeito externamente). Nesta palestra meu objetivo será o de esclarecer as relações entre a história nacional e o sentimento de identidade coletiva. Este é um debate muito atual, porque hoje, mais do que nunca, ouvimos falar da necessidade de cada grupo encontrar sua própria identidade e marcar as diferenças com relação a outros.*” Cf. Edgar Salvadori DE DECCA. Tal pai, qual filho? Narrativas da identidade nacional. In: Ligia CHIAPPINI & Maria Stella BRESCIANI. *Literatura no Brasil: identidades e fronteiras*.

³⁴ RAMOS. op. cit. p. 115.

³⁵ Idem, p. 105.

declarado em *El perfil...*, há de ter estabelecido, em e para sua elaboração, contato com a obra do também ensaísta, Ezequiel Chávez – destacadamente sua inovadora obra *Ensayo sobre los rasgos distintivos de la sensibilidad como factor del carácter mexicano*, de 1901.³⁶

Quanto às perspectivas teórico-metodológicas de que dispõe o dito Autor especificamente na dita obra, é preciso dizer que não foram ali sistematicamente definidas, ainda que algumas tenham sido citadas no corpo do texto, hora ou outra – recebem destaque as proposições dos renomados psicanalistas Carl Jung e Alfred Adler, e do filósofo então bastante influente na Ibero-América, o espanhol José Ortega y Gasset.

No que diz respeito mais especificamente aos conceitos filosóficos e historiográficos formulados por Ortega y Gasset, creio que embora muitos apareçam, em *El perfil...*, através de citações,³⁷ outros podem ali estar, implicitamente, pelo simples fato de que se segue, em toda a referida obra, o postulado orteguiano mais célebre, “*yo soy yo y mi circunstancia, se no la salvo a ella no me salvo yo*”. Como bem afirma o já citado pensador mexicano Gómez-Martínez, é preciso estarmos atentos para o fato de que (mesmo não tendo sido elaborados propriamente para o trabalho específico com a realidade de hispano e luso-americanas, e nem muito menos *partindo* dela) serviu como base para que aqui se fundamentassem concepções significativamente originais – ou, pelo menos, que o almejavam ser. Diz Gómez-Martínez que, por meio do estudo de noções tais como “circunstancialismo” e “perspectivismo”, elaboradas sob um **olhar eurocêntrico**, muitos filósofos do México, como Ramos, vieram, se não a **elaborar**, certamente a **legitimar** “*su grito de autodeterminación*” – “*los mexicanos (...) no imitaban por lo tanto a Ortega, más bién lo seguían en su espíritu independiente*”.³⁸

Em um livro posterior, *Historia de la filosofía en México* (1943), Ramos declarará sem meias palavras ser, sim, herdeiro de tais postulados, mas que os teria utilizado **a seu bel prazer** (quer dizer: em nome da valorização de uma Filosofia **nacional, mexicana**); a seguinte passagem é, então, ilustrativa:

Quiero decir que lo que cada sujeto conoce mejor que cualquier otro es el paisaje natural en que vive, la sociedad, el país a que pertenece. Estas cosas las conoce desde adentro, por decirlo así, porque son la mitad de sí mismo, está vitalmente fundido con ellas. Estos objetos concretos tienen que ser por fuerza las instancias particulares que den vida y color a sus conceptos genéricos del universo, la humanidad o la sociedad. Pese al valor que es independiente del espacio o del tiempo, al pensarlas tenemos que referirlas queramos o no al círculo de nuestras existencias inmediatas. Esto es, sin duda, una limitación de nuestro conocimiento,

³⁶ M. de C. RORIVA GASPAREL. *Samuel Ramos*.

³⁷ Há todo um capítulo em *El perfil...* dedicado à abordagem das gerações de intelectuais mexicanos que parte da conceitualização proposta por Ortega na obra *El tema de nuestro tiempo*, de 1923.

³⁸ GÓMEZ-MARTÍNEZ. *La presencia de Ortega y Gasset en el pensamiento mexicano*.

pero también, por otro lado, una ventaja, la de descubrir en el mundo algo que los demás no podrían nunca ver.³⁹

Neste mesmo outro livro Ramos afirmou ainda que fora por meio da *Revista de Occidente*, um projeto de Ortega y Gasset, que muitos intelectuais no México – dentre os quais Ele certamente se incluiria – teriam estabelecido contado com o pensamento germânico. Tomando tal informação, é possível se dizer, por exemplo, que, ainda que *El perfil...* não cite o nome do alemão Wilhelm Dilthey, as concepções *historicistas* por este formuladas e citadas em diversos momentos da obra orteguiana, hão de ter influenciado a opção analítica Daquela, por buscar no passado explicações para os acontecimentos e situações “presentes” – *El perfil...* é toda uma busca no passado de elementos, componentes do homem e da cultura do México, que se manteriam, vivas, até hoje. Pode ter sido, também, através das páginas do dito periódico organizado por Ortega y Gasset, que Ramos veio a estabelecer os primeiros contatos com as proposições de Jung e Adler.

A principal ferramenta analítica de que Ramos lança mão em *El perfil...* são, aliás, justamente as tipologias apresentadas por estes dois últimos autores: a jungiana e a adleriana. Interessante notar que ambas compartilhavam as noções de **inconsciente** propostas por Freud – de que haveria certos conteúdos psíquicos que, desvinculados da consciência, influiriam consideravelmente na conduta dos indivíduos –, embora tenham sido formuladas em momento posterior ao rompimento entre Seus elaboradores e o dito “Pai da Psicanálise”. Fossem quais fossem os motivos que levaram ao desentendimento entres esses intelectuais, o fato é que a formulação de “tipos”, tanto por Jung quanto por Adler, recebeu as mais severas críticas de Freud; daí boa parte da declaradamente grande preocupação de ambos em defender a validade da elaboração dos tais conceitos-chave na análise dos mais variados casos clínicos. Aqui cito palavras do primeiro, no prefácio à edição em castelhano de sua obra *Tipos Psicológicos* (1921):

Un numero de lectores realmente excesivo ha caído en el error de ver en el Capítulo X [no qual são descritos os tipos “extrovertido” e “introvertido”⁴⁰] el contenido y designios esenciales de la obra, interpretados en el sentido de que en él está dado un esquema clasificador prácticamente útil para conocer a las gentes. Incluso en círculos médicos se ha difundido la especie de que mi método terapéutico consiste en clasificar a los pacientes según tal esquema y de acuerdo con él darles algunos “consejos”. Esta lamentable incomprensión olvida completamente el hecho de que semejantes clasificaciones no son otra cosa que pueriles juegos de sociedad, de tan menuda significación como la división delos

³⁹ RAMOS, Samuel. *Historia de la filosofía en México*. México: UNAM, 1943. p. 200.

⁴⁰ As relações entre as propostas de Ramos em *El perfil...* e os conceitos jungianos de “introversão” e “extroversão” devem ser melhor analisadas.

hombres en braquicéfalos y doliocéfalos. Mi división en tipos es más bien un aparato crítico destinado a depurar y ordenar un vasto material psicológico extraído de la experiencia, pero en modo alguno utilizable en el sentido de poner a los individuos su etiqueta singularmente y “prima vista”. Mi tipología no es un tratado fisonómico ni un esquema antropológico, sino una psicología aplicada a la ordenación y demarcación como procesos típicamente aprensibles.⁴¹

Quanto à crítica acerca da suposta a-cientificidade da sua **tipologia**, Adler argumenta que representaria ela, sim, um **modelo científico**, ainda que **não convencional**, pelo fato de que não disporia de conceitos por meio do estabelecimento de relações de causa-efeito. Ao seu ver, a **lógica causal** seria válida para **fenômenos físicos**; em se tratando dos indivíduos, seria preciso levar em conta que **não reagem nunca mecanicamente**, há sempre uma margem de **escolha a descoberto**.⁴² Entretanto, a opção por estabelecer e conceitualizar “tipos psicológicos” constituiria sim, segundo Seu ponto de vista, uma **estratégia** (a seu modo) cientificamente **vantajosa**, no caso do tratamento de problemáticas **relativas ao humano**.

Aliás, a leitura das apreciações do historiador mexicano Horário Certutti Guldberg acerca da obra daquele que viria a ser um dos mais célebres companheiros de Ramos, o espanhol José Gaos, nos permite pontuar que a interpretação deste último acerca de *El perfil...* estaria em consonância com as proposições por mim acima apresentadas; é o que sugere a seguinte colocação: conforme Gaos, “*estos **conceptos** [de que lança mão Ramos, na referida obra] son objeto de **manejo y empleo**, pero no de **análise y definición acabada**.”⁴³*

Os “tipos” propostos por Adler são quatro – o “dominante”, o “erudito”, o “evitativo” e o “socialmente útil” –, contudo, há que se compreender que não é especificamente a **tipologia** (o conjunto de tipos) proposta o que mais parece chamar a atenção de Ramos na teoria adleriana, mas (1) a **maneira como** ela é estruturada, e (2) os **princípios** de que ela se serve para se estabelecer. No parágrafo anterior referi-me à definição que o próprio Adler conferiria à função de sua ferramenta metodológica; nos que seguem, dedico-me a explicitar algumas noções fundamentais para o delineamento preciso dos grupos conceituais por Ele apresentados:

Destacadamente, faz-se mister informar o interesse de Adler pelas idéias de “inferioridade” e de “compensação”. De acordo com Boeree, experiências na juventude como médico em subúrbios de Viena, teriam despertado no referido Autor um interesse profundo

⁴¹ JUNG. *Prefacio a Tipos Psicológicos*.

⁴² C. George BOREE. *Teorias da personalidade: Alfred Adler*.

⁴³ Horacio Cerutti GULDBERG. *Herencia inalienable y fecundante*. p. 207-218.

pelas estratégias de que dispõem os indivíduos para superar as dificuldades impostas pela existência – desde as econômicas às físicas e, destacadamente, às psicológicas. É, então, provavelmente baseado em tais questões, que Adler irá elaborar alguns conceitos importantes em sua obra, os quais substituirá, com o passar dos anos e com o desenrolar de suas pesquisas, por outros, que julgaria *a posteriori* mais adequados.

Inicialmente propôs a idéia de “**pulsão agressiva**”, referente ao instinto de reação a frustrações de outras fundamentais “pulsões” humanas, tais como “*la necesidad de comer, de satisfacer nuestros impulsos sexuales, de hacer cosas o de ser amados*”; mais tarde, ela passou a receber a denominação “**pulsão assertiva**”, para que perdesse a carga de negatividade, assim como a conotação (reducionista) de “violência física”. Outra noção relevante para Adler foi a de “**afã de perfeição**”, que se sobrepôs às duas anteriores (pulsão agressiva e pulsão assertiva), argumentando que o homem se inclinaria naturalmente (vivenciando ou não momentos de dificuldade real) à luta pela superação; esta será, depois, substituída pela de “**afã de superioridade**”, de inspiração nietzscheana, destacadamente no que diz respeito ao conceito de “super-homem”, segundo o qual em grande parte das vezes “*queremos ser mejores que otros, más que mejores en nosotros mismos*”.

Há que se destacar ainda a noção adleriana de “**protesto masculino**” – a qual Ramos faz aberta referência no prefácio à terceira edição de *El perfil...* –, e que corresponderia à **conduta agressiva, típica do sexo masculino**, através da qual se pretende impor aos demais uma imagem de autoridade. Contudo, conforme Adler, esta última classificação pode ser atribuída (paradoxalmente mas não contraditoriamente) a indivíduos que possuem um claro “**complexo de inferioridade**”. O comportamento rude, grosseiro, neste caso, equivaleria, para o Autor, a um recurso compensatório, ainda que, na maioria das vezes, inconsciente.

Outro importante recurso de compensação a que recorrem, mesmo sem saber, os indivíduos de **baixa auto-estima** seria, conforme Adler, a **introspecção**, a fuga da realidade. Segundo este Autor, sucessivos equívocos pessoais podem levar o homem a fechar-se em si mesmo, deixando de se preocupar suficientemente com o universo à sua volta, assim como sua parte e função nele, o que, quase fatalmente, faria com que o **equivocar** se tornasse sua regra mais habitual de conduta, e o dito “**sentimento de inferioridade**”, o traço mais marcante da *pisque*.⁴⁴

O fato de tais posturas (a agressividade e a introspecção) poderem surgir associados ao dito “sentimento de inferioridade” de maneira **inconsciente**, faz com que Adler revele-se,

⁴⁴ BOREE. op. cit.

afinal, preocupado com a busca de suas possíveis **razões ocultas**. Daí a importância que confere este Autor à análise daquilo que denomina “estilo de vida” do paciente: suas condições físicas, seu ambiente social, e, destacadamente, sua **história pessoal** – quanto a isso, reflete Ramos: “*hay una ley biológica superior a la voluntad del hombre, que impide suprimir radicalmente el pasado como influencia efectiva en la conducta actual*”.⁴⁵

É preciso estar atento, entretanto, para o fato de que a teoria adleriana, como dito anteriormente, compreende que o homem é, em primeira instância, o **responsável** pelo seu destino; quer dizer: a infância pode exercer influência sobre a formação de seu caráter, mas **nunca de maneira mecânica e definitiva**. Quer dizer: para Adler como para Ramos o homem é capaz de modificar sua situação sempre, seja ela qual seja.

Quando nos apresenta **o estado psíquico de seus concidadãos**, portanto, partindo das proposições de Adler, Ramos nos apresenta um panorama composto por **quatro “tipos”** mexicanos principais, dentre os quais o primeiro, o **pelado**, é o **mais importante**, e apresenta características essenciais que **estão presentes também nos demais**: ele é, conforme o Autor, “*la expresión más elemental y bien dibujada del carácter nacional*”.⁴⁶

Um detalhe: tal designação, “pelado”, creio eu, não há de ter sido empregada pelo Autor de maneira fortuita. Em determinado momento chega Ele a declarar, sobre o mexicano comum, que ocupando a base da pirâmide social e não dispondo de consideráveis recursos econômicos, “*no ha nada que esconda sus más íntimos resortes*”.⁴⁷ Pode-se supor, entretanto, após a leitura da obra como um todo e a decorrente compreensão de que o pelado apresenta características de que dispõem também a elite mexicana, que a escolha do vocábulo “pelado” pelo Autor de *El perfil...* tem raízes mais profundas – provavelmente decorre do fato de que acreditava Ele ser o cidadão, em geral, no México, tal como o rei nu da fábula européia: suas vergonhas estão descobertas (os mexicanos estão todos descobertos), e o desconforto generalizado, embora ainda se espere o momento da chegada daqueles que lhes revelarão tal constrangedor mas efetivamente relevante fato.

Isso quer dizer que, para Ramos, no México o homem se reparte em duas existências: uma real e outra fictícia – **o que ele de fato é**, e aquilo que ele pretende fazer com que **as pessoas creiam que ele vem a ser**. Sendo assim, se o pelado é reconhecido pela linguagem grosseira, pela postura agressiva, e pelo temperamento hostil – se assemelha a “*un animal que*

⁴⁵ RAMPOS. op. cit. p. 109.

⁴⁶ RAMOS. *El perfil...* p. 119.

⁴⁷ Idem, p. 120.

se entrega a pantomimas de ferocidad para asustar a los demás, haciéndole creer que es más fuerte e decidido”, na verdade não é nem forte nem valente, mas, de fato, covarde e desconfiado, porque sente-se “menor”.⁴⁸

Quanto a tais definições, Ramos prevê no texto de *El perfil...* duas principais possibilidades de **crítica**: (1) a idéia de que o referido “sentimento de inferioridade” do pelado diz respeito mais à sua condição de **classe social** do que propriamente ao fato de ser mexicano; e (2) a idéia de que o referido “sentimento de inferioridade” **não é exclusivo do México**. Responde, contudo, a ambas, nas seguintes passagens:

Esa circunstancia [a precariedade financeira] es capaz de crear por sí sola aquel sentimiento [de inferioridade], pero hay motivos para considerar que no es el último factor que determina en el “pelado”. Hemos notar aquí que éste asocia su concepto de **hombria** con el de **nacionalidad**, creándose así la impresión de que la valentía es la nota peculiar del mexicano.⁴⁹

Mientras que en otras partes ese sentimiento se presenta en casos individuales más o menos numerosos pero siempre limitados, **en México asume las proporciones de una deficiencia colectiva**.⁵⁰

Como disse há pouco, o tipo pelado se apresentaria em alguns casos com variações, dentre as quais Ramos opta por destacar aquelas que dizem respeito (1) ao ambiente em que se vive, (2) à classe social que se ocupa, e (3) à formação intelectual de se que dispõe o mexicano.

Destarte, conforme este Autor, o tipo **urbano** (1) corresponderia ao cidadão individualista que não se compromete efetivamente com qualquer que seja sua profissão, ideologia, ou religião – “*si es comerciante, no cree en los negocios; si es profesional, no cree en su profesión; si es político, no cree en la política*”.⁵¹ É imediatista, sobretudo instintivo, e, dispondo de um débil espírito de cooperação, não se preocupa de fato em manter relações sociais saudáveis – “*su apariencia de civilización, semeja una horda primitiva en que los hombres se disputan las cosas como fieras hambrientas*”.⁵²

O tipo **burguês** (2) carregaria em si, como diferencial, o fato de que seu sentimento de inferioridade decorre propriamente de ser... mexicano. E, como propõe Ramos, dentre todos, corresponde ao grupo que dissimula de maneira mais completa a condição de deprimido, rancoroso e recalcado: são indivíduos polidos e pernósticos, elegantes e educados,

⁴⁸ Idem, p. 121.

⁴⁹ Idem, p. 121.

⁵⁰ Idem, p. 159.

⁵¹ Idem, p. 122.

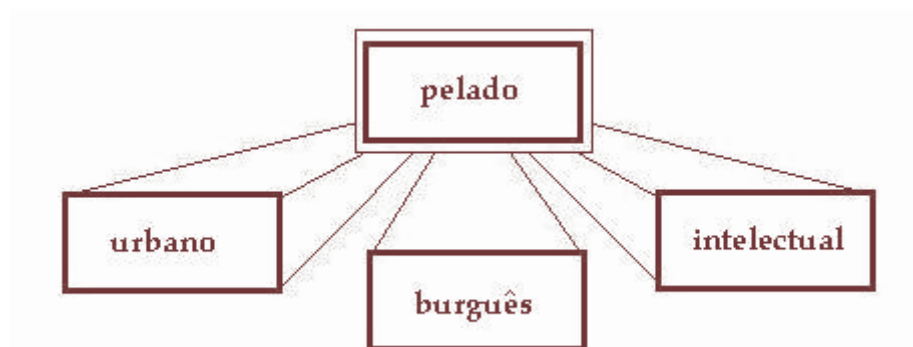
⁵² Idem, p. 123.

ainda que, tal como os correspondentes aos outros “tipos psicológicos” mexicanos, tenha rompantes de fúria, momentos em que se revelam machistas, grosseiros, rudes e autoritários.⁵³

Já o tipo **intelectual** (3), último a ser por Ramos analisado (em capítulo exclusivo, ainda que reservado às páginas finais do livro), é caracterizado pelo estilo de falar (entonação de voz, expressão afetada), pelo estilo de escrever (pomposo), e pelo hábito de “*hacer gala de talento, de la sabiduría o de la erudición*”⁵⁴, postura esta que costuma gerar, conforme o autor, antipatia e inimizade ao invés da pretendida cega admiração.

Los vemos hablar de cosas profundas en medio de una conversación familiar, citar nombres famosos o sentencias célebres en los lugares y circunstancias en que menos viene a cuento. En una palabra, el pedante choca siempre a los demás, por su falta de tacto y discreción; es la persona que en todas las relaciones sociales da una nota discordante, usando un lenguaje y un tono inadecuado.⁵⁵

Seguindo o esquema de raciocínio apresentado no início deste sub-capítulo, então, pode-se dizer que os “tipos” apresentados por Ramos, em *El perfil...*, se encontrariam articulados tal como no seguinte organograma:



É claro que Ramos – ainda que crendo dispor de um **instrumental teórico-metodológico consistente**, percebe a possibilidade de que, com *El perfil...*, viesse a ser criticado por apresentar ponderações essencialmente “subjetivas” – se Jung e Adler o eram, por que não Ele o seria? É por isso que argumenta, logo nas primeiras páginas de seu livro, que as descrições psicanalíticas ali apresentadas se pautariam em **observações pessoais** suas, cotidianas, e ponderará que a seriedade de suas colocações acerca da psicologia dos mexicanos se comprovaria pelo simples fato de que seriam elas interpretadas, em todo o México, como “*lugares comunes*”.⁵⁶

⁵³ Idem, p. 124.

⁵⁴ Idem, p. 178.

⁵⁵ Idem, p. 179.

⁵⁶ Idem, p. 118.

Quando reflete mais focadamente acerca das **experiências histórias vividas pelo ser mexicano**, partindo das proposições de Ortega, Jung e Adler, tanto a colonização (quando toda *“la riqueza que se producía era subtraída de México”*⁵⁷), quanto a decadência econômica e – ao ver de Ramos – intelectual da metrópole (*“el siglo XVII es un siglo de creación; el siglo XVIII es de conservación; el siguiente es de decomposición”*⁵⁸) são percebidas como experiências que contribuiriam grandemente para que se desenvolvesse, e, marcante, fosse sendo repassado de geração para geração, o grave, tenso e fundo **sentimento de inferioridade mexicano**. Merecerá, entretanto, destaque sobretudo à questão da **mestiçagem**, processada desde a conquista do território; daí Ramos abordar pormenorizadamente a *psique* das duas principais raças (a, b) que (pontuava-se tradicionalmente) comporiam o tipo mexicano genérico – o híbrido “pelado”.

Ao analisar o papel histórico do **indígena** (a) na formação cultural do México, Ramos não chega a perceber qualquer relevância. Compreende bem que astecas e maias haviam fornecido ao branco europeu um certo *“matiz de color”*,⁵⁹ mas afirma que, no contato com os invasores, sua cultura teria sido completamente *“destruída”*⁶⁰ – *“su influencia social e espiritual se reduce hoy a mero hecho sin presencia.”*⁶¹ O índio é visto, portanto, ali, como dispendo de um papel secundário na história passada e “presente” do México, ainda que este “alheamento” **não** seja encarado como um fator biológico inato a ele, e sim como decorrência da **incompatibilidade** entre seu modelo de pensamento e comportamento e o modelo civilizacional pelo qual teriam optado os mexicanos – isto é: o modelo europeu.⁶²

Já ao analisar o papel histórico do elemento cultural que aqui mais nos interessa por motivos óbvios, o **branco espanhol**, (b) Ramos constrói um quadro muito mais complexo: seria este o grande responsável pelas virtudes e vícios característicos do híbrido mexicano, que dele herdara **o sangue, a fala, a moral** mas também **os costumes**.⁶³ É assim, por

⁵⁷ Idem, p. 107.

⁵⁸ Idem, p. 106.

⁵⁹ Idem, p. 106.

⁶⁰ Idem, p. 102.

⁶¹ Idem, p. 122.

⁶² Idem, p. 107-108. Nesta parte Ramos se dedica a aproximar sua descrição acerca do modo de vida dos indígenas mexicanos com o modo de vida dos egípcios antigos, descrito por Worringer. Conforme o referido Autor, assim como os orientais, os ancestrais americanos tenderiam culturalmente a negar-se à novidade, daí a dificuldade de integração à cultura européia moderna, marcada pelo sempre-impulso para o novo; daí o caráter “superficial” de sua postura civilizada corresponder, segundo Ramos, a uma espécie de “fuga”. Ainda que interessante, este ponto, na medida em que se choca com a perspectiva do Autor segundo a qual o índio é tido como elemento passivo, facilmente “adestrável” e/ou “corruptível”, merece maior reflexão de minha parte, daí sua inserção apenas nesta nota.

⁶³ Idem, p. 128.

exemplo, conforme Ramos, que a **passionalidade** legada pelos hispânicos teria, por exemplo, desembocado hoje em duas espécies de conduta, em seu país, uma positiva, e outra negativa: a primeira, a **austeridade**, é explicitada por Ramos na frase “*siempre estamos dispuestos a salvar los principios*”,⁶⁴ e a segunda, o **individualismo**, na frase “*la pasión (...) puede proponerse inconscientemente en la afirmación del yo individual, haciéndolo prevalecer sobre otro cualquiera que se le oponga*”.⁶⁵ Destarte, da mesma forma que a **louvável conquista e ocupação** do espaço hoje chamado “México” teria sido iniciativa de particulares e não empresa promovida pela Coroa... a **independência** das colônias em relação à Espanha teria sido movida por motivos essencialmente **egoísticos** (ainda que, é verdade, tenha aberto espaço para novas liberdades).⁶⁶

É, alias, para Ramos, justamente a **independência** em relação à metrópole espanhola o momento mais relevante da história de sua terra natal. Isto porque apenas então ela se teria deparado com a necessidade imperativa de falar de si para os **outros**, de constituir-se enquanto algo novo, e no período mesmo em que, na Europa, tal tarefa parecia já ter sido prontamente executada há séculos. O desconforto gerado é fácil de se compreender: (1) nação jovem, ao se comparar com as estrangeiras, consolidadas, a mexicana veio a sentir-se culturalmente inferior, rebaixada; (2) pretendendo ser como elas, e não dispondo dos instrumentais necessários, veio a conformar-se com a elaboração de meras cópias do forâneo.⁶⁷ Eis um fato, ao ver de Ramos, rico em conseqüências: “*de este conflicto psicológico inicial derivan los accidentes [todos] de nuestra historia*”.⁶⁸

Conforme Seu entendimento, portanto, seria necessário, antes de mais nada, que o México assumisse, sem recalques, sua condição de **cultura derivada**. Mas, como se pode prever, isso não implica em terem que ou deverem recorrer sempre e invariavelmente ao cardápio de sugestões apresentado pelas culturas estrangeiras, ditas mais desenvolvidas. Seriam os mexicanos, afinal, “descendentes”, e não “reencarnação” delas; destarte, nem tudo que é peculiar a europeus e norte-americanos tem de lhes ser necessariamente bom ou útil.⁶⁹

Ampliando a percepção comum, bipolarizada, da formação do modo de ser mexicano, cita Ramos, a seguir, alguns exemplos de mau-entendidos decorrentes da tendência ali constante à imitação indiscriminada. Em primeiro lugar, argumenta que, simplesmente por

⁶⁴ Idem, p. 163.

⁶⁵ Idem, p. 164.

⁶⁶ Idem, p. 104-105.

⁶⁷ Idem, p. 98.

⁶⁸ Idem, p. 106.

⁶⁹ Idem, p. 97.

ser a noção de “centralismo”, nos **Estados Unidos**, considerada como um quase-sinônimo de “conservadorismo”, a Constituição do nascente México a teria **indevidamente** expurgado; “indevidamente” porque o entendimento deste Autor era que, na conjuntura mexicana, de formação étnica, cultural e social peculiar (portanto distinta da norte-americana), mais vantajoso seria a opção por “*una acción política que acelerase el movimiento de cohesión*”.⁷⁰ Além disso, propõe Ramos, pela **impossibilidade** de se incorporar todo e qualquer preceito forâneo, o mais comum era que muitos deles simplesmente **não tivessem qualquer validade** em território mexicano: “*Cuando después de la caída del Imperio se suscitó en México el conflicto entre ‘federalismo’ e ‘centralismo’, fray Servando Teresa y Mier decía, en un fogoso discurso, que ‘se cortaba el pescuezo’ si alguno de sus oyentes sabía ‘qué casta de animal era una república federada’.*”⁷¹

Porém, de acordo o dito Autor, a segunda mais importante referência cultural dos mexicanos (após, é claro, a hispana) não seria a norte-americana, mas a **francesa**. Isso porque, a seu ver, enquanto a moral católica espanhola teria moldado a forma dos costumes em México, a Filosofia, a Literatura e as Artes da França teriam ali exercido a influência mais determinante sobre o que Ramos classifica como “**cultura superior**”. São, pois, segundo Ele, franceses os intelectuais estrangeiros mais determinantes no momento das primeiras reflexões nacionais mais sistematizadas sobre a questão da **modernidade** – são eles, enfim, que oferecem “*a la juventud de México los principios necesarios para combatir el pasado.*”⁷² Os motivos dessa “escolha”? Ramos nos apresenta quatro: (1) o “espírito latino” comum a mexicanos e franceses; (2) o fato de o francês conceber sua cultura como universal, e ela ser assim generalizadamente, em tudo o mundo, compreendida; (3) a carga de utilitarismo conforme Ele inerente à tradição intelectual francesa, e vista como positiva no México; e (4) na França, a comum opção artística, tipicamente mediterrânica, sensual por excelência, bem próxima ao gosto mexicano.⁷³ Incapazes de igualar-se ao “original”, entretanto, ao ver do Autor, no México os princípios, costumes e interesses se dariam através da incorporação de simples “modismos” – a apreciação do falar difícil, o culto da forma, a facilidade oratória, a fé nas idéias puras... ou mesmo o uso de vestimentas ou arquitetura desapropriadas ao clima tropical:

La máxima ascensión de ese influjo espiritual se registra durante la era profiriana, en que las clases cultas vestían a la moda de Paris, seguían sus buenas y malas

⁷⁰ Idem, p. 99.

⁷¹ Ibidem.

⁷² Idem, p. 111.

⁷³ Idem, p. 113, 115.

costumbres; los ‘científicos’ y los ricos que no lo eran, al construir sus casas ponían en el remate una mansarda, aunque en México nunca caiga nieve.⁷⁴

O resultado de tal opção seria, afinal, para Ramos, um problema difícil de ser resolvido: o **deslocamento do “real”**, da “prática”... **em relação ao “sonho”**, à “teoria” – em suma, a **fetichização das leis**. Por isso restaria ao mexicano, ao “pelado”, a impressão de estar sempre na contra-mão do “bom senso”; por isso não caber a ele alternativa outra que não descumprir um “ideal” que, efetivamente, no final das contas, não lhe diz respeito;⁷⁵ por isso a queixa do Autor: *“si algo tenemos que lamentar de nuestra historia, es [enfim] ese temor de nuestros antepasados (...) de no haber sido ellos mismos, sinceramente, con sus cualidades y defectos, sino de haber ocultado la realidad bajo una retórica de ultramar.”*⁷⁶

Mas criar algo novo, conforme Ramos, se torna tarefa cada vez mais difícil de ser executada no decorrer dos anos, após a consolidação da independência das colônias hispânicas e a da constituição da nação mexicana. Isso porque tal país passaria a viver, então, sob constante estado de anarquia (destacadamente no início do século XX, com o desencadear de diversos movimentos populares), o que inviabilizava, a Seu ver, o tempo e os homens necessários para a constituição e solidificação de uma Filosofia própria, autêntica, nacional. “Imitar” passou a ser, portanto, a opção mais **fácil** – um (para utilizar palavras de Ramos) *“mecanismo sociológico de defesa”*, que se transveste, com o tempo, em *“vício”* e em *“doença”*.⁷⁷

Por fim, faz-se mister avaliar algumas interpretações acerca da visão de Ramos no que tange ao valor da **herança cultural ibérica** legada aos mexicanos. Comparando *El perfil...* com *Raíces...*, a citada professora Claudia Wasserman afirma que compartilhariam tais livros *“una idéa de que existiriam ‘condições naturais’ das sociedades [mexicana e brasileira], que respondiam a uma ‘autenticidade’, uma ‘espontaneidade’, rompida pela conquista e colonização”*. P. 17. Quer dizer: ambos os Autores teriam, sobre a Ibéria, uma visão denegritória.

De minha parte, acredito que isso possa ser largamente debatido no caso do texto de Sérgio (o veremos no próximo sub-capítulo); no que diz respeito à obra de Ramos, entretanto, não julgo ser demasiado afirmar que tal proposição não constitui ponto consistente para debate, e revela que a dita pesquisadora fez uma leitura por demais superficial (quicá nem

⁷⁴ Idem, p. 116.

⁷⁵ Idem, p. 113.

⁷⁶ Idem, p. 102.

⁷⁷ Idem, p. 98-101.

mesmo isso) da referida obra. O digo porque *El perfil...* é às vezes (como já vimos) elogioso no que diz respeito à presença dos espanhóis na constituição cultural mexicana; por outro lado, (disse) Ele desconsidera qualquer possibilidade de que ali se tenha partido da influência americana “endógena” (quer dizer: dos índios nativos) para a composição de todo um complexo civilizacional na região que hoje corresponde ao território do México.

Importante ressaltar, aqui, que, para Ramos, o mexicano-tipo, “pelado”, híbrido, mescla das raças indígena e branca européia, herdeiro da cultura espanhola, francesa e por demais interessado nos então prósperos Estados Unidos, poderia ser reconhecido, no período da colônia, na figura dos *criollos*, os quais, após a independência, teriam passado a compor a dita “**classe média**”. Em oposição à elite tradicional mexicana ou mesmo a muitos dos figurões do período revolucionário, é justamente tal setor aquele que receberá de Ramos um voto de confiança; conforme este Autor:

Ha sido el eje de la historia nacional y sigue siendo la sustancia del país, a pesar de que es cuantitativamente una minoría. En esta clase, los conceptos de familia, religión, moral, amor, etcétera, conservan el **cuño europeo, modificado** (...) pero actuando como realidades vitales, de suerte que es justo considerarlos como una **cultura media**, asimilada a **nuestra** ubicación geográfica.⁷⁸

Interessante notar, pois, que Ramos acaba por revelar, ao final de *El perfil...* sua crença na transformação; e, provavelmente para que soe convincente, cita como exemplo real de conduta inspiradora a obra política e intelectual de Justo Sierra.⁷⁹

2. Raízes...: referenciais metodológicos, conceitos propostos e interpretações mais recentes

No que diz respeito às principais referências intelectuais de Sérgio, ao compor *Raízes do Brasil*, muitas podem ser as possibilidades assinaladas; foi sabidamente muito erudito, leitor em várias línguas, e estabeleceu contato com diversos nomes de expressão no Brasil em

⁷⁸ Idem, p. 129.

⁷⁹ Como Ramos não realiza uma análise da obra de Sierra, de maneira a demonstrar o que dela faz com que tire suas conclusões (nem ao menos cita livros que tenha publicado, ou projetos dos quais tenha participado), me atenho a acrescentar sua referência mais consciente ao líder mexicano, transcrita, nesta apenas nesta nota de rodapé: “Justo Sierra (...) tenía un conocimiento profundo del pueblo mexicano, de sus capacidades y limitaciones, y podía discernir, en los acontecimientos del pasado, lo que es posible y lo que es imposible, (...) lo que es auténticamente el pueblo mexicano con sus cualidades y defectos. (...) [Por isso] el maestro insuperable de la historia mexicana.” Idem, p. 183-184.

que viveu – veremos isso mais pormenorizadamente no último capítulo desta dissertação. Ele mesmo, em entrevista à *Hispanic American Historical Review*, apresentou uma versão bastante interessante (embora nada específica, é verdade) de quais teriam sido as influências mais determinantes em sua formação: “*fui moldado por tantas pessoas e em tantos lugares, não apenas por instituições educacionais e encontros formais, mas também por amigos – tão importantes para nós brasileiros.*”⁸⁰

Contudo, é preciso dizer que o comum tem sido se propor que Sérgio iniciou as pesquisas particularmente para a elaboração de *Raízes...* em uma viagem como correspondente de reportagem na Alemanha, e que lá teria travado contato (entusiasmado) com metodologias de pensadores do porte de Max Weber e Georg Simmel. Assim, embora não exponha (mais claramente como Ramos) seu arsenal metodológico, embora não apresente uma síntese de postulados weberianos, e nem ao menos chegue a citar Simmel, parto, daqui a diante, em minha análise, para uma avaliação das possíveis identificações entre a **estrutura textual** de sua dita Obra e as **proposições** destes dois autores.⁸¹

É consenso na historiografia que foi justamente do diálogo com as perspectivas sociológicas abertas por estes pensadores alemães, que Sérgio, em *Raízes...* – na abordagem dos problemas mais entranhados à sociedade brasileira, assim como Ramos, acerca da mexicana – pôde escapar tanto das antigas versões factuais, quanto das quase sempre impiedosas interpretações raciais acerca da formação cultural do Brasil. “Através dele”, repito; e não “influenciado por” ou “fazendo uso de”.

Isto porque, em *Raízes...*, Sérgio intenta desenvolver um raciocínio muito peculiar: conforme Gabriel Cohn, por exemplo, ao mesmo tempo que ele é construído com base nas noções de **tipos ideais** e **patrimonialismo** (trabalhadas por Weber)... apresenta argumentos de maneira um tanto mais fluida, questões antípodas têm ali **fluxo espontâneo** e se **misturam**, a visão de determinado aspecto da sociedade parece só poder ser obtida pelo **enfoque simultâneo entre contrários** (tal como Simmel).⁸² Nos explica o próprio Sérgio, em determinado momento, lembrando muito os argumentos de Jung, transcritos por mim, páginas atrás, acerca do uso de “tipologias” para análise de questões relativas ao humano:

Entre esses (...) tipos [que ele propõe] **não** há, em verdade, tanto uma **oposição** absoluta como uma **incompreensão** radical. Ambos participam, em maior ou menor grau, de **múltiplas combinações** e é claro que, em estado puro não possuem existência real fora do mundo das idéias. Mas também não há dúvida de que os (...)

⁸⁰ S. B. de HOLANDA. *Revista de cultura*.

⁸¹ Antônio CÂNDIDO. *O significado de “Raízes do Brasil”*. p. 12-13.

⁸² Gabriel COHN. *O pensador do desterro*. p. 10-11.

conceitos nos ajudam a situar e a melhor ordenar nosso conhecimento dos homens e dos conjuntos sociais.⁸³

Ao notar que Sérgio apresenta, ao longo de *Raízes...*, uma série de pares de conceitos – tradição X modernidade, urbano X rural, público X privado – a professora Claudia Wasserman (num dos breves momentos em que sua análise se volta à *forma* de nosso referido texto-objeto) chega a pontuar que o referido Autor teria sido influenciado pela “*moderna sociologia norte-americana, centrada no dualismo estrutural*”;⁸⁴ diferentemente, contudo, insisto (junto a Cohn) na hipótese de que o raciocínio de Sérgio seria sobretudo **dialógico**.

Entretanto, tomando-se em conta que o nome Simmel não chega a aparecer nas notas bibliográficas de *Raízes...*, podemos pensar que essa maior relativização da tipologia poderia ter vínculos (implícitos) com o trabalho de diversos outros autores, a começar por aqueles citados por Sérgio, nas próprias notas de sua dita obra. Destaco, aqui, então, a possibilidade de este viés ter-se ali manifestado por influência de ensaístas portugueses de expressão, tal como (o em *Raízes...* aludido) Antônio Sérgio – autor de *Ensaios* (1935), no qual se dedicara a pensar os descaminhos do desenvolvimento de Portugal.⁸⁵

Pode-se dizer também que Sérgio bebeu do *historicismo* do germânico Wilhelm Dilthey – que, aliás, teria (como vimos) despertado grande interesse por parte de Ortega y Gasset e que, supomos, teria imposto suas marcas em *El perfil...*, de Ramos. Conforme José Reis, a influência diltheyana em *Raízes...* fica clara na medida em que se percebe que seu Autor **não** busca compreender **os motivos**, localizados num tempo **passado**, desencadeadores de determinados movimentos **já ocorridos**, submetidos à análise. Diferentemente, desloca o olhar para o momento da conquista do território Americano pelos portugueses e para o momento da independência do Brasil justamente buscando suas **conseqüências no presente** – mais precisamente, como vimos, pretendendo lá encontrar algumas possíveis razões fundadoras de nossas **mazelas** “atuais”.⁸⁶

É assim que, abordando relatos de viajantes quinhentistas e grande parte da produção historiográfica relativa ao período colonial, Ele apresentará três grupos de conceitos.

Primeiramente, antepõe (1.1) o tipo **trabalhador** – são os povos do norte da Europa que viveram a Reforma Protestante e compartilham uma moral do trabalho, daí a necessidade

⁸³ HOLANDA. *Raízes do Brasil*. p. 45.

⁸⁴ WASSERMAN. op. cit. p. 10-11.

⁸⁵ Ana Luiza MARQUES. *Antônio Sérgio: Ensaios por descobrimento da cultura em Portugal*. p. 32-43

⁸⁶ José REIS. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. p. 119-120.

primeira de harmonização dos interesses e de associação entre os indivíduos; tais homens seriam caracteristicamente industriais, econômicos, metódicos, racionais – ao (1.2) tipo **aventureiro** – são em geral os povos da Península Ibérica, marcados fortemente pelo que Sérgio chama “cultura da personalidade”, e pela presença inquebrantável da moral católica; há aqui valorização da ociosidade, desordem social, e gosto pela atividade mercantil ou qualquer outra atividade que aparente garantir lucros rápidos com o menor esforço.⁸⁷

O segundo par de conceitos propostos surgiria de uma bifurcação do tipo **aventureiro** nos (2.1) **ladrilhador** e (2.2) **semeador**. No primeiro caso, característico da colonização espanhola na América, destaca-se, conforme Sérgio, o comportamento preventivo e de cálculo das ações futuras; daí a formação de grandes núcleos de povoação estáveis, e a preferência por fixar-se no interior e nos planaltos de clima mais ameno. No segundo caso, em qual se incluíam os portugueses, perceberíamos uma clara tendência a agir conforme se apresentam os problemas cotidianos, sem planejamento; daí o caráter de feitorização típico de suas colônias, em que predominaram os poderes regionais e a distribuição desigual e salpicada da população apenas na região litorânea.⁸⁸

Faz-se mister relembrar, aqui, tal como Brasília Sallum Junior, que o comportamento atribuído a cada um desses tipos decorre, para Sérgio, não apenas e simplesmente de uma opção “subjéctiva”; remete a toda uma conjuntura, e se articula a toda uma rede de interesses: isto posto, a preferência por uma colonização mais efetiva na América espanhola corresponderia à necessidade de Castela superar as tendências separatistas; e a opção por uma colonização mais esparsa corresponderia ao fato de Portugal já ter-se estabelecido enquanto Estado relativamente coeso um tanto antes da empreitada ultramarina.⁸⁹ De acordo com Sallum, haveria implícita em Sérgio, inclusive, a concepção de que foi essencial a existência de **condições “materiais”** para que uma **mentalidade** “semeadora” se fizesse, em terras portuguesas na América, preponderante: (1) “*a possibilidade de importar negros*”; (2) “*a abundância de terras férteis*”; e (3) o fato de “*a Europa ser um mercado para os gêneros tropicais*”.⁹⁰

Então, somente após seguir toda essa linha de raciocínio e colocar às claras o instrumental teórico adotado, é que Sérgio se sentirá à vontade para apresentar o conceito

⁸⁷ HOLANDA. op. cit. Idem, c. 2.

⁸⁸ Idem, c. 4.

⁸⁹ Brasília SALLUM JUNIOR. Raízes do Brasil. In: MOTA, Lourenço D. (Org.) *Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos*. p. 248-249.

⁹⁰ Idem, p. 244.

mais fundamental de sua obra, conceito este responsável pela ligação entre a herança lusa e propriamente a identidade brasileira, que dela descenderia: o conceito de (3) **homem cordial**. Este último “tipo” apresentado pelo autor corresponderia a uma série de características presentes no brasileiro até os dias atuais: diferentemente do mundo da impessoalidade e civilidade norte-americano, nossa sociedade seria marcada pela **afetividade e barbárie...** assim como pela possibilidade constante de instauração de regimes ditatoriais, arbitrários.

Quer dizer: a idéia de **cordialidade** apresentada por Sérgio não significa propriamente “boas maneiras” ou “bondade” (tal como chegou a ser compreendida por Cassiano Ricardo).⁹¹ Bem ao contrário, significa uma total falta de compromisso com normas sociais objetivas/pragmáticas, a subversão das regras em nome de interesses individuais mais imediatos – comportamentos em total sincronia num ambiente em que prevaleceria o personalismo.⁹² Esse mal-entendido foi discutido pelo próprio Sérgio, posteriormente, na, em 1955 anexada, nota 5 do quinto capítulo de *Raízes...* e em um artigo publicado no jornal *Folha de São Paulo* em 1977; o esclarecimento de Sérgio, aliás, nos aponta para o entendimento de que o “homem cordial” de que falava em seu dito Livro, ainda que expansivo, apresentaria semelhanças claras com o introspectivo “pelado”, descrito por Ramos: tanto um quanto outro, pode-se dizer, “*sente pavor em viver consigo mesmo*”.⁹³

Na seqüência do livro Sérgio passa a tratar especificamente dos problemas sociais contemporâneos do país, deixando claro a compreensão de que o conhecimento do passado deveria estar sempre vinculado aos problemas do presente. Fala, destarte, da **hipertrofia dos poderes privados no Brasil** como tendo sido gerada já na sociedade colonial, a partir da influência dos grandes proprietários rurais, que suplantavam muitas vezes a autoridade da Coroa portuguesa; mesmo o **Estado brasileiro** independente se teria formado não em oposição à **ordem familiar**, mas sim em **consonância** com ela.

Segundo o Autor, porém, com o desenvolvimento da **sociedade moderna**, embora se tenha tentado uma ruptura com a tradição personalista, tivemos na realidade apenas o mero **disfarce de problemas** que continuaram reais e efetivos. Assim, ao mesmo tempo em que se processou uma separação racionalizada e impessoal entre a classe trabalhadora e a classe proprietária, e a desresponsabilização das elites em relação às mazelas sociais que atingem o

⁹¹ Cassiano RICARDO. Variações sobre o homem cordial. In: Colégio. n. 2, São Paulo, julho de 1948. Apud. Cláudio BERTOLLI FILHO. *Sérgio Buarque e Cassiano Ricardo: confrontos sobre a cultura e o Estado Brasileiro*.

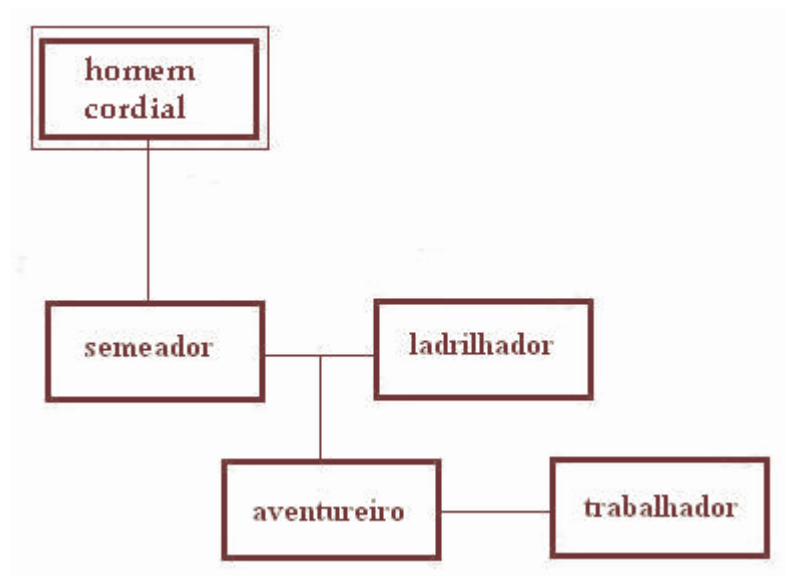
⁹² HOLANDA. op. cit. c. 5.

⁹³ Cf. S. B. de HOLANDA. Sérgio Buarque e as raízes. In: *Folha de São Paulo*. Quarta-feira, 30 de novembro de 1977.

grosso da população, mantiveram-se intactas, na mentalidade popular, a tradicional intercessão entre os domínios do público e do privado. Lamentava Sérgio, na referida obra:

Podemos organizar campanhas, formar facções, armar motins, se preciso for, em torno de uma idéia nobre. Ninguém ignora, porém, que o aparente triunfo de um princípio jamais significou no Brasil - como no resto da América Latina – mais do que o triunfo de um personalismo sobre outro.⁹⁴

Apresentemos, por hora, (tal como o fizemos na interpretação de *El perfil...*) um organograma em que conste a maneira como Sérgio articulou os “tipos” que formulou na referida obra. Neste caso, seria interessante destacar, então, que Ele o faz tal como se espera, quando atentos ao próprio título do livro; no dicionário Aurélio, “raiz” quer dizer “porção do eixo da planta (...) que fica dentro do solo, fixando-a e fornecendo-lhe água e nutrientes” e/ou “princípio, origem”.⁹⁵



Faz-se mister, aqui, tal como o fiz na análise acerca da obra de Ramos, ressaltar as possíveis implicações da opção de Sérgio pela estrutura ensaística – tantas vezes vista como menos clara e objetiva (ou mesmo menos **verdadeira**) que aquela de estilo mais formal, acadêmico.

Conforme Edgard Salvadori de Decca, em obra denominada *Sérgio Buarque de Hollanda* a hoje mais célebre aluna do autor de *Raízes...*, professora Maria Odila Leite Dias, pontua, por exemplo, a má impressão que, anos mais tardes, causava ao próprio Sérgio muito da forma como as proposições foram apresentadas no referido livro. A ela também causaria:

⁹⁴ HOLANDA. *Raízes*. p. 183.

⁹⁵ Aurélio Buarque de HOLANDA. op. cit.

conforme de Decca, “*prefere deixar de lado [em sua análise] os capítulos ‘não-históricos’ da obra, carregados de uma sociologia normativa, como é o caso do capítulo sobre o ‘homem cordial’.*”⁹⁶ Entretanto, questiono-me acerca tanto da relevância do fato de Sérgio ter *posteriormente* renegado sua obra-prima, como da eficiência da opção por selecionar partes que se julga (arbitrariamente/ sem critérios) historicamente mais “precisas”, livrando-se de outras (com repercussões, na história do pensamento brasileiro, obviamente maiores).

Numa interpretação mais “completa” acerca da opção de Sérgio, em *Raízes...*, pela estrutura ensaística, Pedro Meira Monteiro apresenta um ponto de vista mais condizente com o meu:

Deixando-me levar um pouco por um veio barroco – que não me parece completamente ausente da prosa de nosso autor, embora não me pareça fundamentalmente explicativo de seu texto – e lembrando um pouco uma época passada, eu diria que Sergio Buarque se empenha em trazer à luz (...) aquilo que se encontra oculto no mundo. Claro que não é uma revelação de ordem divina, como era na imaginação barroca, mas de qualquer modo o engenho do historiador opera muitas vezes de modo a maravilhar as vistas de quem lê, ouve ou vê. (...) Fechando esse parêntese barroco um pouco temerário, suponho que a invenção, ainda assim, seja um dado fundante na escrita do historiador. Uma invenção constante, de alguém que toma para si certos documentos, certas fontes, e dialoga com eles. O que significa dizer que existiria algo como uma conversa com os documentos.⁹⁷

Próximo a isso, Flávio Aguiar defende a idéia de que a leitura do referido texto nos faz pensar que “*décadas de academia e busca de um traço mais marcadamente objetivo no delineio da história nacional desacostumaram-nos nesse esforço pertinaz de junto com o objeto iluminar o olhar que o ilumina*”⁹⁸ Conforme Berenice Cavalcanti, o diálogo promovido pelo referido Autor entre o campo da História e o campo da Literatura aparece, claro, em seu característico cuidado com as palavras, assim como sua convicção quanto à provisoriedade de todo tipo de afirmação.⁹⁹

Importante ressaltar, neste segundo sub-capítulo, para concluí-lo, algumas recentes interpretações que questionam a maneira com que Sérgio encararia a **herança cultural ibérica** e sua importância na composição cultural do Brasil. Nas palavras de Sua referida aluna, Odila Dias, por exemplo, “*para ele [o autor de Raízes...] o historiador nada podia aprender do passado, nem devia esperar dele soluções para problemas do presente. [Apenas]*

⁹⁶ Edgar Salvadori DE DECCA. Teoria e método históricos em *Raízes do Brasil*. In: Sandra PESAVENTO. *Leituras Cruzadas: diálogos da história com a literatura*. p. 178.

⁹⁷ Pedro Meira MONTEIRO. *Sérgio Buarque de Holanda e as palavras*.

⁹⁸ Flávio AGUIAR. *A moldura e o espelho*.

⁹⁹ Berenice CAVALCANTI. *História e cultura: Sérgio Buarque de Holanda e as “raízes” da moderna historiografia brasileira*. passim.

deveria empenhar-se em desvendar no passado forças de transformação que pudessem indicar os caminhos para libertar-se dele”;¹⁰⁰ quer dizer: para esta pesquisadora, Sérgio não creditaria valor positivo alguma à presença lusa em nossa formação cultural.

Um dos possíveis leitores de Odila Leite (ainda que sem citá-la) é Wasserman, a qual, em seu artigo *Nacionalismo: origem e significado...*, argumenta que para Sérgio a implantação da cultura portuguesa em terras hoje correspondentes ao Brasil teria sido um equívoco a ser superado. Visando garantir credibilidade a este argumento, a dita historiadora cita, então, o seguinte trecho de *Raízes...*: “*Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa própria terra*”.¹⁰¹

Julgo tal entendimento de Wasserman equivocado em dois sentidos principais: em primeiro lugar, porque compreendo que neste ponto transcrito Sérgio não está se referindo especificamente à cultura portuguesa, não está propriamente realizando um juízo de valor quanto aos lusos e nossa relação com eles, mas sim se remetendo a maneira como temos nos relacionado com qualquer sugestão estrangeira; em segundo lugar, porque Sérgio me parece tem em mente, ao longo de toda a referida Obra, que “contatos” são inevitáveis (e até mesmo necessários), ainda que, aos Seus olhos, seja urgente que se processem de maneira crítica. Para mim, aliás, entre Suas palavras citadas acima destaca-se o verbo “timbrando”, mais que o verbo “trazendo” – “timbrar” denota abuso e embuste; “trazer”, é, ali, um pressuposto.

O pesquisador paulista Flávio Aguiar também defende a hipótese de que **não** estaria o referido Autor, de fato, ao longo de seu texto mais célebre, advogando em prol da necessidade de se **abandonar** por completo a herança cultural a nós deixada pelos colonizadores. Na realidade, para Aguiar, a visão de Sérgio seria a de que o legado ibérico constituía “*um mal de raiz com o qual não devemos ser condescendentes, mas com o qual somos obrigados a conviver*”.¹⁰²

Para Berenice Cavalcanti, assim como para Brasília Sallum Junior, de maneira semelhante, a questão central para Sérgio não seria se a herança lusa deve ou não ser classificada como positiva ou negativa. Na realidade, na visão destes autores, Ele

¹⁰⁰ Maria Odila Leite da Silva DIAS. Política e sociedade na obra de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO. *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. p. 11.

¹⁰¹ HOLLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 03. Apud. WASSERMAN. op. cit. p. 11.

¹⁰² AGUIAR. op. cit.

compreenderia que, bem ou mal, o legado ibérico será, enfim, superado, com a cada vez mais determinante influência cultural imposta pelos norte-americanos. Esse processo, invisível, lento e irreversível, deveria ser, contudo, acompanhado, para que, enfim, viesse a corresponder a anseios nossos, próprios e legítimos.¹⁰³

Sob um véis diferente, Luiz Guilherme Piva propõe que Sérgio aborda, ao longo de *Raízes...*, as características “torpes” de nossa identidade como típicas da **elite**, enquanto qualquer coisa de motivador se poderia certamente encontrar entre as **massas trabalhadoras**; nossos males, encarados desta maneira, para Piva, em *Raízes...* apareceriam todos como descendentes de um desencaixe: os grupos dominantes, se negando a dar voz aos interesses e expectativas das massas populares, estariam sempre querendo impor modelos culturais importados, que não se amoldariam sempre bem aos nossos interesses mais genuínos (populares).¹⁰⁴

Particularmente, acredito que Sérgio percebia a contribuição cultural legada pelos lusitanos à nossa constituição enquanto “homens cordiais” não necessariamente como problema definitivo e irrevogável; sugiro, então, que o fato de ter este Autor insistido em desvincular do reducionista significado “boas intenções”, a noção de “cordialidade brasileira” (filha do modo de ser português, nascida em solo americano), veio a acarretar um entendimento também **reducionista** segundo o qual “cordialidade”, para Ele, apresentava **necessariamente** uma carga **negativa**.

Para tanto, julgo ser relevante lembrar que, na já aludida nota explicativa 5, do capítulo cinco, Sérgio revelara a origem da expressão “homem cordial” – segundo o Autor, ela teria sido inicialmente utilizada por Ribeiro Couto em carta destinada ao mexicano Alfonso Reyes, e depois publicada em *Monterrey*. Conforme Fred P. Ellison, este era o nome da revista organizada por Reyes durante o período em que este viveu no Brasil como diplomata. Estabelecendo fortes laços de amizade com Couto, teria ele decidido pela publicação da referida missiva, após impor a ela algumas alterações: o trecho “*seu americanismo, Alfonso Reyes*”, por exemplo, foi substituído por “*o verdadeiro americanismo*”.

Visando, por fim, argumentar em defesa da idéia de que **não** me parece lógico propor que Sérgio, tomando como referência **este** texto em específico (escrito por Couto, mas alterado por Reyes), compreendesse tanto a “**cordialidade**” quanto o “**legado ibérico**” (dela

¹⁰³ CAVALCANTI. op. cit. passim.

¹⁰⁴ Luís Guilherme PIVA. *Uma visão cada vez mais enraizada do país*. p. 6.

constituente) como **obstáculos** a serem superados, opto aqui por transcrever as seguintes significativas linhas:

O verdadeiro americanismo repele a idéia de um indianismo, de um purismo étnico local, de um primitivismo, mas chama a contribuição das raças primitivas ao homem ibérico; de modo que o homem ibérico puro será um erro (classicismo) tão grande como o primitivo puro (incultura, desconhecimento da marcha do espírito humano em outras idades e outros continentes). É da fusão do homem ibérico com a terra nova e as raças primitivas, que deve sair o “sentido americano” (latino). A raça nova produto de uma cultura e de uma intuição virgem – o homem cordial. Nossa América, a meu ver, está dando ao mundo isto: o Homem Cordial...¹⁰⁵

Consoante com isso, e partindo da leitura dos capítulos finais de *Raízes...* acredito não ser demasiadamente ousado sugerir que, diferentemente do que se costuma propor, **Sérgio não era um pessimista abnegado**. Quer dizer: o Autor de *Raízes...*, assim como Ramos, ainda que crítico, irônico e descontente com o Brasil de então, nas páginas derradeiras de seu texto se permite enumerar algumas de **nossas características** que lhes soavam como positivas, ou mesmo como ferramentas das quais poderíamos dispor na construção de um futuro mais plural, democrático, e “nosso”. Seriam elas:

- 1) a **repulsa** dos povos americanos, descendentes dos colonizadores e da população indígena, **por toda hierarquia racional** por qualquer composição da sociedade que se tornasse obstáculo grave à autonomia do indivíduo;
- 2) a **impossibilidade de uma resistência** eficaz a **certas influências novas** (por exemplo, do primado da vida urbana, do cosmopolitismo), que, pelo menos até recentemente, foram aliadas naturais das idéias democrático-liberais;
- 3) a relativa **inconsistência** dos **preconceitos de raça e de cor**.¹⁰⁶

Pode-se argumentar, destarte, que os Autores de *El perfil...* como de *Raízes...* têm uma visão esperançosa acerca do futuro de seus respectivos países. Contudo, uma diferença importante deve ser ressaltada: enquanto o mexicano identifica “populares” à “classe média”, o brasileiro, sem definir com precisão seu entendimento particular do conceito de “classe média”, demonstra desconfiar seriamente deste setor social brasileiro no qual inclui, também, a intelectualidade.

Faz-se mister pontuar, aqui, logo, que a visão de Sérgio no que diz respeito à nossa elite letrada tradicional (diferentemente de Ramos, que desaprova o tradicional afastamento dos pensadores mexicanos em relação a questões epistemológicas) não vai optar por apresentar uma proposição alternativa de *quehacer*. A bem da verdade, o Autor de *Raízes...* criticará até mesmo a noção consensual (até os dias de hoje) de que a alfabetização pura e

¹⁰⁵ Fred P. ELLISON. *Alfonso Reyes, Monterrey e os escritores brasileiros da década de 30*. p. 8.

¹⁰⁶ HOLANDA. *Raízes*. p. 184.

simplesmente há de servir-nos como ferramenta determinante para o desenvolvimento e democratização de nosso país; diz Ele:

Quanta inútil retórica se tem desperdiçado para provar que todos os nossos males ficariam resolvidos de um momento para o outro se estivessem amplamente difundidas as escolas primárias e o conhecimento do ABC. Certos simplificadores chegam a sustentar que, se fizéssemos nesse ponto como os Estados Unidos, “em vinte anos o Brasil (...) ascenderia à posição de segunda ou terceira grande potência do mundo”! (...) A muitos desses pregoeiros do progresso seria difícil convencer de que a alfabetização em massa não é condição obrigatória nem sequer para o tipo de cultura técnica e capitalista que admiram e cujo modelo mais completo vamos encontrar na América do Norte.¹⁰⁷

¹⁰⁷ Idem, p. 165-166.

CAPÍTULO 2: *EL PERFIL... , RAÍZES... E A HISTÓRIA “PRESENTE”*

DO MÉXICO E DO BRASIL

NUM ESTUDO ACERCA DA NOÇÃO DE “IBERISMO”

Na Introdução pontuei que este capítulo cuidaria da discussão acerca do conceito de “iberismo” partindo da composição de um quadro-esquema de diversas percepções relativas à realidade econômica, política e social, do México e do Brasil, no período em que *El perfil...* e *Raíces...* foram escritas. Agora, inicio o debate com referências às mais célebres sugestões da historiografia no que tange a esse tipo de análise, classificada por LaCapra, aliás, como a mais utilizada por pesquisadores do campo da História que tomam “textos complexos” como objetos.

De minha parte, acredito que tal condição remete ao fato de que o marxismo exerceu e exerce influência determinante entre os historiadores, nos mais diversos países do mundo, e há décadas, inspirando interpretações sob um viés econômico, político, social. Quanto a isso, creio ser interessante citar um trecho de um dos livros mais lidos de Karl Marx e Friedrich Engels, *A ideologia alemã*, no qual se discute maneiras de análise dos mais diversos tipos de produtos culturais, entre os quais se incluíam (também) obras filosóficas, historiográficas e literárias:

A produção de idéias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção intelectual, tal como aparece na linguagem política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc de um povo. Os homens são os produtores de suas representações, de suas idéias etc, mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formações mais amplas.¹⁰⁸

Segundo Lucia Lippi, o principal expoente marxista dedicado ao trabalho com textos clássicos foi o professor alemão Karl Mannheim, autor de *Ideologia e utopia*, no qual remete ao texto acima, mas apresenta uma série de inovadoras conclusões. Realizava, logo, uma releitura das perspectivas metodológicas de Marx e Engels, mas fugia das comuns

¹⁰⁸ Karl MARX & Friedrich ENGELS. *A ideologia alemã*. Publicado inicialmente em meados do século XIX.

interpretações deterministas que se dizem deles devedoras, e se mostrava livre para formular apreciações menos esquemáticas, mais complexas.

Segundo Ele, uma atenta observação das análises de clássicos até então realizadas permitiria condensar em duas as mais diversas posturas metodológicas; seriam elas (1) a que se dedicaria a compilar e explicitar as facetas de certos renomados sistemas produzidos por certos “grandes homens”, praticada por profissionais que conviria chamar **sistematizadores filosóficos**; e (2) a – tantas vezes chamada marxista – que se preocuparia com o enquadramento das proposições de certos “grandes homens” em um modelo histórico global e apriorístico, em qual trabalharia o, nas palavras de Manheim, **historiador colecionador**.¹⁰⁹

Conforme Seu entendimento, contudo, tanto um como outro desses “modelos” não seriam satisfatórios, visto que, enquanto no primeiro seriam grandes as chances de **formulações superficiais**, o segundo resultaria quase sempre no pecado do **esquematismo abstrato**. Isto porque, para Manheim, em ambas possibilidades acima descritas se imporia, às obras estudadas, juízos (castradores) que não teriam necessariamente uma relação direta com a inspiração daqueles que as conceberam – no primeiro caso, trata-se do juízo dos filósofos/críticos de épocas posteriores à sua elaboração; no segundo caso, das formulações de historiadores/arquivistas, interessados mais especificamente na realidade político-social em que foram escritas e publicadas. Manheim, enfim, quer fugir disto; quer que se garanta **voz ao sujeito histórico** que se convém denominar “**intelectual**” – esta é sua *utopia*.¹¹⁰

Entretanto, como legítimo marxista, em toda sua obra tal Pesquisador, se propondo a rever as correntes perspectivas de estudo das produções filosóficas, historiográficas e literárias, continuava afirmando que a **produção de conhecimentos** ao mesmo tempo em que ajuda a conceber o mundo, preservá-lo ou transformá-lo, estaria intrinsecamente **atrelada** a todo tipo de relações econômicas, políticas e sociais. Os pensadores, pesquisadores e literatos, assim como todo e qualquer indivíduo, teriam, assim, suas ações, valores e comportamentos sempre limitadas pelas –para utilizar palavras Suas – *condições ideológicas* então patentes.¹¹¹

Segundo o ponto de vista de LaCapra, entretanto, tal alternativa analítica deve receber críticas bastante severas, porque, para Ele, pode levar à compreensão dos textos como meros reflexos diretos de práticas sociais, destarte apresentadas como aparentemente

¹⁰⁹ Karl MANNHEIM. *Ideologia y utopia*. p. 240.

¹¹⁰ Idem, p. 233.

¹¹¹ Idem, p. 100.

autônomas e anteriores aos textos – o maior dos equívocos, conforme seu entendimento. De maneira diversa, de acordo com este Autor, como vimos na Introdução, um texto não apenas faz parte de uma realidade social, mas cria realidade no instante mesmo em que sobre ela se dedica a pontuar referências – e isso é o fundamental e deve ser seriamente explorado.¹¹²

Sendo assim, neste segundo capítulo, como já anunciei na Introdução, meu interesse está menos em compreender quais os reflexos, em *El perfil... e Raíces...*, da dita “realidade” mexicana e brasileira de inícios do século XX; e mais repensar as maneiras através das quais, nesses livros, Ramos e Sergio processaram a construção de “verdades” acerca do período em que viveram, assim como refletir sobre a reiteração e/ou revisão de suas impressões por parte de historiadores que ontem e de hoje se dedicaram e dedicam ao estudo das primeiras décadas do século XX, no México e no Brasil. Isso quer dizer, portanto, que aqui o que se focará são os **discursos** relativos ao político, ao econômico e ao cultural, que envolvem esta conjuntura particular – discursos tais, formulados *por e sobre* presidentes, generais, ditadores, populares.

Aliás – não poderia deixar de acrescentar – no que diz respeito **especificamente** aos livros que tomei como objeto, creio que tal possibilidade de reflexão contextual reveste-se de uma importância/uma urgência muito bem marcada. Digo isto porque ao longo de cada um dos textos referidos, a toda hora, como vimos no capítulo anterior, fica implícito e ao mesmo tempo evidente o interesse dos Autores por aquele momento histórico específico: todo o raciocínio que desenvolvem parte das mais variadas épocas, visando sobretudo a compreensão daquele “presente”.

Na visão do escritor uruguaio Angel Rama, em seu livro *A cidade das letras*,¹¹³ todo o período que vai de início dos novecentos até sua metade revela conjunturas comuns a vários países da Ibero-América: são conjunturas marcadas por inovações, tanto em se tratando dos avanços tecnológicos, quanto em se tratando das alterações (estruturais) político-administrativas, e ainda nas formas de se pensar a economia, a política, a sociedade das respectivas nações. Uns dos exemplos que aqui cito são o populismo de Lázaro Cárdenas, no México, e também o, ditatorial, de Getúlio Vargas, no Brasil, que teriam vindo servir, para Rama, como uma espécie de “resposta” às questões então apresentadas. Estas questões, creio eu, podem ser sintetizadas num trinômio/problema, facilmente percebível em grande parte das diversas pesquisas acerca deste período da história ibero-americana (em *A cidade das letras*, e, como veremos, igualmente, em *El perfil... e Raíces...*):

¹¹² LACAPRA. op. cit. p. 259-266.

¹¹³ Angel RAMA. *A cidade das letras*.

(1) **modernização**

(2) **democracia**

(3) **identidade local**

(traduzida algumas vezes em **nacionalismo**, e noutras, em **ibero-americanismo**).¹¹⁴

Contudo, de nação para nação da Ibero-América, de acordo com o entendimento de Rama, existiriam neste momento (é obvio) também diversidades, aliás bastante claras, que não devem ser negligenciadas em tentativas arbitrárias de se advogar pela dita “identidade ibero-americana”: *“há também visíveis diferenças corroboradas pela ruptura violenta que se produziu no norte e a evolução gradual ocorrida no sul, que, no entanto, não o resguardou de posteriores freios”*, afirmou Rama.¹¹⁵

No que diz respeito aos debates acerca das **questões identitárias** (sobre mexicanidade, brasilidade e ibero-americanidade), este mesmo Autor destaca que se teriam tornado cada vez mais interessantes aos olhos de cada vez mais figuras cada vez mais influentes politicamente, assim como aos olhos de trabalhadores comuns, pobres ou da classe média. Porém, *A cidade das letras* não deixa de destacar que este apelo ao nacional e/ou ao transnacional **não** constituiu uma **novidade**, neste período – veremos isto mais pormenorizadamente em meu terceiro e último capítulo.

Uma das principais preocupações de Rama em *A cidade das letras*, é, enfim, a crítica a visões homogeneizantes; confere sempre foco às “descontinuidades” nas “continuidades”. Pontua, por exemplo, ironicamente, que a despeito das mudanças vivenciadas pelos mexicanos e brasileiros de princípios do século XX, na historiografia referente a este período *“nada identifica melhor as transformações havidas, (...) do que os nomes dos caudilhos”*.¹¹⁶ Assim, denuncia: tanto que (1) a vida, então, no México como no Brasil, continuava atrelada a formas de poder classificadas (naquela conjuntura e também agora) como “arcaicas”, pautadas em interesses “individuais” e/ou demasiadamente “localistas”, quanto (2) que as percepções hoje mais correntes acerca daquela realidade continuam atreladas a um ponto de vista que Ele considera “reducionista”, demasiadamente esquemático. Rama faz, destarte, ao mesmo tempo a crítica de seu objeto de estudo, e a crítica das maneiras cristalizadas com que

¹¹⁴ Da mesma maneira que afirmei ter a idéia de “identidade”, para mim, um caráter fluido, pontuo que as noções de “modernização” e “democracia”, a serem mais exploradas nas páginas que seguem, devem ser por princípio tomadas sob o ponto de vista do relativismo. É claro que, como abordo, neste capítulo, duas conjunturas históricas específicas, buscarei compreender, agora, a que tipo de entendimento estes outros dois conceitos costumavam e costumam ser associados, quando se remetiam e remetem aos aspectos econômicos, políticos e sociais característicos delas.

¹¹⁵ Idem, p. 170.

¹¹⁶ Idem, p. 127.

este objeto vinha sendo abordado; nas próximas páginas, enfim, esta Sua perspectiva será (cuidadosamente) levada em conta.

Há que se tem em mente, entretanto, que quando *El perfil...* e *Raíces...* foram pensados, elaborados e pela primeira vez publicados, Ramos ainda não tinha vivido a experiência “populista”, tão referenciada por Rama. Sérgio também não podia, evidentemente, prever que muitos daqueles aspectos ressaltados em seu livro como característicos da sociedade brasileira iriam ser tomados, mais tarde, por grande parte dos historiadores do Brasil, como elementos desencadeadores/justificadores/componentes da ditadura Vargas. É por isso que, daqui em diante, as apreciações quanto às ditas conjunturas históricas serão tomadas num viés mais estreito que o do autor de *A cidade...*

1. As primeiras décadas do século XX mexicano em *El perfil...* e outros textos

Como já foi dito, se muitas das páginas de *El perfil...* se referem a períodos que antecedem até mesmo à constituição do México enquanto país (independente), elas aparecem com o objetivo de percebermos como estes teriam desembocado (e, de certa forma, como explicariam) as mais recentes experiências vividas pelos conterrâneos e contemporâneos de Ramos. Para usar palavras Dele:

Si concebimos la historia como debe concebirse, no se nos aparecerá como la conservación de un pasado muerto, sino como un proceso viviente en que el pasado se transforma en un presente siempre vivo.¹¹⁷

Ramos destaca, pois, desde a relação violenta entre os colonizadores espanhóis e índios nativos estabelecida a partir de 1492, o papel das ordens católicas como elemento civilizador, a decadência vivida pela metrópole espanhola nos setecentos (no campo econômico, mas também supostamente em sua capacidade de renovação de paradigmas filosóficos, políticos), o processo de independência das diversas colônias americanas, e a predominância da opção pelas constituições liberais nas nações recém-autônomas... até chegar ao século XX, caracterizado, no México, segundo a visão deste Autor: (1) pelo desenvolvimento do capitalismo avançado e do pensamento técnico, (2) pelos tumultos revolucionários, assim como (3) por intensos debates entre políticos, economistas, e (como

¹¹⁷ RAMOS. op. cit. p. 100.

veremos no próximo capítulo) ensaístas, poetas e romancistas em torno de questões relativas à noção de “identidade”, tais como “nacionalidade”, “ibero-americanidade”.

Voltava, assim, o olhar para o passado distante para melhor se instrumentalizar na análise do período histórico em que vivia, (é preciso ressaltar) dos **problemas** a ele pertinentes, e, principalmente, das **maneiras** através das quais, em anos idos e corridos, esses problemas vinham sendo esboçados, instituídos, realçados, alterados e, afinal, **mantidos**. Isso quer dizer que compreendia a época como marcada por diversas transformações, mas também que não podia deixar de perceber as continuidades e se irritar com elas.

Em suas reflexões, em *El perfil*, Ramos destacava, por exemplo, a inclinação ao rompimento da ordem e estabelecimento recorrente de novas normas, em México, classificando-a como “círculo vicioso”. Argumentava que esta tendência seria desencadeada pela insistente **dificuldade de**, em seu país, **se estabelecerem leis condizentes com a realidade social...** e propunha que a Revolução decorreria, afinal, (1) da percepção generalizada (e justa) de que até aquele momento a nação teria correspondido a uma espécie de **artifício** que satisfazia a interesses poucos, assim como (2) da percepção generalizada de que **todos deveriam** ter seus anseios nela representados.¹¹⁸

Ramos também dedicou um de seus capítulos a uma reflexão mais alongada acerca dos líderes revolucionários. Ali apresentava a hipótese de que, demasiadamente jovens, tais elementos decisivos na história do México precipitariam o futuro da nação aos riscos decorrentes de uma conduta movida ao mesmo tempo pelo radicalismo, pela utopia, e pelo individualismo. Nesse sentido, argumentava: “*No trato de sugerir, desde luego, que la política deba ponerse en manos de los viejos, que la habían virar, probablemente, en sentido reaccionario. Quiero decir más bien que, siendo la política una acción sobre cosas reales, debe ser obra de hombres maduros.*”¹¹⁹ Isto é: o tempo deveria trazer aos indivíduos, conforme Ramos, a sensatez e os instrumentos intelectuais indispensáveis para a formulação de projetos novos, mais sólidos, eficazes e de maior alcance – dos quais careceria, verdadeiramente, naquele presente período, segundo Seu entendimento, o povo de todo o México.

Como demonstram as pesquisas consultadas para a realização de meu trabalho, há, entre os estudiosos que hoje abordam a realidade histórica do México de princípios do século XX, uma clara tendência de partir suas análises da ditadura Porfírio Díaz, que teve início

¹¹⁸ Idem, p. 101-102.

¹¹⁹ Idem, p. 168-169.

ainda nos últimos anos do século XIX. Conforme esses autores, Díaz, fundamentando as ações governamentais numa versão muito própria da filosofia positivista comtiana, tendo como referência o progresso norte-americano, e crítico em relação à postura “romântica” de governos nacionalistas mexicanos anteriores, teria imposto um programa arrojado, com o qual pôde promover ordem social, estabilidade econômica e desenvolvimento técnico em seu país – adequando-o à nova ordem social capitalista emergente, implementando reformas para a formação de um mercado de terras e de mão de obra –, embora o tenha feito às custas de enormes sacrifícios da população carente. Julgava, pois, dispor de um projeto político mais eficaz, visto que pautado “na razão” (numa razão científica, objetiva, funcional), e estar eliminando do âmbito do poder instituído qualquer traço de subjetividade, embora não pudesse perceber (ou levar a sério) interesses e problemas dos grupos menos favorecidos, o que necessariamente vinha minar qualquer possibilidade de crescimento da nação **como um todo**.¹²⁰ O pesquisador Donald Dozer ilustra bem o caráter excludente e arbitrário da política desenvolvimentista do ditador mexicano, na seguinte passagem:

No empenho de regularizar a propriedade agrária, Díaz exigiu em 1886 que todos os proprietários de terra exibissem os seus títulos de propriedade; muitos residentes de aldeias indígenas não puderam, entretanto, provar os seus direitos sobre as terras que eles e seus antepassados vinham cultivando há séculos. O sistema agrário dos índios pré-colombianos muitas vezes não reconhecia a propriedade individual nem o domínio pleno e entre as populações indígenas costumava-se considerar como suficiente o direito prescritivo advindo de uma posse prolongada. Mas isso não satisfazia os *científicos* [= burocracia governamental] e os lavradores índios que não puderam exibir provas documentais de seus direitos, tiveram suas terras expropriadas pelo governo, que amiúde passava às mãos de amigos abastados do Presidente ou permitia que fossem adquiridas por estrangeiros. (...) O patrimônio nacional era, destarte, monopolizado por alguns poucos ou entregue à exploração estrangeira.¹²¹

Foi frente a tais acontecimentos que se veio desencadear uma série de rebeliões de índios e mestiços por todo o país, reivindicando melhorias na condição de vida das parcelas mais carentes da população, assim como mudanças no panorama político – é a chamada “Década Trágica”, quando se destacam os nomes dos líderes Emiliano Zapata e Pancho Villa. Paralelamente, nas cidades mexicanas, outras classes sociais se irão manifestar insatisfeitas: o nascente operariado, que exigia acesso aos direitos trabalhistas mais elementares, e a classe média crescente, mal remunerada, mal representada e cada vez mais bem informada.¹²² Desta maneira, como nos propõe o renomado intelectual mexicano Octávio Paz, ia surgindo um

¹²⁰ Donald Marquand DOZER. *América Latina* p. 406-410 e 426-430. SANTOS, Ana Maria dos. *América Latina: dependência, ditaduras e guerrilhas*. p. 67-68.

¹²¹ DOZER. op. cit. p. 429.

¹²² Octávio PAZ. *O labirinto da solidão e post scriptum*. p. 125.

movimento revolucionário que se distinguia “[tanto] pela carência de um sistema ideológico, [quanto] pela fome de terras” e, acrescento, de direitos.¹²³

Em 1910, Díaz foi deposto, dando lugar a um caudilho de expressão nacional, Francisco Madero; as manifestações populares, contudo, se alongavam e tomaram a forma de desentendimentos de inspiração às vezes pouco altruísta, entre líderes locais que almejavam sobretudo espaços de influência mais amplos e mais sólidos – alguns nomes envolvidos foram os de Victoriano Huerta, Álvaro Obregón e Vestuziano Carranza. Este último, foi-se tornando cada vez mais radical, e acabou, como governante, garantindo a elaboração de uma nova Constituição, no ano de 1917.

A nova **Constituição**, declaradamente **federalista**, visava na realidade corrigir os males nacionais por meio da intervenção firme e efetiva do Estado. Reduzia, então, a esfera de influência da Igreja, proibindo a participação de clérigos da formação educacional de crianças e jovens mexicanos, mas principalmente limitando suas posses àquelas essenciais para o desenvolvimento das liturgias, o que acabou por liberar grandes propriedades agrárias para partilha entre desfavorecidos. No que diz respeito mais especificamente ao **problema da terra**, a carta constitucional retomava, via indenização, parte daquelas que haviam sido privatizadas, e também reconhecia a inalienabilidade das propriedades comunais indígenas, os *ejidos*. Previa, ainda, em documento, uma série de **direitos aos trabalhadores nas cidades** (como jornada de trabalho de oito horas e salário mínimo), vindo a garantir ao Estado instituído apoio do crescente movimento operário. **Ampliava**, por lei, por fim, **o corpo eleitoral** no México e, permitindo que um estrato maior de indivíduos se identificasse com a administração federal, fortalecia a noção de nacionalismo no país.

Em 1918, era criada a *Confederación Regional Obrera Mexicana*.

A atuação **executiva** do governo de Carranza também garantiu uma maior integração do México, com a construção de estradas de rodagem e rodovias que ligavam os pontos mais distantes, pela vinda do telégrafo e da telefonia, e pelo investimento na produção agrícola e na extração de minérios, que alcançava récores e permitia ao povo mexicano orgulhar-se de sua promissora nação.¹²⁴

Em 1920, uma revolta liderada pelo vice-presidente e líder nacional Álvaro Obregón, contudo, veio pôr fim ao governo de Carranza, e garantir um novo encaminhamento à revolução – inaugurando um período denominado pela historiografia como de “institucionalização da revolução” ou da “política dos sonorenses”. Sob Obregón **inúmeros**

¹²³ Idem, p. 128.

¹²⁴ Idem, p. 466-476. Maria Lígia PRADO. *O populismo na América Latina*. p. 13-15.

hectares de terra foram distribuídos à população agrária carente, em geral composta, por índios e mestiços; a **sindicalização** dos trabalhadores urbanos cresceu a passos largos; criaram-se escolas rurais, publicaram-se com subsidio estatal diversos clássicos (sobretudo greco-latinos), e financiou-se projetos na área das Artes Plásticas (através da concessão de bolsas), sob o comando do antigo reitor da Universidade do México, e agora ministro da Secretaria de Educação Pública, José Vasconcelos.¹²⁵

Em livro sobre a história do México, publicado pela primeira vez em 1956, Vasconcelos tecia uma série de comentários acerca do governo de que participou de maneira intensa nos primeiros anos, e apresentava uma série de benefícios então implementados pelo espírito empreendedor e abnegado, tão característico, segundo Ele, da personalidade do chefe do Estado, Seu superior. Vasconcelos afirmava no referido texto que a formação intelectual do presidente seria escassa, como aliás o era a da maioria dos caudilhos da época – *“tenia Obregón la preparación de la clase media plueberina que lee el diario de la capital y media docena de libros, principalmente de historia”*¹²⁶ –, entretanto, conforme Seu entendimento, tratava-se de militar vigoroso e moderado, com talento considerável para conciliar interesses, e com habilidade o bastante para manter a ordem e promover desenvolvimento. Eram tais características, inclusive, o que julgava o Autor diferenciar Obregón de Carranza, antigo governante que pouco havia modificado, com relação a Díaz, nas relações entre o México e empresas estrangeiras, mas que à classe clerical, sem justificativas plausíveis e para desgosto da grande maioria da população, teria imposto medidas extremamente coercitivas. Assim, prossegue Vasconcelos, a nova administração viria a se destacar pela devolução à Igreja de propriedades que haviam anteriormente sido entregues a protestantes (elementos pelo Autor identificados aos interesses norte americanos); assim, prossegue Vasconcelos, crescia nos Estados Unidos um sentimento profundo, avesso a Obregón, o que acabou por resultar na demora no reconhecimento oficial de seu governo pela nova potência do Norte.¹²⁷

Interessante frisar, por ora, que as aspirações de Obregón pouco a pouco não de sofrer significativas alterações – fato que Vasconcelos pôde sentir talvez como ninguém, já que em determinado momento veio a perder tanto o ministério como a vontade de permanecer aliado ao governo. Segundo conta em seu referido livro sobre a história mexicana, Obregón, movido pela ambição, teria contrariado a vontade dos cidadãos mexicanos (que era de eleições livres), e proposto à presidência um homem de sua confiança, mas de conduta das

¹²⁵ DOZER. op. cit. p. 530-535.

Gabriel Vargas LOZANO. *Esbozo historico de la filosofia mexicana del siglo XX*.

¹²⁶ José VASCONCELOS. *Breve historia de México*. p. 473.

¹²⁷ Idem, p. 467-476.

mais duvidosas – o também sonorenses Plutarco Elias Calles. Conforme Vasconcelos, intuía Obregón não ser possível driblar o preceito da não possibilidade de se reeleger, e imaginava em tal jogada garantir a manutenção de sua influência política, através de seu aliado. A luta para impor Calles foi, porém, muito dura, e exigiu do então governante pedir ajuda dos Estados Unidos tanto para reconhecimento quanto para organizar tropas. “Vendeu-se”, parecia lamentar o ex-ministro da educação.¹²⁸

De acordo com Vasconcelos, Calles, sucessor de Obregón a partir de 1924, **deixou ao Deus dará o ensino público, desentendeu-se com a Igreja, e não implementou qualquer reforma significativa no campo** (como tinha sido costume, às vezes mais, às vezes menos, desde o início da revolução). Criou também o *Partido Nacional Revolucionário* – PNR (1930), diretamente ligado ao governo, que daí em diante se sobreporia à *Confederación Obrera Mexicana*, e passaria a ser o único âmbito de atuação política dos trabalhadores reconhecido pelo Estado. Arbitrário, violento e afeito a interesses internacionais contrários aos propriamente mexicanos, Calles, enfim, teria tentado não só afastar do poder a força imperativa de Obregón, como manter influência determinante mesmo enquanto não compunha a presidência – no governo do sucessor Pascoal Ortiz Rúbio, por exemplo.

A insatisfação dos cidadãos mexicanos, por isso, passou a ser cada vez maior. Havia revoltas no campo (como a dos *Cristeros*, que se estendeu de 1926 a 1929) e nas cidades os interesses se voltavam para a garantia de mais voz e possibilidade de atuação à CROM. No ano de 1929, o Crack da Bolsa de Nova Iorque teve conseqüências diretas no México, acarretando carestia e desemprego, e fazendo crescer o descontentamento entre operários e camponeses.¹²⁹

A partir de agora, contudo, um ponto essencial deve ser retrabalhado: acaba de me ocorrer que, tratando tais questões da maneira como as venho tratando, com enfoque nos líderes revolucionários, presidentes e “figurões” importantes, talvez fique parecendo que compreendo a história do México como obra de “grandes homens”, ou também, em alguns momentos, como um grande “equivoco” deles, o que não é correto. Tenho, na realidade, à luz das proposições apresentadas desde a Introdução deste trabalho, a compreensão de que, para que esses indivíduos tomassem a dianteira do processo, era necessário que apresentassem um discurso condizente com os interesses de uma parcela significativa da população mexicana.

¹²⁸ Idem, p. 476-480.

¹²⁹ PRADO. op. cit. p. 20, mas também 18 e 19. Maria Helena Rolim CAPELATO. *Populismo latino-americano em discussão*. p. 153.

Contudo, como saber quais seriam os interesses mais amplamente difundidos naquela sociedade? Para muitos autores, se evidenciava, então, neste momento, aos olhos do mexicano, articulada ao desejo de **modernização e democratização** no México, a tão complexa e inevitável questão da **identidade mexicana**. Quanto a isso, pontua Gómez Morín: “*nació el propósito de reivindicar todo lo que pudiera pertenecernos: del petróleo [das terras, das riquezas minerais, da indústria nacional] a la canción [à literatura, às pinturas indígenas, às construções arquitetônicas mais antigas e mais modernas]*”.¹³⁰

Pode-se dizer que desde a independência fez-se patente a necessidade de elaboração de um conceito preciso de “identidade nacional mexicana”, distinta da espanhola/metropolitana; em meio aos levantes populares e aos problemas financeiros deles causadores e deles decorrentes, e, numa fase posterior, de institucionalização da revolução e de modernização das estruturas econômicas no país, porém, tal empreitada ganhou maior projeção e novas especificidades.

Com a expansão do capitalismo avançado e a busca da formalização democrática, pois, no México, emparelhou-se à clássica dúvida acerca de qual modelo civilizacional se compunha ou deveria compor, uma nova angústia: a aparente contradição entre o desejo de “avançar” e o receio de perder a “singularidade”. Importante lembrar que as pressões diplomáticas impingidas pelos Estados Unidos, fazendo ganhar força o sentimento antiimperialista, acabaram por ampliar, em princípios do século XX, o gosto por tudo aquilo que se julgava “autenticamente mexicano”. No entender de Angel Rama, inclusive, em seu já citado *A cidade das letras*, pelo contato mais direto com o imperialismo yanque, é provável que naquele país tenha sido mais freqüente e contundente essa associação entre “anti-norteamericanismo” e “valorização da identidade nacional”, se compararmos com outras nações do sub-continente; aliás, segundo este mesmo Autor, tal relação não teria sido esboçada apenas por parte dos expoentes mais contestadores, revolucionários – para utilizar palavras suas: “*o perigo conhecido por todos do vizinho do Norte foi [também] utilizado como um silenciador das reivindicações populares frente aos ‘científicos’ porfiristas.*”¹³¹

A princípio este debate, no México, se mantinha em grande parte concentrado na percepção do mexicano enquanto uma **raça** formada pelo **encontro** entre índios e espanhóis; daí que muitos historiadores mexicanos proponham que, quanto a este período, as discussões

¹³⁰ Manuel GÓMEZ-MORÍN. 1915. México: Editorial Cultura, 1927 p. 10. Apud. José Luís GÓMEZ-MARTÍNEZ. *La presencia*. op. cit.

¹³¹ RAMA. op. cit. p. 118.

políticas em torno da mexicanidade possam ser desmembradas, esquematicamente, em dois grupos antitéticos: **hispanistas** e **indigenistas**.¹³² A realidade, contudo, era muito mais complexa, e, se a referência à cultura hispana podia vir associada a juízos positivos ou negativos, os povos indígenas (habitantes do referido território antes da chegada dos colonizadores) podiam ser encarados também como fator-empecilho para o desenvolvimento da nação, ou ainda como símbolo (assim como os aspectos da fauna e da flora locais) de belo nacional; o viés com que se esboçavam tais perspectivas também podiam ser muitos: cientificista, panegírico, etc. Mas à medida que o tempo foi passando, com o desenrolar do processo revolucionário e com a possibilidade do ensino formal cada vez menos distante, se ampliaram as perspectivas, a forma de conceber o papel cultural dos setores mais pobres se tornou menos intolerante e mais crítica.

Além disso, há que se pontuar que, nos discursos, **novos elementos** passaram a ser incorporados como variantes que comporiam o modelo de civilização, do México: para o mexicano, agora, não era mais apenas o espanhol e o índio que compunham o *ser* nacional – o **pensamento francês** e as **técnicas importadas dos Estados Unidos** (vimos no capítulo anterior) passam a ser percebidos mais claramente como parte da vida cotidiana, da forma de pensar e viver dos cidadãos.

O **uso da tecnologia avançada e a especialização do trabalho** dele decorrente, características ambas da sociedade moderna, projeto cada vez mais claramente referido nos discursos dos grandes nomes da revolução, assim como na faça de anônimos, também é tema que preocupa Ramos, em *El perfil...* Ao ver deste Autor, os rumos seguidos pelo México haveriam de desembocar na formação de um homem “falso”, imbuído de uma (a seu ver reducionista, se não pernicioso) **concepção instrumental** acerca do mundo, “*convirtiéndolos en autómatas perfectos, pero sin voluntad, ni inteligencia, ni sentimiento; es decir, sin alma*”.¹³³ “*La única justificación racional de la admirable técnica mecánica es [enfim] que el porvenir liberte al hombre del trabajo físico y le permita destinar sus mejores energías a otras faenas superiores cuyo fin sea el engrandecimiento de la naturaleza humana.*”¹³⁴

Há também que se tomar em conta que os investimentos governamentais em portos e telégrafos (desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação), assim como os constantes debates em torno do tema da democracia, possibilitaram que se desdobrasse o discurso contra a influência cultural estadunidense, num **discurso amplo**, em prol dos

¹³² Urpi montoya URIARTE. *Hispanismo e indigenismo*.

¹³³ RAMOS. op. cit. p. 142.

¹³⁴ Idem, p. 156.

interesses do **grupo de países sub-desenvolvidos** da América – em prol de uma identidade **ibero-americana**. Aqui podemos lembrar, por exemplo, que no ano de 1922 José Vasconcelos, então ministro da educação, foi enviado ao Brasil como embaixador provisório, para a comemoração do centenário da independência da nação brasileira, sobretudo com a finalidade de reforçar os laços entre mexicanos e nós, mas de propagandear, no nosso que era um dos países mais influentes da Ibero-América, os avanços operados pelo México da revolução.¹³⁵

Desencaixe, imaturidade e tendência à imitação, numa conjuntura em que se destacava o interesse pela modernização, democracia e “autenticidade” identitária: eis, postas na mesa de maneira esquemática, características que Ramos atribui ao modo de ser, viver e entender de todo homem dito “mexicano”, nos dias de então. Estas características, é preciso lembrar, remetem todas ao já citado e mais célebre conceito formulado em *El perfil...*: o “pelado”.

2. As primeiras décadas do século XX brasileiro em *Raíces...* e outros textos

Como afirma a já citada professora Odila Dias, em um filme recentemente lançado por Nelson Pereira dos Santos, sobre a vida e a obra de Sérgio, com *Raíces...* este Autor teria vindo, no ano de 1936, apresentar uma das primeiras interpretações mais sistemáticas acerca de possíveis relevâncias de um dos hoje tido como mais célebres acontecimentos históricos nacionais: a dita “Revolução de 1930”.¹³⁶

Como sabemos, a análise de Sérgio – de maneira semelhante à de Ramos, em *El perfil...* – parte das experiências históricas vivenciadas pela porção americana de colonização portuguesa, passa pelo nascimento do Brasil como país autônomo, até chegar ao estudo dos acontecimentos que então se desenrolavam, no início do século XX. Vinha entrelaçada pela intenção primeira de compreender como se haviam arraigado de maneira tão íntima nossos principais problemas à nossa sociedade – nosso parco desenvolvimento econômico/técnico, e, sobretudo, a fragilidade de nosso sistema democrático.

¹³⁵ Regina Aída CRESPO. *Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938)*..

¹³⁶ Cf. Nelson Pereira dos SANTOS. *Raíces do Brasil: uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda*. Parte 2. Vídeo filmes.

Merecem destaque, aqui, algumas considerações de Sérgio, em *Raízes...*, mais especificamente no que diz respeito aos problemas inerentes ao processo de modernização capitalista e às alterações político-institucionais vividas por ele e pelos demais brasileiros de sua época. Considerações através das quais, como veremos, dito Autor vai concebendo as peças do quebra-cabeça da nossa constituição histórica cultural, vislumbradas na já referida figura do “homem cordial”, e cujas características mais elementares seriam: o **agrarismo arcaizante**, o **personalismo**, e a **tendência à imitação**. Naquele momento histórico específico elas estariam, aos olhos do Autor, se transformando; mas as duas últimas pareciam se ter alterado muito pouco, daí a sensação de desengano, o receito diante da impossibilidade de nosso progresso econômico viabilizar-se emparelhado à ampliação da justiça social.

Como anunciado, um dos temas que mais preocupa Sérgio em sua análise são as relações entre o campo e a cidade, que a seu ver se iam alterando pouco a pouco, no momento em que escrevia *Raízes...* A importância (econômica, política e cultural) que confere ao setor rural na formação histórica brasileira, aliás, merece destaque por si só, mas sobretudo aqui, pelo simples fato de que apresento, pareados, os referidos clássicos mexicano e brasileiro. Isto porque, enquanto Ramos não chega a abordar claramente a realidade do homem do campo (ainda que apresente, como vimos no primeiro capítulo, a antinomia campo X cidade, ao formular o tipo *urbano*), Sérgio apresenta a estrutura social do Brasil, desde a colônia, profundamente marcada pelo trabalho do escravo agricultor, pelo poder dos grandes fazendeiros, e pelas relações e formas de vida de ambos “personagens”. Tal disparidade me parece curiosa, já que no México a questão “terra” – talvez em face do movimento revolucionário e da conseqüente reforma agrária; talvez impulsionando tais acontecimentos – aparecia como tema recorrente na produção intelectual, desde o início do século XX. Contudo, creio poder explicar tal fato logicamente: Ramos, escrevendo em meados da década de 1930, percebia tal problemática como relativamente solucionada, enquanto Sérgio vivia num país em que o Estado se julgava moderno e democrático, mas se negava a rever a situação do trabalhador do campo... um país em que “*a desagregação do mundo rural*” cedia “*à invasão impiedosa do mundo das cidades*”.¹³⁷

Grande parte de nossa historiografia também vê o cada vez mais intenso processo de modernização tecnológica do Brasil do início do século XX, entremeado por tensões entre o campo e a cidade. Destacam-se, então, referências ao crescimento demográfico, à

¹³⁷ HOLANDA. op. cit. p. 172.

implementação das redes de transporte e de fornecimento de energia elétrica, ao aumento da população das cidades e do número de centros urbanos, e a um significativo desenvolvimento industrial. Diz-se hoje, correntemente, contudo, que essas mudanças materiais em geral surgiram por força da iniciativa privada, de setores (nacionais e estrangeiros), quase sempre articulados a poderes rurais: tinham de contar e contaram com a disponibilidade de matérias-primas abundantes e de baixo custo, assim como de recursos financeiros provenientes da atividade cafeeira, mão-de-obra barata, e significativo mercado consumidor.

É preciso ter em mente, então, um detalhe significativo: para muitos historiadores contemporâneos, o golpe de 1930 não há de ter representado, como se costumava propor, um conflito entre classes oligárquicas (rurais) e burguesia industrial (urbana), com a substituição da primeira pela segunda, no papel de protagonista dos eventos sócio-políticos nacionais mais importantes. Na realidade, em nosso país o poder agrário não chegou nunca a se compor com elementos homogêneos, podendo, como afirma Luciano Martins,

os homens que consumiam e reproduziam as idéias européias e norte-americanas de ‘progresso’, que se preocupavam com a industrialização e chegavam mesmo a denunciar a divisão internacional do trabalho em seus discursos e ações no Congresso, serem os mesmos (...) que se faziam eleger pelos coronéis do interior e que zelavam atentamente pela manutenção de suas bases oligárquicas locais.¹³⁸

Além disso, como veremos mais adiante, – no Brasil assim como (vimos) no México do período – o empresariado, não formava ainda um grupo coeso e de expressão política determinante. Sendo assim, diante de tais argumentos, os historiadores mais recentes têm preferido tratar o movimento como um “rearranjo intra-elites”, mais do que propriamente uma “revolução”.

Quanto aos aspectos político-institucionais dos últimos tempos, Sérgio destaca que o de maior repercussão não teria sido a proclamação da república, mas a assinatura da Lei Áurea que, oficializando a abolição da escravatura, teria viabilizado uma maior transformação nas relações entre os homens e mulheres brasileiros, compondo um ponto decisivo do (mais amplo) processo de modernização de nossa economia, de nossa administração, de nossas maneiras de pensar.

Entretanto, mesmo após o fim da escravidão uma das características mais marcantes na política nacional permaneceria intacta: o **personalismo**. Tal questão, conforme exposto no capítulo anterior, associada à dificuldade de se bem delinear os limites entre o domínio público e o privado, assim como à opção de engajamento mais a um grupo de **parceiros** de

¹³⁸ Luciano MARTINS. *A Revolução de 1930 e seu significado político*. p. 675.

empreitada do que a uma rede de **projetos...** poderia ser ilustrada, provavelmente também ao ver do referido Autor (embora não declare explicitamente nas linhas de *Raízes...*), pela postura assumida pelo então presidente (provisório) do Brasil, Getúlio Vargas, que ia pouco a pouco revelando-se mais e mais autoritário, desde a chamada “Revolução de 1930”. “*Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida*”¹³⁹, escreveu Sérgio em sua obra; ele não podia prever, mas foi o que se verificou no ano posterior à publicação de *Raízes*, com a instauração do Estado Novo e oficialização dos métodos “firmes”, centralizadores, do governo getulista.

Grande parte dos pesquisadores apresenta o sistema político brasileiro pós-abolição e pós-proclamação da república como caracterizado pela fragmentação do poder nas mãos dos mais diversos chefes locais, assim como pelos discursos federalista e liberal – pela multiplicidade de situações, interesses e projetos de desenvolvimento para o país. Tal percepção partiria destacadamente de estudos acerca da chamada “Política do Café com Leite”, por meio da qual se costumavam revezar no poder líderes do estado mais rico, e do estado que então apresentava o mais vasto corpo eleitoral – respectivamente, São Paulo e Minas Gerais.

No ano de 1929, contudo, afirma-se, um fato inesperado ocorreu, vindo a desembocar em mudanças radicais na administração do Estado brasileiro: o presidente paulista Washington Luís insistiu na candidatura, para seu sucessor, do também paulista Júlio Prestes, rompendo o pacto e levando os mineiros a se unirem ao Rio Grande do Sul, e comporem uma chapa em que figurava o nome de um influente político gaúcho, Getúlio Vargas; tendo Prestes vencido o pleito de maneira suspeita, deflagrou-se, pois, um intenso movimento, liderado pela oposição, que tentou empossar Vargas – era a já referida “Revolução de 1930”, ponto recorrente nas discussões historiográficas sobre as primeiras décadas do século XX, no Brasil.¹⁴⁰

É preciso, contudo, destacar que o golpe não foi fruto meramente de interesses de líderes políticos renomados. Desde o início do século XX, na realidade, alguns grupos se teriam destacado na oposição à estrutura eleitoral que caracterizara até então a República, no Brasil. Seriam eles **frações agrárias** excluídas do processo “democrático”, **classes médias** urbanas desejosas de maior representatividade, e ainda **componentes do Exército** que

¹³⁹ HOLANDA. op. cit. p. 32.

¹⁴⁰ Hamilton de Mattos MONTEIRO. Da República Velha ao Estado Novo; o aprofundamento do regionalismo e a crise do modelo liberal. In: LINHARES, Maria Ieda (org.). *História Geral do Brasil*. p. 211-216. Boris FAUSTO. A primeira república. IN: ---. *História do Brasil*. p. 243-328.

reivindicavam o monopólio da violência. Suas críticas voltavam-se ao **caráter arcaico e regionalista** do sistema representativo brasileiro, além de contestarem a **corrupção e violência** eleitorais então patentes.

Conforme grande parte da historiografia contemporânea, segundo as reivindicações dos grupos insatisfeitos com a política tradicional brasileira, o governo pós-golpe seria encarregado de **modernizar** mas também de lidar com **a crise da economia nacional então vigente** – consequência, entre outros fatores, da queda da Bolsa de Nova Iorque, em 1929 –, executando um programa de sustentação das atividades agro-exportadoras. Deveria ainda promover a modernização econômica, garantindo as mudanças institucionais necessárias para o bom desenvolvimento das relações capitalistas de produção, intervindo com maior efetividade que regimes anteriores, o que acabou por acarretar benefícios também ao setor industrial nascente.

Entretanto, muitos pesquisadores pontuam hoje, tal como Sérgio pontuava, que ao governo parecia caber sobretudo **impedir** que tais mudanças administrativas e na política econômica resultassem em qualquer **modificação significativa no status quo**; na cidade e no campo os trabalhadores deveriam ser mantidos sob controle, e as manifestações populares deveriam ser enfrentadas com mãos de ferro pelo Estado. Lembremos que desde 1922 se havia institucionalizado o Partido Comunista, no Brasil; e que, no mesmo ano, tinha-se contemplado, na capital, o “18 do forte de Copacabana”, mobilização organizada por tenentistas, que, radicais, em 1925, passaram a compor um movimento rebelde de grande organização e larga projeção nacional – a Coluna Prestes. Daí a atuação de Vargas na presidência ser caracterizada por vários especialistas como exemplo de “modernização conservadora” – percebem-se ao longo do processo uma série de avanços, mas também muitas continuidades, tais como as seguintes: a tentativa de controle do operariado via vinculação dos sindicatos ao Estado, e a manutenção da estrutura agrária, base do *coronelismo*.

Creio aqui ser interessante traçar algumas apreciações acerca de pesquisas que tenham tratado a maneira com que Vargas se relacionaria com os mais diversos setores sociais. Antes de mais nada, relembremos então o fato de que seu governo é freqüentemente denominado “populista”. Conveniente seria, pois, por ora, esboçar um breve parágrafo alusivo a como tal conceito vem sendo abordado nas últimas décadas, pela historiografia brasileira.

Inicialmente predominava nos debates relativos à noção de “populismo” a idéia de que em tais contextos ter-se-ia o estabelecimento de um pacto desigual entre um **Estado**

manipulador e uma **classe trabalhadora** enfraquecida e inerte, domesticada. Mais contemporaneamente, com os trabalhos de Francisco Weffort – que elabora a idéia de “Estado de compromisso” – e Ângela de Castro Gomes – que discutiu a de “pacto trabalhista” –, consolidou-se uma versão menos maniqueísta.¹⁴¹ A partir dela a historiadora Sônia Regina Mendonça, por exemplo, pontua que a sindicalização getulista teria, na realidade, acabado por garantir coesão ao **grupo operário**, “*representou [no final das contas] o reconhecimento institucional da cidadania política dos trabalhadores*”.¹⁴² Particularmente, e mesmo em conformidade com minha argumentação ao longo deste trabalho, acredito que de fato o governo Vargas foi até certo momento encarado pelas parcelas da elite que o apoiavam como certamente bem sucedido na tarefa de desarticulação de interesses tidos como mais radicais do operariado; entretanto, isso não quer dizer propriamente que para as massas as leis trabalhistas e outras medidas estatais não possam ter significado qualquer melhoria em sua condição, não possam ter mesmo correspondido às suas expectativas.¹⁴³

Para outros grupos sociais, tais como **oligarquia tradicional** e **classes médias urbanas**, ao que indicaria um primeiro olhar descompromissado sobre os acontecimentos que se iam processando, o controle agora mais forte e definitivo do Estado poderia parecer significar cerceamento de seu poder de atuação. Contudo, há de ter implicado, na realidade, uma possibilidade de identificação/participação satisfatória: o governo abandonava a tendência democrática e em alguns aspectos liberal do antigo projeto modernizador (o voto direto, por exemplo), mas mantinha um discurso em prol da manutenção da ordem e se apresentava enquanto representante dos interesses gerais, o que é provável que tenha soado bem, naquele momento, aos ouvidos da grande maioria; criava também, seguindo uma tendência iniciada já a partir de 1930, uma série de órgãos e organismos, ampliando a possibilidade de inclusão de tais setores na lógica governamental, via burocracia.

Por outro lado, elementos componentes de frações menos coesas e ainda frágeis, como o **empresariado**, por meio da política intervencionista do governo puderam obter vantagens consistentes. É que, num contexto em que a burguesia industrial de nosso país ainda constituía grupo frágil e desarmônico, aquele Estado, cada vez mais centralizador, protagonista da dinamização da economia nacional, veio a optar por um projeto de crescimento que, pela primeira vez no Brasil, tinha a indústria como principal preocupação.

¹⁴¹ Francisco WEFFORT. *O populismo na política brasileira*. Ângela de Castro GOMES. *A invenção do trabalhismo*.

¹⁴² Sônia Regina de MENDONÇA. As bases do desenvolvimento capitalista dependente: da industrialização restringida à internacionalização. IN: LINHARES, Maria Yeda (org.). op. cit. p. 262.

¹⁴³ A respeito, cabe também a leitura do célebre artigo de: Ângela de Castro GOMES. *O populismo e as ciências sociais no Brasil*. p. 31-58.

Vargas apresentava uma política protecionista, emissionista e expansiva, para qual era o governo quem se responsabilizava pela melhoria das condições de infra-estrutura, cuidando de problemáticas tais como o transporte e a energia, e atuando em empresas cuja função era fornecer bens e serviços a baixos preços para a indústria; também se propôs a articular a atividade agrícola à industrial, incentivando a produção de alimentos baratos para o mercado cidadão, e a transferência dos recursos da agro-exportação para o setor fabril. Além disso, para o empresariado (ciente ou não), o sistema corporativo característico do Estado Novo acabou proporcionando ainda a oportunidade de promover sua articulação em nível nacional, a criação mesmo de uma identidade de grupo.¹⁴⁴

É importante frisar, porém, que o período que seguiu 1930, de acordo com Mendonça de fato não chegou a corresponder inteiramente aos anseios das frações políticas que haviam apoiado o dito projeto de renovação do aparato administrativo nacional, daí o discurso do governo empossado ter sofrido algumas alterações ao longo do tempo. O ano de 1934 acenará, por exemplo, para a possibilidade de “abertura”, com a promulgação de uma nova Constituição que pontuava elementos tipicamente liberais (como a liberdade de atuação para os sindicatos); entretanto, três anos mais tarde, em 1937, veremos o sistema desembocar num segundo golpe e na instalação do *Estado Novo*.

Aqui é preciso destacar que, já a partir de 1930, em meio ao discurso democrático também se ia esboçando clara tendência de apoio à idéia de uma centralização de **facetas autoritárias**. Em 1932, no estado de São Paulo, na luta contra a Revolução Constitucionalista de oposição ao Governo varguista Provisório, por exemplo, o grupo militar pôde superar sua relativa falta de coesão e mostrar-se quase uniformemente leal a Vargas. De outro lado, também, podemos lembrar que o ano de 1934 foi marcado por reivindicações populares por todo o país, e que em 1935 tivemos a deflagração de um movimento revolucionário de projeção nacional, a chamada *Intentona Comunista*; combatidos e presos os principais líderes radicais desta, não se apascentou, contudo, a difusão de ideais anticomunistas, e diversos grupos sociais (tais como classes médias urbanas conservadoras, oligarquia agrária e empresariado em formação) se apresentaram conjuntamente favoráveis a um fortalecimento mais efetivo do regime.

¹⁴⁴ MARTINS. op. cit. 672-687.

Muda o tempo, mudam-se as idéias; e o fato é que o problema da **identidade brasileira**, que já constituía preocupação constante entre nossos pensadores desde a independência, vai ganhar, no início dos novecentos, uma projeção maior, alcançando cada vez mais elementos de estratos sociais rebaixados, e assumindo novos aspectos. Passou a ser incluído no discurso dos políticos conservadores e liberais, de governos instituídos mas também de operários esquerdistas, e ainda de alguns dos defensores de regimes totalitários, tais como tão citado Plínio Salgado; despertou o interesse de religiosos, de militares, de estudantes.

É claro que esse interesse pelo nacional não implicava necessariamente em visões elogiosas de nossa terra e nosso povo. Segundo Lúcia Lippi de Oliveira, nos primeiros anos do século XX as *versões* acerca do modelo de constituição cultural assumido no Brasil tendiam a ser esquematicamente quatro: (1) a de que os **portugueses** deveriam ser **elogiados** porque nos tinham trazido o progresso e a moral cristã; (2) a de que fora um **azar** tremendo termos vivido a experiência da **colonização portuguesa**, e não de povos mais ordeiros e afeitos ao trabalho, como os ingleses protestantes, “criadores” da promissora nação norte-americana; (3) a, de ares cientificistas, que afirmava ser a **mistura de raças** nosso maior **empecilho** ao desenvolvimento; e (4) aquela segundo a qual nossa **terra farta e fértil**, e nossa **gente muita e forte** só nos poderia reservar um futuro dos mais promitentes.¹⁴⁵ Na década de 1920, porém, vemos florescer um interesse maior por se referir mais e menos superficialmente também ao papel cultural de setores pobres e até então politicamente pouco expressivos, aos trabalhadores do campo e da cidade, aos índios, negros e mestiços.

Há que se pensar, ainda, que, tal como ocorreu no México, aquela conjuntura de inícios do século XX (marcada pelo desenvolvimento das tecnologias de comunicação e transporte, assim como pela cosmopolitização das perspectivas) levava políticos influentes no Brasil, assim como cidadãos comuns, a perceberem-se **identificados com outros países ibero-americanos**. E o olhar (mesmo superficial) sobre a história desses povos parecia corroborar a validade de tal sentimento: nosso povo teria vivido experiências históricas semelhantes às de outros povos do continente; experiências ligadas ao fato de que foram colonizados por nações culturalmente identificáveis – Portugal e Espanha. Entretanto, diferentemente das constantes referências da historiografia mexicana e até mesmo brasileira à presença de diplomatas do México no Brasil, a presença de representantes nossos naquele país, nas primeiras décadas dos novecentos, não tem sido trabalhada.

¹⁴⁵ Lúcia Lippi de OLIVEIRA. *A questão nacional na primeira república*. p. 23-25, 182-183, 190-193.

Tendo em vista tais questões, o historiador Milton Lahuerta, aborda a década de 1920 como caracterizada por mudanças conjunturais que acarretaram o desenvolvimento de novas perspectivas de tratamento do tema do “nacionalismo”. Com a crise da economia oligárquica pautada no setor primário, e a tentativa inserção do Brasil na economia capitalista avançada, ao mesmo tempo em que se permitia e se fazia buscar acesso fácil a novas tecnologias e concepções, se trazia à tona a dúvida: “**O que e como** assimilar?” Tendo em vista os intensos debates acerca das possibilidades de democracia em nosso país este problema vinha incluir um outro, mais bem delimitado: “É possível recorrer àquilo que é estrangeiro sem ser negligente para com o que seria propriamente **nosso**?”. Conforme a interpretação da professora Claudia Wasserman, fatores externos também foram determinantes: a Primeira Guerra Mundial e o Craque da Bolsa de Nova Iorque pareciam revelar a crise do modelo civilizacional europeu e norte-americano, abrindo espaço para que ibero-americanos repensassem e reavaliassem seu papel no contexto internacional.¹⁴⁶

Sérgio, inclusive, em *Raízes...*, revela-se crítico acerca de uma conduta então costumeiramente atribuída ao brasileiro: a tendência à imitação de modelos forâneos. Segundo ele essa seria característica dos habitantes da América de **colonização portuguesa** desde o período de controle metropolitano, se teria mantido após a independência, quando fez-se determinante a **influência francesa**,¹⁴⁷ e, agora, em fase de desenvolvimento do capitalismo avançado, quando começava a predominar o dito “**americanismo**”.¹⁴⁸ Como vimos no capítulo anterior, tal conduta teria, conforme o Autor de *Raízes...*, acarretado conseqüências desastrosas no país: sensação generalizada de desencaixe, inadequação, inautenticidade.

Sérgio se preocupava, portanto, (e muito) com a maneira como vínhamos processando nossos contatos culturais com os países estrangeiros. Porém, como discutirei no próximo capítulo, era crítico em relação a esse desejo então difundido de se “construir”, “apresentar”, “buscar” a identidade nacional brasileira (ou, mais amplamente, ibero-americana). Diferentemente, esperava que ela se formulasse, de maneira espontânea; e compreendia que, mesmo se não esperássemos, ela (fatalmente) se formularia.

¹⁴⁶ Milton LAHUERTA. *Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista e modernização*. p. 98-114.

¹⁴⁷ HOLANDA. op. cit. p. 178.

¹⁴⁸ Idem, p. 172.

CAPÍTULO 3: “IBERISMO” NA ANÁLISE DOS UNIVERSOS INTELLECTUAIS MEXICANO E BRASILEIRO EM QUE FORAM ESCRITOS E PUBLICADOS *EL PERFIL... E RAÍZES...*

Este terceiro e último capítulo se dedica a pensar o conceito de “iberismo” à luz das mais recentes reflexões que, críticas às já referidas concepções da História das Idéias, de Skinner ou dos marxistas mais “ortodoxos”, optam por compreender as maneiras como idéias podem circular/ser **lidas** pelos homens do período em que foram escritas.

O historiador norte-americano Robert Darnton, por exemplo, em artigo sobre *La nouvelle Heloise* de Rousseau, busca perceber a maneira como os leitores ditos “comuns” teriam compreendido a referida obra, no período em que se deram suas primeiras publicações. Os pressupostos de que dispõe este Autor são, então, os seguintes: (1) a idéia de que naquela época as pessoas liam textos necessariamente de maneira *diversa* da nossa, e (2) a idéia de que a maneira como elas os leriam remete a estratégias de compreensão em última instância sempre *compatíveis* com as demais pessoas, a elas contemporâneas.¹⁴⁹ Ao ver de LaCapra, tal perspectiva é (também) reducionista, na medida em que circunscreve as mais diversas possibilidades de leitura das obras numa mesma conjuntura, pelos mais diversos atores, a *uma* (sempre limitada) possibilidade de interpretação.

Embora também ponha foco não sobre o momento de escrita e sim sobre o contato das obras com o público leitor, o historiador francês Roger Chartier apresentaria, na visão de LaCapra, argumentos mais “ponderados”. Isto porque em seus estudos já se vislumbraria o entendimento de que diversos significados são estabelecidos ao longo das mais variadas leituras efetuadas por elementos por vezes bastante alheios aos interesses específicos dos autores, e por vezes também de forma bastante distinta de muitos (ou poucos) dos homens que viveram um mesmo período. A crítica formulada por LaCapra, acerca de Chartier, se dá pelo fato de que este último não destacaria a importância (para aquele fundamental) de se

¹⁴⁹ Robert DARNTON. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da História Cultural francesa*. DARNTON. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*.

contrapor essas interpretações localizadas temporalmente com outras, realizadas por gerações posteriores.¹⁵⁰

Quando trabalha a possibilidade de relacionar uma obra com a “cultura” referente à época em que foi produzida, então, LaCapra afirmava, em *Repensar la historia intelectual...*, que os trabalhos tanto de Darnton quanto de Chartier seriam representativos de uma concepção não propriamente equivocada, mas certamente limitada de análise historiográfica. Em artigo recente também advertia: “*a sensibilidade para o problema da ‘textualidade’ e o esforço por relacioná-lo convincentemente com a investigação histórica em geral permanecem bastante restritas*”; “*o resultado seria que a posição do historiador [tal como Darnton ou Chartier], em seu envolvimento com o passado (...) tende a ser a do espectador comum (se não voyeur) do passado exótico..*”¹⁵¹

Isso quer dizer enfim que, para LaCapra, seria muito mais interessante e enriquecedor, em análises focadas nas *leituras* dos textos, tomar como base um diálogo com as apreciações posteriores acerca deles; elaborar-se um recorte mais focado (e bem amarrado) às vidas de seus possíveis primeiros leitores, mas o fazer sempre entrelaçando explicitamente com conclusões sobre aquelas realidades, hoje mais aceitas pela historiografia.

Tomando como ponto de partida as proposições de análise contextual de LaCapra, no capítulo anterior discuti a maneira como *El perfil...* e *Raíces...* apresentam entendimentos acerca da situação político-econômica do período em que foram escritos, contrapondo suas apreciações com perspectivas hoje (ao menos relativamente) consensuais no que tange o discurso de políticos de expressão naquela época, no México e no Brasil. Este último capítulo se atém, sob a influência dos mesmos referenciais, a analisar mais particularmente **o grupo de indivíduos** naquela época mais intensamente dedicados à reflexão e à escrita – à Filosofia, à História, à Literatura; isto é: aos ditos “**intelectuais**”.

Importante aqui me referir à queixa de alguns autores, que classificam este tipo de abordagem centrada no universo de leitura especificamente composto por pesadores e escritores renomados como **elitista**. Quanto a isso, LaCapra argumenta que “sociedade” constitui uma estrutura demasiadamente ampla e complexa e, em conseqüência, difícil de ser trabalhada sem resultar em reducionismos tolos; conforme Seu entendimento, avaliações acerca das formas como teriam sido lidas obras pelas mais variadas pessoas que viveram em

¹⁵⁰ Roger CHARTIER. *A história cultural: entre práticas e representações*. CHARTIER. Text, symbol, and Frenchness. In: *Journal of modern history*. 57 (1985): 682-695. Apud. LACAPRA. *Chartier, Darnton e o grande massacre do símbolo*.

¹⁵¹ Idem, p. 246.

determinado período merecem um recorte mais bem estabelecido, que pode ter como critério o econômico (as classes sociais), mas também pode tomar como ponto de partida o critério da formação intelectual. De acordo com Seu ponto de vista, logo, optar por circunscrever a análise aos mais influentes letrados (assim como dos pela historiografia atual considerados mais relevantes) corresponde a uma necessidade metodológica.¹⁵²

As historiadoras brasileiras Lacerda e Kirschner afirmam, em defesa dos argumentos lacaprianos, ser imprescindível pontuar que se parte da historiografia ligada à análise textual têm focado os ditos **clássicos** no universo de circulação que eles mais diretamente envolvem, isso “*nada tem a ver com hierarquia cultural ou juízos de valor. Não significa menosprezo pelas práticas culturais (...) mais ou menos iletradas. (...) Trata-se apenas de uma questão de especificidade, que atende a preocupações teóricas particulares e impõe metodologias específicas.*”¹⁵³ Em outras palavras: para Elas, os intelectuais apresentam um arcabouço vocabular, conceptual e comportamental muito característico, que deve sim ser destacado se se pretende avaliar mais eficientemente (e ricamente) os possíveis significados de textos renomados.

Por concordar com LaCapra, Lacerda e Kirschner, creio fazer-se mister refletir também sobre sugestões metodológicas da historiografia contemporânea mais focadas no universo intelectual; pensarmos, por exemplo, com mais pormenores, como se tem estudado em História nos últimos tempos as maneiras como esses elementos pensavam, trabalhavam e se relacionavam com outros estratos da sociedade, e faziam circular alguns de seus textos. Decorre daí, então, meu interesse por apresentar, aqui, algumas apreciações acerca da idéia de “**sociabilidade**”.

Conforme o historiador também francês Jean-Pierre Rioux, este termo teria sido inaugurado por Maurice Agullon, o qual destacou pioneiramente “*o papel insubstituível e constitutivo das confrarias, lojas, ‘pequenas câmaras’ e outros círculos*”,¹⁵⁴ indo ao encontro “*deste grande fato social que é a associação*”.¹⁵⁵ Séculos mais tarde, contudo, através a leitura de pensadores do porte de Weber e Simmel esta noção ganhou novas especificidades; nos últimos tempos, por fim, passou a remeter não mais a relações estabelecidas como mero reflexo (às vezes inconscientes) de problemáticas econômicas, e sim a relações que se estabelecem (formal ou informalmente) pela conjunção de anseios sociais, individuais,

¹⁵² LACAPRA. Repensar... p. 268-269.

¹⁵³ Sonia LACERDA & Tereza Cristina KIRSCHNER. *Tradição intelectual e espaço historiográfico*. p. 38.

¹⁵⁴ Jean-Pierre RIOUX. *A associação em política*. p. 105.

¹⁵⁵ Cf. M. AGULLON. *Histoire vagabonde*. Paris: Gallimard, 1988. 2 vol. t. 1. p. 305. Apud. RIOUX. op. cit.

políticos. Segundo este modo de entender as coisas, então, a associação entre intelectuais se daria através do estabelecimento de “redes” (muitas vezes invisíveis, pouco organizadas, nada institucionalizadas) que se elaborariam na medida em que – pela confluência de interesses, que abrangem desde os temas a serem referenciados e a escolha das metodologias a serem adotadas, até a maneira como se portam diante do Estado e dos ditos “leigos” – viabilizariam “identificação”.

Para melhor definir formas através das quais o historiador de hoje poderia analisar estas ditas “redes de sociabilidade”, Rioux define, pois, três parâmetros processuais, que comporiam aquilo ele denomina “História Política da Associação”: o **tempo** – porque cabe aos pesquisadores avaliarem durações, rupturas, inflexões, precavendo-se contra a “*tentação da linearidade*” –,¹⁵⁶ o **espaço** – ainda que o local deva servir para os pesquisadores apenas como “*objeto de intervenção*” e não, temerariamente, como pressuposto para a departamentalização dos saberes –, e, por fim, as **idéias** – para as quais o referido Autor dedica a seguinte passagem:

A associação é um vetor da idéia que a faz nascer, mas cuja eficácia é proporcional aos **valores** que a vida interna da organização, o culto de uma comunidade e o voluntariado concretamente exercidos secretam e alimenta [quer dizer: que pode variar no tempo e no espaço, conforme a **prática**]. E são sem dúvida estes valores, mais que aquele ideal, que ela infunde tão bem na vida política.¹⁵⁷

Este capítulo se organiza, portanto, bem de acordo com tais princípios. Pretende, para a interpretação dos possíveis conceitos de “iberismo”, inspirado em LaCapra e agora mais diretamente também em Rioux, promover o diálogo entre em *El perfil...* e *Raíces...* e textos de historiadores contemporâneos, destacando suas avaliações no que diz respeito: (1) às possíveis relações entre as diversas (no tempo e no espaço) formulações teóricas e práticas de trabalho de intelectuais mexicanos e brasileiros das primeiras décadas do século XX; (2) aos complexos contatos estabelecidos entre esses indivíduos, em separado ou no interior de grupos informais e/ ou oficiais/institucionalizados, entre eles e ao Estado, e, por fim, entre eles e os demais cidadãos, considerados não suficientemente eruditos para serem a eles diretamente associados – ou, para utilizar palavras do referido historiador francês, no que diz respeito a **valores**.

O já citado Angel Rama, em sua *A cidade letrada*, apresentou uma interpretação muito interessante acerca do papel dos setores letrados na configuração da Ibero-América.

¹⁵⁶ RIOUX. op. cit. p. 115.

¹⁵⁷ Idem, p. 129.

Neste livro inicialmente remeteu aos tempos coloniais, que Ele considerava a base da constituição cultural dos povos que ali habitaram e habitam, e apresentou o conceito de “**cidade ordenada**”, segundo o qual foi costume, no continente americano dos séculos XVI a XIX, o Estado impor para a vida dos habitantes das cidades um **ordenamento pré-estabelecido** – um ideal de urbanização racionalmente elaborado, que (1) se propunha a não seguir modelos configurados nas metrópoles européias de então, mas que (2) ao mesmo tempo também negava, ao menos no nível do discurso, possíveis contribuições conferidas pelas experiências organizacionais das populações indígenas, nativas. Aqui transparece **um dos pontos cruciais de todo o pensamento de Rama**: desde os primeiros contatos com os colonizadores ibéricos no continente americano já se ia esboçando a noção de que as sociedades americanas se viam e eram compreendidas como um entremeio – ainda “selvagem”, em comparação com a Europa, mas já mais “civilizada” do que os povos nativos.

Na prática, entretanto, evidentemente, afirmava Rama, a ordenação das cidades se ia fazendo sob as **influências das mais variadas culturas**. Isso quer dizer, então, que havia ali estabelecido uma separação bem marcada entre (1) o que o Autor denominou “ordem física” – correspondente a uma dita “cidade real” – e (2) o que o Autor denominou “ordem dos signos” – correspondente a uma dita “cidade letrada”, composta especificamente por aqueles que teriam o domínio da linguagem escrita.¹⁵⁸ Mesmo com o correr dos séculos tal abismo se manteve, conforme Rama, intacto e em grande parte inquestionado, pelo menos até – como veremos parágrafos a seguir – a chegada do século XX, quando – vimos no capítulo anterior – o tema da “**democratização**” foi retomado, relido, ampliado.

Neste íterim bom seria estar atento para o fato de que, para Rama, a dita **cidade letrada** nunca foi uniforme ou coesa. Coabitavam nela, de acordo com seu ponto de vista: (1) os **burocratas**, responsáveis tanto pelos documentos oficiais de registro de propriedades e cidades fundadas, através dos quais se institucionalizava a vida no novo continente, quanto pelo fornecimento de informações acerca das realidades regionais para o governo oficial (forâneo ou, mais tarde, com as independências, central), através de cartas; (2) os **políticos**, que se serviam das letras, em impressos muitas vezes de larga circulação, como ferramenta de contestação ou defesa do poder estabelecido; e, por fim, (3) os **eruditos**, estudiosos (da história, da sociedade, do homem) e/ou autores de poema e prosa.¹⁵⁹ Na interpretação de Rama, essas funções se confundem mesmo até às portas dos novecentos, ainda que, aí então, **fronteiras um tanto mais bem delimitadas** fossem surgindo – analisaremos melhor mais

¹⁵⁸ Angel RAMA. op. cit. c. 01.

¹⁵⁹ Idem, c. 2 e 3.

adiante possíveis relações entre este fato e a “**modernização**” material (urbanização e tecnificação) da Ibero-América.

Importante ter-se em mente, aqui, logo, que grande parte das as hipóteses mais interessantes de *A cidade das letras* são amarradas justamente quando da abordagem dos letrados ibero-americanos que viveram e produziram de fins do século XIX ao início do século XX – especificamente o período que tomei para análise no capítulo anterior, especificamente o recorte de que disporei neste. Fundamental então lembrar que, segundo Rama, se teria processado, nesta época, uma significativa **mudança** na vida, no trabalho e nas relações sociais também de pensadores, pesquisadores e escritores ibero-americanos; mas que, entretanto, ainda conforme Ele, **não** se teria vivenciado, de fato, então, uma **ruptura brusca**, e sim uma **transição lenta, confusa, titubeante** – os intelectuais do México e do Brasil desta conjuntura, por exemplo, podem ter apresentado um *modus operandi* diverso e referências outras, mas muitas vezes e em muitos aspectos remetiam a intelectuais e textos tomados hoje como típicos de gerações anteriores.¹⁶⁰

Esta é uma impressão que ao longo do presente capítulo deve ficar evidenciada: os literatos, filósofos e pesquisadores das primeiras décadas do século XX, na Ibero-América, exigem mudanças, se comportam de maneira muitas vezes inusitada, é verdade; só que não podem ficar ocultos os “tradicionalismos” (intelectuais, morais, comportamentais) que eles carregaram consigo. É, aliás, um **outro ponto que marca toda reflexão de Rama** – além de o pensamento na Ibero-América se caracterizar pelo paradoxo entre se sentir parte integrante e/ou excluída da cultura européia, se caracteriza, mais claramente após a chegada dos novecentos, por **uma sensação ambígua de** pertencimento a algo **entre arcaico** (ultrapassado) e o **novo** (promessa).

A partir das colocações acima, pode-se dizer sobretudo que as apreciações de Rama, explicitadas no capítulo anterior no que diz respeito ao **discurso de homens importantes da política** mexicana e brasileira – quanto à relevância”, naquela conjuntura, das idéias de “**modernização**”, “**democracia**”, e “**identidade nacional**” e/ou “**ibero-americana**” – será válida também agora, quando me dedico a repensar o **discurso dos intelectuais** ibero-americanos.

¹⁶⁰ Idem, c. 6.

Como informamos na segunda parte desta dissertação, na Ibero-América das primeiras décadas do século XX, processou-se um considerável **aumento demográfico nas cidades**, assim como o **aprimoramento dos meios de comunicação e transporte**; agora podemos dizer, com Rama, que tal conjuntura repercutiu num maior contado entre os cidadãos, viabilizando um **maior fluxo de idéias**. Soma-se a isso o fato de que, tendo em vista a carência de trabalhadores com domínio da língua escrita para ocupar os cargos e setores que iam surgindo e se tornando importantíssimos com a **expansão das indústrias e do setor terciário**, (lê-se em *A cidade das letras*) a preocupação com se **alfabetizar** um número maior de pessoas, passou a ser central, repercutindo, direta e/ou indiretamente, na formação de um **mercado consumidor leitor mais amplo e plural**; também se investiu mais no ensino superior e na pesquisa.¹⁶¹ Isso tudo garantiu, afinal, segundo Rama, que se estabelecessem possibilidades de reflexão diferentes para os pensadores e pesquisadores ensaístas, assim como para literatos de todo o sub-continente – que eles passassem a trabalhar (de maneira questionadora), tentando o **novo**, o **justo**, o “**nosso**”.

Como nos aponta Rama, com o **desenvolvimento das técnicas de impressão e merchandising** tornou-se viável a venda de um montante cada vez maior de obras ensaísticas e literárias – surgiram, então, inúmeras editoras independentes, como, no México, a *Maucci* e, no Brasil, a Livraria de *H. Garnier*.¹⁶² Nas palavras de Susana Zanetti, entretanto, “*la circulación del libro fue escasa, era difícil editar en América Latina; con frecuencia (...) la costeaba un amigo rico o el propio autor.*”¹⁶³ Por isso, segundo a historiadora acima citada, foi marcante nos países ibero-americanos do início dos novecentos a opção por se lançar, em revistas e jornais, não apenas artigos jornalísticos, mas também ensaios, poemas, contos e/ou fragmentos de romances. Estes veículos garantiram ainda, conforme Ana Maria Belluzo, espaço para manifestos de contestação política e, no contexto das *vanguardas*, de renovação estética.¹⁶⁴

¹⁶¹ Idem, p. 121-125, p. 129-131.

¹⁶² Idem, p. 146.

¹⁶³ Susana ZANETTI. Modernidad y religación: una perspectiva continental. In: PIZARRO, Ana. *América Latina: palabra, literatura, cultura*. p. 517

¹⁶⁴ Ana Maria de Moraes BELLUZZO. Os surtos modernistas. In: ---. **Modernidade**: vanguardas artísticas na América Latina. p. 19. No México, os panfletos e as baratas edições ilustradas sobre a revolução fizeram o nome de muitos intelectuais importantes: José Guadalupe Posada é um deles. O pintor David Alfaro Siqueiros também assim se destacou, através da publicação de *Três llamamientos de orientación actual a los pintores y escultores de la nueva generación americana*, pela primeira vez na revista de circulação em Barcelona, *Vida Americana*, em 1921. O mesmo é válido, no Brasil, para os jornalistas ligados a periódicos de larga projeção política, tais como o anarquista *A plebe*, que teve participação efetiva na greve de 1917, em São Paulo, assim

Segundo Susana Zanetti, a imprensa teve papel de destaque na formação da nova geração de pensadores, não apenas por constituir-se enquanto um espaço onde eles puderam atuar, lançando seus textos, e garantindo uma (não necessariamente vultosa, mas) bem vinda remuneração, mas também estabelecendo contatos e ganhando reconhecimento intelectual.¹⁶⁵ Foi exatamente, então, no ambiente de elaboração e distribuição de jornais e revistas – os quais podiam corresponder a empresas mais ou menos bem estruturadas como a bares e restaurantes –, onde se teria formado grande parte da intelectualidade ibero-americana, assim como os “grupos” mais influentes. Como veremos, Ramos e Sérgio (cada qual à sua maneira) não deixaram de ter suas trajetórias associadas ao trabalho em periódicos.

Mas “nem tudo foram flores” e os empecilhos ao livre funcionamento da imprensa foram muitos, desde os institucionais aos financeiros. Rama destaca, neste íterim, que os governos na Ibero-América quase sempre acompanharam bem de perto, e algumas vezes de maneira arbitrária, o trabalho da imprensa: “*o porfiriato [por exemplo] procedeu a uma sistemática política de subsídios que logrou comprar, ou pelo menos neutralizar a imprensa*”; e os generais revolucionários, podemos dizer, não foram menos “cautelosos”.¹⁶⁶ Quanto ao Brasil, não nos esqueçamos do intenso controle por parte do governo de Getúlio Vargas.

Para Rama, entretanto, pode-se dizer que a principal dificuldade enfrentada pelos jornais e revistas mais “intelectualizados” da Ibero-América das primeiras décadas do século XX foi a falta de mercado consumidor – “*não tiveram outros leitores que os mesmos membros dos cenáculos ou os destinatários estrangeiros aos quais foram remetidos como cortesia*”, argumentou. A falta de recursos talvez explique, portanto, o fato de poucos deles chegarem a um número considerável de volumes publicados.¹⁶⁷ É da mesma opinião a historiadora brasileira Ângela de Castro Gomes, em estudo específico sobre periódicos brasileiros dos anos 1920.¹⁶⁸

Ao que me parece, portanto, na Ibero-América das primeiras décadas do século XX, mesmo que o desenvolvimento da imprensa tenha permitido (como destacam Rama e Zanetti) a possibilidade de se formar intelectualmente **fora** do ambiente universitário, teria sido **justamente** o ambiente universitário, entre nós, o principal espaço de profissionalização de pensadores, pesquisadores e críticos literários. Para uma abordagem que visa aproximar as

como também é válido para as reflexões dos artistas e literatos ligados ao movimento vanguardista brasileiro, ao qual se deu o nome de “modernista”.

¹⁶⁵ ZANETTI. op. cit. p. 514-515.

¹⁶⁶ RAMA. op. cit. p.116.

¹⁶⁷ Idem, p. 116.

¹⁶⁸ Ângela de C. GOMES. *Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso de Festa*. p. 80-106.

mais diversas conjunturas, relativas às várias nações ibero-americanas, contudo, estudar o fenômeno universitário constitui uma tarefa com especificidades bem definidas; isto porque, naquelas colonizadas pela Espanha, desde o período de administração colonial, as instituições de ensino superior se estabeleceram de maneira consideravelmente diversa de como se deu no Brasil, colonizado por portugueses. Analisarei tal problemática mais pormenorizadamente nos dois próximos sub-capítulos; algumas questões mais genéricas, contudo, já podem ser, aqui, nesta Introdução, apresentadas.

De acordo com Rama, há de se destacar que em princípios dos novecentos teria ocorrido uma grande intensificação do processo de **especialização** da intelectualidade, na Ibero-América. Já dissemos que, segundo este Autor, grande parte dela, nesta conjuntura, trabalhava em editoras e na imprensa, e costumava discutir informalmente nas ruas das grandes e pequenas cidades; agora, porém, (cada vez mais estreitamente) seus integrantes associam-se a **universidades** ou a **centros de estudos de financiamento estatal**, onde podiam dispor de uma condição financeira menos instável, ser melhor remunerados, mas tinham de atuar de maneira mais “profissional”, “produtiva” – se dedicar com afinco a campos específicos do saber humano (Filosofia, História, Crítica Literária), produzindo um número maior de estudos e livros, cada qual com seu viés, diversificado, também bem “amarrado”. Para usar palavras de Rama: neste período “*tivemos historiadores, sociólogos, economistas e literatos; (...) também políticos e politicólogos*”.

Segundo este Autor uruguaio, porém, ainda que muito se caracterizasse (e se caracterize) o intelectual ibero-americano dos novecentos pela maior dedicação a áreas delimitadas de trabalho, não se pode de forma alguma postular um (conseqüente) afastamento deles, no que diz respeito às questões políticas. Muito pelo contrário, e de maneira distinta do confinamento de escritores e pensadores no que foi comum chamar “torres de marfim”, típico da geração anterior, percebemos no novo século, com o correr das décadas, um interesse cada vez mais significativo por focar a “função ideologizante” da Filosofia, da História, da Literatura.¹⁶⁹

É claro que Rama **não** quer dizer que o **engajamento** foi percebido no início do século XX como propriamente **original**, na Ibero-América de princípios dos novecentos. De maneira diversa, de acordo com Seu entendimento, **novo** teria sido o fato de que ele passou a

¹⁶⁹ RAMA. op. cit. p. 103-104.

ser compartilhado por **um número consideravelmente maior de intelectuais**. Também há de ter sido **inovador**, conforme Rama, o fato de tal opção/condução surgir vinculada diretamente (1) à preocupação com a **inclusão política** dos mais diversos setores sociais, e ainda (2) à preocupação com a **inclusão cultural** de parcelas mais pobres da população – isto é, com se considerar a realidade (potencialidades e problemas) específica dos mais diversos habitantes.¹⁷⁰

E não se trata apenas de se referir aos “populares” como *objeto* de pesquisa ou como *tema* de um poema, de um romance! Tal como Rama e outros pesquisadores mais recentes, a historiadora brasileira Ana Pizarro acredita que, naquela conjuntura, partia-se desses elementos também para se estabelecer um novo tipo de linguagem e/ou concepção de mundo. Por um lado, (nos referimos a isto no primeiro capítulo) pensadores e pesquisadores se dedicaram mais prontamente a analisar tais estratos sociais e escreverem **ensaios**, onde passaram a recorrer menos ao enfoque tradicional, cientificista e “distante” (biológico/racial), e mais a um viés “interessado” e “condoído” (sociológico, econômico e, às vezes também, como vimos no caso de *El perfil... e Raíces...*, psicologizante). Os **literatos**, de sua parte, não somente fizeram, nesta época, da gente “comum”, mestiça e trabalhadora, protagonistas de suas obras, mas também começam a trabalhar menos aleatoriamente uma porção de ousadas expressões coloquiais, orais, cotidianas, típicas dela.¹⁷¹

Ocorria a estes intelectuais, pois, a impressão de que a modernidade tinha seus custos, de que o avanço tecnológico capitalista se operava em detrimento do direito de inúmeros cidadãos, e que por isso o papel e significado social dos setores menos abastados deveria ser reanalisado, e não apenas pelos políticos e representantes administrativos de casa um dos países, como também pelos seus escritores.¹⁷² Daí adveio o fortalecimento e renovação do antigo desejo de elaboração de fundamentos teóricos (para a Filosofia, para os estudos em História, para a Literatura) que não apenas **abordassem**, como **partissem** das culturas e vivências de cada um dos países da Ibero-América, e dela como um todo.¹⁷³

Haveria neste período também questões “externas”, que contribuíram para a valorização, por parte dos intelectuais ibero-americanos, das reflexões produzidas **em** território nacional, e **sobre** as realidades nacionais: (1) a hostilidade dos e frente os Estados

¹⁷⁰ Idem, p. 205-106.

¹⁷¹ Ana PIZARRO. La emancipación del discurso. In: ---. op. cit. p. 27.

¹⁷² Hugo ACHUGAR. La hora americana o el discurso americanista de entreguerras. In: PIZARRO. op. cit. p. 637-642.

¹⁷³ RAMA. op. cit. p. 106-109.

Unidos e a decorrente escassez/desinteresse no que diz respeito ao fornecimento, para nós, de livros e produtos culturais norte-americanos; e (2) a Primeira Grande Guerra Mundial, que se desenrolou na Europa a partir de 1914, e dificultou significativamente o acesso e diálogo da Ibero-América com intelectuais franceses, ingleses, e até mesmo espanhóis/portugueses.¹⁷⁴ Como propõe Gómez-Martínez, esses pensadores tiveram de “*inventar elementales sustitutos de los antiguos productos importados. Y con optimista estupor [se deram] cuenta de insospechadas verdades. Existía México. [Existia Brasil. Existia Ibero-América. Eles disporiam de] capacidades, aspiración, vida, problemas propios.*”¹⁷⁵

Para Susana Zanetti, as viagens para o estrangeiro também se apresentaram, mais tarde, como um importante fator não propriamente “interno” que contribuiu para que os intelectuais voltassem seus focos para o “local”. Exilados voluntariamente ou não, enviados a trabalho como profissionais de empresas privadas tais como jornais e revistas, ou pelo governo como diplomatas, inúmeros autores ajudaram a construir a noção de “ibero-americano”; tanto na Europa e nos Estados Unidos – que os viam como “outro” –, como nos diversos países da Ibero-América – que os passaram a ver como “irmãos”.¹⁷⁶

Já que na Introdução ao primeiro capítulo desta dissertação abordei, a partir das reflexões de José Luis Gómez-Martínez, a **produção ensaística** atenta a questões filosóficas e historiográficas da Ibero-América de inícios dos novecentos, daqui a diante, nas páginas finais desta abertura ao último capítulo, me volto para uma esquemática abordagem de facetas e especificidades mais gerais da **Literatura** ibero-americana, naquela mesma época.

Num estudo atento a ela, a historiadora Ana Maria M. Belluzo destaca como relevantes as inovações propostas pelos *vanguardistas*, mas, assim como Rama, propõe também para elas, em relação às gerações anteriores de literatos, uma certa idéia de continuidade. É verdade que, para Belluzo, um remeter ao movimento imediatamente anterior, o *simbolista*, é atitude que marca indelevelmente *vanguardistas de todo o mundo* – *futuristas, expressionistas, cubistas e dadaístas, creacionistas, ultraístas, orphistas e presentistas*, além dos mexicanos *estridentistas* e *contemporâneos*, e dos brasileiros *modernistas*. Mas no caso destes três últimos pode-se falar ainda do estabelecimento de

¹⁷⁴ Pedro-Henríquez UREÑA. *A influencia de la Revolución en la vida intelectual de México*.

¹⁷⁵ GÓMEZ-MARTÍNEZ. op. cit.

¹⁷⁶ ZANETTI. op. cit. p. 519-522.

diálogo direto com o *romantismo* do século XVIII; é o que veremos nas páginas que seguem.¹⁷⁷

Para Belluzo, a visão do maior ícone do *simbolismo*, o autor francês Charles Baudelaire, denotava ao mesmo tempo surpresa, admiração e medo em relação ao momento em que ele viveu – fins dos oitocentos. Este poeta, segundo Ela, conferiu foco à estetização, ao lírico, mas, crítico, não chegou a negar-se à abordagem daquele novo universo que se ia estabelecendo velozmente à sua volta – ao mesmo tempo em que lhe parecia custoso aceitá-lo, sentia ser inútil rejeitá-lo; recorrer ao tema da *natureza intocada*, por exemplo, corresponderia a uma espécie de embuste, e/ou uma covardia de escape. Baudelaire, enfim, teria caracterizado sua época (como a si mesmo) pelo gosto do desconhecido e da incompletude, o que marca seus textos mais famosos, como o ensaio *Sobre a Modernidade* e os poemas de *Flores do mal*.

De acordo Beluzo é justamente e necessariamente a partir de tal ponto de vista (assim como de outros autores, de diversas nações, a eles associados) que muitos dos representantes dos movimentos de *vanguarda*, nos novecentos, não apenas na Ibero-América mas em todo mundo, virão a apresentar suas exacerbadas perspectivas. Neste período, ressaltaram aquela sede pelo novo, e passaram a incorporar a idéia de “negação permanente”, para propor a de que as possibilidades de escolha e criação, na Literatura, deveriam ser constantemente revistas.

Para Marshall Berman a Literatura do início dos novecentos também teria mantido a intenção veementemente crítica dos *simbolistas*, mas (crê este autor, particularmente) teria feito escassear a percepção menos categórica e menos cética, característica dos textos dos literatos do século XIX. Como exemplo, este Autor cita as propostas dos *futuristas* italianos: “*Camaradas, nós afirmamos que o triunfante progresso da ciência torna inevitáveis as transformações da humanidade, transformações que estão cavando um abismo entre aqueles dóceis escravos da tradição e nós, livres modernos.*”¹⁷⁸

Partindo da análise da realidade ibero-americana assim como das concepções propostas por Andréas Huysen para elas, a historiadora mexicana Rita Eder contesta tais argumentos, e sugere que o tom combativo no que diz respeito às questões estéticas era de fato uma herança que as *vanguardas* do século XX tomavam (e exacerbavam) do movimento literário de que Baudelaire é o expoente máximo; contudo, no caso das primeiras, a militância

¹⁷⁷ BELLUZZO. op. cit. passim.

¹⁷⁸ Marshall BERMAN. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. p. 24.

extrapolou o universo intelectual e foi buscar uma maior democratização do acesso à decisão acerca dos critérios de “belo” e “bom” em arte.¹⁷⁹

De minha parte, creio que a afirmativa de Eder se revela plausível justamente porque Ela – de maneira diversa de Berman, que foca a Europa e os Estados Unidos – estrutura seu raciocínio com foco na produção *vanguardista* **ibero-americana**, a qual apresenta condições específicas: (1) diferentemente de europeus e norte-americanos, não buscavam **exotismos**; pretendiam **reconhecimento de si mesmos**, dos elementos diversos, complexos e plurais que comporiam o povo das nações específicas em que haviam nascido, ou do sub-continente como um todo; (2) seu experimentalismo implicava, no final das contas, um desejo de democratização **interna** do conceito de belo na Arte e na Literatura, assim como de relativização do mesmo frente ao **estrangeiro**, visando aceitação dos produtos culturais locais no mercado internacional. Belluzzo diria que essas condições remetem ao fato de que os *vanguardistas* ibero-americanos, diferentemente dos europeus e estadunidenses, teriam ligações com os ideais **românticos** – tais como os literatos mais típicos do século XVIII, nossos novecentistas garantiam o foco ao “**gênio do autor**” e teriam gosto pelo tido como autenticamente “**local**”.

Falta aqui questionar, então, se Berman realmente não esteve correto ao propor que os conceitos e projetos de vanguarda apresentados nos “centros” não foram de fato exageradamente maniqueístas/categóricos, senão ao menos se os compararmos com aqueles apresentados na periférica Ibero-América, onde, voltados para interesses locais, e atentos às nossas especificidades, optamos por enfatizar a *síntese* entre o novo e o velho, o tradicional e a ruptura, o localismo e o cosmopolitismo, o rural e o urbano, o elitista e o popular.¹⁸⁰

Acreditando, modestamente, que sim e, além, que, conforme argumentei no primeiro capítulo desta dissertação, Ramos como Sérgio, em *El perfil...* e *Raíces...*, se revelariam dispondo de uma postura muito semelhante ao que propõem Beluzzo e Eder para os *vanguardistas* ibero-americanos, nas páginas que seguirei avaliar também de que maneira os movimentos vanguardistas se organizaram no México como no Brasil, para compreender de que forma os seus princípios esboçados nos livros que aqui são meus objetos privilegiados, na análise da noção de “iberismo”.

¹⁷⁹ Andréas HUYSEN. *After the great divide: modernism, mass culture*. Bloomington: Indiana University Press, 1986. Apud. Rita EDER. *Modernidade e identidade cultural: muralismo mexicano*. In: BELUZZO. op. cit. p. 104.

¹⁸⁰ O próprio Berman talvez reconhecesse esta especificidade, que há de ser também uma vantagem, ibero-americana, pois ao citar e criticar autores niilistas que se destacaram a partir da década de 1960, opõe o renomado pensador mexicano Octávio Paz, para o qual “a modernidade se tornou incapaz de retornar a suas origens para, então, recuperar seus poderes de renovação”. Vide página 35 de seu referido livro.

Por fim, visando tornar claro o raciocínio que desenvolverei, remetendo às reflexões de LaCapra, Rioux e Rama, entre outros, nas subseções seguintes, segue um quadro-síntese dos principais expoentes da **Filosofia**, da **História** e da **Literatura**, do México e do Brasil, no período referente a princípios dos novecentos, e com os quais os autores dos livros que tomei como objeto podem ter dialogado, direta ou indiretamente, ao longo de suas formações intelectuais, até a elaboração de *El perfil...* e *Raíces...* Este quadro obviamente reduz em grande parte as relações complexas e multifacetadas que se deram de intelectual para intelectual, assim como de grupo para grupo, mas me parece de relevância didaticamente, visto que: mesmo não se estruturando necessariamente em razão de critérios cronológicos (1) antecipa alguns dos expoentes, cujas reflexões esboçarei adiante, e que foram contemporâneos de Ramos e Sérgio; e (2) apresenta previamente alguns dos pontos a partir dos quais estabelecerei parâmetros de análise dos universos intelectuais mexicano e brasileiro.

	MÉXICO	BRASIL
ENSAÍSTAS ATENTOS À TEMÁTICA NACIONALISTA E IBERO-AMERICANISTA, DESDE A DEC DE 1910	O grupo conhecido como <i>Ateneo de la Juventud</i> , dentre os qual se destaca José Vasconcelos, Antonio Caso (professor de Filosofia de Samuel Ramos), Pedro Henríquez Ureña, Alfonso Reyes.	Ronald de Carvalho, Tasso da Silveira, Paulo Prado, Gilberto Freire, e Sergio Buarque de Holanda .
DE FINAIS DO SÉCULO XIX, AO INÍCIO DO SÉCULO XX – O POEMA COMO PRINCIPAL INTERESSE	Na Literatura, a maior parte das obras mais célebres recebia a denominação de <i>modernismo</i> . Intelectuais tidos hoje como mais influentes: José Juan Tablada (1871-1928) e Ramón López Velarde (1888-1925).	Na Literatura, a maior parte das obras mais célebres recebia a denominação de <i>parnasianismo</i> ou <i>simbolismo</i> . O intelectual hoje tido como mais influentes na época é o parnasiano Olavo Bilac.
PROSISTAS MAIS RENOMADOS, A PARTIR DE 1910	Destacadamente aqueles interessados nos conflitos desenrolados no campo. <i>As novelas de la Revolución</i> de José Vasconcelos, Mariano Azuela (autor de <i>Los de abajo</i>), Martín Luiz Guzmán, e Gregório López.	Destacadamente, os cariocas Lima Barreto (autor de <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>) e João do Rio, críticos da sociedade e vida na capital do país. E ainda muitos dos interessados em refletir a e sobre a situação rural, como Monteiro Lobato, em <i>Jeca Tatu</i> .
PRIMEIRO IMPULSO VANGUARDISTA, NA DÉCADA DE 1920 – FOCO NA PRODUÇÃO DE MANIFESTOS E POEMAS	<i>Estridentistas</i> : Manuel Maples Arce, List Arzubide, Salvador Gallardo, Arquele Veja, Efraín Huerta, Jesús Arellano, Juan Bañuelos, e Roberto López Moreno.	<i>Modernistas</i> : (a partir da Semana da Arte Moderna, de 1922) Graça Aranha, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tasso da Silveira, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda .
OUTROS GRUPOS DE EXPRESSÃO NA LITERATURA DA DÉCADA DE 1930 – PREDOMINANTEMENTE POETAS E ENSAÍSTAS (CRÍTICOS DE ARTE E DA SOCIEDADE)	Os <i>contemporâneos</i> : : Carlos Peciler, Xavier Villaurrutia, Salvador Novo, Gilberto Owen, José Gorostiza, Jorge Cuesta, Jaime Torres Bodet, Enrique González Rojo, Samuel Ramos . * desde os primeiros encontros entre eles, formulam críticas ferozes ao <i>estridentismo</i> .	<i>Grupo do Recife</i> , liderado por Gilberto Freyre. (Primeiro congresso de Regionalistas do Nordeste – 1926) Já o grupo <i>modernista</i> , agora se revela mais claramente fragmentado em: a) <i>Grupo Antropófago</i> , liderado por Oswald. b) <i>Grupo Festa</i> c) <i>Grupo Verde-Amarelo</i> (mais tarde denominado <i>Anta</i>) * Sergio Buarque de Holanda rompe com os modernistas em 1927.

1. O universo intelectual especificamente mexicano, nas primeiras décadas do século XX, por *El perfil...* e outros textos

Como já dissemos, no ano de 1934, chegava a público *El Perfil del hombre y la cultura em México*, de Samuel Ramos. Destacamos nos capítulos anteriores, que esta obra dispunha de uma metodologia própria, e apresentou uma explicação bastante peculiar daquele momento histórico dado, e daquele país; agora, destaco com clareza que esta obra não deixou de se referir também, de maneira bastante direta, aos delineamentos esboçados pelo e no universo intelectual mexicano, de princípios do século XX.

Daqui a diante, portanto, à luz das reflexões articuladas na Introdução desta parte final (sobre as propostas de LaCapra, Rioux, Rama, etc), me atarei a contrapor (1) a visão apresentada por Ramos em Seu dito livro acerca do que e de como vinham produzindo pensadores, pesquisadores e literatos de então, e (2) as apreciações da historiografia recente, acerca do mesmo assunto.

Interessante pontuar, antes de mais, que este Autor, neste Seu texto específico, mesmo percebendo que possibilidades de mudanças positivas se estavam esboçando nas obras e nas vidas dos intelectuais mexicanos, em geral se dedica a ressaltar – e criticar – as *continuidades* (o que faz pensar na abordagem de Rama). Cito exemplos:

(1) Pertencendo (como veremos) a uma geração que se convém hoje chamar “*contemporáneos*”, não a descreve ali, comparando-a à geração porfirista, em relação a qual apresentaria diferenças notáveis. Diferentemente, opta por traçar e comparar características daqueles que se associaram ao governo de Porfírio Díaz, com as de um grupo mexicano geracionalmente anterior ao seu, o *Ateneo de la juventud*.

(2) Não parece perceber tão claramente, ainda, a importância de projetos literários (as *Novelas de la revolución* e os *vanguardistas*) que, conforme a historiografia atual, em meados da década de 1930 já teriam conquistado reconhecimento e tentando estabelecer um sem-número de alterações significativas na realidade do letrado ibero-americano.

Tendo em vista que eu, contudo, particularmente acredito que *El perfil...* apresenta temas e métodos que remetem, de uma forma ou de outra, tanto aos *ateneístas* como aos prosistas e poetas acima destacados, a seguir abordo-os, emparelhados aos intelectuais que trabalharam mais próximos de Ramos, buscando compreender de que maneiras teriam se portado e relacionado, e de que forma podem ter vindo, em última instância, a influenciá-lo ou motivá-lo.

1.1. *Ateneo de la juventud*: aspectos institucionais e comportamentais

No texto de *El perfil... o Ateneo de la Juventud* é apresentado como uma instituição que ajudou a formar um grupo de pensadores e pesquisadores diferente. Entretanto, Ramos ali destaca que estes, ao apresentarem em suas obras tanto novos conceitos e novos comportamentos a serem tomados pela intelectualidade mexicana, quanto uma preocupação com os interesses das mais diversas classes sociais, acabaram, em geral – embora Ele fale mais diretamente do célebre ensaísta José Vasconcelos –, tais como os porfiristas da geração anterior, por se fechar na resolução de problemas meramente conjunturais. Conforme Seu ponto de vista, estes pensadores vieram, pois, a protagonizar um processo que Ele vem intitular “*el abandono de la cultura en México*” – da cultura dita “superior”, especificamente, eu arriscaria.¹⁸¹

Mas, aos olhos de Ramos, tal opção, por parte desses intelectuais, não poderia ter implicado, ao menos, a tentativa – de qualquer forma, sempre bem vinda – de elaboração de **projetos populares**? (1) Ou, por outro lado, não teria, em última instância, ajudado a repensar o **modo de ser e se organizar** caracteristicamente **elitista** dos letrados do México? (2) Estes são entendimentos que perpassam o raciocínio de muitos escritores que se dedicaram a pesquisar tal conjuntura. Entretanto, para este Autor em particular, no referido livro, nem um nem outro chegaria a ser de fato interessante (para a sociedade mexicana como um todo), **se não se dispunha de um universo intelectual bem instruído e bem organizado**. Nesta parte me dedico primeiramente a esboçar, então, como a experiência do *Ateneo* foi abordada por e pode ter influenciado o pensamento de Ramos, em suas reflexões acerca do que seria “bom” e “mau”, institucionalmente, para os estudos relativos às áreas do conhecimento que hoje denominamos “Humanidades”.

Conforme aponta o historiador Antonio Ibarguengoitia, em fins do século XIX, com Porfirio Díaz e dentro de um posicionamento de **inspiração positivista**, o esquema mais propriamente “universitário” teria perdido espaço entre os principais interesses do governo, e as escolas profissionalizantes ganharam ênfase, dentre as quais destacava-se a chamada *Escuela Nacional Preparatoria*, localizada na capital do país. Quando da chegada do século XX, então, não havia, diferentemente de países hispano-americanos tais como Argentina e Peru, em todo território nacional, sequer uma universidade, composta por vários institutos

¹⁸¹ RAMOS. op. cit. p. 139-142.

associados, mas apenas escolas de ensino superior dedicadas cada qual à sua área (Medicina, Direito, Engenharia, Agricultura e Veterinária, Comércio e Administração, e Belas-Artes), e em geral concentradas na Cidade do México.¹⁸²

De acordo com o pesquisador Jorge Mier, as teorias que giravam em torno do positivismo teriam contribuído em muito, na transição dos oitocentos para os novecentos, minimizando a dantes definitiva influência de setores intelectuais mais conservadores, marcados pelo catolicismo, pela escolástica. Entretanto, aqueles que as defenderam mantiveram posturas consideravelmente subordinadas aos poderes políticos; eram quase todos oriundos de famílias abastadas; compunham um universo ainda pouco “profissional”. Isso quer dizer que, embora apresentassem concepções outras, que dialogavam mais de perto com o que vinha se propondo nos centros europeu e norte-americano, até a década de 1910 não haviam trazido significativas alterações no que diz respeito à democratização e modernização das estruturas institucionais de ensino e pesquisa.

No ano de 1910, esse quadro começa a se alterar, quando o ministro porfirista Justo Sierra funda a *Universidad Nacional Autónoma del México*, pela articulação das mais diversas escolas superiores existentes na capital do país, em torno de um núcleo de estudos destinados à Filosofia, ao qual foi dado o nome de *Escuela de Altos Estudios*. Isso demonstra, pois, não apenas um desejo intrínseco de profissionalização de pensadores, pesquisadores e escritores, mas também um esforço de revalorização do campo das Humanidades – da Filosofia, da História e da Literatura.¹⁸³

No que se refere às Humanidades, importante ressaltar que até então o mais comum tinha sido a discussão de temas em encontros de grupos compostos por autoditadas, e organizados extra-oficialmente.¹⁸⁴ O mais renomado de todos estes grupos – pontua a historiografia mexicana quase unanimemente, e Ramos, em *El perfil...* – foi aquele composto pelos responsáveis pelo periódico de larga divulgação *Savia Moderna* – Alfonso Cravioto, Vicente Lombardo Toledano, Antônio Caso, e o dominicano Pedro-Henriquez Ureña, entre outros; reunido sob o nome de *Sociedad de conferencias y concertos* no ano de 1906, passou a ser denominado, a partir de 1909, quando incorporou intelectuais do porte de José Vasconcelos e Alfonso Reyes, *Ateneo de la Juventud*.

¹⁸² IBARGÜENGOITIA. op. cit.

¹⁸³ Jorge MYERS. *Gênese ateneísta da história cultural latino-americana*. p. 10.

¹⁸⁴ UREÑA. op. cit.

Os chamados “*ateneístas*”, como conta Mônica Chávez González, eram oriundos de famílias bem estabelecidas, quase todos nascidos na cosmopolita Cidade del México, e usufruíam satisfatoriamente dos bens advindos da modernidade, assim como das possibilidades de estudo garantidas, até então, na capital do país, pelo governo porfirista.¹⁸⁵

Distinguiram-se, intelectualmente, tanto pelas inúmeras palestras e debates promovidos, como pela publicação de diversas obras por seus vários integrantes. Para Ramos, em *El perfil...*, destacavam-se ainda pela organização e comprometimento que implicava o *Ateneo*, diferindo suas reuniões consideravelmente dos encontros “bohêmios” característicos das gerações anteriores, e dando um passo importante no sentido da **profissionalização da carreira do intelectual** da área das Humanidades, no México.¹⁸⁶

Lhes foi também peculiar o foco nas obras clássicas *gregas*, assim como obras germânicas “ligadas” ao *romantismo* (de Platão, Kant, Schopenhauer, Bérqson, Schelling, a Croce), então renegadas pelos positivistas do governo como secundárias.¹⁸⁷ Valorizavam, a partir destes autores, os temas da religião, da arte e da literatura, repensando-os sob o olhar da Ética, e tomando-os como ferramentas indispensáveis a todo e qualquer projeto de aprimoramento espiritual do homem do México.¹⁸⁸ Como propõe Samuel Ramos em *El perfil...* estes pensadores começavam, então, a perceber que o cientificismo dos homens ligados a Porfírio Díaz, se (1) por um lado contribuía com os primeiros passos no sentido da modernização das estruturas econômicas e político-institucionais nacionais – e portanto de fato “*respondía a una necesidad espiritual y social del México*”¹⁸⁹ –, (2) por outro lado, não chegava a abolir o “emocional”, segundo o referido Autor tão característico do povo mexicano – “*a falta de una religión, las clases ilustradas endiosan la ciencia*”, propunha.¹⁹⁰ Ou: “*hasta hoy la biología de nuestra raza no ha encontrado ningún dato para suponer que esté afectada por alguna decadencia orgánica o funcional*”¹⁹¹

Destacaram-se, afirmam Waldo Ansaldi e Patrícia Funes, pelas **críticas** que destinaram ao ensino superior mexicano: muitos de seus integrantes passaram a caracterizá-lo como **elitista** (no que diz respeito aos quadros de professores e alunos), e **ultrapassado/estanque** (no que diz respeito à organização institucional). Entretanto, é preciso

¹⁸⁵ Mónica Chávez GONZÁLEZ. *Antonio Caso e los paradigmas de la nación mexicana*.

¹⁸⁶ RAMOS. op. cit. p. 136.

¹⁸⁷ IBARGÜENGOITIA. op. cit.

¹⁸⁸ CRESPO. op. cit.

¹⁸⁹ RAMOS. op. cit. p. 135.

¹⁹⁰ Idem, p. 133.

¹⁹¹ Idem, p. 90.

estarmos atentos, como os ditos historiadores, a um interessante paradoxo que tal condição acabou por implicar: será precisamente esta estrutura, mesmo com seus já aludidos problemas e deficiências, que vai servir como **pólo** das mais significativas alternativas **de reflexão**, e também para a apresentação de **projetos** inovadores, no México. Pode-se dizer, destarte, que, ao invés de se concentrarem na proposição de esquemas **alternativos** de formação intelectual, mesmo os pensadores mexicanos mais ambiciosos insistiram na “fórmula” academicista, custeada pelo Estado.¹⁹²

Na visão de Jorge Myers e de Carlos Monsiváis a maior parte dos *ateneístas* não teria nem ao menos chegado a romper formalmente com a geração de intelectuais ligados ao Estado porfirista. Para Eles, os *ateneístas* se teriam voltado, em seus discursos, contra os pressupostos do positivismo tão arraigados, tentando ampliar o cardápio de postulados aceitáveis no âmbito universitário mexicano, porque visavam espaço e reconhecimento para trabalhar e expor suas próprias idéias. Mas de fato nunca teriam sido suficientemente enfáticos na crítica ao posicionamento político dos pensadores, pesquisadores e literatos identificados ao regime de Porfírio Díaz – isso pode ficar claro, por exemplo, quando nos lembramos da visão elogiosa que o professor Caso teve, ao longo de toda a carreira, acerca do ministro Justo Sierra, e que influenciou, mais tarde, indelevelmente, seu mais famoso aluno, o aqui por nós focado Samuel Ramos, nas páginas finais de *El perfil...* (vimos isso no primeiro capítulo desta dissertação).¹⁹³

De minha parte posso dizer que (com exceção de Caso) os demais ateneístas trabalhados por mim ao longo desta pesquisa – Vasconcelos, Urenã e Reyes – posicionaram-se de maneira claramente contrária ao governo de Porfírio Díaz. Além disso, acredito ser consensual a percepção de que justamente após a chegada do grupo revolucionário “sonorense”, em 1920, ao poder, é que eles (todos, incluindo Caso) foram conquistando mais espaço de atuação e para divulgação de suas reflexões. Deste ano a diante, serão sempre figuras ligadas ao Ateneo aquelas nomeadas para os cargos mais prestigiosos do Estado, no que diz respeito à educação nacional: (1) para reitoria da UNAM, (2) para a reitoria da nova *Universidad Popular Mexicana* – que surgiu com o intuito de que se promovesse, no México, vínculos entre o sistema universitário e os setores menos abastados; e (3) para o recém-criado *Departamiento de Intercambios e Extensión Universitaria* – que se encarregava de organizar

¹⁹² Waldo ANSALDI & Patrícia FUNES. *Los años veinte en América Latina*. p. 10.

¹⁹³ MYERS. op. cit. passim. RAMA. op. cit. passim.

conferências em bairros mais pobres, e visitas de intelectuais mexicanos a outros países, etc.¹⁹⁴

Neste ínterim, julgo ser importante aqui frisar que as relações estabelecidas entre pensadores mexicanos e argentinos no início do século XX não foram poucas, e que, no que diz respeito à questão que por ora tomei para debate – a modernização e democratização das universidades, no México –, tanto é possível se dizer que pensadores do porte de (principalmente) José Vasconcelos e Henríquez Ureña hão de ter influenciado o desenrolar dos acontecimentos no que diz respeito à *Reforma Universitária* proposta em 1918 pelos estudantes de Córdoba (e mais tarde aderida pelos de Buenos Aires e La Plata); como é possível se dizer que as reivindicações dos universitários na Argentina inspiraram significativas alterações na forma de se pensar o ensino superior no México, por professores de renome. Inclusive, não se pode deixar passar em branco o fato de que foi justamente *esta última* a nação que acolheu, no ano de 1921, o *I Congreso de Estudiantes Universitarios Latinoamericanos*.¹⁹⁵

Tal identificação ocorreu por ter sido semelhante e proporcional, num país como noutro, o desconforto no que diz respeito à maneira com que vinham sendo organizados os cursos e as carreiras nas universidades. Não me refiro aqui tão somente ao desejo de atualização dos quadros de professores e referências conceituais; as críticas e requisições desses engajados alunos e mestres foram mais amplas, e também mais complexas. Aqui destaco um ponto essencial: naquele momento, tanto argentinos como mexicanos julgavam seus esquemas universitários demasiadamente (e subservientemente) voltados às formas de pensar e escrever estrangeiras (o positivismo, como temos visto, principalmente). Daí ser comum os estudiosos de hoje e de ontem interessados neste período da história ibero-americana classificarem tais desdobramentos na Argentina e no México como “antiimperialistas”, ou, ao menos, “ibero-americanistas”.¹⁹⁶

No que diz respeito mais delineadamente às intenções políticas dos *ateneístas*, é mister destacar que foi tema constante em seus discursos. Pautavam-se eles, logo, na percepção de que **o saber (formal) constituía a ferramenta mais eficaz na promoção do tão sonhado progresso da nação** (e/ou de toda a humanidade), o que implicava na percepção

¹⁹⁴ MYERS. op. cit. p. 11-13.

¹⁹⁵ Karina R. VASQUEZ. *Redes de intelectuais hispano-americanas na Argentina de 1920*.

¹⁹⁶ Idem.

dos intelectuais como protagonistas. É o que sugere o trecho abaixo transcrito, no qual se critica o “desinteresse social” e o individualismo supostamente característicos da geração anterior, porfirista; trecho que se refere a um texto de um dos principais expoentes do *Ateneo*, Pedro-Henríquez Ureña: “*Começou [na transição do século XIX ao XX] uma divisão do trabalho. Os homens de profissões intelectuais trataram agora de limitar-se à tarefa que já haviam escolhido e abandonaram a política; nada se ganhou com isso, muito pelo contrário.*”¹⁹⁷

Anos mais tarde, porém, no início da década de 50, em *El labirinto de la soledad*, o ilustre pensador mexicano Octávio Paz, ponderaria – após refletir sobre a vida e a obra mais especificamente de Caso, lembrando muito as reflexões de Ramos páginas antes aludidas, sobre Vasconcelos – que: “*seus companheiros destroem a filosofia do regime [o positivismo] sem que, por outro lado, suas idéias ofereçam um novo projeto de reforma nacional; sua posição intelectual mal teria relação com as aspirações populares.*”¹⁹⁸ Conforme a perspectiva de Paz os representantes do *Ateneo* acabaram por elaborar, portanto, obras que correspondiam exatamente ao **inverso** do que pretendiam – eram **elitistas demais**, deslocadas demais da realidade vivida pelo cidadão comum, no México.

É possível que isso tenha ocorrido justamente pelo fato de os intelectuais de então se terem **associado de maneira íntima aos governos instituídos**. É o que argumentou o próprio Vasconcelos, já na segunda metade do século XX, no prólogo de *Breve historia de México*, a relação estabelecida entre o *Ateneo* e os generais revolucionários (destacadamente os “sonorenses”), em face dos desmandos, da vaidade, e da irresponsabilidade destes últimos, teria vindo a ofuscar as melhores e mais profundas intenções de transformação social, de que dispunham os primeiros.

Cuando se compara la historia de México con la de sus hermanas naciones del Continente, se piensa en una maldición particular que pesaría sobre nuestro territorio. Acaso no es porque la gente sea más mala que en otros sitios, sino porque nuestros largos períodos de pretorianismo han hecho de la ignominia la regla. No hay nada más antihumano que darle a la fuerza una función que solo la inteligencia debe desempeñar. En los países españoles del Sur, por regla general, es el letrado el que ha venido mandando y el soldado reducido a su profesión, se hace eficaz y casi no pesa sobre el país.¹⁹⁹

Octavio Paz também destaca que grande parte dos letrados teria, nesta conjuntura, – servindo como técnicos ou como assessores de políticos influentes – não feito uso efetivo

¹⁹⁷ Pedro-Henríquez UREÑA. Las corrientes literarias en la América hispánica. México: Fondo de Cultura, 1979. p. 165. Apud: RAMA. op. cit. p. 105.

¹⁹⁸ PAZ. op. cit. p. 127.

¹⁹⁹ VASCONCELOS. op. cit. p. 25.

daquilo que chamou “*as armas próprias do intelectual: a crítica, o exame, o juízo*”.²⁰⁰ Em contraposição ao raciocínio de Vasconcelos acima citado, assim, a maneira de Paz enxergar as coisas, tal como a de Ramos, nos leva a pensar que os destinos sociais tomados pela política mexicana (centrada nas mãos de generais e não de filósofos, historiadores, literatos) devem ser percebidos como decorrentes, em grande parte, de uma opção/renúncia deliberada (de maneira consciente ou inconsciente, tanto faz) dos próprios setores intelectualizados.

Angel Rama também apresentou, em *A cidade das letras*, sua visão pessoal acerca de tais problemáticas; uma visão que, aqui, emparelhada às de Ramos, Ureña, Vasconcelos e Paz, parece ganhar maior clareza e relevância: conforme este Autor, não foi novidade no México do período da institucionalização da revolução a crítica aos intelectuais que se associavam ao governo; muito pelo contrário, teria sido o próprio fato de a aproximação entre intelectuais e Estado via burocracia remeter a tempos outros que fez com que, neste período, o aborrecimento frente a tal perspectiva tenha vindo a alcançar níveis desconfortáveis, entre diversos setores da intelectualidade.²⁰¹

Para Rama, destarte, o fato é que desde o governo de Porfírio Díaz podíamos perceber, em território mexicano, um mesmo modelo de relação Estado X intelectuais, no qual se conjugavam duas forças: (1) o desejo de escritores/pensadores se inserirem no âmbito de influência do grupo no poder; e (2) o desejo de o grupo no poder cooptar escritores/pensadores de renome e eficiência intelectual.²⁰²

Isso quer dizer que já na transição dos oitocentos para os novecentos podemos verificar um entrelaçamento bastante firme daquilo que chamou “cidade das letras” com o núcleo do poder instituído. Para utilizar palavras deste Autor:

Justificou-se [então] um servilismo que se não resultou convincente para os setores populares afetados, em compensação foi [defendido] por boa parte dos intelectuais, os quais, como em outros países onde regia o lema de ‘ordem e progresso’, estavam sendo, ainda que mesquinamente, favorecidos pelo desenvolvimento em curso.²⁰³

No que tange o período que seguiu a deposição de Porfírio Díaz, portanto, paralelamente, conforme o raciocínio de Rama, (1) nem Ureña estaria correto ao pontuar que, em relação aos porfiristas seus companheiros *ateneístas* seriam mais engajados, (2) nem Vasconcelos estaria correto ao imputar aos generais iletrados a responsabilidade pelo fato de

²⁰⁰ PAZ. op. cit. 141.

²⁰¹ RAMA. op. cit. p. 48.

²⁰² Idem, p. 115-116, 154.

²⁰³ Idem, p. 119.

que os projetos do Ateneo foram suplantados por interesses imediatistas, (3) nem Paz teria de tudo razão ao atribuir “culpa” aos intelectuais. Com o desenrolar dos conflitos, conforme Rama, o mais provável é que a intelectualidade se tenha sentido fragilizada, daí buscar proximidade com a então patente força dos líderes revolucionários; mas não se pode negar que eles acreditaram nas possibilidades abertas pela rebelião em curso, que viram nela um interessante lócus onde desenvolver suas reflexões, e, aliás (bem ao gosto da época) de maneira atuante.

Fundamental lembrar, aqui, a título de conclusão, que Ramos argumentara, em *El perfil...*, que erravam os intelectuais que se fecham às chamadas “torres de marfim”, assim como se equivocavam os políticos apartados das discussões acadêmicas, que dispõem de instrumentais eruditos, mas mantém os olhos centrados na busca de resoluções imediatistas/superficiais, porque os problemas nacionais eram demasiadamente específicos e arraigados. Quer dizer: tanto para Ele, embora dispusessem de instrumentais teóricos sofisticados, os *ateneístas* não os teriam utilizado de fato na elaboração de um projeto criterioso, em nome da modernização democrática do México; não teriam intentado conceber um projeto de alcance popular (1), ou ao menos permitido um caminho, aos populares, para que se capacitassem para a elaboração (2). Destacava, pois, a importância de se gerar uma nova geração de intelectuais-políticos, os quais, somando (em medidas iguais) **teoria** e **prática**, se habilitariam a esboçar um conhecimento mais profundo da pátria, e, conseqüentemente, a promover o desenvolvimento mexicano de maneira efetiva, ampla e autêntica.

De minha parte, acredito que esta visão positiva que Ramos apresenta acerca da figura e da função social da intelectualidade remete, sim, em última instância, a projetos ligados ao *Ateneo* – de modernização das instituições de ensino superior no México, de democratização das possibilidades de análise e pesquisa, de revisão das temáticas relativas ao “nacional”. Mais do que isso, contudo, é preciso se enfatizar que suas perspectivas surgiram atreladas a toda uma concepção de modo de vida para os letrados que os *ateneístas*, enfáticos, corroboraram: a opção pela associação, visando o fortalecimento, num grupo, de indivíduos que apresentavam interesses comuns.²⁰⁴

²⁰⁴ Seria interessante buscar relacionar o texto de *El perfil...* com o posicionamento político, no dado período, de seu autor; isto é: as relações estabelecidas por Ramos ao menos com o governo callista e, posteriormente, cardenista. Contudo, não tive acesso a um texto que trabalhasse tal problemática, me apresentasse dados consistentes sobre a vida pessoal e profissional do referido autor, daí ela não aparecer debatida em qualquer momento do presente trabalho.

1.2. O ensaísmo entre *ateneístas*: foco na diversidade/paridade de temáticas e metodologias

Ao longo de *El perfil...* são constantes as referências à maneira como os pensadores e pesquisadores do México vinham abordando o ser nacional. Crítica, ali, Ramos, por exemplo, as duas correntes interpretativas mais comuns, na transição do século XIX ao XX: a dos chamados **hispanistas** – que garantiam ênfase à importância dos espanhóis na formação da sociedade mexicana –, e a dos chamados **indigenistas** – que garantiam ênfase à importância dos nativos americanos na formação da sociedade mexicana; contra os quais Ramos argumentou que “*se ha sostenido con el argumento de una realidad ‘pintoresca’ en la que figuran el paisaje con sus montañas y sus cactus, salpicado de puntos blancos: los indios con su traje de manta; (...) aunque este México (...) es un México [irreal,] de exportación.*”²⁰⁵

Porém, para além disso, Ramos (há que se ressaltar) se volta mais propriamente não contra os instrumentais de cada uma dessas vertentes, mas sobretudo contra a visão bipolar que ambas as interpretações implicavam, e fizeram implicar. Isso porque as designações “hispanista” e “indigenista” correspondiam, uma e outra, especificamente, naquele período, a interesses por vezes múltiplos: no que diz respeito à primeira, correspondia tanto a uma visão “científico”/positivista como a uma visão factual, e podia variar desde o pessimismo determinista até o apologético; já no que diz respeito à segunda, transitava entre o acrítico elogio “romântico” e um claro interesse pelas recentes descobertas do antropólogo Don Manuel Gamio²⁰⁶.

Essa maneira de Ramos observar o que até então se propunha para a análise do México e seus habitantes, mais complexa e fluida e crítica, faz lembrar os interesses dos *ateneístas*, ao (como aludi páginas antes) repensar o conceito de “identidade nacional” e “identidade ibero-americana” à luz dos de “modernização” e “democracia”. Em *El perfil...* prezava-se, então, tal como aqueles pensadores o fizeram, o foco na importância de se compreender o “mexicano” e o “ibero-americano” como composto intrinsecamente e sempre e entremeado por diversos elementos, incluindo ibéricos e indígenas, mas, também, após a colonização e o correr dos séculos, o intelectual versado em francês, e o técnico treinado na América do Norte. É, portanto, com base em tais constatações que eu destaco, por ora (nas páginas que seguem), algumas das obras publicadas por nomes ligados ao Ateneo, assim

²⁰⁵ RAMOS. op. cit. p. 143.

²⁰⁶ É o descobridor de Teotihuacán.

como a suas proposições específicas no que diz respeito às problemáticas relativas à identidade, relacionando-as às que Ramos apresentou, em *El perfil...*

Quando se trata de abordar a produção intelectual dos integrantes do Ateneu, é comum se destacar o nome de Antônio Caso. Tendo iniciado o curso de Engenharia Civil e concluído o de Direito, consagrou-se como filósofo autodidata, mas contribuiu para a profissionalização desta carreira, sendo um dos mestres-fundadores do curso de Filosofia da *Escuela de Altos Estudios* da Universidade Nacional, onde foi professor de Samuel Ramos.

Como propõe Paz, Caso é visto, pela historiografia, como importante referência, e suas propostas são classificadas como “intelectualistas”. Isso porque, segundo o autor de *El labirinto...*, se podem vir caber críticas a Seu distanciamento no que diz respeito às aspirações populares e aos levantes revolucionários... Lhe convêm certamente, por outro lado, os elogios mais garbosos, no que tange à sua dedicação acadêmica – “*seu persistente amor ao conhecimento, que o fez prosseguir as aulas quando as facções se engalfinhavam nas ruas, transformou-o num belo exemplo do que significava a Filosofia: um amor que nada compra e nada muda.*”²⁰⁷ De maneira semelhante, também para Victor Manuel Hernández Uría, em artigo recente, o valor da obra de Caso estaria menos nas implicações propriamente sócio-políticas (institucionais), e mais em suas repercussões acadêmicas.²⁰⁸

Em 1916, Caso ministrou um curso na *Escuela de Alto Estudios* que serviu como base para um livro-ensaio publicado em 1919, *La existencia como economía, caridad y desinterés*. Conforme anuncia o título desta obra, haveria, ao ver do Autor, três possibilidades de existência para o homem atual (seja no México como em qualquer outra nação): uma **individualista e amoral**, que visa a aquisição de bens materiais; outra, voltada para a **entrega**, “*mínimo de provecho e maximo de esfuerzo*” (a vida religiosa, por exemplo); e a terceira, fechada em si mesma, **contemplativa** (a artística). A conclusão de Caso, conforme Castillo Castro Arturo, é que deveríamos nos centrar em promover a generalização da segunda dessas opções:

El humanismo que sostiene la obra de Caso desemboca en la magnitud de la vida caritativa, la base de la educación es hacer que el hombre rinda su mayor esfuerzo tanto en pensar como en el obrar, mientras que más grande sea el esfuerzo, el hombre será más humilde y dejará huella de su existencia en el mundo.²⁰⁹

²⁰⁷ PAZ. op. cit. p. 127.

²⁰⁸ Victor Manuel Hernández URÍA. *Antonio Caso y el concepto del hombre*. Não podemos deixar de citar, contudo, sua participação em organismos burocráticos, estatais: foi embaixador extraordinário do México em 1921.

²⁰⁹ Castillo Castro ARTURO. *Filosofía en México*.

Hernández Uría destaca em *La existencia...* aspectos diferentes daqueles levantados por Arturo. A seu ver, este seria um texto central em toda a obra de Caso sobretudo pelo fato de trabalhar o conceito de “homem”; neste livro, então, teriam sido apresentados conceitos (“ideas” e “categorías”) fundamentais, que serviriam, mais tarde, como base instrumental a partir da qual se estabeleceu, no México, a Antropologia Filosófica.

Ali, conforme Hernández Uría, Caso destaca “*el hombre como un prisma*”: um ente multifacetado, que integra em si diversas condições existenciais. A primeira delas seria a de “indivíduo”, que se apresenta pelo simples fato de que somos, antes de tudo, animais. Entretanto, somos animais (para utilizar palavras de Caso) “elevados”; em relação aos outros, temos superioridade “intelectual” e “moral”. E é justamente por isso que – como “pessoa”, “espírito”, “ser social/histórico” – **temos** de nos comprometer uns com os outros; cada um de nós **tem** de basear sua existência particular na “caridade” para com o próximo.²¹⁰

Entretanto, há de se destacar que é apenas em obras posteriores, de difícil acesso no Brasil – *Discursos à la nación mexicana* (1922), *El problema de México y de la ideología nacional* (1924), *Nuevos discursos à la nación mexicana* (1934), e *México: apuntamientos de la cultura pátria* (1943) –, que tais discussões, estruturadas na forma de textos ensaísticos, ganharão uma abordagem mais claramente voltada à realidade nacional, mexicana.²¹¹

Ao ver da historiadora Mônica Chávez González, em estudo acerca das proposições contidas nos livros acima referidos, Caso – de maneira semelhante ao que fez seu discípulo, Ramos, em *El perfil...* – compreenderia as especificidades “nacionais” não como correspondentes à “natureza” dos povos de cada país; como pontuais e definitivas. Conforme seu entendimento, muito pelo contrário, elas “*son fenómenos históricos a que las naciones se refieren; y que, entre sí, no tienen, muchas veces, sino relaciones accidentales*”;²¹² são, em outras palavras, os inúmeros e complexos e provisórios **valores** (que este Autor também identifica aos termos “cultura” e “civilização”) elaborados, conjuntamente, ao longo do

²¹⁰ URÍA. op. cit.

²¹¹ Acerca de *Nuevos discursos a la nación mexicana*, González pontua que corresponderiam às palavras por Caso proferidas quando do célebre debate desenrolado, com o também *ateneísta* Vicente Lombardo Toledano, em 1933, acerca da possibilidade de se atrelar oficialmente os estudos, na UNAM, à teoria marxista. Como se pode supor, com base nas informações já por mim apresentadas acerca da formação e de algumas das obras de Caso, Ele foi partidário da idéia de que o trabalho na universidade deveria estabelecer-se livremente, sem qualquer imposição doutrinária. Cf. GONZÁLEZ. op. cit. p. 8-9. n. 8.

²¹² CASO. *Discursos a la nación mexicana*. p. 124. Apud. GONZÁLEZ. op. cit.

tempo, pelos mais diversos habitantes de todo um **território** político-institucionalmente denominado “nação”.²¹³

No que diz respeito às terras que atualmente correspondem ao México, Caso pontuaria que os povos que lá viveram antes da chegada dos espanhóis disporiam de modos de pensar e se portar respeitáveis, e que por isso deveriam ser encarados, sim, como elementos constitutivos do “ser mexicano”. Entretanto, o modelo civilizacional composto por tais indígenas (Ele destaca apenas astecas e maias) não seria tão sólido nem tão bem articulado quanto o dos colonizadores, o que se explica, ao ver de Caso, pelo fato de terem os segundos submetido os primeiros, tanto fisicamente quanto culturalmente, após a descoberta da América.²¹⁴ Isso quer dizer que, embora se sinta, correntemente, apreço e afeição pelos ditos “autóctones”, seria mais propriamente hispânico, aos olhos do referido Autor, o elemento central na conformação do homem mexicano; ou, melhor dizendo, teria origem na Espanha o povo que deve ser considerado o principal responsável pela maneira como a civilização se estabeleceu no espaço que se convém chamar hoje de México.²¹⁵

Segundo Chávez Gómez, além disso, é importante ressaltar que, em suas reflexões Caso não apenas **destaca** o papel dos espanhóis na história do México, mas também **atribui valor positivo** a ele – diferentemente dos vizinhos Estados Unidos, de colonização inglesa e (em decorrência) comportamento pragmático e aspirações materialistas, a cultura mexicana se caracterizaria pela (louvável) ênfase nos aspectos espirituais.²¹⁶ Porém, nos referidos discursos deste Autor (pontua Chávez Gómez) consta que a mais determinante influência cultural, no México moderno, teria deixado de ser a Espanha, e passado a ser a França.²¹⁷ Daí se propor que a particularidade da formação civilizacional mexicana, em relação à estadunidense, estava no fato de ser não “ibérica”, mas “latina”. Para usar palavras suas:

Si la vecindad de los pueblos yanqui y mexicano nos constriñe al conocimiento de la lengua inglesa, para fines prácticos y mercantiles, nuestra alma colectiva, nuestro psiquismo nacional, nuestras tradiciones jurídicas y científicas se enlazan con Madrid e Paris [onde se faz uso de línguas que têm origem, igualmente, no latim].²¹⁸

Como se pode propor com base na análise que venho fazendo acerca de *El perfil...*, as ponderações de Ramos acerca da composição cultural mexicana (que faria dialogar índios,

²¹³ As palavras “valores” e “territorio” aparecem, aquí, em negrito, porque, na análise de Chávez González são tomadas como aspectos fundamentais das referidas obras de Caso. Idem, 06.

²¹⁴ Idem, p. 10

²¹⁵ Idem, p. 11.

²¹⁶ Idem, p. 13-15.

²¹⁷ Idem, p. 15.

²¹⁸ Antonio CASO. Las nacionalidades literarias y el mercado de México. In: ---. Obras Completas. 258. apud. GONZÁLEZ. op. cit. p. 14.

espanhóis, norte-americanos e franceses) lembra muito as proposições acima debatidas, apresentadas por Caso, nos textos-ensaios que compuseram seus *discursos*.

Hernández Uría destaca, de sua parte, no artigo acima citado, possíveis relações entre tais textos focados em discutir a noção de “mexicanidade”, e *La existencia...* Para ele, as proposições de Caso a favor da “caridad” se aplicam nestas obras posteriores, quando nelas se aborda a necessidade de os intelectuais não se fecharem a análises “egoísticas”, demasiadamente elitistas e, conseqüentemente, desinteressantes para os ditos “homens comuns” – *“porque la formación integral del hombre comprende la configuración tanto de su inteligencia como de su voluntad, pero no basta, es necesario que aprenda a sacrificarse siempre a favor del outro”*.²¹⁹ Tal pressuposto implicaria, para o referido ensaísta mexicano, segundo Hernández Uría, na necessidade de percebermos o ser humano não apenas por um viés (estreito) nacional, mas sempre articulando ao universal – *“una educación referida solo a la comunidad, es algo condenable; (...) porque no hay estirpe, ni raza, ni pueblo, ni nación tan valiosos en sí, que se opongan al esfuerzo conjunto de la humanidad.”*²²⁰

Outro nome de destaque entre os ateneístas é o já citado José Vasconcelos; este, porém, diferentemente de Caso, é classificado pela historiografia, em geral, como “**atiintelectualista**” – para utilizar palavras de Paz: *“filósofo da intuição, acreditava que a emoção é a única faculdade capaz de apreender o objeto.”*²²¹

José Vasconcelos iniciou sua formação como pensador informalmente na faculdade de Direito da Universidade do México. Contudo, é consensual que, diferentemente de Caso, esteve sempre atuando mais em cargos públicos/administrativos do que propriamente acadêmicos. Por sinal, suas formulações intelectuais parecem mesmo descender diretamente da experiência como reitor, deputado e ministro, além de corresponder a uma necessidade imperativa de garantir delineamentos mais precisos à sua atuação política. Daí apresentar uma preocupação maior (se comparado a Caso) com a análise e a **elaborações** de noções tais como “mexicanidade” e “ibero-americanidade” (mais do que com questões conceituais, filosóficas).

Abordando a realidade dos países da Ibero-América, voltou-se tal Autor contra qualquer modelo de positivismo, sobretudo à versão spenceriana (que propunha a superioridade racial de alguns povos sobre outros), em relação a qual apresentou suas críticas

²¹⁹ Antonio CASO. Discursos a la nación mexicana. In: ---. Obras Completas. (1976). t. IX. p. 31. Apud. URÍA. op. cit.

²²⁰ Idem, p. 208-209.

²²¹ PAZ. op. cit. 127.

mais incisivas. Para tanto – de maneira semelhante à que viria fazer Ramos – estabeleceu reflexões sob as bases de uma percepção **histórica** da cultura, ainda que – diferentemente do que se nota em *El perfil...* – continuasse tomando como base para seu raciocínio a concepção (tão corrente no período) de “raça”.

Na primeira parte de sua obra mais famosa – *La raza cósmica* –, por exemplo, Vasconcelos trabalha com a existência de quatro principais grupos raciais – os negros, os vermelhos, os amarelos e os brancos –, mas não admite entre eles quaisquer relações de superioridade ou inferioridade. Ao contrário, está sempre pretendendo demonstrar que cada um apresenta características próprias interessantes, o que, afinal, faz de todos elementos fundamentais na formação futura de um tipo superior, misto por essência, “la raza cósmica”.

No será la futura ni una quinta ni una sexta raza, destinada a prevalecer sobre sus antecesoras; lo que de allí va a salir es la raza *definitiva*, la raza *síntesis* o raza *integral*, hecha con el genio y con la sangre de todos los pueblos y, por lo mismo, más capaz de verdadera fraternidad y de visión realmente universal.²²²

Quando trata dos brancos, estabelece distinções internas: para ele, enquanto “saxões” poderiam ser valorizados por suas habilidades técnicas e por seu pragmatismo, os “latinos” (espanhóis e portugueses em especial) o deveriam ser – elogiosamente, a seu ver, como ateneísta que fora – por suas supostas típicas **sensibilidade criativa e emotividade**. Compreende também que, embora, tanto uns quanto outros, nos últimos tempos, se tenham marcado pela conquista de territórios em todo o mundo e pelo domínio e submissão a seu poder de elementos pertencentes aos demais grupos raciais, não há nisso fator indicativo de uma pretensa justificada primazia – os brancos não são a raça mais evoluída, apenas e tão somente uma espécie de “ponte” entre todas as outras; ferramenta indispensável para a constituição da raça mestiça (esta sim) superior.

Talvez por isso o Autor não encare com bons olhos ingleses e norte-americanos. Em determinado ponto de sua obra, justifica-se de uma maneira que faz lembrar o raciocínio de Caso em *La existência...*: os povos de origem anglo-saxônica, ao estabelecer contato com outros povos, o fazem apenas com interesses econômicos e políticos, espúrios; negam-se, enfim, cheios de si, a uma relação cultural e afetiva mais intensa com os colonos racialmente deles distintos, o que, no entendimento de Vasconcelos, constitui triste entrave ao processo de elaboração da raça universal. Dizia assim:

Ellos no tienen en la mente el lastre ciceroniano de la fraseología, ni en la sangre los instintos contradictorios de la mezcla de razas disímiles; **pero cometieron el**

²²² Esta como todas demais citações e referências feitas a *La raza cósmica*, foram obtidas na seguinte fonte. José VASCONCELOS. *La raza cósmica*.

pecado de destruir esas razas, en tanto que nosotros la asimilamos, y esto nos da derechos nuevos y esperanzas de una misión sin precedente en la Historia.²²³

Sin embargo, aceptamos los ideales superiores del blanco, pero no su arrogancia.

Mais anti-norteamericanista do que propriamente antiimperialista, elaborou, pois, Vasconcelos suas concepções para desforra dos vizinhos do Norte, sempre desejosos de intervir na caminhada histórica do México revolucionário. Destarte, veio a defender a necessidade de uma concepção identitária que abarcasse todos os ibero-americanos, como irmãos nas adversidades: *“El estado actual de la civilización nos impone el patriotismo como una necesidad de defensa de intereses materiales y morales, pero es indispensable que ese patriotismo persiga finalidades vastas y transcendentales.”*

Fala, então, de uma antiga grandeza mexicana. E passa a propor que seria necessário buscar as principais bases culturais do povo mexicano nos conquistadores espanhóis, tal como o célebre Fernão Cortés²²⁴ – ao seu entender, um homem de fibra e visão global que dominou largos territórios –, e não nos caudilhos – desordeiros e insensatos, que teriam promovido a independência motivados por interesses meramente individuais, e que não hesitavam em conceder parte da terra mexicana a outras nações caso lhes parecesse conveniente e lucrativo. Para que se arraigasse, entre os mexicanos, uma construção identitária “proveitosa”, conforme Seu entendimento, pois, fidelidade se deveria ter ao sangue latino, “sangue bom”:

Comenzamos por renegar de nuestras tradiciones; rompimos con el pasado y no faltó quien renegara la sangre diciendo que hubiera sido mejor que la conquista de nuestras regiones la hubiesen consumado los ingleses. Palabras de traición que se excusan por el asco que engendra la tiranía, y por la ceguera que trae la derrota. Pero perder por esta suerte el sentido histórico de una raza equivale a un absurdo, es lo mismo que negar a los padres fuertes y sabios cuando somos nosotros mismos, no ellos, los culpables de la decadencia.

Após trabalhar a questão racial (sob viés **histórico**, é verdade, mas **racial** de fato), na segunda parte de *La raza cósmica* Vasconcelos anuncia as possibilidades ambientais de surgimento da nova estirpe. E então define os locais onde ela haveria de nascer – antigas colônias ibéricas, tais como Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, México, Peru e Venezuela – e justifica que *“como instrumento de la transcendental transformación se ha ido formando en el continente **ibérico**(!) una raza llena de vicios y defectos, pero dotada de maleabilidad, comprensión rápida y emoción fácil, fecundos elementos para el plasma germinal de la*

²²³ Grifo do autor.

²²⁴ Não por mero acaso que em 1985 Vasconcelos irá publicar *Hernán Cortes: creador de la nacionalidad*.

especie futura.” E mesmo antes ser contestado pela idéia de que tais territórios estão entre aqueles, em todo o globo, de maior dificuldade de adaptação para o homem, apresenta argumentos convincentes (ou ao menos “lógicos”): afirma que assim como a base do progresso da civilização branca esteve no domínio de estratégias para escapar aos rigorosos invernos europeus, as bases do progresso da civilização mestiça deverá ser obtida com o controle do calor, e o combate às enfermidades e às pragas americanas.

Na terceira e última parte do livro, enfim, Vasconcelos se dedica a trabalhar mais especificamente a maneira através da qual se há de processar a formação da “raza cósmica” – as **relações inter-raciais**. Aqui critica tanto as então consagradas teorias de branqueamento, quanto a prática de espanhóis e portugueses, no período colonial, deitarem-se com índias por não haver disponível, no Novo Mundo, branca com quem selar matrimônio. Segundo ele, a “boa” mestiçagem não pode ser imposta através de medidas governamentais autoritárias, e muito menos decorrer de circunstâncias triviais, mas surgir do **desejo** sincero e espontâneo dos indivíduos. Acreditava o referido Autor que, convivendo, povos diferentes tendem a aprender a admirar uns aos outros e, para ele, eram justamente o **amor** e a **possibilidade de escolha** as duas condicionantes ideais para a formação da quinta raça, superior. “*Una mezcla de razas consumada de acuerdo e con las leyes de la comodidad social, la simpatía y la belleza, conducirá a la formación de un tipo infinitamente superior a todos los que han existido*”, dizia.

Por fim, talvez seja interessante destacar no texto um receio constante de que tais proposições fossem confundidas com qualquer espécie de programa voltado para o atendimento de interesses políticos-conjunturais apriorísticos; quanto a isso, a seguinte passagem é significativa:

La doctrina de formación sociológica, de formación biológica que en estas páginas anunciamos, no es un simple esfuerzo ideológico para levantar el ánimo de una raza deprimida, ofreciéndole una tesis que contradice la doctrina con que habían querido condenarla sus rivales. Lo que sucede es que a medida que se descubre la falsedad de la premisa científica en que descansa la dominación de las potencias contemporáneas, se vislumbran también, en la ciencia experimental misma, orientaciones que señalan un camino ya no para el triunfo de una raza sola, sino para la redención de todos los hombres.

Porém, uma das avaliações mais ricas e interessantes de *La raza cósmica*, a realizada pelo pensador peruano José Carlos Mariátegui, apesar de apontar uma série de equívocos no texto de Vasconcelos, propõe que a obra-prima deste Autor é fundamental justamente porque teria como característica primeira contribuir para a criação de um mito; Mariátegui acreditava serem os mitos de grande importância para a existência humana, para seu desenvolvimento

histórico, técnico e moral.²²⁵ Segundo Octávio Paz o fato é que, em última instância, “o tradicionalismo de Vasconcelos não se apoiava no passado: [mas] justificava-se no futuro”; por isso, pela falta de “rigor acadêmico”, fez-se sim vulnerável às mais diversas e tendenciosas interpretações, e não chegou nunca a “criar escola”.²²⁶

Um terceiro hoje tido como relevante nome do ligado ao **Ateneo** é o de Pedro-Henríquez Ureña. Seu pensamento, exposto em centenas de artigos valiosos para todo historiador interessado no universo intelectual mexicano de início do século XX, será por ora ilustrado através de uma breve análise de seu texto mais célebre – *Utopía de América*, um discurso proferido em 1922 na *Universidad de La Plata*, durante as manifestações da já citada *Refoma Universitária* argentina, mas publicado pela primeira vez no México apenas em 1925.²²⁷

Inicialmente faz-se mister destacar o propósito de tê-lo denominado “utopia”. Já vimos que Vasconcelos, em *La raza cosmica*, dedicara boas páginas argumentando em defesa da precisão de suas colocações; por ora, seria interessante ressaltar o curioso desprendimento de Ureña ao optar pela utilização de um vocábulo que remete a “sonho”, “fabulação”, no título de suas proposições. Em primeiro lugar, há que se pôr em ênfase o fato de que é provável que este Autor, como um dos mais severos críticos do positivismo, o tenha feito visando confrontar as perspectivas objetivistas dos intelectuais ligados a Díaz; depois, há que se referir à definição precisa de “utopia” apresentada por Ureña, no desenrolar de seu referido texto:

Hay que ennoblecer nuevamente la Idea clásica. La utopía no es vano juego de imaginaciones pueriles, es una e las magnas creaciones espirituales del Mediterráneo, nuestro gran mar antecesor. El pueblo griego da al mundo occidental la inquietud del perfeccionamiento constante, (...) no descansa para averiguar el secreto de toda mejora, de toda perfección. (...) Es el pueblo que inventa la discusión, que inventa la crítica. Mira al pasado, y crea la historia; mira al **futuro**, y crea las **utopías**.²²⁸

Em *Utopia...* Ureña, dominicano de nascença, investiga as potencialidades de desenvolvimento dos mais diversos países que compõem a parte sul do continente americano, e centra o foco no México apenas por supor conhecê-lo com maior profundidade. Segundo este Autor, a análise desta realidade específica haveria de servir (em última instância) para a

²²⁵ LOZANO. op. cit.

²²⁶ PAZ. op. cit. p. 138.

²²⁷ ACHUGAR. op. cit. p. 657.

²²⁸ Esta como todas as demais citações e referências à referida obra de Ureña remetem à seguinte fonte, Pedro-Henriquez UREÑA. *Utopia de América*. grifos meus.

compreensão da realidade ibero-americana como um todo, já que, nos mais distintos países que a compõem, algo de primordial nos identificaria: **a colonização ibérica e o inegável legado por ela a nós deixado** – conforme Myers, para Ureña, “*rechaçar essa herança equivaleria a uma mutilação auto-impingida*”.²²⁹

Diferentemente de Caso e Vasconcelos (e, como vimos, também de Ramos), contudo, Ureña confere ao **indígena** lugar privilegiado em suas especulações. Assim, preocupa-se firmemente em percebê-los não apenas enquanto uma raça que teria contribuído para a formação biológica mexicana e ibero-americana; diferentemente, conforme seu entendimento, os povos nativos que habitavam o território que mais tarde comporia o México e as muitas outras nações da Ibero-América dispunham de todo um rico aparato cultural, o qual, ainda que “empobrecido” pelo contato com a civilização européia,²³⁰ seria marcante na composição cultural mexicana, híbrida, atual. A seu ver, “*lo autóctono no es solamente la raza indígena, con su formidable dominio sobre todas las actividades del país, la raza de Morelos y de Juárez, de Altamirano y de Ignacio Ramírez; autóctono es eso, pero lo es también el carácter peculiar que toda cosa española asume en México.*”

Ureña, como Vasconcelos, prevê um belo futuro para a Ibero-América, declara tal perspectiva em muitos momentos de seu texto, e apresenta argumentos inclusive bastante semelhantes ao de seu colega ateneísta. Conforme o referido Autor, as nações ibero-americanas não seriam promissoras apenas e tão somente por disporem de vultosas riquezas naturais – argumento que Ele identifica a uma proposta civilizacional classificada como “*delírio industrial*”–; nem tampouco constituiria indicativo de nossa bem-aventurança a habilidade criativa e artística de nossos cidadãos – argumento, conforme Ele, censurado como “*pueril*”, pelos pessimistas. A utopia de Ureña se volta, na verdade, para algo (que lembra o diálogo que fizemos entre o raciocínio de Caso em *La existencia...* e o de Vasconcelos em *La raza cósmica*), e que Este classifica como caracteres “espirituais” ibero-americanos: nossa habilidade para nos mesclarmos não apenas racialmente, mas culturalmente, com outros povos, assim como a nossa suposta tendência universalizante e, (para ele) em consequência, humanitária.

Contudo, aos olhos deste Autor, há que se tomar bastante cuidado com os projetos ditos “cosmopolitas”, tão em voga no México como nos demais países ibero-americanos do período. Neste ponto, aliás, Ureña revela-se mais claro e preciso em suas proposições do que

²²⁹ MYERS. op. cit. p. 6.

²³⁰ A expressão “empobrecido” aqui foi incluída ironicamente, por ter sido aquela, então, utilizada pelo autor...

o autor de *La raza cosmica*: enquanto Vasconcelos dá ênfase à **união das raças**, Ele destaca a importância de **não** se permitir qualquer tipo de **homogeneização cultural**:

El hombre universal con que soñamos, a que aspira nuestra America, no será descastado: sabrá gustar de todo, apreciar todos los matices, pero será de su tierra; su tierra, y no la ajena, le dará el gusto intenso de los sabores nativos, y ésa será su mejor preparación para gustar de todo lo que tenga sabor genuino, carácter propio. La universalidad no es el descastamiento: en el mundo de la utopía no deberán desaparecer las diferencias de carácter que nacen del clima, de la lengua, de las tradiciones; pero todas estas diferencias, en vez de significar división y discordancia, deberán combinarse como matices diversos de la unidad humana. Nunca la uniformidad, ideal de imperialismos estériles; sí la unidad, como armonía de las multánimes voces de los pueblos.

Por isso para Ureña o “popular” deve ser tomado como elemento central nas discussões travadas entre intelectuais, especialmente no que diz respeito ao tema das identidades. Abre espaço então, para que o “nacionalismo político”, elitista por essência, resolução de uns poucos homens imposta a tantos outros, seja repensado. Para que, ao se estudar a realidade mexicana (e de outras nações da Ibero-América) se buscar perceber o que de fato ela vem compor: “*pienso en otro nacionalismo, (...) el que nace de las cualidades de cada pueblo cuando se traducen en arte y pensamiento*”, dizia.

Resta-nos, ainda, repensar a vinculação, em *Utopia...* entre um profundo gosto, por parte de Ureña, pelo que se têm como autenticamente ibero-americano (por nossa “tradição”) e Seu rancor antiimperialista. Segundo o pesquisador argentino Jorge Myer, é possível se dizer que ela tem relações com a vida pessoal de deste dominicano: Dr. Francisco Henríquez y Carvajal, seu pai, tendo sido presidente da República Dominicana até 1916, foi derrubado do poder por meio de uma intervenção norte-americana, passou a viver em situação de penúria, e enviou os filhos para o exterior, com a expectativa de que tivessem uma vida melhor – o golpe financiado pelos Estados Unidos teria sido responsável, indiretamente, portanto, pela imposição a Ureña (até seu falecimento, na Argentina) da condição de estrangeiro, ou (a mais confortável) de “cidadão da Ibero-América”.²³¹

Aqui podemos sintetizar que, como foi comum entre os textos dos *ateneístas* acima referidos, *El perfil...* percebeu a sociedade mexicana como não apenas caracterizada pela “convivência” dos diversos “personagens” étnico/culturais entre si, mas como um híbrido de todos esses elementos.

Neste íterim, também tal como os integrantes do Ateneo, Ramos ali destacou, ao longo da história nacional, a importância dos espanhóis para a composição cultural da

²³¹ MYERS. op. cit. p. 15-17.

sociedade mexicana, e mais especificamente para a formação intelectual no México. Esta ressalva esteve, quase sempre, notemos, relacionada com o desejo de – associando hispanos e hispano-americanos a uma suposta visão mais “espiritualizada”, e os ingleses e norte-americanos a uma suposta visão mais “materialista” – provar que a Espanha e o México a não seriam de tudo inferiores, por encontrar-se, naquela conjuntura, menos desenvolvidos economicamente do que a Inglaterra e os Estados Unidos.

Quando se trata dos índios, por outro lado, os citados integrantes do Ateneo (com exceção, é claro, de Ureña) e Ramos igualmente não chegaram a tomá-los como elementos de fato importantes na conformação de um modelo civilizacional, assim como na formalização do pensamento, em terras hoje chamadas mexicanas. Argumenta a historiadora Rita Eder em relação aos primeiros, mas creio ser válido também para o autor de *El perfil...*, que para eles “*los indios, las masas, los pobres no podían aportar de suyo nada, lo que podrían hacer era integrarse, disfrutar, aristocratizarse a través de la educación.*”²³²

De maneira semelhante aos *Discursos...*, a *La raza...*, e a *Utopia*, enfim, o referido livro de Ramos também avalia como definitiva a importância da França, na formação do México e do intelectual mexicano moderno. Segundo Ana Pizarro, ao longo de toda a história da Ibero-América independente, a França se teria convertido em um ponto de referência essencial, em grande parte porque a idéia de estar sob sua influência afastaria a sensação desconfortável da sempre-dependência e/ou apego ao passado, fatalmente ocasionada pelo recorrer às propostas teóricas e estéticas desenvolvidas nas antigas metrópoles – Espanha e Portugal. Agora, nas primeiras décadas do século vinte, afirma esta Autora, tomar como ponto de partida reflexões oriundas das nações espanhola e portuguesa, vistas como nunca, no cenário internacional, como nações “atrasadas”, deixou de parecer em absoluto uma alternativa plausível.²³³

Contudo, as historiadoras Susana Zanetti e Karina Vasquez apresentam um ponto de vista um tanto distinto do de Pizarro: para ambas pesquisadoras, ao menos na Hispano-América a influência de pensadores e escritores ibéricos permanece firme e continua a ser buscada nessas primeiras décadas do século XX; para usar palavras da primeira: “*si bien resulta innegable la importancia de Paris como polo de religación extracontinental, creemos que es necesario insistir en la relevancia de España en este aspecto, en función de que en ella*

²³² EDER. op. cit. p. 112

²³³ PIZARRO. op. cit. p. 29-30.

*se estrechan relaciones y reconocimientos mutuos de una envergadura inédita luego de la independencia americana.”*²³⁴

De parte de tais reflexões, acredito que a importância intelectual da França, entre mexicanos, não deve ser desconsiderada, mas deve, sim, ser relativizada, em razão da possibilidade de influências outras. Se tomarmos o texto de *el perfil...* como exemplo, nota-se (vimos isso no primeiro capítulo) que não remete a escritores franceses, mas a um ensaísta espanhol e também a psicólogos austríacos/suíço. Se avaliarmos as mais determinantes referências de que dispunham, em comum, os *ateneístas* e Ramos, podemos destacar além do *romantismo* tão trabalhado por de autores oriundos de países que nasceram, na região germânica, em fins do século XIX, e a Grécia clássica.

Contudo, bom seria ressaltar, aqui, que Ramos, em seu dito livro, apesar de parecer remeter em muitos pontos às apreciações de Caso, Vasconcelos, e Ureña, afirma não compartilhar inteiramente de nenhuma das alternativas analíticas até então apresentadas no México, no tratamento da realidade nacional. É isso ao menos o que afirma no seguinte trecho:

Es consolador observar que desde hace algunos años la conciencia mexicana se ha propuesto realizar un verdadero esfuerzo de introspección nacional. Pero tal examen de conciencia no se ha emprendido, por desgracia, con el rigor y la hondura (...) que el caso requiere.”²³⁵

Daqui a diante me dedico a levantar, então, pontos a partir dos quais poderemos repensar diferenças estruturais entre o raciocínio exposto em *El perfil...* e as linhas seguidas, em geral, pelos *ateneístas*. Para tanto, abordo adiante, porém, ainda mais um dos considerados grandes expoentes do Ateneo, um integrante cujas obras têm características muito particulares – o poeta e ensaísta dentre os mais prestigiados de todos os tempos, no México, Alfonso Reyes.²³⁶

Como nos informa Myer acerca da vida pessoal de Reyes, assim que Huerta chega ao poder, teria Ele abandonado o México e seguido, no ano de 1914, como encarregado de uma missão diplomática em Paris; lá ficou até que Carranza, tornando-se chefe do Estado mexicano, demitiu todos os funcionários do governo anterior. Sem emprego e sem divisas,

²³⁴ VASQUEZ. op. cit.

²³⁵ RAMOS. op. cit. p. 144.

²³⁶ Cf. <http://www.alfonsoreyes.org/>

Reyes partiu, então, para Madri, onde trabalhou no periódico de Ortega y Gasset, *España*, fazendo críticas de cinema, assim como na *Revista de Filologia Española*; anos mais tarde, contribuiu também para a *Revista de Occidente*.

Em 1920, retomou, enfim, a carreira diplomática com a ajuda do novo presidente, Obregón, mas, de volta à França, não conseguiu ali deixar de estabelecer-se, enquanto escritor, como nada além de marginal. Passou a percorrer, pois, como encarregado do governo federal, diversos países ibero-americanos, e aí sim, além de contatos com líderes políticos, estabeleceu relações com inúmeros pensadores, pesquisadores e artistas, vindo a, de acordo com Myers, conferir às suas reflexões uma abordagem mais ampla – não restrita ao nacional, mexicano.²³⁷

Interessante lembrar, aqui, que Reyes veio ao Brasil em 1930 como embaixador plenipotenciário. Segundo a análise da historiadora brasileira Regina Crespo, contudo, apesar de não se ter restringido, nesta época, às funções burocráticas, e ter estabelecido amizade com figuras de renome em nosso universo intelectual – Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Oswald de Andrade e Gilberto Freyre são bons exemplos –, o referido Autor não teria aqui de fato criado vínculos de tal forma a compor toda uma rede de reflexão acerca de assuntos filosóficos, literários, sociológicos. De acordo com Crespo, mesmo o lançamento, por Ele, da já referida *Monterrey*, nesta conjuntura, corresponderia à criação de “*um espaço particular, destinado aos seus interesses culturais e à reflexão de temas especificamente relacionados à sua própria trajetória literária; por isso, difundiu sua revista entre os brasileiros, mas não falou sobre eles.*”²³⁸

Fred P. Ellison, em livro recentemente publicado sobre a estadia de Reyes em nosso país, aponta que a idéia de que “*não há evidência de um efeito direto [deste mexicano] sobre as letras brasileiras*” teria origem numa análise de Haroldo Campos, a qual reitera.²³⁹ No que diz respeito à revista *Monterrey*, o fato é que, um ano após seu lançamento, não havia ainda composto nem sequer um número em que figurassem reflexões específicas sobre o que se vinha pensando, literariamente, no Brasil. Conforme Ellison, apenas no início de 1931 estampará, como sugestão do próprio Reyes mas assinada por Ronald de Carvalho, uma nota acerca das dificuldades de se traduzir o poema *Cobardia*, do dominicano Ruben Darío, para o português. A conclusão a que se chegava, então, neste breve texto – quer dizer, o grande

²³⁷ MYERS. op. cit. p. 20-27

²³⁸ CRESPO. op. cit. p. 11.

²³⁹ F. P. ELLISSON. *Alfonso Reyes e o Brasil*. p. 103.

abismo que impõe o fator “língua” aos homens – talvez viesse, no fundo, justificar a hesitação do dito periódico no que tange à produção literária brasileira da época.²⁴⁰

Porém, para Ellison – diferentemente de Crespo – o Brasil e os brasileiros (ou a idéia de nós que este Autor formulou enquanto cá viveu) parecem ter sido, sim, de fato muito importantes em Sua formação intelectual, e no encadeamento de Suas idéias no que diz respeito à realidade político-econômica, sócio-cultural e intelectual da Ibero-América. Para basear tal argumento, o dito historiador brasileiro recorre a quatro textos principais, todos escritos por Reyes: a carta-poema *Al pasar por Río* (1927), e os ensaios *Introducción al estudio económico del Brasil* (1936), *Homilía por la cultura* (1938) e *Brasil en una castaña* (1942).²⁴¹

De minha parte, considero que o elogio da natureza e da gente brasileira, de uma forma ou de outra presente em todos eles, remonta a uma visão bastante parecida com a dos *românticos*, do século XVIII, como transparece o trecho que transcrevo abaixo, e que se refere ao último título acima citado – linhas antes, a Reyes afirmava, ainda, que as palavras a seguir correspondem ainda a uma tentativa de, inspirado nos gregos, compor uma “teogonia” para a terra e a gente brasileira.

El demiurgo o agente mediador encargado de gobernar la obra [de criação do território onde fica o Brasil] era un artista joven. Como todos los artistas jóvenes, usaba demasiados materiales y tenía la fuerza de la inexperiencia. Comenzó, pues, por disponer de enormes cantidades de los cuatro elementos – tierra, agua, aire y fuego – de suerte que casi desequilibró la proporción del planeta. Usó una mole de **tierra** tan inmensa que, aunque tenía encargo de fabricar una comarca, más bien fabricó un continente metido dentro del continente americano; usó tan exorbitante masa de **agua** que, en las cataratas del Iguazú, en la cuenca del Amazonas y en otras redes fluviales, estuvo a punto de sorber toda la humedad atmosférica y todo el líquido de los océanos, al grado que la desembocadura del Marañón, más que una desembocadura, es un combate de igual a igual entre dos mares; usó tan enormes zonas de **aire**, que es muy creíble que haya necesitado disponer de la atmósfera de la Luna, aunque en esto las autoridades no están de acuerdo, pues otros sostienen que el planeta tuvo que exprimirse como una esponja para ceder algunas de sus emanaciones interiores; usó tan intensas calidades del **fuego**, que grandes porciones del suelo comenzaron por carbonizarse y luego llegaron a la suprema cristalización del diamante – que no es más que una exageración del carbón –, la corteza terrestre se empapó de sudores vegetales, determinando así una feracidad natural casi inconcebible, y que todavía, en el verano, sobre el asfalto de las avenidas y a las doce del día, suelen algunos humoristas preparar unos huevos fritos con el solo calor del Sol. (...) Y todavía nuestro caprichoso demiurgo, al batir la sustancia de lo que había de ser **la gente brasileña**, echó dentro de aquel inmenso crisol, dotado como ninguno para las sorpresas de la química biológica y de la alquimia psicológica, ingredientes variados de las más distintas razas y colores, desde el rubio transparente hasta el azabache brillante, pasando por las

²⁴⁰ Idem, p. 86-90.

²⁴¹ Idem, p. 215-236.

tonalidades intermedias del cacao y del café, por manera que en aquel horno genitor se está fraguando el metal humano por excelencia...²⁴²

Quanto aos trabalhos filosófico-literários elaborados por Reyes, daqui a diante concedo foco a *Ifigenia Cruel – poema dramático* (de 1924) e mais dois breves mas significativos ensaios que o próprio Autor escreveu acerca desta sua célebre composição, e que constam na edição atual de suas obras completas. Desde já se faz mister pontuar que a *Ifigenia...* de Reyes foi elaborada com base nas tragédias a nós legadas pelos gregos antigos que tratam da vida da mesma personagem; ainda que apresente, em relação a aquelas, uma série de diferenças, que vão além do fato de ter sido escrita quase totalmente em versos livres, e em espanhol moderno.

Como nos conta Sheila Yonne Carter, segundo as primeiras versões, na Antiguidade Clássica, a personagem Ifigenia teria sido raptada e obrigada a trabalhar como sacerdotisa num templo em Táuride, onde ficava uma gigantesca estátua de pedra da deusa Artemisa. Sentia, então, por tudo, Ifigenia, saudades de sua antiga vida, e sofreria sem muitas esperanças de que alguém, um dia, a viesse buscar. Anos mais tarde, porém, seu irmão Orestes surge e a leva de volta para Hélade; para se vingar dos deuses, decide carregar consigo, ainda, a imagem de Artemisa.²⁴³

Já segundo a tragédia de Reyes, Ifigenia estaria em Táuride, desmemoriada; a condição de, ao mesmo tempo, mortal e assassina, somado ao fato de ser identificada pela população local como pertencente à família dos deuses mas possuir um corpo humano, lhe trariam, contudo, desconforto, dor e dúvidas comparáveis aos sofridos pela personagem homônima, quando trabalhada pelos gregos antigos. Para melhor ilustrar o que estou dizendo, cito um trecho da primeira parte do poema, no qual a protagonista se dirige à imagem de Artemisa para falar de si, vindo a contrapor palavras que remetem a vivacidade/humanidade (tais como “ansias”, “voluntades “ariesga”, “pálpito”), a outras, que denotam justamente o inverso (“líneas iguales”, “segura”, “fria”):

Tal vez me apunta um resabio de memoria
Hechas de vuestras ansias naturales,
Y en el imán de vuestras voluntades,
Parece que la estatua que soy arriesga un pálpito.

Pero soy como me hiciste, Diosa,
Entre las líneas iguales de tus flancos:
Como plomada de albañil segura;

²⁴² Alfonso REYES. *Obras completas e dos epistolarios*. p. 187-188.

²⁴³ C. Y. CARTER. *Ifigência Cruel: obra dramática de Alfonso Reyes*.

y como tú: como una llama fría.²⁴⁴

Na parte número 2 de *Ifigênia...*, a personagem principal discute com alguns pastores locais a chegada de náufragos helenos que, presos e enviados para sacrifício, ao longo da número 3, afirmarão ser Orestes e seu amigo Pílates; no diálogo que segue, entre aqueles que sabemos ser irmãos, destaca-se, logo, uma mulher delirante e um homem sábio que, sem confessarem um ao outro, se reconhecem. Daí em diante, entretanto, a angústia da protagonista não se dissipa, mas se transforma – sente-se ela, agora, vivendo em uma outra fronteira: entre o amor fraternal e o horror de pertencer à estirpe daquele condenado.

Na quarta parte aparece mais um personagem, o rei Toas, que, condescendente, permite aos prisioneiros que falem, na quinta e conclusiva, em defesa de suas liberdades. Ali, Orestes narra toda a história de seus ancestrais, que Ifigênia complementa em pensamento, com pareceres pessoais, revelando explicitamente apenas aos leitores, a sua origem grega. Chega a titubear algumas vezes, mas se inclina sempre à idéia de permanecer em Táuride, mesmo achando que esta seria, afinal, uma tarefa difícil de ser concretizada. É o que bem revelam os seguintes trechos, conclusivos (denotam eles, respectivamente: “tentativa”, “desejo/pedido” e “certeza/afirmação”), que, logo, apresentam a decisão final da Ifigênia de Reyes:

Huyo de mi recuerdo y de mi historia,
como yegua que **intenta** salirse de su sombra.²⁴⁵

(...)

No me abandones, Diosa,
y **me permite** que huya de mí propia
como yegua que **intenta** salirse de su sombra.²⁴⁶

(...)

Huiré de mí propia,
como yegua acosada que **salta** de su sombra.²⁴⁷

Antes de mais nada há que se pontuar, acerca do referido poema de Reyes, que é evidente o fato de que ali si cumpre precisamente a mesma seqüência de toda e qualquer tragédia grega: (1) prólogo, no qual o conflito é apresentado pelo personagem principal; (2) *parodoi*, quando o coro esboça breves reflexões, junto ao protagonista; (3) o desenrolar da ação, quando aparecem outros personagens de relevância; (4) *stasima* do coro, no qual o protagonista repensa a questão em pauta; e (5) êxodo, em geral caracterizado por diálogos nos

²⁴⁴ Idem, p. 324-325.

²⁴⁵ Idem, p. 341.

²⁴⁶ Idem, p. 343.

²⁴⁷ Idem, p. 347.

quais uma personagem completa as frases e os raciocínios de outra, e que corresponde ao momento em que se chega à resolução do problema inicial.²⁴⁸

Porém, há que se tomar em conta, como afirma o próprio Reyes em um texto posterior à publicação inicial do poema, não fora tanto o reconhecimento canônico da estrutura das tragédias gregas que lhe motivara a a elas remeter-se. Na realidade, seu interesse estaria mais especificamente no fato de que corresponderiam tais modalidades de narrativa a “alegorias morais”. O que mais lhe interessa, portanto, é a possibilidade de partir dos tradicionais tratamentos conferidos à personagem grega, para propor, em *Ifigênia...*, metáforas acerca dos problemas relativos aos homens do presente.

No que tange à escolha da Grécia como referência, bem ao gosto da geração *ateneísta*, em um outro texto que acompanha o dito poema na atual edição de suas obras completas, Reyes descreve, pois, o seguinte diálogo, travado com um amigo seu que acabara de ler *Ifigenia...*

“Muy bien, pero es lástima que el tema sea ajeno.” “En primero lugar – le contesté –, lo mismo pudo usted decir a Esquilo, a Sófocles, a Eurípedes, a Goethe, a Racine, etc. Además, el tema, con mi interpretación, ya es mío. Y, en fin, llámele, a Ifigenia, Juana González, y ya estás satisfecho su engañoso anhelo de originalidad.”²⁴⁹

Daí em diante, prossegue o Autor argumentando a universalidade da cultura grega, antes e agora, assim como da cultura mexicana; daí então, defende a validade de, sem medo, sem hesitação e sem recalques, nos remetermos a tudo que ela possa ter legado aos homens modernos, e a todos os povos, visando o estabelecimento de parâmetros de compreensão para as mais diversas conjunturas e organizações sociais: “*somos uno con ella: no es Grécia, es nuestra Grécia*”.²⁵⁰

Interessante então lembrar que, em um dos textos ensaísticos por mim dantes aludidos, Reyes afirmaria ter cometido, propositalmente, no referido poema, uma série de anacronismos. Vale destacar aqui, a título de exemplo, que os personagens se comportam de uma forma tal, tão estereotipada, que é difícil não se perceber que o Autor da tragédia não é, de fato, contemporâneo aos fatos narrados: os “gregos” – isto é, a família de Ifigênia – aparecem associados à idéia de lógica/racionalismo, e os “bárbaros” – isto é, os habitantes de Táurides – como vingativos e sanguinários. Para utilizar palavras Suas: “*claro esta que, en*

²⁴⁸ Idem, p. 353-354.

²⁴⁹ Idem, p. 352.

²⁵⁰ Ibidem.

*aquellos tiempos heroicos, las perspectivas y contrastes históricos no se apreciaban como lo hacemos hoy, merced a la distancia que significa a la vez recuerdo y olvido.”*²⁵¹

Mas, afinal, com que propósito Reyes imprime esse tipo de alteração ao “conteúdo” das referências “originais” à Ifigênia? Ora, se, como venho propondo, a intenção do dito Autor mexicano era advogar em nome do diálogo com todo tipo de produto cultural, então é preciso se deixar claro que não existe o menor problema (e não deve haver maiores constrangimentos) em nos apoderarmos do produto cultural, seja ele qual for, manipulando-o conforme nossa visão, nosso gosto.

Outro ponto importante, que tange a mesma reflexão: o coro, em *Ifigênia...*, ganha lugar de destaque não apenas e tão somente porque era um dos elementos componentes das tragédias escritas pelos helenos, mas sim devido ao fato de que, em geral, nelas, ele cumpriria o papel de – sem possibilidade de atuar efetivamente no desenrolar dos fatos, através do canto, de gritos e de exortações – ajudar o protagonista a melhor lidar com o drama em questão. Tal condição pareceu relevante, aos olhos de Reyes, pois faz pensar na realidade do literato, na Idade Contemporânea. Disse, quanto a isso, o referido Autor: *“Contempla con dolor el desastre e, incapaz de evitarlo, el coro es desahoga por la boca. Le hemos tronchados pies y manos, de modo que ni obra ni huya. Y está condenado al sacrificio parlante. – como el poeta.”*²⁵²

Por fim, destaquemos as (determinantes) alterações impingidas por Reyes ao princípio como ao final da referida tragédia grega. Tomando-se em conta as reflexões acima, em que proponho que Ele defende a necessidade de a Literatura se voltar para os interesses dos homens de sua época, e partindo-se do fato de que trata-se de um Autor mexicano, Sua opção por apresentar uma Ifigenia que se angustia por desconhecer seu próprio passado pode ser interpretado (ainda que Ele próprio não declare nem ao menos nos referidos textos explicativos do poema) como um desejo de aludir à busca por identidade empreendida por cidadãos do México do período em que viveu, isto é, inícios do século XX.

No que tange ao final da obra, em que Ifigenia se nega a retornar ao lugar que ela mesma, intimamente, julga que é sua terra natal, não creio ser demasiadamente ousado afirmar que Reyes estaria metaforicamente advogando em nome da idéia de que o retorno àquilo que se considera, por tradição, nossas origens, pode não ser efetivamente/necessariamente engrandecedor (ou, em outras palavras, a única alternativa para

²⁵¹ Idem, p. 314.

²⁵² Idem, p. 356.

quem se quer descobrir). A personagem principal do poema de Reyes a princípio, é verdade, deseja voltar para a casa dos pais, mas sente-se subjugada aos interesses e à força da deusa; entretanto, para adiante, acaba por perceber que “ficar” (abrir-se ao novo, ao atual) corresponde aos seus próprios anseios, particulares. “*El yo íntimo se subleva contra los símbolos étnico-religiosos (...) procedimiento que, en forma sencilla, directa, y en un acto breve y preciso de la voluntad, bien podrían, creo yo, servir de alivio a muchos supersticiosos de nuestros días*”; quer dizer: aos pensadores, pesquisadores e literatos que, no México de então, se dedicavam ao trabalhar com foco exclusivo em tudo aquilo que se apresenta como propriamente “mexicano”.²⁵³

Os últimos versos do poema são, enfim, na voz do coro, uma ode ao livre arbítrio:

Escoge el nombre que te guste
y llámate a ti misma como quieras:
ya abriste pausa en los destinos, donde
brinca la fuente de tu libertad.²⁵⁴
(...)
¡Oh mar que bebiste la tarde
hasta descubrir sus estrellas:
no lo sabías, y ya sabes
que los hombres se libran de ellas!²⁵⁵

De acordo com Hugo Achugar, a tese que parece perpassar toda a obra de Reyes é justamente essa, de que a cultura – formas de ser e pensar, das mais cotidianas às formalizadas – do continente ibero-americano deve ser percebida como parte integrante da cultura *universal*. Quer dizer que Ele, ao mesmo tempo em que não se restringiu a abordar apenas e tão somente o que se tinha como componente da tradição mexicana, não se fechou à valorização apenas e tão somente de modelos teórico-interpretativos estrangeiros. Com maior precisão: o referido Autor compreenderia, ao ver do escritor uruguaio citado acima, que éramos justamente nós, periféricos e dependentes economicamente das nações européias e dos Estados Unidos, os cidadãos (no mundo) mais hábeis, a quem caberia realizar a síntese dos modelos civilizacionais de todo o globo, de maneira mais includente, desde agora e em direção a um futuro mais justo.²⁵⁶

Escritor que é, segundo o consagrado pensador mexicano Octavio Paz, Reyes usava e abusava das possibilidades apresentadas pelo *hispanohablar*; brincava com acentos e a pontuação, com os modos de expressão; explorava as maneiras como se vinha correntemente

²⁵³ Idem, p. 316.

²⁵⁴ Idem, p. 349.

²⁵⁵ Idem, p. 350.

²⁵⁶ ACHUGAR. op. cit. p. 651-656.

escrevendo/falando/construindo textos em espanhol, nos mais diversos países. E o faria porque visava, em última instância, a partir disso, a transformação das percepções acerca da realidade à volta; construiu, então, uma linguagem que trazia, intrínseco, embutido, todo tipo de conflito ou, para utilizar palavras do autor de *El labirinto...*, compôs toda uma “ética da linguagem”.²⁵⁷ Avaliarei mais de perto que tipo de contribuições essa perspectiva pode ter legado aos intelectuais mexicanos, páginas à frente, quando foram abordados os intelectuais no México conhecidos como *contemporáneos*.

1.3. *Novelas de la revolución: prosa, engajamento político, e foco no “popular”*

No que tange a **Literatura**, ressaltemos que os tidos como principais nomes da produção em **Prosa**, no México de princípios do século XX, encontravam-se também imiscuídos nas questões envolvidas pelos levantes populares que então se desenrolavam em todo território nacional – estou falando dos ditos expoentes do que hoje se convém chamar “*Novelas de la revolución*”. Tais autores (dentre os quais se inclui José Vasconcelos, com sua obra *Ulises criollo*, de 1936) trabalhavam nas variadas profissões, mas tinham em comum o fato de terem testemunhado os acontecimentos sobre os quais escreviam.²⁵⁸

O hoje mais renomado deles é o médico Mariano Azuela, que escreveu *Los de abajo*, com base em experiências suas pessoais, enquanto estava nos Estados Unidos, após ter desertado de tropas revolucionárias identificadas com Pancho Villa. Seu texto narra, então, a trajetória de Luis Cervantes, um intelectual (nele próprio inspirado) que se associa ao general popular de nome Demétrio Macías, e vem a dialogar com outros dois interessantes personagens: o letrado Alberto Solís, e o louco Valderrama.

Como aponta Algel Rama, em *A cidade das letras*, Azuela teria modificado muitas vezes a estrutura de sua narrativa mais célebre, desde as primeiras publicações, despreziosas, em partes, no folhetim *El Paso del Norte*, no ano de 1915. Tais modificações, conforme o uruguaio, teriam sido efetivadas todas no sentido de uma maior caricaturização do personagem Cervantes, o qual ganhou, como o passar dos anos, um ar de oportunista político; Demetrio, Alberto e Valderama, por outro lado, aparecem ainda mais humanizados (grotescos mas empáticos). Nas palavras de Rama, enfim, “*o testemunho de Azuela [passou a ser]*,

²⁵⁷ PAZ. op. cit. p. 145-146.

²⁵⁸ Elvia Montes de Oca NAVAS. *Un poco más sobre la revolución mexicana de 1910, narrada a través de las novelas*. p. 53-71.

*portanto, mais crítico com o intelectual que com o chefe revolucionário, introduzindo um paradigma que terá longa descendência.”*²⁵⁹

Eis, aqui, um ponto que aproxima Ramos e Azuela: este último, em *Los de abajo*, também não se preocupa em montar um quadro “bonito” do mexicano comum – seus personagens mais “populares” são muitas vezes tristes e confusos (nos inspirando compaixão), mas isso não faz com que deixem de ser cruéis, violentos, machistas, de moral duvidosa, bêbados, assassinos e ladrões. Cito um exemplo: em certa ocasião, no povoado de Lagos, em Aguascalientes, o grupo de Demétrio se depara com o problema de um jovem local que havia furtado dinheiro de uma senhora; ela se dirige ao bando, esperando que lhe fosse feita justiça, e ele se revela consensualmente disposto a conferir uma pena ao criminoso, até que um deles esboça uma apreciação bastante interessante – “*Yo, la verdad les digo, no creo que sea malo matar, porque cuando uno mata lo hace siempre con coraje; ¿pero robar?*” – e um dos generais, amigo, responde: “*¿Y si digo que todos los que venemos aquí hemos hecho lo mismo, se me afigura que no echo mentiras?*”. Daí em diante, como comprovando a descrição do “pelado”, feita em *El perfil...*, passam todos os presentes a se gabar de histórias em que, tendo praticado crimes, comprovariam sua destreza e sagacidade pessoais; logo em seguida, então, sem que se espere, o diálogo perde completamente o foco inicial, e se dissipa:

El tema del “yo robé”, aunque parece inagotable, se va extinguiendo cuando en cada banca aparecen tendidos de naipes, que atraen a jefes y oficiales como la luz a los mosquitos.

Las peripecias del juego pronto lo absorben todo y caldean en ambiente más y más; se respira el cuartel, la cárcel, el lupanar y hasta la zahúrda.

Y dominando el barullo general, se escucha, allá en otro carro:

- Caballeros, un señor decente me ha robado mi petaca.²⁶⁰

Indo da visão do “homem mexicano” à percepção de Azuela acerca daquela conjuntura histórica específica, é possível se dizer que *Los de Abajo* apresentou um modo de entender as coisas – semelhante ao de Ramos, em *El perfil...* – também bem mais complexo do que o correntemente esboçado. Quantos aos interesses envolvidos na dita Revolução Mexicana, por exemplo, esta Obra sugere (a todo momento) que não correspondiam necessariamente a ideais de transformação social ampla e irrestrita. Muitos dos envolvidos na rebelião (na contra-mão do que pretendiam querer fazer crer, na época, intelectuais do porte de Cervantes) ali estariam não por compartilhar de princípios “elevados”, mas por circunstancialidades. A seguinte passagem é ilustrativa do que estou dizendo:

²⁵⁹ RAMA. op. cit. p. 156.

²⁶⁰ Mariano AZUELA. *Los de abajo*. p. 130.

- Yo he procurado hacerme entender, convencerlos de que soy un verdadero correligionario...
 - ¿Corre... qué? – inquirió Demetrio, tendiendo una oreja.
 - Correligionario, mi jefe..., es decir, que persigo los mismos ideales y defiendo la misma causa que ustedes defienden.
- Demetrio sonrió:
- ¿Pos cuál causa defendemos nosotros?
- Luis Cervantes, desconcertado, no encontró qué contestar.²⁶¹

Por fim, no que diz respeito à estrutura de texto, pode-se dizer que, mesmo que Azuela não se tenha propriamente se associado ou vindo a associar a setores intitulados *vanguardistas*, na referida obra antecipa algo do que estes viriam a propor como novidade para a prosa, em diversos países do mundo: com foco na realidade do homem do campo, *Los de abajo* traz quadros rápidos, violentos, realistas; faz também uso da linguagem coloquial.

1.4. O *estridentismo* como primeiro impulso vanguardista no México: poesia, engajamento político, e foco no “atual”

No que diz respeito à **Poesia**, importante lembrar que já desde o fim do século XIX era o *simbolismo* a escola de maior projeção em todo o mundo, o que obviamente inclui o México. Para o estilo dos autores que trabalhavam a língua castelhana voltados para os pressupostos e intenções de Baudelaire, contudo, a designação que se deu foi *modernismo* – destacou-se entre eles o nicaragüense Rubén Darío (1867-1916), e, os mexicanos José Juan Tablada (1871-1928) e Ramón López Velarde (1888-1925). Nas primeiras décadas do século XX, porém, como vimos na Introdução, foram surgindo contestações claras a esta geração: estavam se processando os nascimentos das chamadas *vanguardas literárias*.

Como optei por utilizar a expressão “**movimentos vanguardistas**”, acredito ser mister refletirmos, por ora, sobre os usos do termo “vanguarda”, na busca de elementos que possivelmente identifiquem a multiplicidade de proposições e argumentos que ele implica e implicou no período ao qual minha pesquisa se dedica.

Tal palavra tem origem na francesa “*avant garde*”, e significa, numa tradução “ao pé da letra” para o português, “guarda avante”; se referiria, pois, a princípio, ao grupo de soldados que ficava logo à frente do batalhão, que era o primeiro a entrar em contato com os inimigos de combate. Na linguagem cotidiana, atualmente, contudo, falamos também em “vanguarda” quando aludimos a algo *inovador*, *distinto* do que se têm então como *comum*; a

²⁶¹ Idem, p. 24.

algo que parece *deslocado do tempo*, e, sobretudo, *menos inocente* do que tudo que se encontra entranhado de “agora”.²⁶²

Sabe-se que a auto-designação de “vanguarda” foi prática recorrente de escolas e grupos que tencionavam renovações artístico-literárias, em diversos momentos da história universal. Entretanto, nos mais folheados manuais de Arte e Literatura de hoje tal termo aparece em geral mais especificamente nos títulos dos capítulos referentes às produções culturais de inícios do século XX. Ainda que uma das características mais importantes desses movimentos tenha sido justamente o diálogo entre o “plástico” e a escrita, como em minha pesquisa me dedico à reflexão acerca do **universo dos letrados**, parece-me suficiente citar alguns exemplos daqueles que foram organizados por pensadores/escritores voltados mais intimamente à renovação teórico-estética **literária**; na introdução deste capítulo citei alguns dos mais renomados:

- (1) o **futurismo**, no qual se destacou o italiano Tommaso Marinetti, que lançou um manifesto em 1909;
- (2) o **expressionismo**, lançado em manifesto, na Alemanha, em 1911;
- (3) o **cubismo**, cujo principal expoente, no âmbito da literatura, foi o francês Guillaume Apollinaire, que assinou, com tanto outros, um primeiro manifesto em 1913;
- (4) e o **dadaísmo**, no qual se destacou o suíço Tristan Tzara, que ajudou a escrever o manifesto de 1918.

Entretanto, não se pode esquecer que também na Espanha o *vanguardismo* ganhou destaque: ali tivemos o **ultraísmo**, lançado em manifesto escrito por Rafael Cassinos-Asséns no ano de 1918, na Espanha, e frutificou o **creacionismo**, apresentado a público inicialmente em conferência no Ateneo de Buenos Aires, pelo poeta chileno Vicente Huidobro, em 1916. Do referido manifesto *ultraísta*, proposto em breves linhas, podemos destacar a utilização de termos que se faziam presentes em muitos outros manifestos *vanguardistas* do mesmo período, e de outros países; quais sejam: “arte nuevo”, “renovación”, “rebeldía”, “juventud”.²⁶³ Na revista *Grecia* e, mais tarde, na revista *Ultra*, tanto Cassinos-Asséns quanto seus colegas publicaram, então, poemas caracterizados pela referência às novas tecnologias e ao ambiente urbano, pelo uso de imagens fragmentárias e muitas vezes ilógicas, assim como pela utilização de neologismos, palavras esdrúxulas, expressões coloquiais; apresentaram também artigos criticando severamente a imposição arbitrária do uso da rima, os rebuscamentos e o sentimentalismo tipicamente oitocentistas.

²⁶² HOLANDA. Aurélio Buarque de. op. cit.

²⁶³ Cf. <http://sapiens.ya.com/vanguardias/Ojalvo/Ultraismo/Manifiesto.htm>

É preciso ter-se em mente, contudo, que esses ditos movimentos de *vanguarda* tiveram em comum, não apenas o já aludido **desejo de atualização da forma e conteúdo** em seus trabalhos – o que aliás caracterizou, em certa medida, também a geração anterior – mas principalmente a **maneira como o trouxeram a público**. Mais do que um programa (variável) em prol da ruptura com parâmetros anteriores de “bom” e “belo” literariamente, mais do que a sugestão de poemas (por suposto) mais condizentes com a realidade do século XX, tais autores compartilhavam uma concepção equivalente acerca de **como deveriam se portar** perante os demais setores da sociedade... acerca de como deveriam apresentar para estes suas reivindicações.

Sendo assim, fica claro que o estudo das relações travadas **entre e por** eles, tanto quanto a leitura de suas obras, é tarefa de fundamental importância para compreendemo-los. Um pouco disso fica evidenciado em seus tão combativos manifestos. Tal como afirmei em parágrafos anteriores, quanto ao que sugere o vocábulo que esses literatos escolheram para se autodesignar e com o qual mais costumam ser designados hoje, essa modalidade de textos revela que se estes pensadores e escritores sentiam-se num campo de batalha político-estético-conceitual, se julgavam intelectualmente à frente de muitos dos homens de sua época; rejeitavam a passividade, eram amantes do conflito; se recusavam a adequar-se aos padrões de comportamento, e em sua revolta recorriam sempre a um tom jocoso, festivo e irreverente.

É o *futurismo*, talvez por ter sido o primeiro a ser lançado oficialmente, o movimento *vanguardista* que melhor ilustra o que estou dizendo: o farei, aqui, recorrendo à historiadora Annateresa Fabris, a qual afirma que os integrantes deste movimento **não** apresentaram **apenas** proposições de ruptura que abarcavam o campo estético/literário; sugeriam novas temáticas (a velocidade, a técnica, os ruídos da cidade modernizada) ou uma nova linguagem (fragmentária), visando antes de tudo romper com a elegância e a placidez passiva atribuídas às gerações anteriores de intelectuais. Para utilizar as palavras da referida Autora:

[recorrerem os *futuristas*] a colagem/pesquisas polimatéricas, manifesto, livro de artista, noitada/performance/experimentações teatrais, palavras em liberdade –, ou seja, todas aquelas manifestações que rompem com os gêneros anteriores, que se pautam por uma idéia de mundo não mais hierárquica e sim difusa, policêntrica, simultaneísta, constituída através de flashes que melhor respondem a uma percepção multidirecional, dinâmica, alheia à contemplação e inimiga da esteticidade.²⁶⁴

Conforme Luis Ramón Bustos, mais especificamente em território mexicano este tipo de intenção *vanguardista* teria sido introduzida por Manuel Maples Arce, o qual, em

²⁶⁴ Annateresa FABRIS. A questão futurista no Brasil. In: BELLUZZO. op. cit. p. 68.

1921, na cidade do México, lançou um manifesto chamado *Actual Número 1: Hora de vanguardia: Comprimido estridentista*.²⁶⁵ Este primeiro passo (individual – o texto referido apresentava não apenas proposições escritas e assinadas apenas por Arce, mas também uma foto dele) vinha no sentido de romper com os tradicionalismos *modernistas*, impregnados na poesia do México, desde a sintaxe e o tema, até à postura da intelectualidade: lançava mão de uma linguagem recortada, mas cheia de referências a filósofos, historiadores, literatos e artistas; pregava o enaltecimento do universo urbano, as máquinas, as massas trabalhadoras; fazia uso de palavras de ordem, chistes, ameaças. E isso tudo em nome de uma única exigência, central e definitiva:

Todo el mundo allí, quieto, iluminado maravillosamente en el vértice estupendo del minuto presente atalayando en el prodigio de su emoción inconfundible y única y sensorialmente electrolizado en el “yo” superatista, vertical sobre el instante meridiano, siempre mismo, y renovado siempre. **Hagamos actualismo.**²⁶⁶

No ano seguinte, vinha a público, enfim, um exercício prático do que Arce tinha defendido no referido manifesto – publicava seu livro *Andamios interiores: poemas radiográficos*. Conforme se pode notar pela leitura de *Prisma*, o poema mais famoso da dita obra, nela o Autor fez uso de construções fragmentárias, imagens dinâmicas, simultâneas, confusas, e tocou a temática da cidade modernizada (“parque de manubrio”, “vidrieras”, “anúncios luminosos”, “eléctrico”, “telégrafo”, “ruidos”, etc) para falar do homem, suas percepções e seu lugar naquele novo mundo, e mais explicitamente do sentimento de solidão e abandono inerente à vida moderna. O universo é, então, para este Autor, neste texto, a forma (dolorida) com que o indivíduo – o “yo”, aludido também no manifesto – percebe as novidades à sua volta; é o que demonstra a seguinte passagem:

Yo departí sus manos,
pero en aquella hora
gris de las estaciones,
sus palabras mojadas se me echaron al cuello,
y una locomotora
sedienta de kilómetros la arrancó de mis brazos.²⁶⁷

Importante notar que em tal poema de Arce me parece faltar a ironia/a irreverência tão marcantes em *Actual n° 1*. Diferentemente deste, portanto, naquele prevalece uma atmosfera de sonho, de dúvida, de incompreensão; um desconforto desesperado e a sensação de que, na modernidade, o ser humano se descobre sem forças para lutar contra o destino. A

²⁶⁵ Luis Ramón BUSTOS. *Maples, el jefe de la tribu estridentista*.

²⁶⁶ Manuel Maples ARCE. *Actual Número 1: Hora de vanguardia: Comprimido estridentista*. In: BELLUZZO. op. cit. p. 248. grifo meu.

²⁶⁷ Cf. *Palabra virtual*. <http://www.palabavirtual.com>

cidade, em *Prisma*, é bela, é envolvente, mas foge ao controle, confunde, atordoa; é difícil zombar e sorrir diante dos mais latentes enigmas/problemas existentes nela.

Corrido o tempo, como se era de esperar, Arce foi conquistando aliados e, na cidade de Puebla, mais especificamente no chamado *Café de Nadie*, formou o grupo designado “estridentista”. Apresentavam-se eles, em público, de maneira não convencional: vestiam-se exoticamente e gritavam à toda palavras de ordem; publicavam sempre, contudo, - nas revistas *Zig-zag* e *El universal ilustrado*, por exemplo – poesias que rompiam a estrutura e a temática *modernista*, mas eram, em última instância, muito bem comportadas, e semelhantes às que estavam sendo produzidas nos principais centros culturais do Ocidente (Europa e Estados Unidos).

Relembremos, neste ínterim, que, conforme Belluzzo e Eder, os movimentos *vanguardistas* ibero-americanos teriam características **estruturais** próprias: como já observamos na Introdução deste terceiro capítulo, para nós o repensar das referências estético-literárias implicou, repensar o significado de nossa **própria** cultura (nacional ou ibero-americana).

Ao estudar as relações entre o *surrealismo* europeu e a vanguarda mexicana, por exemplo, Ida Rodríguez Prapolini argumenta que não teria havido a importação de projetos do primeiro pela segunda, mas, significativamente, uma valorização, por parte daquele, do modo de ser, pensar e se portar (periférica) do homem do México. Importante destacar, aqui, quanto a isso, as apreciações de dois dos mais significativos representantes do *surrealismo* francês, Antonin Artaud e André Breton: Artaud, sendo expulso do grupo *surrealista*, em 1927 se transferiu para o México, onde propôs: “[*Lá tantas vezes*] se copia a Europa y para mí es la civilización europea la que debe arrancarle a México su secreto. La cultura racionalista de Europa ha fracasado y he venido a la tierra de México para buscar las raíces de una cultura mágica que aún es posible desentrañar del pueblo indígena”²⁶⁸; Breton, chegando em visita às terras mexicanas no ano de 1938, argumentou, de maneira semelhante, que o que havia sugerido como projeto estético, e no plano da **fantasia**, correspondia, no México, a uma **realidade** – uma “*realidade irreal*”, para utilizar um termo dele.²⁶⁹

No que diz respeito aos vanguardistas propriamente mexicanos, julgo ser relevante destacar que em 1923, os *estridentistas* divulgaram, em Puebla, uma folha volante assinada

²⁶⁸ Antonin ARTAUD. Era el gran día. Buenos Aires: Jorge Alvarez, 1968. Apud. Ida Rodríguez PRAMPOLINI. Antecedentes del surrealismo em México. In: BELUZZO. op. cit. p. 146.

²⁶⁹ André BRETON. Entretiens: 1913-1952. Paris: Gallimard, 1952. p. 170. apud. PRAMPOLINI. op. cit. p. 154.

por vários, contendo um segundo curioso manifesto. Neste, os devaneios conceituais apareciam mais tímidos (fazia-se menos referências a teorias e citava-se menos autores), e um projeto de atuação surgia melhor esboçado: encontrava-se dividido entre questões a serem “afirmadas” (a possibilidade de se transformar a arte, o anseio pela verdade atual), e aquelas que deveriam ser “desprezadas” – (“*caguemonos en*” personagens históricos que são acriticamente tomados como ídolos populares, a Academia consagrada, ect, etc, etc).²⁷⁰ Como afirma Víctor Sosa, além do mais, este segundo texto, em relação ao primeiro, se importaria mais frontalmente com o problema da tradição; por outro lado, não teria grande valor de referência à modernização das cidades.²⁷¹

De minha parte acredito, também, que mesmo uma leitura descompromissada dos dois mais importantes manifestos propostos pelos representantes do *estridentismo*, nos faz despertar para um sem-número de referências ao (e interesse pelo) “ser mexicano” – gostos, comidas, festas, personagens históricos.²⁷² Quando a isso, faz-se mister transcrever o ponto de vista do próprio Arce, concedido em entrevistas muitos anos após se terem encerrado as atividades de militância estridentista, no que diz respeito à relevância do movimento no âmbito nacional: “*todos los movimientos de vanguardia implican cierta universalidad (...) [mas] el estridentismo fue un movimiento con caracteres especiales que correspondieron a la realidad de México y en el momento en que le tocó surgir.*”²⁷³ Ademais, creio não ser demasiado arriscado propor que, se foram críticos no que diz respeito à *maneira* reducionista e reacionária com que a história e costumes mexicanos vinham sendo tomados, não o eram propriamente no que diz respeito a tudo aquilo que se poderia compreender como “local” – “*Viva el mole de guajolote!*”, exclamavam ensandecidos, por exemplo.

Interessante notar, aqui, que este grupo a princípio tão identificado com questões teóricas e estéticas relativas à Literatura, vai passar a dedicar-se com afinco (e cada vez mais exclusividade) às questões sociais, a partir de meados da década de 1920. Em 1924, por exemplo, no *Vrbe: super-poema bolchevique en cinco cantos*, de Arce, ficava explícito o interesse individual e crença de seu Autor pelo tema da revolução social marxista.

²⁷⁰ M. M. ARCE. Manifesto estridentista nº 2. In: BELLUZZO. op. cit. p. 252.

²⁷¹ Víctor SOSA. *El estridentismo*.

²⁷² PRAMPOLINI. op. cit. p. 137-140

²⁷³ In: Araceli RICO CERVANTES. El estridentismo: otra alternativa de la cultura de la revolución mexicana. Tesis para obtener la maestría em Historia em la facultad de Filosofía y Letras, Universidad Autónoma de México, 1978. (A referida entrevista foi feita em 14 de julho de 1976). Apud. PRAMPOLINI. op. cit. p. 138.

Diferentemente da quase-descrença de *Prisma*, aqui constará a impressão de que existiria, sim, uma saída: “*la vida es una tumultuosa/ conversión hacia la izquierda*”, lê-se.²⁷⁴

Já no ano de 1925, foi lançado um terceiro manifesto, composto por várias passagens dos anteriores, mas que, dispondo de links e referências novas, e falando em nome de todos os *estridentistas*, apresentava um tom bem mais marcadamente esquerdista, como revela a seguinte passagem: “*Ahora que la revolución social ha llegado a todas las conciencias, es necesario proclamar como verdad primordial la verdad estridentista: ‘defender al estridentismo es defender nuestra vergüenza intelectual’.*”²⁷⁵

Em 1926, a identificação deste grupo com questões sócio-políticas se oficializou: Arce passou a atuar como secretário, no Estado de Veracruz, do então governador socialista Heriberto Jara, e, trazendo muitos de seus companheiros *estridentistas* para ali também exercerem cargos importantes, fez da capital Xalapa um reduto dos (agora travestidos em mais especificamente engajados) ideais propostos nos manifestos dantes apresentados – Xalapa passou a ser chamada *Estridentópolis*. Aí então Ele e seus companheiros deixaram de se concentrar na produção de poemas, para publicar, em revistas do porte de *Horizonte*, textos mais explicitamente atentos a questões infra-estruturais *mexicanas* – tais como a organização sindical e a produção agrícola e fabril.

1.5. Um segundo impulso vanguardista mexicano: os *contemporâneos*, a universidade, a poesia e o ensaísmo

Em 1928, alguns poetas – em geral oriundos de uma classe média que muito teria sofrido com os abalos da revolução, ligados à estrutura universitária como professores, herdeiros da geração *ateneísta*²⁷⁶, e interessados no *vanguardismo* – editaram a revista *Contemporâneos*, que perdurou até 1931; Jorge Cuesta tentou ainda a edição de *Ulisses* e, mais tarde, de *Examen*. Ainda assim, mesmo quando o periódico já não era mais publicado, por alguns bons anos, os intelectuais que nele se haviam engajado mantiveram-se mais ou menos em contato, continuaram sendo designados “contemporâneos” e trazendo a público, através de outros meios, juntos, suas reflexões.

²⁷⁴ In : http://members.fortunecity.es/mundopoesia/autores/manuel_maples_arce.htm

²⁷⁵ M. M. ARCE. Manifesto estridentista nº 3. In : PRAMPOLINI. op. cit. p. 263.

²⁷⁶ Cito alguns: Carlos Peciler, Xavier Villaurrutia, Salvador Novo, Gilberto Owen, José Gorostiza, Jorge Cuesta, Jaime Torres Bodet, Enrique González Rojo, Samuel Ramos.

Importante destacar aqui, entretanto, as diferenças entre eles e seus antecessores *ateneístas*. Destaquemos, inicialmente, dois pontos que os fazem divergir, no que diz respeito mais especificamente ao trabalho de produção intelectual, de grande parte daquele grupo, ainda que não, como vimos de Reyes: (1) os *contemporâneos* (e Reyes) se deslocaram significativamente das tradicionais reflexões ensaísticas acerca da realidade sócio-política mexicana, concentrando-se em discussões por quais nem todos os integrantes do *Ateneo* chegaram a interessar – aquelas de cunho **filosófico, estético-literário**; (2) contrastando com a antiga super-valorização das escolas gregas e germânicas, se voltaram à **tradição poética espanhola** como um todo – da colônia e da metrópole, da América independente e da Espanha moderna (aqui podemos destacar a presença e decorrentes aprendizados de Reyes como diplomata, em Madrid). Isto posto, com intenções didáticas, apresento a seguir o quadro-síntese de minhas dadas reflexões:

Ateneo de la Juventud	Los contemporáneos
Visavam, em última instância, a publicação de livros e a organização de palestras. Associaram-se, posteriormente, à universidade. Muitos ocuparam cargos na burocracia do estado, tal como na diplomacia.	Eram professores universitários e visavam, inicialmente, a edição de uma revista, apenas. Posteriormente, não pretendiam ser vistos como um grupo coeso, com pretensões emparelhadas.
Objeto: a realidade mexicana.	Objeto: questões literárias e filosóficas.
Referências: principalmente os gregos clássicos, e o romantismo germânico.	Referências: destacadamente, os espanhóis.

No que diz respeito à maneira como se organizaram e se relacionaram com as questões político-institucionais, também há de se destacar disparidades entre *ateneístas* e *contemporâneos* – os segundos **romperam** com a tradicional/clássica concepção do **intelectual-político**, engajado, e com vínculos diretos com os governos instituídos. Além do mais, como destaca Guillermo Sheridan, os *contemporâneos* se preocupavam em apresentar-se perante a sociedade como uma espécie de **confraria fortuita**, extra-oficial, e ao mesmo tempo relativamente alheia aos projetos estatais; pontua:

se resignan a ser un grupo en un medio devastado por una revolución que ha vulnerado a su clase (...), que ha reforzado el centralismo del país, ha conducido al militarismo y a la demagogia nacionalista, y ha dispersado a las generaciones anteriores en diversos exilios, provocando una grave fractura en el proceso generacional.²⁷⁷

²⁷⁷ Guillermo SCHERIDAN. “Los contemporáneos’ y la generación de 27: documentando un desencuentro. p. 185-194.

Conforme Ruben Salazar Mallén, não chegaram **nunca** a definir **programas de atuação** (nem de abordagem, nem de temáticas, e nem muito menos no que tange à suposta função social da intelectualidade). Assim, se Xavier Villarrutia chamou a si e a seus antigos colegas da *Contemporâneos* de “*grupo sin grupo*”, e Jaime Torres Bodet preferiu o título de “grupo de soledades”, fica clara a busca de ambos por metáforas que pontuassem um certo individualismo e uma clara liberdade de escolha de parâmetros entre amigos.²⁷⁸ Octávio Paz, em seus tempos de juventude, diante deste perceptível desinteresse em compor um grupo sólido, voltado para a militância, os teria chamado, afirma Anthony Stanton, *niilistas*;²⁷⁹ Arce, o chefe *estridentista* já devidamente integrado aos aparatos governamentais do estado de Veracruz, questionava tal opção da seguinte maneira:

Para escapar a toda responsabilidad [os *contemporâneos*] adoptaron una posición neutra que les permitió sobrevivir por encima de todos los conflictos ideológicos que han conmovido al pueblo mexicano. Nunca fueron de derecha ni de izquierda. Jamás se levantó su voz para a firmar in principio. Tampoco en el orden literario aportaron innovación alguna, puesto que repetían la lección de sus maestros o imitaban los sentimientos y retóricas de estos.²⁸⁰

Outro grande rebatedor das idéias dos *contemporâneos* foi Emilio Abreu Gómez, principal adversário do mais rebelde e empático deles, Jorge Cuesta.²⁸¹

Quanto a isso, alguns pesquisadores, tal como Louis Panabiere, têm destacado o **progressivo alheamento**, com o passar dos primeiros anos revolucionários, dos intelectuais mexicanos como um todo, no que diz respeito ao Estado instituído. Em seus mais diversos grupos de discussão, agremiações, editoras ou mesmo em seus departamentos, na universidade, muitos pensadores conquistavam autonomia, espaço significativo de reflexão que podia ser, em diversos momentos, avessa aos interesses do regime.

Calles, por exemplo, no discurso comemorativo da fundação do Partido Nacional Revolucionário, em 1930, conclamava a união do “*trabajador del campo y de la ciudad, de las clases medias y submedias, e de intelectuales de buena fé*” – quer dizer: deixava clara a necessidade (e, é provável, implicitamente, a dificuldade) de então se cooptar os segmentos letrados. Outro ilustrativo exemplo do que Panabiere pretende dizer são as seguintes palavras de Luis de León, um dos homens fortes do callismo:

²⁷⁸ Ruben Salazar MALLÉN. *Los prosistas de los contemporâneos*. p. 69.

²⁷⁹ Anthony STANTON. *Octavio Paz y los contemporâneos: la historia de una relación*.

²⁸⁰ M. M. ARCE. *Soberana Juventud*. Apud. MALLÉN. op. cit. p. 70.

²⁸¹ Sobre Cuesta e de Cuesta, ler os textos de *La Gaceta: Literatura y nacionalismo*, Jorge Cuesta; *Cuesta y el democio de la conversación*, Octavio Paz; *Esbozo de un retrato*, Louis Panabiere. Cf. http://www.fondodeculturaeconomica.com/subdirectorios_site/gacetas/OCT_2003.pdf PRAMPOLINI. op. cit.. p. 144.

Los gobiernos de casi todos los países sostienen Universidades propias en las que se impone siempre la tendencia filosófica, social o jurídica que priva en el Gobierno; y en cambio hasta la fecha, en México hemos visto con tristeza que los conocimientos superiores que se imparten en la Universidad Nacional distan mucho, ya sea por el cuerpo docente de ella, ya sea por la falta de orientación de la misma o por otras causas, de conseguir este objetivo.²⁸²

Ao ver de Prampolini, os poetas conhecidos como *contemporâneos* podem ser também classificados como “vanguardistas” por terem sido, afinal, aqueles que no México dominaram, de maneira mais efetiva, o conhecimento das propostas do *ultraísmo* espanhol. Conforme ela, que isso se teria viabilizado através da ida de muitos deles para a Espanha, assim como da vinda de *ultraístas* para território mexicano, como correspondentes de jornais e revistas; para aqueles que não viajavam os contatos puderam ser estabelecidos através das costumeiras trocas de cartas.²⁸³

É preciso destacar, tal como o hoje mais respeitado estudioso mexicano do assunto, Guillermo Scheridan, que as relações entre os ditos *contemporâneos* e os integrantes espanhóis do *ultraísmo* – de maneira distinta do que se deu aparentemente entre estes últimos e os *estridentistas* – ocorreu, por vezes, em meio a sérias discordâncias, conflitos de idéias, críticas severas. Contudo, tal fato não desqualifica a visão da Pesquisadora acima citada: a sensação de *mal estar* pode ser, creio eu, em alguns momentos, indicativa da proximidade de propósitos e interesses e, em se tratando do caso dos poetas *contemporâneos*, pode denotar o desejo de se inserirem no mercado editorial espanhol, convencendo aquele público leitor, forâneo, de que realizavam uma produção tão digna de nota quanto a espanhola.²⁸⁴

Entretanto, estes autores, tão interessados nos escritores **vanguardistas estrangeiros**, ignoraram (ou, em muitos vasos, rejeitaram) o primeiro movimento vanguardista propriamente do México, isto é, o *estridentismo*. Para o referido Historiador, este fato não constitui mera casualidade, mas revela uma opção deliberada pela negação do projeto de uma Literatura estritamente “mexicana”; lembrando de longe os argumentos debatidos e reiterados no *Ateneo de la Juventud*, denominando-se e denominados cosmopolitas, teriam buscado dialogar estritamente com as proposições forâneas de renovação estética.²⁸⁵

Segundo M. Ángeles Vázquez foi exatamente por isso – devido à exacerbação do (antes, pelos *ateneístas*, relativizado) interesse pela Arte, Literatura e Filosofia européias – que muitos estudiosos atentos à produção ibero-americana deste período têm se negado a

²⁸² Louis PANABRIERE. *Conciencia nacional e identidad cultural*.

²⁸³ PRAMPOLINI. op. cit. p. 144.

²⁸⁴ SCHERIDAN. op. cit.

²⁸⁵ M. Ángeles VÁZQUEZ. *Revistas contemporâneos, México*.

reconhecer a relevância do trabalho realizado pelos *contemporâneos*. Mesmo Octávio Paz, como vimos *en passant* logo acima, quando ainda jovem estudante foi crítico do trabalho de tais poetas, e propôs, na contra-mão, a necessidade de um maior cuidado com os temas nacionais, com as tradições mexicanas.²⁸⁶ Isso embora, anos mais tarde, se tenha a eles referido elogiosamente (sobretudo a José Gorostiza e seu poema *Muerte sin fin*), em seu clássico *El labirinto de la soledad* – fato que salta aos olhos, quando se percebe o ocultamento, no referido livro, do movimento *estridentista*, de Arce.

Entretanto, em um breve artigo intitulado *México, los Contemporáneos y el nacionalismo*, Sheridan desconstrói com inteligência a tradição (preguiçosa) de se desassociar “nacionalismo” das intenções que mobilizaram tal “grupo sem grupo”. Segundo Seu ponto de vista, o debate sobre o descaso ou não destes intelectuais frente às problemáticas propriamente mexicanas remonta aos tempos em que a revista ainda circulava; certa feita irritado, por exemplo – conta Sheridan – Bernardo Ortiz de Montellanos, um dos principais editores, teria proposto categoricamente que não se poderia negar, ao menos em termos quantitativos, que o México era, sim, o assunto central da revista. Após análise cuidadosa dos números publicados, então, Sheridan apresenta um quadro em que se pode observar tanto que a maioria dos livros resenhados eram mexicanos, quanto que foram esmagadoramente predominantes mexicanos os autores que ali vieram a publicar trabalhos.²⁸⁷

O fato é que, conforme o referido Pesquisador, a maneira como esses universitários-vanguardistas – os *contemporâneos* – enfocaram o “nacional” foi bastante distinta daquela predominante na época: não era organizada, não era pautada em um programa bem definido, não era militante, não era decididamente esquerdista. Desde o lançamento da revista, aos seus olhos de seus principais colaboradores, mais do que desinteressante, a conduta-padrão que vinculava engajamento na estrutura governamental e ode à nacionalidade parecia sobretudo equivocada, e em muitos casos prejudicial ao aprimoramento intelectual da pátria mexicana. Com o avanço do fascismo na Europa, pouco a pouco, tal a rejeição, por parte deles, se tornou, enfim, ainda mais radical.²⁸⁸ Como propõe Sheridan, com o passar dos anos, por exemplo, a seção intitulada *Libros sobre México* converteu-se em uma seção humorística, na qual eram estilizados e ridicularizados os principais defensores de um nacionalismo que ali se

²⁸⁶ STANTON. op. cit.

²⁸⁷ Guillermo SHERIDAN. *México, los ‘contemporâneos’ y el nacionalismo*. p.30.

²⁸⁸ Idem, p. 31.

rotulava/caricaturizava como “arcaico” e voltado à configuração de (vendáveis) “exotismos”.²⁸⁹

Aqui se faz de grande valia atentar para o fato de que tais pensadores e escritores estiveram ligados a uma publicação espanhola de nome *Revista de Occidente*, organizada pelo já referido renomado filósofo espanhol Ortega y Gasset – o qual esteve sempre atento à necessidade de se **romper com os estereótipos**, os “lugares comuns” no universo intelectual do Ocidente.²⁹⁰ O que pretendiam os *contemporáneos* era, nesta linha, portanto, fazer valer o direito de todo autor mexicano ao diálogo de igual para igual com os autores estrangeiros, sem conformar-se aos modelos previamente estipulados do que seria bom *em México* e *para o México*.

O hoje tido como essencial poeta mexicano Xavier Villaurrutia declarava, por exemplo, que sua poesia intentava, em última instância, falando de suas percepções subjetivas acerca de questões universais tais como o amor e a morte, produzir prazer do tipo “intelectual ou filosófico”, e que assim, desta forma, traria à tona a *humanidade* do “ser mexicano” que ele era. Quanto a isso, cito abaixo a seguinte Sua esclarecedora declaração:

Existimos a pesar de todo, a pesar de nosotros mismos. Qué importa que alguien pida que pongamos etiquetas de “made in México” a nuestras obras, si nosotros sabemos que nuestras obras serán mexicanas a pesar de que nuestra voluntad no se oponga o, más bien, gracias a que se lo propone. (...) Qué importa que se nos acuse de soñar en Europa o en Norteamérica, de saber idiomas, de aceptar influencias extranjeras, de no echar **raíces** en nuestro suelo. Las raíces están presas, son ramas lo que esté libre; se mueven, se desprenden, viajan.²⁹¹

Alfonso Reyes, *ex-ateneísta* e na época um dos mais respeitados pensadores mexicanos, argumentava, na defesa dos *contemporáneos*, que seriam eles profundos conhecedores da Arte e da Literatura do México; e que, enquanto sublinhavam suas principais influências estrangeiras, seus rebatedores não poderiam evitar sofrê-las também, necessariamente, ainda que sem tanta consciência (ou desrecalque). No final das contas, como nos revela Scheridan, Reyes acreditava que as críticas e desentendimentos gerados para e em torno dos referidos pensadores e escritores mexicanos se deviam, de fato, mais a disputas por poder e expressão no universo intelectual local, do que propriamente ao desencontro de perspectivas, do que propriamente a um confronto claro de idéias.²⁹²

²⁸⁹ Idem, p. 32.

²⁹⁰ Idem, p. 37.

²⁹¹ Xavier VILARRUTIA. Conversacion em um escritório. Entrevista a Febronio Ortega. Revista de revistas. 10 de abril de 1932. p. 24-25. Apud. SCHERIDAN. op. cit. p. 34.

²⁹² Alfonso REYES. Escaparate. El Nacional. 2 de março de 1932. p. XI. Apud. SCHERIDAN. op. cit. p. 35-36.

Já Ruben Salazar Mallén afirma que os poetas *contemporâneos* podem ter trazido intrínsecas noções mais que inovadoras, naquela conjuntura que se estende entre a quarta e quinta década do século XX, mas declara não perceber de que forma elas acabaram por implicar em renovações especificamente em seus poemas. Para este Autor, então, há que se reconhecer que, literariamente falando, as obras publicadas por *estridentistas* trouxeram rupturas mais claras e definitivas do que, por exemplo, o já citado *Muerte sin fin*, de Gorostiza. Por outro lado, o fato de que (ao menos em relação ao *estridentismo*) terem apresentado uma formação intelectual mais ampla na temática e erudita nos métodos, fez deles grandes ensaístas. Aqui não se pode deixar de lembrar, é claro, que Samuel Ramos é tido como um dos principais nomes do “grupo sem grupo”.²⁹³

Fundamental ter-se em mente que, quando Ramos publica *El perfil...* já estava bastante inserido no universo intelectual mexicano e era associado como integrante de expressão entre o “grupo sem grupo” dos *contemporâneos* – já tinha ingressado no e abandonado o curso de Medicina, e começado, em 1918 a estudar Filosofia na *Escuela de Alto Estudios*. Conhece a Europa no ano de 1926, com o objetivo central de aprimorar seu currículo de professor universitário; frequentou, então, cursos na Sorbonne, no College de France, e também na Universidade de Roma. Desde 1921, ministrava aulas de Filosofia na *Escuela Nacional Preparatoria* e, em 1928, lançou uma coletânea de artigos que se tinham estampado desde 1924 na já citada revista de Jorge Cuesta, *Ulises*.

Segundo Maria del Carmo Roriva Gaspar, é importante lembrar que Ramos publicou, antes de 1934, em periódicos de expressão nacional (sempre organizados por intelectuais “integrantes” de ou ligados aos *Contemporâneos*), alguns textos curtos mas significativos para todo pesquisador interessado em *El perfil...* Um artigo de título *La cultura criolla*, por exemplo, apareceu em *Contemporâneos* no ano de 1929, e dois outros intitulados *Psicoanálisis del mexicano* e *Motivos para una investigación del mexicano*, na *Examen* (como vimos, também de responsabilidade de Jorge Cuesta), respectivamente em agosto e setembro de 1932.²⁹⁴

No que diz respeito aos dois últimos, conforme Mallén, uma nota explicativa divulgada na época afirmava: “*forman parte del ensayo El sueño de México, cuyo texto completo aparecerá próximamente en forma de libro.*” Apresentavam, portanto, ambos, os

²⁹³ MALLÉN. op. cit. p. 71.

²⁹⁴ RORIVA. op. cit. p. 4.

germes de todo o modelo de entendimento da sociedade mexicana mais tarde melhor sistematizado na obra que viria chamar, afinal, *El perfil del hombre y la cultura en México*.²⁹⁵

Interessante aqui destacar que já desde esses primeiros artigos, as idéias de Ramos teriam sofrido severas críticas tanto de pensadores mexicanos como do Estado. De acordo com o que nos informa Roriva Gaspar, citando o principal biógrafo de Samuel Ramos, o senhor Juan Henández Luna, em razão da publicação de *Psicoanálisis del mexicano*, “*la Procuraduría de Justicia consigno a Jorge Cuesta director de la revista, y (...) Samuel Ramos (...) señalándolos como responsables del delito de ultraje a la moral.*”²⁹⁶

Em *Los prosistas de Contemporáneos*, Mallén também transcreve algumas más impressões de intelectuais do México, causadas pelos primeiros esboços de reflexão de Ramos, em torno dos conceitos que seriam trabalhados em *El perfil...* Primeiramente, se refere à visão dos editores da revista *Excelsior*:

Hubiéramos dejar pasar por alto este estudio, como tantos otros *a la violeta* en que se ejercita nuestra joven literatura de vanguardia (...), si no hubiéramos notado en este artículo un índice de profunda depresión mental en nuestros jóvenes intelectuales (...) y si esta depresión y pesimismo, que casi hacen llorar, no fuera el producto más claro del distanciamiento en que vienen formulándose nuestras clases intelectuales del tipo universitario.²⁹⁷

Já os de *El universal ilustrado*, revista na qual muitos poemas e artigos teriam publicado os *estridentistas*, fez o seguinte comentário:

Su autor pertenece a la clase de los *enfants terribles* del patriotismo, de los ‘nacionalistas vueltos al revés’ que niegan el plan y la sal a su propio país, que gustan escandalizar a sus conterráneos, haciendo afirmaciones diametralmente opuestas a las de ellos; que agrandan complacidos las fallas del carácter de la historia nacionales.²⁹⁸

Relembremos, por fim, que Ramos, ciente de tais críticas, e temendo ser novamente acusado de, ao apontar os problemas nacionais mexicanos, estar desacreditando a população quanto às possibilidades de mudanças sociais, argumentava já no texto de *El perfil...*, editado em 1934 pela **Editorial Pedro Robredo**: “*Nunca llegué a pensar que los vicios señalados en mi libro fueran incorregibles, salvo el caso de que se persistiera en ignorarlos.*”²⁹⁹ Quer dizer

²⁹⁵ MALLÉN. op. cit. p. 72.

²⁹⁶ Juan Henández LUNA. Biografía de Samuel Ramos. In: Samuel RAMOS. *Obras completas*. p. XV-XVI.

²⁹⁷ MALLÉN. op. cit. p. 4

²⁹⁸ Ibidem.

²⁹⁹ RAMOS. *El perfil...* p. 89. No mesmo ano em que *El perfil...* foi publicado pela primeira vez, surgiu a empresa que é hoje considerada a principal editora mexicana – o *Fondo de Cultura econômica* – que, aliás, é responsável pela publicação, atualmente, da referida obra de Ramos. O *Fondo* foi criado por Daniel Cosío Villegas, tendo como público-alvo os estudantes e professores da recém fundada Escuela Nacional de Economía, com o propósito publicar o que havia de mais importante nesta área específica, e buscando garantir bases para que pesquisadores formulassem respostas às crises financeiras que grande impacto tiveram na sociedade mexicana de então. Nascendo como empresa sem fins lucrativos e subsidiada pelo Estado

então que se as idéias que apresenta acerca do homem e da cultura no México não podiam de fato servir na elaboração **apologética** de mexicanidade, aos olhos de Ramos, por outro lado, não deveriam ser **negadas**, como se vinha fazendo, desde as primeiras críticas aos positivistas, em nome do resgate da auto-estima nacional.

Ao que tudo indica, então, no referido livro Ramos partiria da opção, de certa forma esquecida pelos *contemporâneos*, mas tão comum entre os *ateneístas*, por tomar como objeto central de análise a realidade do México, sua história, seus cidadãos, seus problemas e potencialidades. Entretanto, este Autor esboçava ali argumentos que se afastavam em muito dos apresentados pela maior parte dos integrantes do Ateneo, pelo simples fato de que sua intenção metodológica **não** era mais compreender/apresentar a público “o que **era** o ser mexicano”, e **sim**, relativizando como seus colegas de revista, desconstruir “o que e como o cidadão mexicano vinha, historicamente, **pensando e tentando ser**”. Sendo assim, na minha maneira de entender as coisas, o conceito de “pelado”, exposto nas páginas de *El perfil...*, rompia com as comuns (entre o *romantismo* como entre os *ateneístas*) panacéias identitárias, e surgia como instrumento de investigação da realidade.

Um outro aspecto denuncia o quão atrelado às perspectivas apresentadas pelos *contemporâneos* esteve Ramos, em *El perfil...*: mesmo focando o México, este autor compreende que deveria estar atento para que apresentasse reflexões que dissessem respeito ao homem de todo e qualquer país. Daí este texto anunciar a necessidade de que um estudo posterior fosse escrito, um estudo em que fosse estabelecido projeto filosófico-humanista mais pormenorizado e sistemático, que partisse de uma forma de entendimento local, para refletir sobre o modo de pensar, viver e se relacionar dos mais variados cantos do mundo.

Uma análise assim, que faz dialogar tantos elementos – o bom e o ruim, o nacional e o estrangeiro, o estrangeiro e o nacional –, lembra certamente os já aludidos trabalhos de Reyes. Este último, porém, tendo se restrito a escrever vagos e metafóricos poemas, ou então discursos ensaísticos mais amplos, que diziam respeito à Ibero-América como um todo, não chegou a trazer a público um texto que partisse da realidade especificamente mexicana. E é assim, que, por cumprir todos estes requisitos, *El perfil...* intenta ser, como sugere Octavio Paz, “a primeira tentativa séria de nos [aos mexicanos] conhecer”.³⁰⁰

cardenista, logo alcançou uma marca considerável de número de compradores; em poucos anos veio, pois, a ampliar seus espaços de atuação: através dele foram editadas, no México, tanto obras de filósofos, como de sociólogos, de historiadores e também de literatos, nacionais e estrangeiros. Foi através dela, por exemplo, que *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, chegou, traduzida, aos leitores mexicanos, décadas mais tarde..

³⁰⁰ PAZ. op. cit. p. 142.

2. O universo intelectual brasileiro, nas primeiras décadas do século XX, por *Raízes...* e outros textos

Sérgio dedica quase todo um capítulo de *Raízes...* para discutir o papel histórico da intelectualidade no cenário político-cultural brasileiro. Curioso, então, lembrar que embora seu título seja *Novos tempos*, ele, não chega a traçar, efetivamente, um quadro do universo acadêmico que Sérgio ajudava a compor no período em que escreveu e publicou o livro que aqui tomo para análise. Ali, as especulações no que diz respeito a propostas e modelos de pensamento mais recentes se restringem aos apresentados por uma geração que fora influente em fins do século XIX e princípio do século XX, cujos principais pressupostos, na década de 1930, pareciam estar entrando em crise. Podemos dizer, portanto, que a referida Obra não acompanha, de fato, as reflexões de intelectuais que se haviam tornado os mais influentes no cenário brasileiro, e que defendiam projetos inovadores – estou falando mais especificamente dos literatos de *vanguarda*, entre nós chamados **modernistas**, que inspiraram e se relacionaram com toda uma geração de ensaístas, mais tarde, pesquisadores universitários.

Talvez tal fato decorra de uma impressão, por parte de Sérgio, segundo a qual, no final das contas, ainda que fossem surgindo novas idéias, o *modus operandi* do pensador brasileiro permanecia o mesmo – a elitização continuaria sendo, aos seus olhos, no âmbito da produção de conhecimento, nosso principal paradigma. Contudo, o certo é que mudanças claras (em grande parte, aliás, relacionadas às que Ele apresenta no capítulo seguinte de Seu livro, *Nossa revolução*) iam sendo vivenciadas e trabalhadas pelos pensadores, pesquisadores, poetas e romancistas do Brasil do período; os quais não apenas escolheram conceitos outros, mas formas diversas de tomá-los, de dialogar sobre eles, de os apresentar aos demais setores da sociedade. Neste sub-capítulo me dedicarei a pensar essas alterações, assim como as relações entre elas e o texto de *Raízes...*

2.1. Formação da intelectualidade no Brasil: aspectos institucionais e o papel da imprensa

Ao logo de vários momentos do texto de *Raízes...*, Sérgio parece propor que o Brasil estaria em desvantagem em relação a outros países da Ibero-América (destacadamente o México), no que diz respeito à situação do intelectual. Nesta parte me dedicarei a pensar, então, até que ponto as proposições de Sérgio São reiteradas por pesquisadores a nós

contemporâneos, e também quais as possíveis especificidades da conjuntura brasileira de princípios do século XX, no que tange à formação da intelectualidade, e com destaque para a área das Humanidades.

Antes de mais, faz-se mister destacar que, como é sabido, o Brasil da primeira década dos novecentos carecia de universidades, tais como o México, trabalhado por Ramos. Na Bahia, no Rio de Janeiro e em São Paulo funcionavam, sim, renomadas faculdades de Economia, Agricultura, e Direito; mas também aqui não existiam instituições de ensino superior voltadas cuidadosamente à crítica literária, à Filosofia, ao estudo da História.

É claro que isso não impediu que entre nós se desenvolvesse uma larga produção intelectual, em organizações ligadas ao governo, tal como Academia Brasileira de Letras e os Institutos Histórico-Geográficos. Porém, esses núcleos quase sempre estiveram associados a um *modus operandi* pouco ou nada “profissional” – seus integrantes não tinham de necessariamente produzir com regularidade, não eram especializados, e nem tinham na reflexão e na escrita seu principal meio de remuneração.

A ABL, criada no ano de 1896, era, já em princípios do século XX, uma instituição de respeito até então inquestionado em todo o Brasil. Lá se encontravam, para discutir os rumos da Literatura nacional, um número restrito de escritores que internamente haviam sido julgados como os mais talentosos do país. Núcleo parnasiano, liderado pela figura de Olavio Bilac, promovia a divulgação de poemas, crônicas e artigos críticos, mas apenas aqueles que atendessem ao modelo ali consensual, acerca do que seria bom e útil literariamente falando. Os textos publicados por ela, pois, quase sempre correspondiam à doutrina da “arte pela arte” pregada pela revista francesa *Le parnasse contemporain* – uma preocupação constante com a métrica, com a erudição, e com a crítica dos ideais do *romantismo*.³⁰¹

Os principais críticos dos parnasianos brasileiros eram os escritores ditos *simbolistas*, defensores do verso livre e de uma literatura mais emocionada; nas palavras de Wilson Martins, compuseram eles um movimento “*boêmio, espiritualista, satírico e anti-acadêmico*”.³⁰² Bom lembrar, contudo, que, embora tenham representado um papel fundamental como contra-ponto para as idéias naquela época dominantes no cenário brasileiro, ao contrário daquilo que verificamos no caso mexicano, estes autores tão

³⁰¹ Wilson MARTINS. *História da inteligência brasileira*. p. 57 e 137.

³⁰² Idem, p. 140.

interessados na obra de Baudelaire atuaram, no Brasil, geralmente de maneira marginal, com pouca expressividade.

No que diz respeito aos trabalhos produzidos pelo e no IHG Brasileiro, pode-se dizer, com Wilson Martins, que tenderam, nas primeiras décadas dos novecentos a “*perpetuar o nosso tradicional autodidatismo, com a inevitável desordem mental que ele implica.*”³⁰³ Fundado ainda quando da presença de D. Pedro II, como governante do Brasil, afirma Claudia Regina Calarri:

De maneira geral, pode-se afirmar que o perfil dos membros que engrossaram [suas] fileiras (...) foi este: elementos oriundos da burocracia estatal, logo comprometidos com a ordem que representavam, apesar do Instituto se definir como instituição político-cultural – apartada, desse modo, dos debates políticos. A hegemonia estabelecida pelos membros do IHGB – que representavam também a elite pensante – era dupla, estendendo-se pelo Estado e pela sociedade civil, na qual possuíam ativa participação como clérigos, jornalistas e professores. Destacava-se aí o papel da escola, canal de formação dos filhos da elite – por conseguinte, de reforço do cimento ideológico – e, conseqüentemente, de difusão dos valores dominantes pela sociedade.³⁰⁴

Porém, não se pode dizer que os pesquisadores ligados a este grupo não notavam de fato o problema que estavam vivenciando. Como uma tentativa de remediar a total carência, no Brasil, de uma instituição de ensino superior voltada às Humanidades, em 1915, por exemplo, chegaram a se unir para a criação de uma Faculdade de Filosofia e Letras, que chamaram (inspirados, tal como os mexicanos, no modelo francês) *Escola de Altos Estudos*. Sem suficiente apoio estatal, porém, o curso pouco durou – já no ano de 1920 as aulas foram definitivamente interrompidas.³⁰⁵ Em 1927, conveniado a universidades norte-americanas, o IHGB esboçou um programa para a criação de uma nova Escola de Estudos Brasileiros, que, contudo, não chegou nunca a funcionar.³⁰⁶

Como nos afirma Wilson Martins, apenas em 1920 – dez anos após Sierra compor a UNAM, na capital do México – o então presidente do Brasil Epiácio Pessoa apresentava um louvável empreendimento, no campo do ensino superior: a Universidade do Rio de Janeiro – em nosso país, a primeira a funcionar com financiamento integral do governo federal, e a única autorizada a expedir diplomas de validade para todo o território da nação.³⁰⁷ Conforme Ana Walesca P. C. Mendonça, contudo, organizada pela articulação de diversas escolas

³⁰³ Idem, p. 30.

³⁰⁴ Cláudia Regina CALARRI. *Os institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção de Tiradentes*.

³⁰⁵ MARTINS. op. cit. p. 29.

³⁰⁶ Idem, p. 412.

³⁰⁷ Idem, p. 188.

profissionalizantes que já existiam na capital federal – a Escola Politécnica, a Escola de Medicina e a Faculdade de Direito –, não teria promovido de fato um diálogo efetivo entre os diversos cursos, nem por qualquer alteração nos antigos programas, não chegando a compor alternativa verdadeiramente inovadora para a formação de nossa intelectualidade.³⁰⁸ É justamente em face de tais problemáticas que, pontua Martins, em 1927 tal instituição (mais especificamente seu curso de Direito) vem organizar um primeiro congresso visando ampla discussão especificamente acerca da maneira como se vinha processando e como se deveria vir a processar a profissionalização de nossos intelectuais.

De acordo com Mendonça, entretanto, em fins da década de 1920 duas outras empresas autônomas, no que diz respeito ao Estado, teriam representado um papel mais significativo no debate a respeito da problemática do ensino universitário: o jornal *O Estado de São Paulo* (através da figura de Fernando Azevedo) e a Associação Brasileira de Educação, com “filiais” em diversos estados na nação (e da qual fazia parte aquele que seria o primeiro responsável oficial pelo Ministério da Educação, criado por Vargas em 1931 – o senhor Francisco Campos).³⁰⁹

Pode-se supor, com base nos parágrafos acima, que as possibilidades de ingresso em instituições oficiais voltadas ao estudo de Filosofia, História e Literatura foram absurdamente restritas, no Brasil, até a década de 1930. Na realidade, de maneira diversa, como nos apontam ps dados expostos por Wilson Martins, no último volume de sua *História da Inteligência no Brasil*, o ensino brasileiro de então era muito mais plural do que se convém supor:

[Já em 1929,] neste país tido como bacharelesco, havia 14 faculdades de Direito, contra **151 de ensino artístico-industrial**; acrescentem-se 16 escolas politécnicas, 57 agrícolas, 46 comerciais, 36 militares, 6 de Higiene e **190 de Pedagogia**. Eram 11 as escolas médicas, 23 as farmacêuticas.³¹⁰

Não julgo, contudo, que o quadro apresentado por este pesquisador venha a desmontar a hipótese de que um “bacharelismo” seria predominante entre nós: as instituições de ensino por Martins tomadas para catalogação não pretendiam especificamente a **formação** de pensadores, pesquisadores da História e da Sociedade, e/ou como críticos literários.

Defendo, portando, a idéia de que mais comum teria sido que jovens interessados em trabalhar como “profissionais/ especialistas” nestas áreas tenham buscado diálogo e projeção

³⁰⁸ Ana Walesca. C. P. MENDONÇA. *A universidade no Brasil*. p. 136.

³⁰⁹ Idem, p. 137.

³¹⁰ MARTINS. op. cit. p. 451-452.

sobretudo em editoras de livros, revistas e jornais; alternativa esta que, em princípios do século XX, com a diminuição do analfabetismo e o desenvolvimento das técnicas de impressão e *merchandising*, se tornou a mais viável, também financeiramente.³¹¹ De maneira diversa da que ocorreu no México, pois, no Brasil, foi na imprensa, mesmo sem vínculos formais e estabilidade, que se formou uma geração “moderna” de profissionais do pensar e escrever que viriam, mais tarde, ajudar a promover e legitimar a realidade universitária.

Um bom exemplo disso é Sérgio Buarque de Holanda, que se formou-se advogado pela faculdade de Direito do Largo do São Francisco, mas, interessado (a princípio) mais especificamente pelo universo literário, passou a trabalhar nos mais diversos periódicos nacionais - no Rio de Janeiro (a partir de 1928) atuou no *Rio Jornal*, *Idéia Ilustrada* e em *O Jornal*, de Assis Chateaubriand; fundou e contribuiu em inúmeras revistas ligadas ao movimento *modernista*; no Espírito Santo foi diretor de *O progresso*; e esteve também entre os colaboradores de Duco, quando esteve na Alemanha. A imprensa, então, teve, para ele, importância definitiva: foi não apenas como um espaço através do qual adquiriu respeitabilidade e conhecimentos na área específica na qual se consagraria – a História –, mas uma forma por meio da qual pode se sustentar financeiramente.

Importante lembrar, então, que é justamente como jornalista que Sérgio intenta publicar *Raízes...*: pelas boas relações que estabeleceu na imprensa periódica, conseguiu que seu livro viesse a público por uma editora de renome – a *José Olympio*. É também como jornalista que Sérgio viaja ao estrangeiro e tem acesso, na Universidade de Berlim, às mais novas perspectivas da historiografia e sociologia internacionais, do período.

Após

*a chamada Revolução de 1930, o Estado varguista, atento à formação da intelectualidade brasileira, passou a atuar na dianteira deste movimento, intervindo no âmbito da elaboração, difusão e legitimação de idéias, pesquisas, textos, livros. No que diz respeito à criação de produtos culturais, Vargas garantiu o sustento da classe intelectual, tanto com financiamento de obras e eventos, quanto com a inclusão de intelectuais ligados às mais diversas filiações, nos mais diversos setores da burocracia administrativa.*³¹²

³¹¹ Lúcia Lippi OLIVEIRA (Org.). *Elite intelectual e debate político nos anos 30*. p. 34. Sergio MICELI. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. p. 78.

³¹² No que diz respeito à **difusão** de produtos culturais através da máquina estatal, é de fundamental importância falar do DIP. Criado pelo gabinete do presidente Vargas, o Departamento de Imprensa e Propaganda tinha como função primeira trabalhar a imagem do regime, apresentando suas qualidades e combatendo possíveis

É aliás a inclusão dos ditos “homens letrados” no seio do regime uma questão freqüentemente revisitada por historiadores atuais. Lahuerta, por exemplo, parte de influências teóricas gramscinianas para propor em seus trabalhos uma compreensão acerca do significado dos poderes políticos exercidos no Brasil durante o Estado Novo, na qual reforça a idéia de que o governo tinha de obter legitimidade atendendo os interesses de amplas parcelas da população, se articulando a diversos grupos sociais, regulado e regulando-os; o que não poderia ser diferente com os grandes pensadores e artistas.³¹³

Segundo Sérgio Miceli, a intelectualidade brasileira do período usufruiu bem as vantagens de trabalhar para o governo, e costumava justificar o fato de se manter a ele vinculado com a afirmação de que estaria “servindo à nação”. Conforme este ponto de vista, não se pode negar que os inúmeros pensadores, pesquisadores e literatos que se envolveram sem reserva com a burocracia do Estado varguista o fizeram porque tal envolvimento correspondia a uma demanda essencial da época.³¹⁴ Para utilizar palavras de Oliveira: “*Escreveram [e criaram], porque não puderam fazer ainda outra coisa senão pensar...*” – *diziam em 1924. [Já] nos anos subseqüentes a 30, estarão desempenhando um papel [político mais direto] no processo de ‘juntar as pedras’ do Estado nacional.*”³¹⁵

Ângela de Castro Gomes, por fim, apresenta um parecer semelhante, quando afirma haver, na época, apesar de, por vezes, censura e ausência de grande parte dos direitos civis, um considerável espaço de negociação, no qual Estado e intelectuais apresentavam suas cartas, trocavam figurinhas, e investiam competências; faziam exigências e concessões.³¹⁶ Portanto, ao mesmo tempo em que elementos com perspectivas distintas podiam vir a alterá-las, quando integrados ao aparelho federal; a crítica às diretrizes políticas tomadas pelo governo de Vargas podiam ter origem, portanto, no próprio seio do regime.

As resoluções tomadas durante o governo provisório de Vargas referentes à problemática do ensino superior, no Brasil do período, me parece bastante ilustrativa das proposições de entendimento acima aludidas. Por exemplo: como já disse, Francisco Campos

críticas; porém, acabou por assumir outras facetas: abriu espaço considerável para a divulgação dos mais diversos trabalhos que serviam (direta ou indiretamente) à legitimação do poder então instituído, e, mais tarde, a um sem-número de obras de variadas tendências. Foi assim que nasceu, por exemplo, a revista *Cultura Política*, cuja seção de nome *Movimento bibliográfico* era destinada a apresentar um levantamento volumoso dos mais diversos livros publicadas em todo o país.³¹² Ângela de Castro GOMES. O Estado Novo e a recuperação do passado brasileiro. In: ---. *História e historiadores*. p. 125-155.

³¹³ LAHUERTA. op. cit. p. 98-114.

³¹⁴ MICELI. op. cit. p. 159.

³¹⁵ OLIVEIRA. op. cit. p. 39.

³¹⁶ GOMES. op. cit.

era um dos principais expoentes da ABE; entretanto, vindo a ocupar o cargo de ministro da Educação, apresentou em 1931 o Estatuto das Universidades Brasileiras, conforme Mendonça, intrinsecamente ambíguo, visto que caracterizado pela tentativa de conciliar os interesses dos mais diversos setores da intelectualidade da nação. Prevendo que se criasse de um Instituto de Alta Cultura – a ser controlado diretamente pelo ministério presidencial – veio, contudo, a receber diversas críticas, inclusive dos representantes da associação a qual pertencera Campos.

No ano seguinte, então, um grupo de integrantes da ABE, elaborando o *Manifesto ao Povo e ao Governo*, ganhou projeção e passou a ser conhecido como *Pioneiros da Educação Nova*, ou *escolanovistas*. O referido texto – condenando o caráter técnico das instituições brasileiras de ensino superior da época – pontuava a necessidade do ambiente universitário passar a articular três funções principais: a de produção do conhecimento, a de formação de pensadores e pesquisadores, e a de difusão de produtos culturais à população em geral. É com base em tal postulado, pois, que Anísio Teixeira, um dos mais expressivos nomes ligados ao dito manifesto, como secretário da educação do **estado do Rio de Janeiro**, no ano de 1935, irá criar, aquém dos interesses do ministério da Educação federal, a Universidade do Distrito Federal. Surgiram, então, a comendo e dialogando: uma Escola de Ciências, uma Escola de Educação, uma Escola de Economia e Direito, uma Escola de Filosofia, e um Instituto de Artes.³¹⁷

Na capital paulista, em 1934, os já citados intelectuais do jornal O Estado de São Paulo também se inspirariam no escolanovismo para a criação de uma universidade local: a USP. Com ajuda financeira estadual, esta, contudo, veio a caracterizar-se, vantajosamente, por uma maior organicidade – uma articulação mais firme entre os mais diversos interesses, no quadro de professores e funcionários – o que a teria permitido (afirma Mendonça) que se mantivesse e prosperasse significativamente, nas décadas seguintes. Bom lembrar que recuperava o modelo da (antiga) Universidade do Rio de Janeiro – pela incorporação das já existentes escolas profissionalizantes –, mas apresentou, de maneira diversa daquela, uma (nova) Faculdade de Filosofia, que deveria ter a função de inspirar e guiar todos os demais institutos.³¹⁸

Contudo, a partir de 1934, o senhor Gustavo Capanema, ao chegar ao cargo de ministro da educação varguista, recuperará (com força) o projeto de se fortalecer a

³¹⁷ MENDONÇA, p. 138.

³¹⁸ Idem, p. 139.

influência do governo federal na formação universitária de nossos pensadores, pesquisadores e críticos da época. Daí que se manifestasse contrário à existência de uma universidade estadual no Rio de Janeiro, então capital do país; e passasse a lutar, a partir de então, pela criação, ali, de um organismo fundado e gerido pelos encarregados do presidente, e que funcionasse como modelo para as demais instituições brasileiras voltadas ao ensino superior. Principiaria a efetivação de tal intento em 1937, com o surgimento da UB – Universidade do Brasil – e concluiria em 1938, com a “incorporação” da UDF.³¹⁹

Tomemos em conta, por ora, que o ministério de Gustavo Capanema, segundo Ângela de Castro Gomes, não expressaria o desejo de compor-se enquanto um organismo “nacional” não apenas por conferir incentivo fiscal a obras e autores, ou na medida em que implementava os mais variados projetos em defesa da identidade nacional brasileira. Seu próprio modelo de estruturação tinha como implícito o interesse nacionalizante, já que envolvia uma estrutura burocrática (treinada, profissional) que incluía tanto intelectuais de esquerda como católicos conservadores, liberais reformados, fascistas – e das mais diversas regiões do país.³²⁰

Quanto ao interesse pela idéia de “identidade ibero-americana” há de se ressaltar que, entre nossos **governantes**, foi consideravelmente menos expressivo do que entre os mexicanos. Pelo menos é o que nos leva a pensar as pesquisas historiográficas mais recentes: enquanto são muitos os estudos desenvolvidos acerca dos diplomatas enviados ao Brasil pelo México; desconheço qualquer pesquisa nacional dedicada a abordar aqueles que teriam sido enviados ao México pelo Brasil. Como veremos na terceira parte desse capítulo, a temática da ibero-mericanidade também foi pouco tomada entre nossos **intelectuais** – inclusive por aqueles que, voltados à crítica do *romantismo* e do *positivismo*, estiveram bastante atentos à concepção de “nacionalismo brasileiro”.

Em artigo acerca do **posicionamento político** de Sérgio, Antonio Candido afirma que ele nunca chegou de fato a assumir uma postura bem definida – convidado a integrar o *Bloco Operário Camponês*, de orientação comunista, em 1929, por exemplo, veio a recusar. Por outro lado, não se pode dizer, conforme Candido, que tenha sido alheio aos acontecimentos políticos de seu tempo – durante a *Revolução Constitucionalista* (1932)

³¹⁹ Ibidem.

³²⁰ Ângela de Castro GOMES. *Capanema: o ministro e seu ministério*.

chegou a ser preso por manifestar-se a favor dos insurgentes.³²¹ Faz-se mister ressaltar, então, que manteve-se apartado do funcionalismo público, até que, é apenas bons anos depois da publicação de *Raízes...*, no mesmo ano de 1936, **ingressa no universo acadêmico** – inicialmente como assistente dos professores Hauser (História Econômica) e Tronchon (Literatura Comparada), na referida Universidade do Distrito Federal. Voltando a morar em São Paulo, décadas mais tarde, tornar-se-á, pois, mestre **pela** e **professor da** Escola de Sociologia da USP (1958). Apenas então chega a viajar para o estrangeiro com pretensões especificamente acadêmicas – conhece os Estados Unidos, a Itália, a França.³²²

2.2. A prosa de Lima Barreto: aspectos comportamentais da intelectualidade brasileira de inícios dos noventa

Pode-se dizer que, em *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1911), o – hoje célebre, mas na época maldito – prosista carioca Afonso Henriques de Lima Barreto aborda tangencialmente a condição dos intelectuais brasileiros de então. Conta-se, ali, a história de um funcionário público que vivera o início do período republicano sonhando sempre com um país diferente, daí ter dedicado toda sua vida ao estudo e a ações que acreditava contribuir para o engrandecimento do Brasil.

Primeiramente, Quaresma decide por promover uma **reforma cultural**: pesquisando a fundo o “folclore” do país, decidiu propor à Câmara de deputados a adoção do tupi-guarani como nossa língua oficial da pátria; devido a tal exagero patriótico, porém, acabou por ser internado num hospício. Quando, enfim, ganhou a liberdade, concebeu que a maneira mais viável de nos garantir um futuro próspero seria por de uma **reforma na agricultura**: abandonou a vida na cidade grande, e comprou um sítio, julgando ali poder comprovar a tese de que as terras brasileiras seriam as mais férteis do mundo; contudo, em breve percebeu que além de lidar com os obstáculos impostos pela própria natureza, teria de enfrentar as inúmeras barreiras administrativas, as altíssimas taxas impostas aos produtos agrícolas, a burocracia rural, a politicagem mesquinha. Sua derradeira tentativa, então, foi uma **reforma política**: resolveu combater a Revolta da Armada, julgada por ele como uma traição à República, ao

³²¹ Antonio CANDIDO. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (org.) *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*.

³²² REIS. op. cit. 122.

Brasil; a participação na batalha, entretanto, abriu os olhos de Quaresma, que teve de encarar uma dura realidade:

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o a loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções? Onde estava a doçura de nossa gente? Pois não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções... A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete.³²³

Com o fim da revolta, só e doente, é preso e condenado à morte injustamente, por ter redigido um protesto em defesa de presos políticos. Eis o triste fim de Policarpo Quaresma.

Conforme Alfredo Bosi, Lima Barreto teria enfrentado uma série de dificuldades, em sua formação enquanto intelectual, relativas ao fato de ser mestiço e não dispor de significativos recursos financeiros; o preconceito e a pobreza teria sido, por exemplo, as principais razões de ter o referido Autor abandonado o curso de Engenharia, na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Não deixou nunca, porém, de escrever e publicar em diversos periódicos da capital do país, sendo em muito criticado, mas também compondo um corpo de crítica bastante interessante – tanto à comum postura (elitista) da intelectualidade brasileira do início do século XX, como à maneira de se escrever, então, Literatura (seus textos pouco remetem à ao conceito parnasiano de “belo”, naquela época, valorizado).³²⁴

O protagonista de *Triste fim...*, Quaresma, deve ser considerado, creio, como um **intelectual** bem modo daqueles que integravam os Institutos Histórico-Geográficos de todo o país: carregava consigo, acriticamente, um vasto conhecimento enciclopédico acerca de nossas supostas “virtudes” e especificidades “folclóricas” e “naturais”; um conhecimento que servia como base para sua (ainda que exacerbada, consensual) concepção de “nacionalidade brasileira”.

Porém, a maneira de Quaresma compreender o universo à sua volta também pode ser associada à formação **técnica** de tantos brasileiros que viveram na transição dos oitocentos para os novecentos: quando se muda para o Sítio Sossego dedica-se às mais recentes descobertas da ciência acerca das leis da natureza, observa com cuidado de especialista as espécies vegetais e animais de sua propriedade, organiza um museu e uma biblioteca agrícola, e se cerca-se de instrumentos que julga ser úteis para que se viabilizasse uma larga produção

³²³ Lima BARRETO. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. p. 130-131

³²⁴ Alfredo BOSI. *O pré-modernismo*.

de bens alimentícios. Compõe, assim, – mesmo sem possuir diploma de ensino superior, e talvez mesmo por isso – o estereótipo do “doutor” do Brasil de princípios de nossa época republicana.

Contudo, sua fixação por dominar, enciclopedisticamente, todo tipo de conhecimento – que dizer, sem criar, apenas reproduzindo o que havia de instituído – vez por outra aparece, na trama de *O triste fim...*, confrontada a uma suposta maior eficiência dos conhecimentos populares: a esposa de seu empregado, curandeira, revela-se mais apta a prever fenômenos meteorológicos do que toda a sua parafernália tecnológica. Ao contrapor essas duas perspectivas (cultura letrada e cultura popular) – acredito – Barreto pretende expor ao ridículo o tão caracteristicamente brasileiro costume de cultivar “bacharéis”. O mesmo é válido, creio, para o capítulo em que um dos personagens é cercado pelo grupo de vizinhos, com olhares e palavras elogiativos, pela simples razão de ter concluído o curso de Odontologia.

Em *Raízes...* Sérgio destaca com grande ênfase – e de maneira semelhante a Barreto, em *Triste fim...* – a permanência, no Brasil de até meados da década de 1930, do costume de se conferir relevância social ao **diploma de “doutor”**, e afirma que tal fato deveria ser percebido como herança lusa, já que “*em quase todas as épocas da história portuguesa uma carta de bacharel valeu quase tanto como uma carta de recomendação nas pretensões a altos cargos públicos*”.³²⁵

Uma outra característica que o referido Autor sugeriu ser bastante marcante do campo intelectual até os dias em que escrevia *Raízes...* era aquilo que ele chamou “*um amor pronunciado pelas formas fixas e pelas leis genéricas, que circunscrevem a realidade complexa e difícil dentro do âmbito dos nossos desejos*”.³²⁶ Daí decorreria, pois, a nossa corrente **opção por importar modelos** filosóficos, morais e comportamentais do estrangeiro; modelos dentre os quais Sérgio destaca o **positivismo**, que tão bem se “encaixou” ao modo de ser brasileiro devido à sua “*capacidade de resistir à fluidez e à mobilidade da vida*”³²⁷ ... e o **liberalismo**, cuja “*ideologia impessoal (...) jamais se naturalizou [verdadeiramente] no Brasil*”³²⁸.

³²⁵ HOLANDA. *Raízes...* p. 157.

³²⁶ Idem, p. 157-158.

³²⁷ Idem, p. 158. Sérgio argumenta que a importância conferida ao positivismo foi comum em outras nações componentes da Ibero-América, tais como o Chile e o México, de Ramos. Quando ao México, declara: “*Em certo instante [os leitores de Comte] chegaram a formar a aristocracia do pensamento brasileiro, a nossa intelligentsia. Foram conselheiros prediletos de alguns governantes e tiveram papel parecido com o daqueles científicos de que gostava de cercar-se o ditador Porfírio Díaz.*” Cf. Idem, p. 159.

³²⁸ Idem, p. 160.

2.3. O *modernismo* como movimento de vanguarda brasileiro: posturas críticas em relação à maneira como se comportavam e produziam os literatos do Brasil das primeiras décadas do século XX

Já nos primeiros anos da década de 1920 a crítica aos *parnasianos* podia ser verificada em diversos âmbitos da intelectualidade brasileira. Citamos, nas duas primeiras partes deste capítulo, o caso dos poetas *simbolistas*, e também de Lima Barreto. Além disso, pode-se dizer que, no Rio de Janeiro, mais especificamente na Biblioteca Nacional, em fins dos anos 1910 já existiam inclusive reuniões periodicamente, com o intuito de discutir os novos rumos que ia tomando ou deveria tomar a poesia e a prosa nacional; estes encontros foram chamados, conforme Wilson Martins, “vesperais literárias”.³²⁹

Em 1922, pintores, escultores e literatos oriundos de vários estados do país, inspirados pelo *vanguardismo* europeu, organizaram, em São Paulo, alguns dias de exposições, palestras e debates, visando discutir a problemática da Arte e da Literatura no Brasil da época, em oposição aos paradigmas vigentes no país, dentre os quais, o *parnasianismo*. O fizeram, contudo, (diferentemente da maneira como até então se tinha feito) com agressividade, ironia e alarme – era a chamada *Semana de Arte Moderna*, através da qual começou a se projetar o grupo que se auto-denominava “*modernista*”.³³⁰ A forma com que esboçaram suas críticas fica bastante clara através da leitura do seguinte trecho do discurso de um de seus mais célebres integrantes, Graça Aranha:

Ignoro como justificar a função social da Academia [*locus* privilegiados dos *parnasianos*, mas da qual fazia parte o próprio Graça Aranha]. O que se pode afirmar para condená-la é que ela suscita o estilo acadêmico, constrição a livre inspiração, refreia o jovem e árdego talento que deixa de ser independente para se vaziar no molde da Academia. É um grande mal na renovação estética do Brasil e nenhum benefício trará à língua esse espírito acadêmico, que mata ao nascer a originalidade profunda e tumultuária da nossa floresta de vocábulos, frases, idéias. Ah! se os novos escritores não pensassem na Academia, se eles por sua vez a matassem em suas almas, que descortino imenso para o magnífico surto do gênio, enfim liberto de mais esse terror. Esse “academicismo” não só é dominante na literatura. (...) Por ele tudo o que a nossa vida oferece de enorme, de esplêndido, de imortal, se torna medíocre e triste.³³¹

³²⁹ MARTINS. op. cit. p. 219.

³³⁰ Seus principais organizadores foram: Francesco Pettinati, Flaminio Ferreira, Manuel Bandeira, Sampaio Vidal, Paulo Prado, René Thiolliet, Couto de Barros, Mario de Andrade, Cândido Mota Filho, Graça Aranha, Manuel Vilaboin, Godofredo Silva Teles, Rubens Barbosa de Moraes, Luís Aranha, Tácito de Almeida, Oswald de Andrade.

³³¹ Apud. MARTINS. op. cit. p. 240.

Mas qual teria sido a relevância das *vanguardas* européias para a concepção de “intelectual” da qual dispunham os ditos *modernistas*, no Brasil? Na quarta parte do sub-capítulo anterior, argumentei que o *futurismo* teria parecido interessante aos olhos dos *estridentistas* apenas na medida em que propunha um programa de comportamento para a intelectualidade bastante condizente com as pretensões específicas deste grupo mexicano, de romper com os modelo de que dispunham *modernistas/ simbolistas*, e que era predominantes do México de então. Ao longo de todo este novo sub-capítulo, me dedico, intrinsecamente, a sustentar a validade do mesmo raciocínio para o caso do Brasil: os manifestos apresentados por Martinetti, para nossos *modernistas/ vanguardistas*, foram de importância nodal, na medida em que serviram como a referência necessária de um *modus operandi* combativo, na luta contra a cristalizada legitimidade, **entre nós**, diferentemente, do *parnasianismo*.³³² Aliás, importante apontar, neste íterim, que, para Martins, no que diz respeito ao programa apresentado pelo *vanguardismo* brasileiro na Semana, o que encontrou de fato resistência em grande parte da imprensa de então não foram suas propostas efetivas de como trabalhar a Literatura – as quais, a bem da verdade, naquele momento ainda não tinham sido suficientemente, por eles, trabalhadas. As hostis críticas que receberam se voltavam justamente para a maneira como se haviam **comportado**.³³³

Conforme Fabris, em se tratando mais propriamente das reflexões que os *futuristas* estabeleceram acerca da relação entre os intelectuais e a **escrita/** e a **reflexão**, o certo é que em grande parte não chegaram nunca a ser vistas, pelo *modernismo* brasileiro, com bons olhos. Afirma esta Autora, primeiramente, que, no Brasil, desde as primeiras leituras os manifestos do *futurismo* teriam sido encarados com **desconfiança**, pela glorificação do **militarismo patriótico** que pontuavam; essa rejeição se tornou, aqui, mais clara, com o passar dos anos – com a cada vez mais ampla expansão das teorias fascistas, e com a aceitação delas, oficialmente, por Marinetti. Além disso, declara Fabris, Mario e Oswald de Andrade, os dois mais famosos expoentes *modernistas*, se opuseram sempre de maneira firme ao desejo *futurista* de que museus e monumentos históricos fossem destruídos – para um e outro dos acima referidos Literatos, de maneira diversa, segundo a dita pesquisadora (e como veremos mais pormenorizadamente na próxima parte deste sub-capítulo), a nação brasileira deveria aprender a **trabalhar sua memória**, e não negá-la. No Brasil, enfim, diz Fabris, por ter grande parte dos expoentes considerados mais significativos do *modernismo* vindo a defender a necessidade de, para escrever poesia e prosa, partir da **realidade local** – a qual

³³² FABRIS. op. cit. p. 67-80.

³³³ MARTINS. op. cit. P. 16-17.

incluía elementos que podiam não estar necessariamente em contato com a modernização – a literatura de *vanguarda* revelou um quadro de referências não apenas inovador, disposto a ser atual, mas também mais **complexo**, e mais **democrático**.³³⁴

Discursavam, assim, de maneira inovadora e autêntica, críticos não apenas ao *parnasianismo*, mas também de outros dois pontos de vista que haviam prevalecido, entre a intelectualidade brasileira, nos oitocentos: o elogioso e acrítico *romantismo*, e as teses biologicistas condenatórias, características do *positivismo*.

Segundo Wilson Martins, a compreensão hoje generalizada acerca da importância história da Semana não ocorreu de maneira imediata. Um dos mais importantes periódicos dedicados à arte e à literatura desde 1916, a *Revista do Brasil*, não chegou a registrar, pelo menos até o ano de 1923, qualquer esforço *vanguardista* ocorrido na cidade de São Paulo.³³⁵

Pode-se dizer que, verdadeiramente, tal movimento apenas começou a tomar corpo – um número maior de adeptos e críticos favoráveis, assim como um instrumental teórico e um cardápio de proposições mais amplo – quando ganhou espaço na imprensa, através da criação de periódicos por parte de seus próprios integrantes.

A primeira revista hoje denominada *modernista* é *Klaxon*, cujo primeiro número traz um editorial que aponta as principais diretrizes de que partiriam seus editores para seleção dos textos a serem ali publicados. Seus redatores declaram, assim: (1) a preocupação com o atual; (2) com o internacionalismo; (3) com o nacionalismo; (4) com o lirismo; (5) com o progresso; (6) com a tradição.³³⁶

Aqui podemos dizer que Sérgio participou ativamente de *Klaxon*, e ainda que, após o fechamento desta, no ano de 1924 – juntamente com Prudente de Moraes Neto e com o já citado Graça Aranha – passou a publicar um novo periódico com o rótulo de *modernista*, *Estética*. Também julgo ser interessante lembrar, por ora, que *Raízes...* teve alguns de seus trechos (os quais comporiam o capítulo *O homem cordial*) publicados sob o título de *Corpo e alma do Brasil*, no periódico também *modernista* de nome *Espelho*, em março de 1935, um ano antes de sua edição no livro.³³⁷

Entretanto, com o passar do tempo ficava evidente que o grupo *modernista* – que na Semana desejara apresentar-se como caracterizado por uma certa homogeneidade – ia

³³⁴ FABRIS. op. cit. passim.

³³⁵ MARTINS. op. cit. p. 289.

³³⁶ Mário de ANDRADE. Apresentação da revista *Klaxon*. In: BELLUZZO. op. cit. p. 250.

³³⁷ BERTOLLI. op. cit.

revelando mais e mais conflitos internos.³³⁸ Um ano após tal evento, muitos de seus principais expoentes viajaram para a Europa e para os Estados Unidos; mesmo tendo permanecido no estrangeiro durante não muito tempo, quando retornaram, estavam todos mudados, e o Brasil também parecia estar um tanto diferente, exigindo uma postura mais “racional” de sua intelectualidade.³³⁹ Importante, então, destacar que, poucos meses após chegar de Paris, em 1924, Oswald – com um arcabouço consideravelmente maior de propostas estéticas, esboçadas no *Manifesto Pau-brasil*, mas significativamente menos crítico em relação a alguns dos representantes então mais ilustres da literatura nacional –, romperia com o velho Graça Aranha, devido a um discurso anti-academicista e anti-*Pau-Brasil*, proferido por este último, na Academia Brasileira de Letras.

No discurso de Graça Aranha constavam as seguintes palavras:

os escritores que no Brasil procuram dar de nossa vida a impressão de selvageria, de embrutecimento, de paralisia espiritual, são pedantes, são pedantes literários. (...) O primitivismo dos intelectuais é um ato de vontade, um artifício como o arcadismo dos acadêmicos.³⁴⁰

Contra as quais Oswald teria pontuado: “*não faço questão de continuar entre os Espalha-Brasas ilustres, onde a generosidade tradicional do conferencista me colocou (sic).*”³⁴¹

Em 1925 Mario de Andrade também rompeu com Graça Aranha, num ensaio intitulado *A escrava que não é Isaura*, que revelava claras intenções de crítica a um livro há pouco publicado pelo referido colega de Semana, *O espírito moderno*.³⁴² Cito um trecho:

Ainda não vi sublinhado com bastante descaramento e sinceridade esse caráter primitivista de nossa época artística. Somos na realidade uns primitivos. E como todos os primitivos realistas e estilizadores. A realização sincera da matéria afetiva e do subconsciente é nosso realismo. Pela imaginação deformadora e sintética somos estilizadores. O problema é juntas num todo equilibrado essas tendências contraditórias. Contradigo-me. Erro. Firo-me. Tombo. Morrerei? É coisa que não me preocupa nem perturba. Em todos os períodos construtivos é assim.³⁴³

Pode-se propor ainda que, a partir de fins da década de 1920, surgiu uma preocupação maior com aspectos relativos à história do país, assim como com a possibilidade de atrelar literatura a um certo engajamento – o qual podia implicar na associação a movimentos de esquerda e de direita, e também em cargos burocráticos do Estado varguista;

³³⁸ GOMES. op. cit.

³³⁹ MARTINS. op. cit. p. 297.

³⁴⁰ Apud. MARTINS. op. cit. p. 317.

³⁴¹ Apud. Idem, p. 318.

³⁴² Idem, p. 352.

³⁴³ Apud. Antonio CANDIDO & J. Aderaldo CASTELLO. **Presença da Literatura brasileira**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974. v. 3. p. 87-88.

mais tarde, temos ainda a tentativa de “academização” por vários expoentes. Isso esteve ligado (e pode explicar) o fato de que o referido grupo *vanguardista* brasileiro acabou por se dissolver, de meados dos anos 1920 a diante, em diversos outros.³⁴⁴ No ano de 1927, o antigo colaborador da *Revista de Antropofagia*, Alcântara Machado, declarava, em entrevista a *O jornal*:

Antigamente era a frente única. Pancada nos inimigos. Agora é a discórdia. Pancada nos companheiros. A preocupação de saber quem é que está certo. Ou o que é mais gostoso: quem é que está errado. Crítica e mais crítica. E principalmente a preocupação (idiota como já me disse Paulo Prado) de querer saber quem é de fato brasileiro da gema. A toda hora surge um cavalheiro com a mão no peito: eu sou auriverde de verdade!³⁴⁵

Em 1924, com seu *Manifesto Pau-brasil*, Oswald já havia aglutinado em torno de si uma série de intelectuais brasileiros. Em 1928, ao lançar o *Manifesto Antropófago* e a *Revista de Antropofagia*, radicalizou grande parte de suas referências ao primitivismo, ganhando novos companheiros de perspectiva, mas, também, ganhando e/ou acirrando os ânimos críticos em relação ao seu papel enquanto literato. Alguns anos mais tarde, romperá, por exemplo, com um de seus maiores amigos, Mário de Andrade.

Segundo Ângela de Castro Gomes, contudo, as diferenças de perspectiva que vieram a causar a ruptura do grupo *modernista* já existiam, entre seus representantes, antes mesmo da organização da Semana. Os literatos ao qual a referida historiadora se dedicou a analisar no artigo *Os intelectuais cariocas: o modernismo e o nacionalismo*, por exemplo, ligados à criação da revista *Festa*, no ano de 1927, atuaria mais ou menos junto desde 1919, em diversos periódicos divulgados na então capital do país, tais como *América Latina*, *Árvore nova*, *Terra de sol* – seriam eles: Tasso da Silveira, Andrade Muricy e Murilo Araújo.³⁴⁶

Conforme Gomes, foi comum os *modernistas* de São Paulo tentarem fazer crer que *Festa* era **descendente** direta do *vanguardismo* da Semana da Arte Moderna; entretanto, muitas de suas características mais importantes se opõem frontalmente ao projeto intelectual naquele de que dispunha o grupo *Pau-brasil/Antropofagia*. Nas palavras do renomado crítico literário brasileiro Antônio Cândido, diferentemente do discurso que é comum se atribuir aos organizadores da Semana, os responsáveis por *Festa* “propugnaram uma orientação moderna

³⁴⁴ MARTINS. op. cit. 375, 377, 395.

³⁴⁵ Apud. Maria Inez Machado BORGES PINTO. *Urbe industrializada: o modernismo e a Paulicéia como ícone da brasilidade*. p. 452.

³⁴⁶ GOMES. op. cit. p. 90.

sem radicalismo, o abandono do pitoresco e [se voltaram a] o cultivo dos temas e valores universais”.³⁴⁷

Estavam, porém, como seus antigos companheiros de empreitada, interessados (sim) nos temas que, como propus no capítulo anterior, preocupavam todo brasileiro daquela conjuntura, e, sobretudo, como temos visto nesta parte, os principais nomes ligados aos manifestos *Pau-brasil* e *Antropófago*: a modernidade, a democracia, a brasilidade. Diferentemente destes, portanto, aqueles podem não ter pregado uma transformação brusca no *status quo* como nas concepções estéticas predominantes em nosso país, mas é inegável que ansiaram e estiveram atentos às mudanças que desejavam que ocorressem e que já ocorriam no Brasil de então.³⁴⁸

É o que revela o poema *Intróito*, de Tasso da Silveira, publicado em seu livro *Definição do modernismo brasileiro*, no ano de 1932, que transcrevo (em partes) a seguir. Nota-se, nele, a tentativa de demonstrar que a Literatura teria papel fundamental como guia e suporte para todo tipo de mudança sócio-política que a nação brasileira ia vivenciando, mas também que a idéia de “renovação” não era específica daquelas primeiras décadas do século XX, e que, conseqüentemente, o homem de “hoje” não deveria deixar de perceber “a realidade total” – o ontem faz parte do agora; e o Poeta não é apenas instinto/agressividade, mas também conhecimento/ erudição. Cito os seguintes versos, nos quais não se observa preocupação com a rima, mas se nota um certo tom exortatório:

Nós temos uma visão clara desta hora.

Sabemos que é de tumulto e de incerteza.
E de confusão de valores.
E de vitória do arrivismo.
E de graves ameaças para o homem.

Mas sabemos, também, que não é esta a primeira
hora de agonia e inquietude que a humanidade vive. (...)

A arte é sempre a primeira que fala para anunciar o que virá.
E a arte deste momento é um canto de alegria,
uma reiniciação na esperança,
uma promessa de esplendor.

Passou a profundo desconsolo romântico.
Passou o estéril ceticismo parnasiano.
Passou a angústia das incertezas simbolistas.

O artista canta agora a realidade total:
a do **corpo** e a do **espírito**, a da **natureza** e a do **sonho**,

³⁴⁷ Idem, p. 99.

³⁴⁸ Idem, p. 92-93.

a do **homem** e a de **Deus**,

canta-a, porém, porque a percebe e compreende
em toda a sua múltipla beleza,
em sua profundidade e infinitude.

E por isto o seu canto
é feito de **inteligência e instinto**
(porque também deve ser total)
é feito de ritmos livres
elásticos e ágeis como músculos de atletas
velozes e altos como **sutilíssimos pensamentos**
e sobretudo palpitantes
do triunfo interior
que nasce das **adivinhações maravilhosas...**

O artista voltou a ter os olhos adolescentes
e encantou-se novamente com a Vida:

todos os homens o acompanharão!³⁴⁹

Interessante abordar também, tal como a pesquisadora brasileira Mônica Pimenta Velloso, o grupo de intelectuais ligados ao *modernismo* que passa, a partir de 1926, a ser denominado *Verde-amarelo*, e a partir de 1929, *Anta*. Há que se notar aqui, antes de mais, que esses literatos, tal como os de *Festa*, já atuavam e estavam em contato desde fins da década de 1910 e início da de 1920, no *Correio Paulistano* como na revista *Brasileia* – estou falando principalmente de Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, e Plínio Salgado. Importante destacar que, em 1930, estes passarão a compor o grupo político reacionário denominado *Integralista*.³⁵⁰

Conforme Velloso, já em fins da década de 1920 os *verde-amarelistas* passaram a se identificar e ser identificados enquanto conjunto mais ou menos coeso justamente através da oposição que fizeram aos dois outros grupos *modernistas* anteriormente citados. Em relação em particular ao *Pau-Brasil/Antropófago*, pode-se dizer, conforme a Autora, que foram críticos na medida em que se posicionaram contra um suposto cosmopolismo/urbanidade; valorizaram, na contra-mão, o universo do “campo” e, propuseram uma abordagem focada no “bandeirante”/“caipira” paulista, apresentando-o como o verdadeiro “herói” da nação. Além do mais, diferentemente de Mário, que viajou o Brasil em busca de elementos que (atrelados à condição de modernidade) pudessem ser percebidos como constituintes de nossa identidade nacional, o grupo denominado *Verde-amarelo* dedicou-se a apresentar textos que se pautavam na São Paulo rural, para a proposição do elogio (amplo) da brasilidade, e a afirmação da

³⁴⁹ Cf. <http://www.revista.agulha.nom.br/tas1.html>

³⁵⁰ Mônica Pimenta VELLOSO. *A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista*. p. 05.

possibilidade de progresso (da nação como um todo). Por fim, outro elemento que diferencia esses literatos é, para Velloso, a maneira como lidaram uns e outros com os fatores “geografia” e “história”: enquanto um Oswald e o Mário destacavam as mudanças ocorridas ao longo do tempo, na **história** do país, os *verde-amarelistas* focavam a “**natureza**” paulista (flora, fauna e habitantes) como fator-revelador mais claro das possibilidades de, em nosso país como um todo, promovermos desenvolvimento técnico-econômico e justiça social.³⁵¹

Em relação ao grupo *Festa*, o que se pode dizer, segundo Velloso, é simples: dedicando-se a ufanar o estado de São Paulo, os *verde-amarelismo* tratou de desqualificar toda a classe de intelectuais oriunda ou que vivia no Rio de Janeiro: chamaram-nos burocratas, corruptos e individualistas, desinteressados nos problemas verdadeiramente nacionais.³⁵²

O poema cujos trechos transcrevo a seguir é bastante ilustrativo das proposições de Velloso, desde o título até os versos que o compõem. Publicado pela primeira vez em 1928, denominado *Brasil-menino*, e narrando (em primeira pessoa) a infância de um comissário de café de São Paulo, cujo pai (!) bandeirante teria desaparecido, tal texto se refere ao rio Tietê como ícone da tradição brasileira, como elemento histórico que serviria como a ponte entre o passado e o presente de toda a nação – o imaginário do menino (“*meu pai era um gigante*”, “*partiu (...) no seu dragão de pêlo azul*”), o imaginário popular (“*Quando veio o Natal, meu pai estava longe (...)/ Eu me lembrei de procurar um par de botas/ das que meu pai usava (...)/ Chegou a manhã, linda como um tesouro!/ e eu fui achar, com o coração aos pulos de alegria,/ as duas botas de couro/ abarrotadas de ouro!/ (...) Minha avó (...) me garantia:/ - Foi papá Noel quem trouxe.*”) se misturam com imagens recortadas da cidade brasileira que no início do século XX mais se modernizava e enriquecia (“*Minha cidade é este tumulto colorido que aí passa/ levando as fábricas pelas rédeas pretas de fumaça! Barulho fantástico/ de um mundo que saiu da oficina.*”). Cito:

O Tietê conta a história dos velhos Gigantes
Que andaram medindo as fronteiras da pátria,
Ao tempo em que S. Paulo coloca os sapatões atrás da porta
e os sapatões amanhecem cheios de outro...
E os sapatões amanhecem cheios de esmeraldas...
E os sapatões amanhecem cheios de diamantes...³⁵³

Fundamental aqui lembrar, pois, que Sérgio rompeu oficialmente com o “todo” *modernista*, no ano de 1927. Simbolicamente, então, distribui todos os seus livros de literatura

³⁵¹ Idem, 9-12.

³⁵² Idem, 5-6.

³⁵³ Cf. http://www.jayrus.art.br/Apostilas/LiteraturaBrasileira/Modernismo22/CASSIANO_RICARDO.htm

e crítica literária – demonstrando a descrença na possibilidade de que a Poesia e a Prosa *vanguardistas*, àquela maneira, pudessem cumprir com o projeto de transformação social – e parte para o Espírito Santo, para uma cidadezinha pequena, onde foi encarregado do jornal *O progresso*.

Entretanto, creio, particularmente, que a experiência do *modernismo* tenha marcado, sim, Seu comportamento enquanto intelectual, indelevelmente, mesmo após muitos anos – se compararmos ao modo de se expressar mais “sisudo” e “acadêmico” de Samuel Ramos, por exemplo, tal condição, na escrita de Sérgio, salta aos olhos. Creio não ser demais propor, além do mais, que o rompimento com o grupo *modernista* está ligado ao fato de que o dito Autor, em *Raízes...*, desacredita qualquer possibilidade de projetos **de** ou **para** intelectuais venham a constituir, no Brasil, uma saída para o desenvolvimento e a democratização. Veremos, mais adiante, enfim, quais as possíveis implicações, o referido texto de Sérgio, do fato dEle ter-se contraposto a concepções formuladas por Oswald e Mário.

Importante ressaltar, enfim, que, no estado de Pernambuco, havia um movimento literário que – apesar de também defender a modernização da poesia e da prosa do Brasil, à luz das problemáticas da democracia e do nacionalismo – nasceu rompendo com o *modernismo* da Semana, através da *Revista do Norte*.³⁵⁴ Protestavam contra a “cultura urbana e ocidentalizada” da qual argumentavam dispor o estado do Sudeste, os escritores ligados a este periódico defendiam um foco maior naquilo que para eles representaria a verdadeira alma brasileira: a região Nordeste do país, sua história, suas complexidades sociais, seus habitantes, suas produções culturais. Em torno da referida publicação, pois, formaram um importante grupo de intelectuais que, mais tarde, no ano de 1926, será responsável pela redação e divulgação do *Manifesto regionalista do Nordeste* – Gilberto Freyre pode ser considerado seu mais célebre expoente.³⁵⁵

³⁵⁴ MARTINS. op. cit. p. 294.

³⁵⁵ VELLOSO. op. cit. p. 08.

2.4. A Literatura *modernista*: foco na diversidade/ paridade de temáticas e linguagens

Um dos nomes mais expressivos do *modernismo* brasileiro é o de Oswald de Andrade; nesta parte, por isso, inicialmente, me dedicarei a analisar seus dois manifestos *vanguardistas*, alguns de seus poemas, e, por fim, um ensaio por ele publicado apenas bons anos após a Semana. Depois, apresentarei uma síntese de conceitos trabalhados em alguns versos e no mais célebre livro de outro importante organizador do referido evento – Mário de Andrade. Por fim, remeterei a perspectivas que constariam na produção de dois outros literatos considerados *modernistas*, que lançaram textos nas mais diversas revistas ligadas ao movimento, mas que apresentam uma trajetória bastante particular: estou falando de Manuel Bandeira, que iniciou sua formação intelectual entre os *simbolistas*, e de Carlos Drummond de Andrade, que começou a escrever e publicar quando o *modernismo* já tinha conquistado, em nosso país, um espaço considerável. Meu objetivo é, pois, em seguida, traçar possíveis diálogos estes seus textos e aquele que é um de meus objetos privilegiados de análise: *Raízes...*, de Sérgio Buarque.

O primeiro livro de poemas de Oswald, *Pau-brasil*, surge, em 1924, remetendo a um manifesto homônimo, que ele próprio lançara meses antes, no *Correio da Manhã*, e depois na *Revista do Brasil*. O tal manifesto, aliás, aparece (com algumas modificações) no corpo da dita obra, como uma espécie de Prefácio, ao qual dá-se o nome de *Falação*. Em minha análise, contudo, tomo seu texto primeiro mais amplo.

Como se esperava, em todos os poemas de *Pau-brasil* nota-se a preocupação de desconstruir a então predominante fôrma acadêmica (atrasada e elitista) da poesia nacional: Oswald quer, ali, **atualizar** e ao mesmo tempo **democratizar** as possibilidades de se compor versos, no Brasil de sua época. Assim, percebemos nesses textos o impulso por se expressar, pela escrita, a realidade modernizada e modernizante à volta em flashes confusos, rompantes, caleidoscópios, descontinuidades, polifonias; e por se, paralelamente, fazer uso abusivo de vocabulário dito vulgar/coloquial, oral, cotidiano.

Mas é preciso lembrar que as contestações de Oswald não se voltavam apenas, pura e simplesmente à Academia e suas idéias específicas, mas à elitização que implicava o monopólio, por parte desta (ou de qualquer outra instituição que fosse), das decisões acerca do que deveria ser considerado “bom” e “belo” epistemologicamente, e literariamente falando. Isso implica, pois, em uma visão crítica, sua, não somente à não-inclusão de um ou

outro novo grupo de escritores nos velhos cânones (na **contra-mão do “bacharelismo” aristocrático**), e sim, também, a defesa do direito de todo cidadão brasileiro ser contemplado pela e através da Literatura nacional (na **contra-mão do modo de vida burguês**, ícone da modernidade capitalista, que, no Brasil, atrelou-se, ainda, a comportamentos tidos como característicos das oligarquias).

Acerca de nossos **pensadores e pesquisadores** brasileiros, afirmara no manifesto:

O lado doutor, o lado das citações, o lado autores conhecidos. Comovente. Rui Barbosa: uma cartola na Senegâmbia. (...) A riqueza dos bailes e das frases feitas. (...) Falar difícil.

O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel. Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos. (...) Eruditamos tudo.

(...) Mas houve um estouro dos arrependimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como borrachas sopradas. Rebentaram.

A volta à especialização. Filósofos fazendo filosofia, críticos, crítica, donas-de-casa tratando de cozinha. A Poesia para os Poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem.³⁵⁶

Mais particularmente acerca das **Artes e da Literatura**:

Houve um fenômeno de democratização estética nas cinco partes sábias do mundo. Instituíra-se o naturalismo. Copiar. Quadro de carneiros que não fosse lã mesmo não prestava. (...) Veio a pirogravura. As meninas de todos os lares ficaram artistas. Apareceu a máquina fotográfica. E com todas as prerrogativas do cabelo grande, da caspa e da misteriosa genialidade de olho virado – o artista fotográfico.

Na música, o piano invadiu as saletas nuas, de folinha na parede. Todas as meninas ficaram pianistas. (...) A estatuária andou atrás. As procissões saíram novinhas das fábricas.

Só não se inventou uma máquina de fazer versos – já havia o poeta parnasiano.³⁵⁷

Fundamental ter-se em mente, assim, que tanto no referido manifesto como no referido livro de poemas Oswald (embora, por ingenuidade, isso possa ser suposto) não abre mão do uso de **expressões arcaicas, lugares-comuns, estrangeirismos, e citações as mais diversas** – quer dizer, não foge completamente da maneira de composição dos intelectuais brasileiros mais consagrados na virada dos 1800 para os 1900. Afinal de contas, se Ele buscava a *“contribuição milionária de todos os erros”*, não podia se negar ao fato de que também **este** ajudava compor o jeito de falar e ser no Brasil de inícios do século XX.

Creio ser, então, importante ressaltar que essa visão crítica do referido Autor no que diz respeito às limitações e orientações tradicionalmente impostas à língua portuguesa escrita, em nosso país, ainda que contundente, é marcadamente **descontraída**. Essa revolta

³⁵⁶ Oswald de ANDRADE. Manifesto Pau-Brasil. In: BELLUZZO. op. cit. p. 257.

³⁵⁷ Idem, p. 258-259

irreverente contra o cânone, julgado desatualizado e deslocado da múltipla realidade brasileira de então, perpassa, de uma forma ou de outra, qualquer dos textos incluídos em *Pau-brasil*, embora apareça de maneira mais explícita no seguinte, que aqui cito a título de ilustração: “*Dê-me um cigarro/ Diz a gramática/ Do professor e do aluno/ E do mulato sabido/ Mas o bom negro e o bom branco/ Da Nação Brasileira/ Dizem todos os dias/ Deixa disso camarada/ Me dá um cigarro.*” Gilberto Mendonça Teles chama esta forma de brincar com as palavras e rir do jeito com que eram usadas pela Literatura brasileira de “carnavalização”.³⁵⁸ Vera Maria Chalmers chama de “*humor vingativo*”.³⁵⁹

Ressaltemos, por ora, a preocupação de Oswald em defender a necessidade de a Literatura se voltar para a “**atualidade**”. Neste sentido, se nos ativermos ao texto do dito manifesto, podemos citar, por exemplo, alusões a esta idéia na sua famosa frase introdutória, “*A poesia existe nos fatos.*”³⁶⁰; neste seguinte trecho: “*A poesia Pau-brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e Maricota lendo o jornal. No jornal anda todo o presente.*”³⁶¹; e ainda nesta passagem: “*Uma nova escala. (...) E as novas forma da indústria, da viação, da aviação. Postes. Gasômetros. Rails. Laboratórios e oficinas técnicas. Vozes e tiques de fios e ondas fulgurações. Estrelas familiarizadas com negativos fotográficos.*”³⁶²

No que diz respeito às apreciações de Oswald contidas nos poemas de *Pau-brasil*, no que tange à nova realidade brasileira de inícios do século XX, interessante seria citar o seguinte, intitulado *Fim e começo*:³⁶³ “*A noite caiu sem licença da Câmara/ Se a noite não caísse/ Que seria dos lampiões?*” Antes de mais, há que se destacar a relevância do próprio título do poema, que (bem ao gosto *vanguardista*) demarca a conclusão de um processo, e a necessidade de se iniciar um novo, diferente; bom lembrar, aqui, que, embora útil, a “noite” surge, conforme o Poeta, no referido texto, sem avisos e sem permissão oficial... foge ao controle humano – tal como a modernidade, nas seguintes palavras do manifesto “*as leis nasceram do próprio rotamento dinâmico dos fatores destrutivos*”. Além disso, pode-se propor que, nestes versos, inverte-se, ironicamente, a relação de **utilidade** entre os dois

³⁵⁸ Gilberto Mendonça TELES. O “gremial” e o “ordeiro” Oswald de Andrade. In: ---. *Oswald Plural*. p. 6.

³⁵⁹ Vera Maria CHALMERS. O outro é um: o diagnóstico antropológico da cultura brasileira. In: CHIAPINNI. op. cit. p. 105.

³⁶⁰ ANDRADE. op. cit. p. 257.

³⁶¹ Idem, p. 260.

³⁶² Ibidem.

³⁶³ Cf. http://www.jperegrino.com.br/Acad_Literarias/lembrando_oswald_de_andrade.htm

elementos abordados: os “lâmpioes” não mais são importantes porque “o dia escurece”; o dia é que escurece para que os lâmpioes possam se acender – no universo urbano a luz é artificial, e, para o homem que vive na cidade, essa **artificialidade se revela condição fundamental**; também a técnica o seria, futuramente, como sabemos, com, por exemplo, o advento da eletricidade.

Entretanto, conforme o professor Carlos Sepúlveda, dispondo de tais projetos estéticos e conceituais, Oswald desejava ser visto não apenas como um literato que prezava pelo “novo”, mas um intelectual que propunha poemas/romances de fato **transformadores**, em nosso país.³⁶⁴ E para que suas produções e proposições tivessem implicações reais na alteração do sistema (cultural/acadêmico e também sócio-econômico), de acordo com o modo de entender dEste que é um dos nossos mais célebres escritores, não bastaria voltarmos-nos para os acontecimentos recentes – nas palavras do próprio *modernista*: “*O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura (...). Realizada esta etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época.*”³⁶⁵

Seria, logo, necessário repensar as mais remotas experiências históricas nacionais, relacionando passado e presente não da maneira convencional, estanque, mas fluida e complexamente. Para Sepúlveda, Oswald acabava, assim, em sua obra, por priorizar as **mudanças** ocorridas ao longo da história brasileira e também seus aspectos **sócio-culturais**, vindo a demonstrar que nossas mazelas mais complexas não seriam **imutáveis**, pelo simples fato de que não são de ordem “**natural**”.³⁶⁶

De maneira semelhante, segundo as palavras de Vera Lúcia Follain de Figueiredo, na escrita e no pensamento deste Autor “*a origem [do Brasil] não se confunde com o lugar da essência pura da nacionalidade.*”³⁶⁷ Muito pelo contrário, o cuidado de Oswald com o tema dos “descobrimientos” e da feitorização de nosso território pelos portugueses encobre, no entender de Follain, justamente o desejo de se reescrever as mais correntes apreciações acerca de alguns dos mais importantes pilares sustentadores da identidade comum, brasileira: os mitos fundadores. No poema-piada *Erro de português*, por exemplo, o significado da colonização lusa é reavaliado, e a possibilidade de que a cultura dos indígenas nos pudesse ter legado pontos de vista comportamentais e morais mais construtivos, vislumbrada: “*Quando o*

³⁶⁴ Carlos SEPÚLVEDA. Oswald de Andrade e o paradigma perdido. In: TELES. op. cit. p. 9-15.

³⁶⁵ ANDRADE. op. cit. p. 261.

³⁶⁶ SEPÚLVEDA. op. cit. passim.

³⁶⁷ V. L. F. de FIGUEIREDO. Oswald de Andrade e a descoberta do Brasil. In: TELES. op. cit. p. 90.

*português chegou/ Debaixo de uma bruta chuva/ Vestiu o índio/ Que pena!// Fosse uma manhã de sol/ O índio tinha despido/ O português.”*³⁶⁸

Remetendo à nossa antiga condição de colônia de Portugal, creio ainda, com Benedito Nunes, que o próprio uso o termo “pau-brasil” para designar os referidos manifesto e livro de poemas vem reafirmar a idéia de que o Brasil tem assumido sempre (submisso) a posição de fornecedor de matérias-primas e comprador de manufaturados ao mercado internacional; mas, além disso, vem pontuar, por outro lado, a feliz possibilidade de deixarmos de fornecer exotismos à literatura estrangeira e comprar de fora modelos prontos de composição; de passarmos a apresentar nossa poesia “autêntica”, como produto seguramente vendável, no mercado internacional. Daí as seguintes frases, que constam apenas na primeira versão do referido manifesto: “*Uma única luta – a luta pelo caminho. Dividamos: Poesia de importação. E Poesia Pau-brasil, de exportação.*”³⁶⁹

Em seu segundo manifesto lançado, de nome *Manifesto Antropófago*, Oswald retoma a estrutura de linguagem do manifesto anterior, e também a crítica aos acadêmicos, à burguesia em geral, e ao controle por parte deles no que diz respeito ao que se deve considerar interessante para o ler e o escrever, no Brasil – tanto nas reflexões conceituais-formais, quanto em pesquisas historiográficas, e ainda na Literatura. Entretanto, ali se delimita com maior precisão as razões pelas quais o dito Autor critica os modos bacharelístico e tecnicista de percepção do mundo: o motivo principal de voltar-se contra eles é o fato de que **buscam sempre a adaptação a modelos estrangeiros** (de pensar, estudar e compor versos e romances), concebendo, no final das contas, sempre embustes, homogeneização e continuidades.

Fugindo, destarte, destas **percepções europeizantes do e sobre** o Brasil, o *Manifesto Antropófago* revela um olhar mais amplo acerca dos elementos que comporiam o modo de vida e pensamento do brasileiro até inícios do século XX. Neste texto, aparecem, pois, referências à civilização **européia** (caracterizada como, católica ou protestante, sempre moralizadora, castradora, hipócrita), e, de outro lado, à civilização **brasileira** (que mesclaria os elementos da anterior à liberdade e à criatividade tipicamente indígenas). No que tange à **primeira**, o referido Autor se rebela:

Contra (...) as idéias objectivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dymamico. O individuo victima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. (...) E o

³⁶⁸ Cf. <http://www.revista.agulha.nom.br/oswal.html>

³⁶⁹ ANDRADE. op. cit. p. 258.

esquecimento das conquistas interiores. (...) [Pois] só há determinismos – onde não há mistério. Mas que temos nós com isso?³⁷⁰

Quando se remete ao **segundo** modelo civilizacional acima citado – o brasileiro –, Oswald afirma que a colonização e os então patentes contatos com outras nações não foram e são efetivados de maneira que nós, cá, assumimos sempre e incondicionalmente uma postura passiva. Conforme o Autor deste manifesto, de forma diversa, nós, vantajosamente, “*nunca fomos cathechizados. Vivemos atravez de um direito sonâmbulo. Fizemos [livres] Christo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará. (...) Fizemos [criativos] o carnaval. O índio vestido de senador do império. (...) Ou figurando nas operas de Alencar cheio de bons sentimentos portugueses.*”³⁷¹ Quando debate mais diretamente acerca da nossa maneira de fazer Filosofia, História, Poesia e Romance também afirma: “*nunca tivemos grammaticas, nem collecções de velhos vegetais*”³⁷²; “*nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós*”³⁷³; “*não tivemos especulação, mas tínhamos adivinhação.*”³⁷⁴

É preciso assinalar, aqui, que, ao opor (os criticados) europeus e (os elogiáveis) brasileiros, Oswald parece concluir que nossas características mais positivas remeteriam principalmente ao legado do **nativo americano**. Eis desnudado, pois, aquilo que os críticos (de ontem e de hoje) atentos à obra do referido Escritor chamaram e chamam de “primitivismo”.³⁷⁵

Essa relevância da cultura indígena **não** apareceria, contudo, ao ver do dito Autor, como evidentes **apenas entre nós**, que hoje vivemos no mesmo continente. A maneira do índio ser (“*Já tínhamos o comunismo*”) e pensar (“*Já tínhamos a língua surrealista.*”) poderia ser verificada, implícita ou explicitamente, nos movimentos que em território europeu mais teriam representado alterações significativas – “*Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista.*” Declarava, assim, este Autor, convicto: “*Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.*”³⁷⁶

Mas, afinal, o que seria então característico em **específico** da nossa brasilidade? Conforme Oswald, era o diálogo do índio com o europeu, ou com quem quer que seja,

³⁷⁰ ANDRADE. Manifesto Antropófago. In: BELLUZZO. op. cit. p.269-270.

³⁷¹ Idem, p. 269-270.

³⁷² Idem, p. 270.

³⁷³ Idem, p. 269.

³⁷⁴ Idem, p. 271.

³⁷⁵ CANDIDO. op. cit. Benedito NUNES. *A antropofagia ao alcance de todos.*

³⁷⁶ ANDRADE. p. 270.

visando benefício próprio, e efetuado **sem limites e sem normas**. De acordo com Ulrich Fleischmann e Zinka Ziebell-Wendt, no dito manifesto, “*a suposta sujeição transfigura-se, observando-se mais detidamente, em um jogo sofisticado, no qual o algoz, o colonizador [ou a potência capitalista atual], sem dar-se conta, se transforma em vítima (!) do colonizado.*”³⁷⁷ É por isso, aliás, que o uso da metáfora da antropofagia (devorar o Outro, para dele assimilar as forças – raciais, morais, intelectuais, comportamentais) surge, quando em referência ao Brasil, diretamente ligado à apresentação do postulado “*a transformação permanente do tabu em totem*” (o cultuar, sem recalques, tudo aquilo que se julga *aprioristicamente* diferente, inusitado ou até mesmo não-permitido).³⁷⁸

Fundamental destacar, pois, que a própria escolha do termo escolhido para o título é significativa, neste manifesto: ao atribuir valor positivo ao ritual antropofágico, Oswald inverte o juízo-comum acerca dele, apresentando, como em *Pau-brasil*, uma **reavaliação** de nossa história nacional, por meio **do uso descontraído da linguagem**.³⁷⁹

No *Manifesto Antropófago*, porém, como vim demonstrando nestas últimas páginas, podemos dizer que Oswald apresenta reflexões conceituais mais profundas do que aquelas apresentadas em seu primeiro manifesto, chegando a determinar melhor que tipo de contribuições deveríamos nós brasileiros legar à humanidade como um todo: (1) nossa percepção mais complexa, dialógica e includente da vida como das Ciências e da Literatura; (2) o entendimento de que nosso modo de pensar e portar, no Brasil, está (inevitavelmente) impregnado pela cultura indígena, e (3) a vontade de que remetamos a ela, adaptando-a à vida contemporânea, e visando a concepção de um mundo mais rico e justo – “*Socialmente. Economicamente. Philosophicamente.*”³⁸⁰ A título de conclusão, podemos utilizar as palavras de Benedito Nunes: conforme o raciocínio de Oswald de Andrade, no dito texto, “*a antropofagia é a um tempo metáfora (1), diagnóstico (2) e terapêutica (3)*”³⁸¹

Quando Sérgio aborda, em *Raízes...*, as consideradas duas mais significativas etnias formadoras do povo brasileiro – portugueses e índios – destaca, tal como (vimos) Ramos em *El perfil...*, que seriam os **conquistadores vindos da Ibéria** aqueles que teriam influído de maneira mais determinante na nossa formação cultural específica: herdamos deles a língua, a religião, as técnicas (predatórias) de lavoura... assim como a “*plasticidade*”, a “*ausência de*

³⁷⁷ Ulrich FLEISCHMANN & Zinka ZIEBEL-WENDT. Os descendentes dos canibais: o destino de uma metáfoca no Brasil e no Caribe. In: CHIAPINNI. op. cit. p. 100.

³⁷⁸ ANDRADE. op. cit. p. 269.

³⁷⁹ Maria Cândida Ferreira de ALMEIDA. *Só a antropofagia nos une*. p. 125.

³⁸⁰ Idem, p. 122. ANDRADE. op. cit. p. 268.

³⁸¹ NUNES. op. cit. p. 15.

orgulho racial”, o elogio do ócio, e a “*incapacidade de livre e duradoura associação*”. Contudo, os **elementos indígenas**, no texto de Sérgio, ainda que não recebam um enfoque tão explícito como o conferido pelo dito Autor mexicano, surgem, aqui e lá, em múltiplas referências, de tal forma que nos leva à conclusão de que a cultura nativa estaria, ao ver do Autor brasileiro, profundamente “infiltrada” no modo de ser de nossos colonos – lembrando ao conceito de antropofagia por Oswald proposto.

Em uma das notas ao quarto capítulo de *Raízes...*, por exemplo, Sérgio disserta sobre a **língua** utilizada em São Paulo, e declara ter sido ela, durante muito tempo, o **tupi** (construção lingüística formulada, possivelmente pelos jesuítas, a partir das mais diversas de que dispunham os nativos que ocupavam as terras brasileiras), e não o **português** – até que este fosse decretado, pela Coroa imperial, a língua-comum, e que aquele fosse proibido oficialmente. Quer dizer: as mesclas culturais, na visão deste Autor, eram constantes no cotidiano do cidadão comum, ainda que a elite política se opusesse a elas; daí, neste momento da referida obra, declarar categoricamente:

Acredito mesmo que, na capacidade para amoldar-se a todos os meios, em prejuízo, muitas vezes, de suas próprias características raciais e culturais, revelou o português melhores aptidões de colonizador do que os demais povos [dentre os quais devia incluir os espanhóis], porventura mais inflexivelmente aferrados às peculiaridades formadas no Velho Mundo.³⁸²

Como não posso crer que os **astecas e maias** – responsáveis pela formação de grandes cidades no território hoje denominado mexicano, antes mesmo da chegada de Colombo – tenham sido mais facilmente “calados” do que **nossos índios brasileiros** – nômades –, discordo do argumento de Sérgio quando defende uma maior incorporação, pelo **português** (em relação aos espanhóis), de **contribuições culturais nativas**. Acredito, quanto a isso, porém, que o fato de ter Ele proposto que a mestiçagem cultural se revelaria, ao longo da experiência da colonização, no Brasil, como um diálogo “desigual entre iguais” vem corresponder mais especificamente a uma **opção conceptual Sua**, que remete certamente ao *modernismo*, e que presa pela abordagem mais atenta das chamadas “classes populares” brasileiras, que aqui se viviam desde a chegada dos lusos. Na contra-mão desse tipo de raciocínio, por exemplo, o do acadêmico Ramos, como propus no sub-capítulo anterior, preferindo focar as elites políticas, os intelectuais formais e seus modos específicos de ser, leva à negação de qualquer tipo de contribuição, por parte dos nativos, à elaboração de um modelo civilizacional americano.

³⁸² HOLANDA. op. cit. p. 32.

Bom lembrar, contudo, acerca de Oswald, que, quando em 1930 declara oficialmente a adoção dos postulados de Karl Marx, chega a perceber em sua teoria antropófaga argumentos semelhantes aos utilizados pelo nazismo, e a renega; “*considerou que aquela concepção, favorável ao ímpeto de todas as revoluções generosas, poderia também justificar o canibalismo político de Hitler.*”³⁸³

Aos mais tarde, contudo, este Autor se revelará um grande interessado em defender, já liberto do marxismo ortodoxo e agora crítico do stalinismo, uma abordagem mais ampla para as questões filosóficas; retoma o foco no modo de vida indígena, mas, ainda que recupere a metáfora da antropofagia, será a idéia de “matriarcado de Pindorama” (também no mesmo manifesto contida) que irá permitir novos vôos, agora especialmente voltados à deslegitimação do papel do Estado, capitalista ou proletário.³⁸⁴ É assim que, já em meados do século XX, Oswald escreverá textos tais como *Um aspecto antropofágico da cultura brasileira: o homem cordial* (1950) – um ensaio no qual se parte do conceito apresentado por Sérgio, em *Raízes...* para a formulação filosófica utópica, bastante excêntrica.

Quanto a Mário, pode-se dizer que é apenas por sua segunda obra publicada que veio a ser reconhecido como propriamente *vanguardista*. Em primeiro lugar, porque já tinha vivenciado a experiência da Semana da Arte Moderna, e, em segundo lugar, porque *Paulicéia desvairada*, de 1922, voltando-se mais especificamente a seu local de origem, a capital do estado de São Paulo, incorporará de maneira explícita as referências à temática da cidade moderna, e discutirá o que haveria de característico dela.

Menos influenciado, contudo, pela exortação da técnica feita por Marinetti, do que pela obra intimista do belga Émile Verhaeren, *Villes Tentaculaires*, a abordagem do espaço, nos poemas de Seu referido livro, deve ser considerada **original**, na medida em que nos vem apresentar um ponto de vista que vai da contemplação amorosa a uma tristeza desconfortável, expressas no recorrente uso da palavra “arlequinal”, e ainda na gorda pontuação de que dispõe. Mário focava, assim, as **multiplicidades**, as **ambigüidades** e as **polifonias** características de sua terra natal, nas primeiras décadas do século XX. Bastante ilustrativas de tais aspectos são as *Paisagens*, dentre as quais destaco os seguintes trechos:

Faz frio, muito frio...
 (...)
 O vento é como uma navalha
 nas mãos dum espanhol. Arlequinal!

³⁸³ Oswald de ANDRADE. A Antropofagia, sim, a Antropofagia só podia ter uma solução – Hitler. Marco Zero. II. Chão. p. 331. José Olympio Editora. 1945. Apud. NUNES. op. cit. p. 33.

³⁸⁴ NUNES. op. cit. p. 24-39.

Há duas horas queimou Sol.
Daqui a duas horas queima Sol.

(...)
Meu coração sente-se muito triste...
Enquanto o cinzento das ruas arrepiadas
dialoga um lamento com o vento...

Meu coração sente-se muito alegre!
Este friozinho arrebitado
dá uma vontade de sorrir!

E sigo. E vou sentindo,
à inquieta alacridade da invernia,
como um gosto de lágrimas na boca...³⁸⁵

Para Maria Inês Machado Borges Pinto:

Na sua *Paulicéia desvairada* muitos dos (...) poemas primavam pela ironia, ora fina, ora beirando o sarcasmo, com a qual fustigava algumas das mais torpes fontes do mal-estar endêmico e ar enfermício da cidade com seus batalhões desempregados e semi-ocupados. Na cidade de São Paulo, o quanto se tornava mais chocante, visto que a miséria geral da população contrastava de forma mais constrangedora com os símbolos da modernidade e riqueza: avenidas remodeladas, automóveis, palacetes, a ganância do dinheiro, o aventureirismo e o cinismo dos processos para se obter bens materiais.³⁸⁶

A figura do burguês, tão típica do ambiente urbano, não deixava de aparecer nas reflexões de Mário, em *Paulicéia*. No famoso poema de título duvidoso, *Ode ao burguês*, por exemplo, o referido Autor critica tais elementos da São Paulo modernizada, por seu comportamento **capitalista mesquinho** e, ao mesmo tempo, **arcaico** – de maneira semelhante a Oswald, insulta o “*burguês-níquel*” que é também expressão das “*aristocracias cautelosas*”.

Ódio aos temperamentos regulares!
(...)
Dois a dois! Primeira posição! Marcha!
Todos para a Central do meu ranços inebriante
Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
(...)
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão!
Fora! Fu! Fora o bom burguês!³⁸⁷

Em *Losango cáqui*, de 1926, a visão crítica da terra natal de Mário reaparece, com apreciações pormenorizadas acerca das condições materiais do universo urbano, na modernidade.

³⁸⁵ Cf. <http://www.horizonte.unam.mx/brasil/mario3.html>

³⁸⁶ BORGES PINTO. op. cit. p. 447.

³⁸⁷ Cf. <http://www.revista.agulha.nom.br/and.html>

A vida renasce na manhã bonita
 Paulicéia lá embaixo epiderme áspera
 Ambarizada pelo Sol vigoroso
 Com sangue do trabalho correndo nas veias das ruas.
 Fumaça bandeirinha
 Torres.
 Cheiros.
 Barulhos.
 E fábricas.
 (...)
 Os bondes meus amigos íntimos
 Que diariamente me acompanham pro trabalho...
 Minha casa...
 Tudo caído de novo!
 É tão grande a manhã! É tão bom respirar!
 É tão gostoso gostar da vida!...
 A própria dor é uma felicidade!³⁸⁸

Pode-se dizer, pois, que emerge de tais questões – o raro elogio, pos Mário, da técnica, seu viés subjetivista, a linguagem multifacetada –, pois, a razão explicadora do fato de o referido Autor ter-se negado a admitir o rótulo de *futurista*, conferido por seu amigo Oswald – para Ele *futurismo* corresponderia a um modo de acordar o ambiente urbano, bastante diverso do seu, pela larga descrição material, objetivista e pontual. Eis suas palavras quanto a isso, apresentadas no *Prefácio interessantíssimo*, de *Paulicéia desvairava*:

Não sou futurista. Disse e repito-o. Tenho pontos com o futurismo. Oswald de Andrade, chamando-me futurista, errou. A culpa é minha. Sabia da existência do artigo e deixei que saísse. Tal foi o escândalo, que desejei a morte do mundo. Era vaidoso. Quis sair da obscuridade. Hoje tenho orgulho. Não me pesaria reentrar na obscuridade. (...)
 Escrever arte moderna não significa jamais para mim representar a vida atual no que tem de exterior: automóveis, cinema, asfalto. Si (sic) estas palavras freqüentam-me o livro não é porque pense com elas escrever moderno, mas porque sendo meu livro moderno, elas têm nele sua razão de ser. (...) Reconheço mais a existência de temas eternos, passíveis de afeiçoar pela modernidade: universo, pátria, amor e a presença-dos-ausentes, ex-gozo-amargo-de-infelizes.³⁸⁹

Aqui faz-se mister dizer que a abordagem feita de São Paulo **não** fica limitada ao **presente**, em *Paulicéia desvairava* como em *Losango cáqui*: a observação de Mário parte muitas vezes do espaço para pensar acerca das **tradições**, do que ainda existe de “passado” nas ruas e nos locais mais comentados da capital paulista das primeiras décadas dos novecentos – Trianon, Anhangabaú, Largo do Arouche e, é claro, o Tietê:

Era uma vez um rio
 (...)
 Havia nas manhãs cheias de Sol do entusiasmo
 as monções de ambição...

³⁸⁸ Cf. <http://www.revista.agulha.nom.br/and.html>

³⁸⁹ Cf. <http://www.geocities.com/SoHo/Nook/4880/prefacio3.html>

E as gigantescas vitórias!
 As embarcações singravam rumo do abismal Descaminho...
 (...)
 Foram-se os ouros! E hoje as turmalinas!...
 - Nadador! Vamos partir pela via dum Mato Grosso?³⁹⁰

É preciso estar atento para o fato de que em 1926 Mário começava a revelar mais continuamente, em textos divulgados pela imprensa, o interesse pelo tema da identidade nacional. Em uma crítica, publicada em *Terra roxa e outras terras*, a uma crítica, feita por Sérgio Milliet, a um livro recém-lançado por Guilherme de Almeida, apresentava, pois, as seguintes considerações, marcadas (1) pelo **elogio** e ao mesmo tempo pela **crítica ao paulista**, (2) pelo desejo de compor conforme o gosto (sentimental) do **brasileiro genérico**, e (3) de para tanto suplantar vaidades e interesses **locais** – de onde quer que seja:

Sérgio Milliet. Estou ficando o homem das cartas... Porém, a culpa é de você. Que história é essa, Sérgio, meu amigo, de falar, na sua crônica sobre poesia do número passado, que “só se é brasileiro sendo paulista”! Protesto. (...) Em que sentido simbólico heróico grandiloquente errado você está empregando a palavra “paulista”! Eu não nego um valor enorme sobretudo no passado dos meus coestaduanos, porém carece tomar cuidado com os símbolos e com os sentimentos perniciosos. Como o símbolo, o paulista é também aquela besta reverendíssima da guerra dos Emboabas, ainda por cima arara e covardão... (...) Você e outros me chamam de sentimental e de romântico porque gosto de gemer no verso e no pinho o amor melado e caricioso do brasileiro e porque grito “Vem minha gente” pros brasileiros sem limites estaduais da nossa terra. Pois me parece, Sérgio, companheiro, que o sentimentalismo não está em gemer, (...) porém em se deixar levar por vaidadinhas rompantes e afirmativas de ser realidade perigosas. Perigosa como a de você que é desnacionalizante e irritante e errada. O Brasil é um vasto hospital. Amarelão de regionalismo e bairrismo histórico. Visão de míope sem futuro e sem presente. Cuidado com o saudosismo! É sintoma de decadência. Sérgio, você erro, Sérgio. Te abraço, Mário de Andrade.³⁹¹

Bom lembrar, aqui, que em 1927 Mário realiza sua primeira viagem “etnográfica”, desta vez pelo Amazonas.³⁹² Pode-se dizer que, de parte dos conhecimentos então adquiridos, vão surgindo **novos e cruciais elementos** na poesia dEste que é um dos mais respeitados autores da Literatura nacional, mais especificamente no livro no mesmo ano publicado, *Clã do jaboti*: seus versos agora vão revelando uma maior preocupação em falar do **Brasil como um todo**, e suas sensações/impressões particulares, de paulista e escritor, passam a ser **identificadas** às de outros homens, por mais distantes geograficamente e intelectualmente, o que fica bastante evidenciado no seguinte texto:

Abancado à escrivantina em **São Paulo**
 Na minha casa da Rua Lopes Chaves

³⁹⁰ Cf. <http://www.horizonte.unam.mx/brasil/mario2.html>

³⁹¹ BORGES PINTO. op. cit. p. 440-441.

³⁹² A primeira foi feita, na companhia de diversos outros *modernistas*, às cidades ditas “históricas”, mineiras.

De supetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido.
Com o **livro palerma** olhando para mim.

Não é que lembrei, lá no **norte**, meu Deus! muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro de cabelo escorrendo nos olhos
Depois de **fazer uma pele com a borracha do dia**,
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu...³⁹³

É a hora, logo, de reavaliar a tradição de **todo o território a que se convém chamar “brasileiro”**, como o faz ao conferir ao poema acima o significativo título de *Descobrimento* (do Brasil?), ou como o faz em *O poeta come amendoim*, dedicado a Carlos Drummond de Andrade, ao declarar que estava “*pensando nos tempos de antes de (...) nascer*”.³⁹⁴

Nos versos desse último poema citado, em específico, Mário apresenta lugares-comuns da história nacional, tais como a figura de D. Pedro II, a religiosidade, escravatura e sua abolição, a proclamação da República, até a chegada da modernidade, sobre a qual escreve: “*Progredir, progredimos um tiquinho/ Que o progresso também é uma fatalidade... Será o que Nosso Senhor quiser!*” Por fim apresenta reflexões acerca a propriedade ou não de se amar a nação brasileira, e conclui que sim, não por ter cá nascido (por “natureza” ou “circunstancialidade”), mas (1) por se sentir como elo componente cadeia de acontecimentos históricos da por ele ali construída, (2) por entender que age, julga, produz, é, sente e se comporta como aqui é mais comum, (3) e por saber que é desta terra que retira seu sustento.

Brasil amanhã não porque seja minha pátria,
Pátria é acaso de migrações e do pão-nosso onde Deus der...
Brasil que eu amo porque é o **ritmo** no meu braço aventureiro,
O **gosto** dos meus descansos,
O **balanço** das minhas cantigas amores e danças.
Brasil que eu sou porque é a minha **expressão** muito engraçada.

Porque é o meu **sentimento** pachorrento,
Porque é o meu **jeito** de ganhar dinheiro, de comer e de dormir.³⁹⁵

Creio ser agora indispensável, pois, partindo dessas apreciações de Mário acerca de sua própria identidade “paulista” (local) e “brasileira” (nacional), nas primeiras décadas do século XX, refletir sobre o significado que este Autor confere mais particularmente à sua identidade enquanto “intelectual” contemporâneo, do Brasil. Já de antemão posso propor que os pensadores, pesquisadores e literatos do Brasil, conforme Seu ponto de vista, não deveriam

³⁹³ Cf. <http://www.revista.agulha.nom.br/and.html>

³⁹⁴ Cf. <http://www.culturaemtopicos.hpg.ig.com.br/andrade2.htm>

³⁹⁵ Ibidem.

se fechar em teorizações intelectualistas acerca do tema então por ele considerado dentre os mais relevantes – o nacionalismo. Nas palavras de Antonio Candido, a produção de Mário revela, assim, “*a capacidade de fundir, num movimento único, a **pesquisa da alma** e a **pesquisa de seu país***”.³⁹⁶ Isso fica claro, por exemplo, quando, no já citado verso de *Descobrimento* – “*com o livro palerma olhando para mim*” – Ele apresenta a “erudição” enquanto ornamento ocasional do momento em que lhe brota sensação de pertencimento à pátria.

Esta percepção da necessidade de se buscar, no trabalho intelectual, a articulação entre a realidade sofisticada dos freqüentadores das academias, institutos de estudo, editoras e revistas... e a realidade dos mais diversos brasileiros se reverte, em Mário, (1) na percepção de que a intelectualidade, no trabalho como nas relações pessoais cotidianas, tal como os demais cidadãos do país, seria marcada – historicamente, e das maneiras mais diversas – pelo **hibridismo cultural**; e (2) na proposição de que assim continue ela atuando, embora o devesse fazer, dali a diante, **de maneira mais consciente, sem pesares, clara**. A forma como Ele acreditava que tais concepções marcavam sua forma (particular) de fazer uso da linguagem, fica bastante clara em seu seguinte depoimento:

Não quero imaginar que o meu brasileiro – o estilo que adotei – venha ser o brasileiro de amanhã. Não tenho essa pretensão, juro. Por outro lado, se eu não fizesse essa sistematização eu seria um escritor sentimentalmente popular e quero ser um escritor culto e literário. Não tenho medo destas palavras nem caí na admiração incondicional e sentimental do Oswald. O caso é outro. Sou um fenômeno culto, sei disso e não me afasto disso.³⁹⁷

Através da leitura dos primeiros textos publicados por Mário, é possível se dizer que esse hibridismo/essa sistematização tão característica dos brasileiros, no que diz respeito aos escritores nacionais, se expressaria de maneira bem semelhante à que atribuí a Oswald: através da mescla de dois elementos principais – (1) o **européu**, identificado à idéia de “**erudido**”, “**culto**” e (2) o propriamente **nacional**, associado a uma idéia de Mário acerca do que seria “popular”, a qual priorizava o “**primitivo**”, o “**índio**”. É o que transparece o seguinte poema de *Paulicéia desvairada*, de nome *O trovador*, no qual se destacam os termos “alaúde” (instrumento de origem oriental, típico da tradição musical lusitana, renascentista) e “tupi” (tribo indígena das Américas):

Sentimentos em mim asperamente
dos homens das primeiras eras...
As primaveras de sarcasmo

³⁹⁶ CANDIDO. op. cit. p. 85.

³⁹⁷ Carta de 1925. In: Mario de ANDRADE. Cartas a Manuel bandeira. p. 85. Apud. MARTINS. op. cit. p. 357.

intermitentemente no meu coração arlequinal.
 Intermitentemente...
 Outras vezes é um doente, um frio
 na minha alma doente como um longo som redondo
 Cantabona! Cantabona!
 Dlorom...
 Sou um **tupi** tangendo um **alaúde!**³⁹⁸

Em textos posteriores às suas viagens “etnográficas”, contudo, como nos de *Clã do jaboti*, Mário revela uma visão bastante mais rica do tecido cultural da nação, e de si próprio, enquanto dele integrante, no papel de homem letrado. Nos versos de *Improviso do Mal da América*, por exemplo, diversas são as conclusões que podemos tirar acerca da maneira como as apreciações deste Autor, no que tange tais problemáticas, se tornaram mais **complexas**, com correr dos anos.

Primeiramente, Ele pontua que não apenas aquilo que lhe pertence por direito como brasileiro que é – estereótipos da história nacional, como o “sertão”, a floresta, o meio rural – mas também elementos outros, ligados ao estrangeiro, ajudariam a compor sua alma de poeta – o “*balango de tango*” hispano, “*uma reza de indiano*”, a admiração pelo guerreiro comunista chinês, o interesse pelos meninos lapões. Ao contrário do que se costuma atribuir, pois, correntemente, aos *modernistas* – a idéia de que atribuíam unanimemente ao branco um estereótipo de maior “erudição” ou mesmo “civilidade”, e defendiam a imagem do índio e do mestiço como, em sua “espontaneidade”, ícones privilegiados para a Literatura do Brasil – Mário demarca – de forma polifônica – o que haveria de “branco”/“popular” na sua forma de ver e apresentar a realidade brasileira de então; por isso sussurava: “*Há um grito imperioso de brancura em mim...*”³⁹⁹

Depois, Mário sugere que sua identificação com esses outros povos “brancos” não se faria tão somente por **desejar** (“*aspirações*”), ou por ter sobre eles adquirido **conhecimentos** (“*pesquisas*”). Este sentimento de estar próximo do distante pode ser, muitas vezes, para este Autor, **subjetivo**, arrebatador (“*amoroso*”). “*Me sinto branco na curiosidade imperiosa de ser.*”⁴⁰⁰

Com a **modernidade**, contudo, o **contato** com homens dos lugares mais distantes do mundo foi facilitado como, por exemplo, através da **imigração** – a vinda de trabalhadores brancos (“*italianos*”, “*húngaros, búlgaros, russos*”) para ajudar no progresso da pátria. E para falar sobre isso, Mário recorre às imagens que ele tem guardadas na sua

³⁹⁸ Cf. CANDIDO. op. cit.

³⁹⁹ Apud. CANDIDO. op. cit. p. 97.

⁴⁰⁰ Ibidem.

própria memória, da sua cidade natal: “*Lá fora o corpo de São Paulo escorre vida ao guampasso dos arranhacéus,/ E dança na ambição compacta de dilúvios de **penetras**;/ (...) Emigrados pro quarto-de-hóspedes acolhedor da Sulamérica./(...) Home... Sweet home... Que sejam felizes aqui!*”⁴⁰¹

O desejo, o conhecimento, a sensação de que haveria qualquer coisa comum entre o Poeta e outros homens “brancos”, somados agora ao estabelecimento de contado direto, no Brasil modernizado, com eles, faz Mário rever paradigmas, e apresentar conclusões (ao menos aos olhos daqueles que se contentam com lugares-comuns acerca do projeto *modernista*) imensamente audaciosas:

Mas eu não posso, não, me sentir negro nem vermelho!
De certo que essas cores também tecem minha roupa arlequinal,
Mas eu não me sinto negro, mas eu não me sinto vermelho.
(...)
Me sinto só branco agora, sem ar neste ar-livre da América!
Me sinto só branco, só branco em minha alma crivada de raças!⁴⁰²

Será contudo apenas no ano de 1928 que Mário trará a público um livro que expressaria uma melhor sistematização de tais reflexões, presentes nas obras anteriores, acerca (1) da temática da cidade modernizada, (2) das tradições de sua terra paulista, (2) do sentimento de identificação que nos liga ao Brasil como um todo, (4) da percepção de nossa formação cultural híbrida, (5) do papel social da intelectualidade brasileira. Estou de falando do relato pelo referido Autor denominado “rapsódico” (semelhante ao dos cantadores nordestinos) – *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*.

Segundo Maria Augusta Fonseca, Mário teria composto essa sua mais célebre obra de maneira “antropofágica” – recorrendo e transformando conforme seu gosto e necessidade inúmeras proposições de outros escritores e estudiosos. Parte, primeiramente, das pesquisas de um alemão – Koch-Grunber – sobre a cultura de nossos nativos. Isso quer dizer que muito do que é contado no dito livro não é mera invenção do Autor, mas referências a cantos, lendas e ritos dos mais variados lugares de nosso país.⁴⁰³ Bom destacar que, além da referência a elementos do imaginário popular nacional, o narrador de *Macunaíma* ainda incorpora a linguagem e a maneira como as histórias foram e são correntemente construídas, pelos iletrados e semiletrados de nosso país; um bom exemplo disto está na insistência em, volta e meia, tal como indígenas, apresentar explicações as mais variadas para a origem das coisas – de palavras, comportamentos humanos, ou fenômenos da natureza. Cito exemplos:

⁴⁰¹ Idem, p. 98.

⁴⁰² Idem, p. 99.

⁴⁰³ Maria Augusta FONSECA. Tradição e Invenção em *Macunaíma*. In: CHIPIANNI. op. cit. op. cit. p. 129

Por isso que existe a expressão “Ta solto!” indicando que a gente não faz mesmo o que nos pedem.⁴⁰⁴

Desde essa feita que as caranguejeiras preferem fazer fio de noite.⁴⁰⁵

E neste instante, falam, ele inventou o gesto famanado de ofensa: a pavoca.⁴⁰⁶

E foi assim que Maanape com Piaimã inventaram o jogo sublime do truco.⁴⁰⁷

E foi assim que Maanape inventou o bicho-do-café, Jiguê a largarta-rosada (sic) e Macunaíma o futebol, três pragas.⁴⁰⁸

E assim nasceu a expressão “Vá tomar banho!” que os brasileiros empregam se referindo a certos imigrantes europeus.⁴⁰⁹

Por isso que quando faz dia em riba das árvores, dentro do mato é sempre noite.⁴¹⁰

E foi assim que inventaram a festa famanada do Bumba-meu-Boi, também conhecida por Boi-Bumbá.⁴¹¹

Por isso que ela [a lua] tem aquelas machas escuras na cara.⁴¹²

Por isso que a bonita da estrelinha [Caiuanogue] é tão pequerrucha e tremelica tanto.⁴¹³

Mário **não** teria, porém, levado em conta na elaboração da trama, de acordo com Iara Cristina Ricci, **apenas** tais elementos tidos como tipicamente **brasileiros**, mas também disposto do conhecimento acerca do que vinham propondo, nas últimas décadas, pensadores estrangeiros, também de origem germânica, tais como Oswald Spengler – autor de *A decadência do Ocidente* – e Eduard von Keyserling – autor de *Meditações Sul-americanas* –, que advogavam em nome da idéia de que o progresso material teria afastado o homem do interesse por questões espirituais de fundamental importância.⁴¹⁴ O “herói” apresentado por Mário na referida Obra tem, então, origem indígena (“primitiva”).

Como expõem o narrador logo no início da trama, Macunaíma era um índio da tribo retinta dos Tapanhumas, que tinha dois irmãos – o velho feiticeiro Maanape e o forte guerreiro Jiguê. Desde pequeno gostava de “dinheiro” e “mulheres”, “freqüentava com aplicação” as festas, mas não se interessava por trabalho e nem respeitava as companheiras de seu irmão mais novo, mentia; era, enfim, segundo afirma em determinado momento Rei Nagô, um menino “inteligente”.⁴¹⁵

⁴⁰⁴ Mário de ANDRADE. *Macunaíma: o herói sem nenhuma caráter*. p. 40.

⁴⁰⁵ Idem, p. 41.

⁴⁰⁶ Idem, p. 52.

⁴⁰⁷ Idem, p. 55.

⁴⁰⁸ Idem, p. 62.

⁴⁰⁹ Idem, p. 86.

⁴¹⁰ Idem, p. 168.

⁴¹¹ Idem, p. 203.

⁴¹² Idem, p. 216.

⁴¹³ Idem, p. 216.

⁴¹⁴ Iara Cristina RICCI. *Nacionalismo crítico e filosofia*.

⁴¹⁵ ANDRADE. op. cit. Idem, c. 1.

Sempre querendo se dar bem às custas dos outros, ou tão somente se divertir enganando os demais índios da comunidade, não preservava quem quer que fosse, nem ao menos sua própria mãe, que de zangada, um dia, deixou-o numa região encantada da floresta, onde o corpo do menino – por magia, por castigo – estaria impedido de se desenvolver. Macunaíma, portanto, teve de crescer só.

No mato encontrou o Curupira e, escondendo a tristeza do abandono, lhe contou os motivos da punição que sua mãe tapanhuma lhe impusera; ao que o Curupira respondeu: “*Tu não é mais curumi, rapaiz, tu não é mais curumi não... Gente grande que faiz isso...*”.⁴¹⁶ Após trapacear também com o Curupira, encontrou, ali, uma cotia que, com pena, fez uma mandinga com caldo envenenado de aipim, pra fazer o indiozinho ficar grande feito homem. Molhou o corpo; porém, escondendo a cabeça com medo, acabou por ficar para sempre “*com carinha enjoativa de piá.*”⁴¹⁷ Naquela mesma noite seguiu de volta para casa, e foi por seus parentes muito bem recebido. Morrendo sua mãe logo em seguida, se juntou aos dois irmãos e à bela índia Iriqui (que roubara de Jiguê, mas que logo seria abandonada, para ser reencontrada apenas no final da trama), e partiu, sem rumo certo, nem motivo bem pensado.

No meio da viagem, Macunaíma conheceu a índia icamiaba Ci, Mãe do Mato, se apaixonou, e se tornou imperador do Mato-Virgem.

E os três manos seguiram com a companheira nova. Atravessaram a cidade das Flores evitaram o rio das Amarguras passando por debaixo do salto da Felicidade, tomaram a estrada dos Prazeres e chagaram no capão de Meu Bem que fica nos cerros da Venezuela. Foi de lá que Macunaíma imperou sobre os matos misteriosos, enquanto Ci comandava nos assaltos as mulheres empunhando txaras de três pontas.⁴¹⁸

Foram felizes e tiveram um filho homem, que morreu envenenado pela Cobra Preta, para desgosto de Ci, que resolveu subir aos céus, acabando por se tornar uma estrela, a Beta o Centauro. Antes de morrer, contudo, a índia entregou a Macunaíma a pedra verde em forma de jacaré, que usava no colar – a muiraquitã. Arrebatado de tristeza e sem saber o que fazer pra ser feliz de novo, ele prendeu a lembrança da amada no beijo, e partiu pelo mundo, novamente, com Maanape e Jiguê.⁴¹⁹

Os três irmãos vivem, pois, na floresta, inúmeras experiências, como a do encontro com o bacharel de Cananéia, momento em que Mário aproveita para montar uma imagem bastante cômica dos intelectuais brasileiros. Note-se que o referido bacharel

⁴¹⁶ Idem, c. 2, e p. 20.

⁴¹⁷ Idem, p. 22.

⁴¹⁸ Idem, p. 28.

⁴¹⁹ Idem, c. 3.

representa uma figura **estática** e **desinteressante**, em meio às **agitações confusas**, de Macunaíma:

Correndo, correndo, légua e meia adiante deram com a casa onde morava o bacharel de Cananéia. O coroca estava na porta sentado e lia manustritos profundos. Macunaíma falou para ele:

- Como vai, bacharel?
- Menos mal, ignoto rapaz.
- Tomando a fresca, não?
- C'est vrai, como dizem os franceses.
- Bem, té-logo, bacharel, estou meio afobado...

E chisparam outra vez. Atravessaram os sambaquis do Caputera e do Morrete num respiro.⁴²⁰

Em meio a isso, Macunaíma perde a muiraquitã e, pela primeira vez em sua vida, chora. Ao menos ganha um sentido para era: buscar, onde quer que fosse, a única lembrança que Ci lhe deixara. Na mata um passarinho uirapuru aparece, então, para contar ao herói e seus irmãos que a pedra havia sido engolida por uma tartaruga, que fora pega por um catador de mariscos, que descobriu o talismã e o vendeu para um florentino súdito do vice-reinado do Peru, o qual acabou por enriquecer, tornando-se fazendeiro, no Brasil, e morador da cidade de São Paulo. Sendo assim, partiu o imperador do Mato (com Maanape e Jiguê) mais uma vez para longe, ainda que, desta, com destino certo.⁴²¹

Para a pesquisadora Silvana Assadi e tantos outros estudiosos desta obra de Mário, a busca pelo talismã perdido equivaleria a uma metáfora acerca da busca pela nossa própria identidade (pela brasilidade).⁴²² Conforme nos aponta Maria Augusta Fonseca, Oswald teria proposto, diferentemente, na *Revista de Antropofagia*, antes de romper com seu grande companheiro de jornada *vanguardista*, que *Macunaíma* era “*nossa Odisséia*”⁴²³ – uma perspectiva um tanto mais ampla, que implica **não apenas** o fato de que o Brasil necessitaria, antes de mais, **se compreender**, mas o fato de que o brasileiro precisaria enfrentar os problemas “**presentes**” (seus vícios e defeitos característicos), sempre saudoso e ligado ao “**passado**” (sem esquecer de Ci/ si), mas caminhando ansioso em direção ao “**futuro**”.

No caminho para São Paulo, é narrado um acontecimento bastante interessante, em geral associado, pela historiografia interessada na produção literária *modernista*, a uma espécie de teogonia, sobre o surgimento das três raças formadoras do povo brasileiro. Nesse

⁴²⁰ Idem, p. 39.

⁴²¹ Idem, c. 4.

⁴²² Silvana ASSAD. *Macunaíma e Retrato do Brasil: a construção da identidade nacional, sob o traço da luxúria*.

⁴²³ Maria Augusta da FONSECA. *Mario de Andrade: Vagabundo*.

momento específico da história, antes de chegar à capital paulista, Macunaíma sente calor, e não podendo entrar no rio, que naquela região ficava repleto de piranhas, busca na mata onde se banhar. Escolhe, sem saber, um buraco que era a pegada de São Tomé, onde havia uma água encantada, que acabou por transformá-lo em um homem loiro, de olhos azuis. Maravilhado com o acontecido, Jiguê salta lá dentro, onde restava apenas uma água suja do pretume de Macunaíma, que fez com que esse seu irmão ganhasse um tom de pele apenas um pouco mais claro, “*da cor do bronze novo*”. Em seguida, conta-se que Maanape quis entrar no buraco da pegada de São Tomé também, mas, como ali restava pouco da água, molhou apenas as solas dos pés e as palmas das mãos.

E estava lindíssima na Sol da lapa os três manos um louro um vermelho outro negro, de pé bem erguidos e nus. Todos os seres do mato espiavam assombrados. O jacareuma o jacaretinga, o jacaré-açu o jacaré-ururau de papo amarelo, todos esses jacarés botaram os olhos de rochedo pra fora d’água. Nos ramos das igazeiras das aningas das mamoranas das embaúbas dos catauaris de beira-rio o macaco-prego o macaco-de-cheiro o guariba o bugio o cuatá o barrigudo o coxiú o cairara, todos os quarenta macacos do Brasil, todos, espiaram babando de inveja. (...) Macunaíma teve ódio. Botou a mão nas ancas e gritou pra natureza:
- Nunca viu não!⁴²⁴

Em São Paulo Macunaíma aprende muitas coisas: que tinha que pagar a comida que encontrasse pra comer e também as mulheres com quem se deitasse; conheceu ainda a cachaça, a macumba, Blaise Cendrars e Manuel Bandeira, num terreiro de Exu.⁴²⁵ Conforme Maria Augusta Fonseca, nesse momento, pois, Mário retoma a descrição “desvairada” de sua terra natal, já esboçada anos antes, em *Paulicéia...*⁴²⁶

A princípio Macunaíma fica pasmo diante do avanço tecnológico tão característico de capital paulista – com a existência de “*elevadores (...) campainhas apitos buzinas (...) fordes (...) chevrolés (...) caminhões bondes autobondes anúncios luminosos relógios faróis rádios motocicletas telefones gorjetas postes chaminés*”;⁴²⁷ julgou, então, que aquilo que os paulistanos chamavam “Máquina” era uma deusa, e, embora lhes tenham explicado que aquelas benfeitorias eram realizações dos homens, e que por isso lhes pertenciam, não acreditou. Com o tempo percebeu os problemas decorrentes da “Máquina”, e se dedicou a pensar a respeito:

Constatou que os filhos da mandioca eram donos sem mistério e sem força da máquina sem mistério sem querer sem fastio, incapaz de explicar as infelicidades por si. Estava nostálgico assim, até que uma noite, suspenso no terraço dum arranhacéu com os manos, Macunaíma concluiu:

⁴²⁴ ANDRADE. op. cit. p. 49.

⁴²⁵ Idem. p. 82.

⁴²⁶ FONSECA. *Tradição e invenção*. p. 127.

⁴²⁷ ANDRADE. op. cit. p. 51.

- Os filhos da mandioca não ganham da máquina nem ela ganha deles nesta luta. Há empate.

Não concluiu mais nada porque inda não estava acostumado com discursos porém palpitava para ele muito embrulhadamente muito! que a máquina devia de ser um deus de que os homens não era verdadeiros donos (...). De toda essa embrulhada o pensamento dele sacou bem clarinha uma luz: Os homens é que eram máquinas e as máquinas é que eram homens. Macunaíma deu uma grande gargalhada.⁴²⁸

Em determinado momento do livro, o Autor interrompe o relato para reproduzir uma carta enviada por Macunaíma às icamiabas. Nesta carta, o remetente conta o motivo de estar escrevendo de São Paulo, assim como tudo quanto havia por lá descoberto: as brincadeiras “francesas” das prostitutas paulistanas, a demografia urbana, as eleições para cargos públicos, os problemas de salubridade, a criminalidade, a subserviência do país em relação aos interesses estadunidenses, a industrialização.⁴²⁹

Entretanto o que Macunaíma, na carta para as icamiabas, parece julgar ser o mais curioso na cidade na capital paulista é mais precisamente o fato de que seus moradores usariam duas línguas: uma para escrever – o português –, e outra para falar – o brasileiro, *“bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar”*. Por isso o próprio estilo utilizado pelo protagonista, nas páginas referentes à missiva – formal e erudito, com referências acadêmicas e vocabulário pomposo – é tão distinto da maneira como ele se manifesta nos diálogos, apresentados no restante da obra.⁴³⁰

Macunaíma descobre, em São Paulo, que o novo dono da muiraquitã, Venceslau Pietro Pietra, era o gigante Piaimã comedor de gente.⁴³¹ Para entrar na casa de Pietro Pietra, pois, inventa várias artimanhas, dentre as quais a de se vestir de mulher para seduzi-lo. A imagem que o Autor, então, apresenta da parte interior da moradia do gigante é recheada de referências aos mais diversos cantos do Brasil: haveria lá redes maranhenses, cerâmicas de Belém do Pará, vinhos de Minas Gerais, biscoitos e bombons do Rio Grande, e cuias de

⁴²⁸ Idem. p. 53.

⁴²⁹ Idem. c. 9.

⁴³⁰ Idem. p. 106-107.

⁴³¹ Segundo Iara Cristina RICCI, a escolha de tal nome, de origem italiana, não advém de mero acaso: *“Vemos retratada a crise da oligarquia nacional. Mário de Andrade participando de uma ótica da burguesia do café, (...) a [justifica] o privilégio histórico desses grupos rurais em relação à indústria de feição italiana. A aristocracia cafeeira, como pertence ao mundo rural, portanto mais antigo, tem o direito legitimado de continuidade do ciclo histórico nacional”*. Entretanto, proponho para este ponto de vista uma revisão criteriosa, pois no próprio texto de *Macunaíma*, o Pietro Pietra é apresentado como um florentino, súdito do Vice-Reinado do Peru, mas que teria enriquecido no Brasil como fazendeiro – quer dizer, dispondo de um título de nobreza e tendo seu poder econômico fincado no meio rural, segundo o raciocínio de Ricci, o gigante poderia ser considerado ícone de “tradicionalidade”, embora estrangeira.

Monte Alegre. Fugindo do desejo sexual do novo dono da muiraquiã, que não percebera que a “francesa” que havia adentrado sua residência era, na verdade, um homem, Macunaíma corre, vai longe, passando por inúmeros lugares, e o Autor do livro, ao narrar os feitos do protagonista, vai apresentando um novo quadro de referências sobre a terra brasileira: Ponta do Calabouço, Guarajá Mirim, Itamaracá, Barbacena, Paraná, Espírito Santo, ilha do Bananal.⁴³² Por força do acaso, Macunaíma conhece também no Rio de Janeiro;⁴³³ e, fugindo, certa feita, da Caapora Ceuci, ainda Manaus, Mendonza na Argentina, proximidades da Guiana Francesa, serra do Paranaoara, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí, Pernambuco, chapadão dos Parecis...

Macunaíma não sabia bem mais em que parte de Brasil estava e lembrou de perguntar.

- Me diga uma coisa, filho de gambá é raposa, como chama este lugar? (...)

O herói seguiu de carreira e enfim passou pra outra banda do rio Chuí. Foi lá que topou com o tuiuiú pescando.

- Primo Tuiuiú, você me leva pra casa?

- Pois não!

Logo o tuiuiú se transformou na máquina aeroplano, Macunaíma escanchou no aturiá vazio e ergueram vôo.⁴³⁴

Bom destacar, aqui, que, no ano de 1927, antes mesmo de publicar *Macunaíma*, Mário escreve a Manuel Bandeira, comentando a maneira como tinha apresentado, na referida obra, o território brasileiro – confusa. Afirma, então, que não o teria feito despropositadamente, mas visando atender a objetivos bem delimitados: “*Um dos meus cuidados foi tirar a geografia do livro. Misturei completamente o Brasil inteirinho como tem sido minha preocupação desde que intentei me abrasilizar e trabalhar material brasileiro.*” Para concluir, se opondo à tendência que marcara tanto seus primeiros trabalhos como poeta, acrescenta: “*Tenho muito medo de ficar regionalista*”.⁴³⁵

Quando o protagonista de *Macunaíma* descobre que Pietro Piedra partira para a Europa com a muiraquitã, resolve seguir novamente viagem, mas, de posse de poucos recursos e com base nos conselhos de Maanape, busca uma nova estratégia: se finge de pintor – com “*óculos de tartaruga um gramofoninho meias de golfe luvas*” – e solicita uma pensão ao governo, para ir estudar no estrangeiro. Não conseguindo o dinheiro suficiente, Macunaíma fica zangado, mas a zanga logo passa, e ele chega mesmo a declarar, contente: “*Paciência,*

⁴³² ANDRADE. op. cit. c. 8.

⁴³³ Idem, c. 9.

⁴³⁴ Idem, p. 137.

⁴³⁵ Margarida de Souza NEVES. *Da maloca do Tietê ao império do Mato virgem*. p. 277

manos! não! não vou na Europa não. Sou americano e meu lugar é na América. A civilização européia de-certo escolhamba a inteireza do nosso caráter.”⁴³⁶

Mesmo após matar Pietro Pietra e recuperar a muiraquitã, Macunaíma continua sentindo saudade de sua amada, e então resolve voltar para a terra natal. Entretanto, já não encontra mais as coisas como eram, seus parentes haviam morrido, plantação e as moradias estavam destruídas. Depois, perde novamente a lembrança que lhe deixara Ci, e nunca mais a recupera. Sozinho, no lugar onde havia nascido, o protagonista ainda chegou a tornar-se amigo de um papagaio, para quem narrava suas aventuras pelo Brasil, e a quem ouvia, repetindo suas próprias aventuras. Esse interlocutor privilegiado – revelar-se-á no *Epílogo* – teria contando a história a um homem qualquer, que a estaria, então, cantando.

[Macunaíma foi] por céu viver com a marvada [Ci]. Ia ser o brilho bonito mas inútil porém de mais uma constelação. Não fazia mal que fosse brilho inútil não, pelo menos era o mesmo de todos esses parentes de todos os pais dos vivos da sua terra, mãos pais manos cunhãs cunhadas cunhatãs, todos esses conhecidos que vivem agora do brilho inútil das estrelas. (...)
- Não vim no mundo pra ser pedra.⁴³⁷

Mário de Andrade, no ano de 1931, chegou a pontuar que, no seu por ora analisado livro, teria “copiado o Brasil”. Como demonstra Souza Neves, e como venho tentando demonstrar, *Macunaíma* é, porém, um corpo **sistematizado** (recortado, amarrado) de elementos dispersos (da história e do presente) que o dito Autor considerava genuinamente brasileiros. Corresponde, assim, a todo um projeto esboçado ao longo de Sua vida, voltado à elaboração de uma Literatura que ajudasse a compor, para o Brasil, uma “tradição”, de maneira a **instrumentalizar como se pensa o e em** nosso país, visando, por fim, transformações sociais positivas. Se retornarmos mais propriamente ao texto contido em *Macunaíma*, podemos dizer, então, que o protagonista ali apresentado está perdido **não** por que é mau/perverso, e se recusa a aceitar a cumprir o que a moral instituída determina como correto; ele está perdido porque não tem “nenhum caráter” – quer dizer: **não tem parâmetros bem delimitados** a partir dos quais pudesse vir a escolher, **por si próprio**, os caminhos a seguir.⁴³⁸

Não podemos esquecer, contudo, que o interesse de Mário não estava atrelado a um projeto de modernização e democratização do trabalho intelectual apenas e tão somente do **brasileiro**; de forma diversa, pretendia alçar vãos mais altos. Em 1925, em carta a Prudente de Moraes Neto, afirmava, pois:

⁴³⁶ ANDRADE. op. cit. p. 145.

⁴³⁷ Idem, p. 215.

⁴³⁸ SOUZA NEVES. op. cit. passim.

Este meu nacionalismo **não** pensem que é **chauvinismo**. (...) É amor humano e único meio de nós brasileiros nos universalizarmos. Porque a maneira com que um povo se universaliza é quando concorre com seu contingente particular e inconfundível para enriquecer essa coisa sublime, uniforme mas múltipla que é a **humanidade**.⁴³⁹

Fundamental aqui destacar que é comum se ler, na historiografia relativa à produção literária de Mário, reflexões acerca de Seu desencanto, a partir da década de 1930, no que diz respeito às propostas apresentadas na Semana da Arte Moderna. A pesquisadora Tatiana Alves Soares Caldas, por exemplo, se volta para *Remate de males*, publicado em 1930, para propor:

Essa postura parece estar presente inclusive no título. (...) Ao pensarmos em ‘remate’ como conclusão, vemos [nos poemas do referido livro] o fim de uma fase da obra do Autor. Finda a parte combativa de sua estética, é hora do repouso, da paz, da reflexão. [Superação de antigos males?]⁴⁴⁰

Nos seguintes versos de *Louvação da Tarde*, a título de ilustração, Caldas assinala, por parte de Mário, uma visão menos rebelde e ao mesmo tempo mais realista acerca das possibilidades de um programa literário ao mesmo tempo “atual” e “democrático”:

(...) Não sonho sonhos vãos. A realidade,
Mais esportiva de vencer, me ensina
Esse jeito viril de ir afastando
Dos sonhos vesperais os impossíveis
Que fazer a quimera, e de que a vida
É nua, friorentamente nua. (...) ⁴⁴¹

Em 1935, Mário ingressa no Departamento de Cultura do município de São Paulo, e em 1938 muda-se para a capital do país, para ocupar cargo relevante no Ministério do senhor Gustavo Capanema. Esses dois momentos são representativos, pois, dos rumos que tomaram as reflexões de Mário enquanto intelectual: passou a buscar resultados mais efetivos para o **Seu** programa *modernista*, lançando mão do **aparelho burocrático** estatal como intermediário ou como instrumento para fazê-lo chegar até o povo. Em uma carta a Fernando Sabino, do ano de 1944, afirmava:

Há nesta rua Lopes Chaves um ridículo homem que chegou à convicção que neste momento culminante da vida, toda arte é pueril, todo indivíduo que não se sacrificar totalmente pela vida coletiva humana é um canalha, é um vendido, é um canalha. Há um homem que chegou à convicção de que só é possível lutar, e só é preciso matar ou morrer.⁴⁴²

⁴³⁹ Idem, p. 286.

⁴⁴⁰ Tatiana Alves CALDAS. *Remate de males: a louvação improvisada de Mário de Andrade*.

⁴⁴¹ Ibidem.

⁴⁴² SOUZA NEVES. op. cit. p. 272.

Outro importante expoente do *modernismo* é o pernambucano Manuel Bandeira. É ele quem antecipa a concepção *modernista* de “poema-piada”, quando compõe *Os sapos*, poesia que, desconstruindo/ criticando o apelo *parnasiano* à métrica e à rima, repleto de metáforas críticas em relação ao estilo de trabalho de escritores *parnasianos*, vai inflamar os ânimos dos críticos da Semana da Arte Moderna.

(...) O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: - “Meu cancioneiro
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.” (...) ⁴⁴³

E 1925 escreve o célebre poema *Poética*, no qual esboça mais sistematicamente sua crítica ao comum modo de se portar dos literatos de nosso país de então, e clama por uma poesia e uma prosa de intenções democráticas/ transformadoras.

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e
manifestações de apreço ao sr. Doutor.

Estou farto do lirismo que [para] e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo
de um vocabulário
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

(...)
Eu não quero mais saber de lirismo que não é libertação! ⁴⁴⁴

Em *Evocação ao Recife* (incluído na mesma obra acima citada), Bandeira remete, indiretamente, pois, à idéia da possibilidade de elaboração de uma linguagem poética que dissesse respeito mais especificamente ao **cotidiano** brasileiro, ao modo de **falar** informal e variável do homem comum. Nos primeiros versos, na sua cidade natal, relembra saudosistamente a infância, e apresentava, como conclusão, as seguintes palavras:

A **vida** não chegava pelos **jornais** nem pelos **livros**
Vinha na boca do povo na língua **errada** do povo
Língua **certa** do povo
Porque ele é que fala gosto o português do Brasil

⁴⁴³ Manuel BANDEIRA. *Estrela da vida inteira*. p. 51.

⁴⁴⁴ Apud. CANDIDO. op. cit. 39.

Ao passo que nós
 O que fazemos
 É macaquear a sintaxe lusíada.⁴⁴⁵

Em seu livro *Libertinagem*, de título valioso – na medida em que mescla a referência a uma das características comumente atribuídas ao estereótipo do “brasileiro”, com a referência à busca por uma Literatura solta, descompromissada, irreverente – apresenta *Não sei dançar*, versos em que apresenta uma série de referências ao que se convém perceber, correntemente, como componentes da “tradição” brasileira. Inicia falando de uma de nossas mais famosas festas populares, o carnaval, na qual se misturariam, felizes e fantasiados, expoentes das mais diversas **classes sociais**:

Uns tomam éter, outros cocaína.
 Eu tomo alegria!
 Eis aí por que vim assistir a este baile de terça-feira gorda.

Mistura muito excelente de chás...
 Esta foi açafata...
 - Não, foi arrumadeira.
 E está dançando com o ex-prefeiro municipal.
 Tão Brasil.

Em seguida, Bandeira observa, no baile, o encontro de variadas **etnias** – dos braços, aos negros, aos índios e também a outros povos imigrantes:

De fato esse salão de sangues misturados parece o Brasil...

Há até a incipiente amarela na figura de uma japonês
 O japonês também dança maxixe:
 Augugêlê banzai!

E aquele também Lhe parece ser um espaço propício para o contato entre **concepções de comportamento** muitas vezes tomadas como antípodas, ou ao menos hierarquicamente distintas:

A filha do usineiro de Campos
 Olha com repugnância
 Para a crioula imoral.
 No entanto o que faz a indecência da outra
 É dengue nos olhos maravilhosos da moça
 E aquele cair de ombros...
 Mas ela não sabe...
 Tão Brasil

Por fim, o Autor, ainda **ironicamente**, destaca – em contra-ponto aos já feitos elogios ao aspecto “democrático” da festa – o quão politicamente “alienante” poderia ser

⁴⁴⁵ Apud. Idem, p. 42.

considerado o fenômeno do carnaval, demarcando as **ambigüidades** intrínsecas aos discursos mais correntes, laudatórios, acerca da identidade nacional.

Ninguém se lembra de política...
 Nem dos oito quilômetros de costa...
 O algodão do Seridó é o melhor do mundo?... Que me importa?
 Não há malária nem moléstia de Chagas nem ancilóstomos.
 A sereia sibila e o ganzá do jazz-band batuca.
 Eu tomo alegria.

Quer dizer, então, que, se comparado a Oswald e a Mário (e também, se quisermos incluí-los, ao grupo *Verde-amarelo*), Bandeira apresenta um ponto de vista distinto: Ele **não** toma a construção de um projeto de “nacionalismo” como principal objetivo de sua obra poética. Aqui podemos destacar, logo, que, antes de ingressar no movimento *modernista*, este Autor se havia dedicado a escrever versos com inspiração *simbolista*, e que talvez por isso se tenha, mais tarde, identificado com os propósitos da já aludida *Revista Festa*, sendo um de seus principais colaboradores da revista *Festa*. Além disso, pode-se ainda ressaltar que, já em 1924, declarara-se crítico aos encaminhamentos que o *modernismo* paulista ia tomando, no seguinte depoimento:

Oswald de Andrade acaba de deitar manifesto – uma espécie de plataforma-poema daquilo que ele chama Poesia Pau-brasil. Eu protesto. O nome é comprido demais. Bastaria dizer poesia pau. Por inteiro: Manifesto da Poesia Pau. Porque é poesia de programa e toda a arte de programa é pau. Aborrecem os poetas que se lembram de nacionalidade quando fazem versos. Eu quero ser eventualmente mistura de turco som sírio-libanês. Quero ter o direito de falar ainda na Grécia. Há pouco tempo entrei na Agência Havas no momento em que Américo Facó ditava pelo telefone um despacho recebido de Elêusis. Senti de pronto a ironia da emoção lírica. Não podia evidentemente falar de Tabatinguera.⁴⁴⁶

Fundamental ressaltar, contudo, que, em suas obras posteriores, a **problemática da identidade brasileira como construção** não deixou de, vez por outra, aparecer. Em 1948 publica, em *Mafuá do malungo*, por exemplo, dois poemas que têm como tema, respectivamente, indireta e diretamente, a herança lusa legada aos brasileiros: *Casa-Grande e Senzala* (“A alma do brasileiro,/ que o portuga feemeiro/ fez e o mau fado quis/ infeluz”), e *Portugal, meu avozinho* (“Ai Portugal de Camões,/ do bom trigo e de bom vinho,/ que nos deste, ai avozinho,/ este gosto misturado,/ que é saudade e que é carinho.”).⁴⁴⁷

O último escritor considerado *modernista* de que trataremos, antes de traçar os paralelos entre os conceitos ligados à literatura de *vanguarda* brasileira e aqueles trabalhados

⁴⁴⁶ BORGES PINTO. op. cit. p. 454.

⁴⁴⁷ BANDEIRA. op. cit. p. 335 e 363.

por Sérgio, em *Raízes*, é o mineiro Carlos Drummond de Andrade. Segundo Wilson Martins, Este teria se lançado no mercado literário, no Brasil, em 1925, através da revista carioca *Estética*, que, como vimos, foi criada por Sérgio.⁴⁴⁸ Apenas no ano de 1928, contudo, na *Revista de Antropofagia*, trará a público um poema que ganhará expressão imediata – seu, até os dias de hoje célebre, *No meio do caminho*.

Assim como em Bandeira, também na obra de Drummond a brasilidade passará a ser tomada como temática não **necessária**, mas **possível/interessante**. Num poema dedicado a Mário de Andrade publicado em 1930, no livro *Alguma poesia*, apresenta a “brasilidade” como uma prática que se constrói através de um esforço coletivo, contínuo e cotidiano; como uma “virtude” da qual o Eu lírico, fraco, confuso, nem sempre intentou dispor.

Eu também fui brasileiro
Moreno como vocês.
Ponteei viola, guiei forde
E aprendi na mesa dos bares
Que o nacionalismo é uma virtude.
Mas há uma hora em que os bares se fecham
E todas as virtudes se negam.⁴⁴⁹

Em *Europa, França e Bahia*, do mesmo livro acima citado, o Poeta esboça referências a diversas cidades do globo, como Paris, Londres, Hamburgo; refere-se também à Itália, à suíça e, enfim, elogiosamente, à Rússia comunista. Mas argumenta, afinal, que o Brasil constituiria um corpo distinto, peculiar, e que, por isso, não se poderia, (de maneira inevitável e, às vezes, inconsciente) como indivíduo brasileiro que é, identificar inteiramente ou sentir suficientemente à vontade em qualquer outro lugar do mundo. Cito:

A Rússia tem as cores da vida.
A Rússia é vermelha e branca.
Sujeitos com brilhos esquisitos nos olhos criam o filme bolchevista e no túmulo de
Lênin em Moscou parece que um coração enorme batendo, batendo
Mas não bate igual ao da gente...

Chega!
Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.
Minha boca procura a “Canção do exílio”.
Como era mesmo a “Canção do exílio”?
Eu também tão esquecido de minha terra...
Ai terra que tem palmeiras
Onde canta o sabiá!⁴⁵⁰

⁴⁴⁸ MARTINS. op. cit. p. 372.

⁴⁴⁹ Carlos Drummond de ANDRADE. *Obras completas*. p. 07.

⁴⁵⁰ Idem, p. 09

Na obra *Brejo das Almas*, de 1934, revelando um maior engajamento político e uma maior sistematização da crítica ao conceito de nacionalismo, Drummond se volta à desconstrução dos principais pilares sustentadores dos discursos nacionalistas mais correntes, no Brasil da época. Primeiro, apresenta, debochado, (1) a idéia do encontro democrático entre as mais diversas raças, (2) a idéia da educação como ferramenta transformadora, que traria, para nós, ao mesmo tempo modernização e democracia, e (3) a idéia de que avanços tecnológicos, então patentes, nos trariam uma vida melhor. Em seguida toca – creio eu, propositalmente de forma confusa – no tema dos nossos “erros” e “virtudes” e – tal como era comum, demonstrando conhecer os problemas – opta por destacar o que haveria, entre nós, a ser “louvado”. Por fim, o Eu lírico acaba por chegar à percepção de que deveríamos, sim, nos comprometer com o desenvolvimento justo da pátria, mas que tal tarefa seria demasiadamente difícil de ser cumprida, tendo em vista que cada um de nós brasileiros, individualmente, tem seus “compromissos” (no sentido de “ocupação”, mas, também, de “interesses”). Daí que o Ele chegue a pontuar que não haveria, de fato, “Brasil”; a não ser no pensamento/sentimento (espontâneo) de cada um de seus cidadãos, de maneira que a **elaboração formal** de um projeto de “brasilidade” **não** pareceria constituir, aos Seus olhos, de fato, por fim, uma alternativa positiva, ou mesmo viável.

Precisamos descobrir o Brasil!
Escondido atrás das florestas,
com água dos rios no meio,
o Brasil está dormindo, coitado.
Precisamos colonizar o Brasil.

O que faremos importando francesas
muito louras, de pele macia,
alemãs gordas, russas nostálgicas para
garçonnettes dos restaurantes noturnos.
E virão sírias fidelíssimas.
Não convém desprezar as japoensas...

Precisamos educar o Brasil.
Compraremos professores e livros,
Assimilaremos finas culturas,
Abriremos *dancings* e subvencionaremos as elites.

Cada brasileiro terá sua casa
Com fogão e aquecedor elétricos, piscina,
salão para conferências científicas.
E cuidaremos do Estado Técnico.

Precisamos louvar o Brasil.
Não é só um país sem igual.
Nossas revoluções são bem maiores
do que quaisquer outras; nossos erros também.

E nossas virtudes? A terra das sublimes paixões...
os Amazonas inenarráveis... os incríveis João-Pessoas...

Precisamos adorar o Brasil!
Se bem que seja difícil caber tanto oceano e tanta solidão
no pobre coração já cheio de compromissos...
se bem que seja difícil compreender o que querem esses homens,
por que motivo se ajuntam e qual a razão de seus sofrimentos.

Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!

Tão majestoso, tão sem limites, tão despropositado,
ele quer repousar de nossos terríveis carinhos.
O Brasil não nos quer! Está farto de nós!
Nosso país é o outro mundo. Este não é o Brasil.
Nenhum Brasil existe. E assaz existirão os brasileiros?⁴⁵¹

É importante destacar que tem sido bastante comum, entre pesquisadores da atualidade, destacar as relações estabelecidas entre o autor de *Raízes...* e os literatos ligados à chamada Semana de 1922. Segundo Luiz Dulci, por exemplo, este texto em específico seria tributário do movimento *modernista* pelo fato de que também se dedica a uma releitura das idéias formalizadas e na época correntes acerca do Brasil, com ênfase na problemática dos encontros, trocas e influências culturais; diz Dulci:

Encarna à perfeição uma das paixões mais altas e fecundas do modernismo, a de compreender o Brasil, de investigá-lo, de desvendá-lo em si mesmo e face ao mundo.⁴⁵²
Compreender o mundo para compreender o Brasil, e compreender o Brasil para compreender o mundo.⁴⁵³

Uma visão distinta apresenta Antonio Arnoni Prado, já que pretende ressaltar as **diferenças** (e, creio, na visão deste Autor, **avanços**) das propostas apresentadas em *Raízes...*, em relação às apresentadas por exemplo, por Oswald e Mário de Andrade. De acordo com Arnoni Prado, em *Raízes do Brasil e o modernismo*, desde seus primeiros escritos, ainda na década de 1920, Sérgio revelava oposição ao desejo corrente de se partir da discussão acerca da brasilidade visando a composição final de um projeto *estético*. Sergio destacaria, em contraposição, a importância de o *modernismo* começar a investir em uma reflexão mais profunda acerca daquilo que denominava “imaginação histórica”. Conforme o autor do dito artigo, esta hipótese seria uma espécie de prévia de preocupações que se tornariam

⁴⁵¹ Luiz DULCI. Sérgio Buarque de Holanda petista. In: CANDIDO. *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. p. 51-52.

⁴⁵² Idem, p. 93.

⁴⁵³ Idem, p. 94.

primordiais para o referido Autor, quando passou a se dedicar mais prontamente à pesquisa historiográfica.⁴⁵⁴

Em seguida Arnoni Prado aborda um texto de Sérgio cujo título é *Originalidade literária*, e a temática, a produção intelectual de portugueses e espanhóis nos primeiros anos da colonização da América. Este estudo comparativo, um quase-esboço do que seria *Raízes...*, propõe-se a idéia de que, enquanto os textos quinhentistas hispanos seriam caracterizados pela criatividade e pela novidade – por apresentar construções narrativas distintas da tradicional européia, e mais condizentes com a realidade local –, os textos quinhentistas lusitanos, demasiadamente pragmáticos, pouco ou nada teriam de original; quer dizer: Sérgio apresenta, no referido texto, uma versão **alternativa** e **ousada** para a análise de um tema **tradicionalmente** estudado – a crença em nossa característica (desde os tempos mais remotos) “ilimitada liberdade” de criação. Ao ver de Arnoni Prado, tal hipótese – anti-modernista – pode ser associada à idéia – *modernista*, mais amadurecida em *Raízes...* – de que os elementos que compõem a nossa nacionalidade (dentre os quais destaca-se a herança cultural a nós legadas pelos portugueses) podem e devem ser (e são) reavaliados constantemente.⁴⁵⁵

Dessas duas idéias iniciais, portanto, – a de que a História deveria receber lugar de destaque pelos modernistas, e a de que “identidade nacional” deveria ser tomada como um conceito passível das mais variadas ressignificações – parecem ter descendido, Segundo Arnoni Prado, as críticas de Sérgio destinadas à tradicional perspectiva segundo a qual a classe média letrada teria como principal responsabilidade estabelecer construtos ideológicos através dos quais se supunha ser possível promover o desenvolvimento da economia e da democracia nacionais.⁴⁵⁶

De minha parte, julgo ser relevante destacar que, assim como os aludidos textos *modernistas*, também *Raízes...* **escapa às proposições raciais** correntes nas primeiras décadas do século XX. Contudo, deve-se deixar claro que, ainda que Sérgio revele ali não mais perceber cada um dos grupos étnicos como detentores de caracteres inatos, associa, sim,

⁴⁵⁴ S. B de HOLANDA. Um homem essencial. Estética. Rio de Janeiro, I (1): 29-36, set. 1924. Apud. Antonio Arnoni PRADO. *Raízes do Brasil* e o modernismo. In: CANDIDO. op. cit. p. 71. Segundo Sérgio, em texto posterior, os modernistas, em última instância, “*não demonstravam níquel de interesse pelo Passado ou pela História, a não ser pela face do pitoresco.*” Cf. HOLANDA. Pathé-Baby. Terra roxa e outras terras. São Paulo, 1 (6): 6 de julho de 1926. Apud. PRADO. op. cit. p. 79.

⁴⁵⁵ HOLANDA. Originalidade literária. Correio Paulistano. São Paulo: 22 de abril de 1920. Apud. PRADO. op. cit. p. 72-73.

⁴⁵⁶ HOLANDA. O lado oposto e outros lados. Revista do Brasil, São Paulo: 15 outubro de 1926. Apud. PRADO. op. cit. p. 77.

portugueses e índios uma forma de conduta típica, que teria sido, conforme Ele, **construída**, no decorrer de gerações, em resposta às mais diversas experiências históricas.

Isso quer dizer, então, que diferentemente de Mário Ele **não** julga que no Brasil **não** haveria tradição, mas, um tanto mais próximo de Oswald, que ela existia, e existia equivocadamente, daí a necessidade de ser **desconstruída**. Entretanto, – demonstrando uma semelhança maior com os pressupostos acima atribuídos a Bandeira e a Drummond – como historiador, em Seu referido texto **não** buscou cumprir com qualquer programa que visasse a **reconstrução** da *psicologia* historicamente esboçada pelo brasileiro. Como nos revela Arnoni Prado, em carta para Mário, datada de 10 de maio de 1931, dizia Sérgio:

Receio às vezes que você venha a tornar-se por acaso um católico apostólico romano ultramontano tomista, legionário, partidário do Ensino Religioso, (...) e depois de todas essas coisas lamentáveis resolva, por coerência, publicar o *Macunaíma* expurgado, para uso das excelentíssimas famílias dos ilustres funcionários públicos desta imaculada República Nova que Deus Santíssimo guarde para os séculos dos séculos amém.⁴⁵⁷

2.5. O ensaísmo como alternativa para se pensar o Brasil histórico e o Brasil moderno: Paulo Prado e Gilberto Freyre

Lembremos, por ora, que outros modernistas já se haviam dedicado à tarefa de pensar a realidade brasileira: Ronald de Carvalho, em *Bases da nacionalidade brasileira*, e Tasso da Silveira, em *A consciência brasileira*.⁴⁵⁸ Ganhará maior projeção, antes de *Raízes...*, porém, *Retrato do Brasil*, obra publicada no ano de 1928 pelo paulista Paulo Prado – um dos principais financiadores da Semana de 1922 e, a partir de 1923, também responsável pela publicação da *Revista do Brasil* (juntamente com Monteiro Lobato).

Em seu *Retrato do Brasil*, escrito sob a influência das relações estabelecidas com o *modernismo*, Paulo tentará, sobretudo, compreender o processo através do qual se vinham instituindo e consolidando os elementos considerados como típicos de **nosso** estilo e vida vindo a compor um quadro com, sobretudo, os principais **problemas** de nossa nação, **ossos vícios** mais característicos. Silvana Assad levanta, por exemplo, aproximações entre o referido texto de Prado e *Macunaíma*, de Mário – que, aliás, foi ao dito ensaísta dedicado –, tal como o fato de que ambos os autores tomam o tema da luxúria como elemento central na concepção de brasilidade de que um e outro dispõem e registram em suas respectivas obras.

⁴⁵⁷ Uma cópia da referida carta aparece como anexo de publicação organizada a partir de um simpósio recente, feito em homenagem a Sérgio. Cf. CANDIDO. op. cit. p. 114.

⁴⁵⁸ MARTINS. p. 332.

É, porém, inspirado sobretudo em Capistrano de Abreu – antigo célebre membro do IHGB, nas primeiras décadas dos novecentos associado a esquemas interpretativos nada ousados, que escreveu *Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI* (1879), e com quem chegou a conviver na intimidade –, que Prado buscará produzir uma síntese da realidade brasileira cotidiana, centrando seu olhar no período da colonização. Tal influência, conforme propõe Marco Aurélio Nogueira, não teria, afinal, servido como impulso enriquecedor; muito pelo contrário, nela fincado o autor de *Retrato...* teria vindo a apresentar uma composição consideravelmente **estática** da “personalidade” do brasileiro-genérico, ou, para utilizar as palavras de Nogueira, “*conformou-se em apresentar o Brasil como uma extensão passiva da colônia*”.⁴⁵⁹ No que diz respeito ao conceito de “identidade nacional” de que dispunha Prado no referido livro é possível se falar, pois, que, embora correspondesse a uma concepção menos determinista do que aquelas associadas às ditas teorias raciais, apresentou uma versão “reduzida” em comparação, por exemplo, com a de Mário, em *Macunaíma*, e também com Sérgio, em *Raízes...*

Além disso, pode-se dizer que Prado percebia as relações entre “natureza” e “psicologia” de maneira também muito mais “condicionada” do que grande dos demais *modernistas*. Para ele, por exemplo, o **clima** seria sim, efetivamente, um fator **definitivo** na constituição do modo de ser característico do brasileiro: os trópicos favoreceriam (1) à indisposição para o trabalho (diante da possibilidade de lucro fácil, terras férteis, riquezas naturais abundantes) tanto quanto (2) à luxúria (aguçada pela “*ligeireza do vestuário*” e pela “*submissão fácil e admirativa da mulher indígena*”, e mais, tarde, também da negra). No mais, ainda que compreendesse que não era em razão da “*mescla de seu sangue*” com o europeu que o africano viera marcar profundamente a realidade brasileira, mas por sua **condição de escravo**, para Ele seria este o principal grupo responsável pelo “relaxamento dos costumes” no Brasil, o que, segundo Nogueira, é sintoma de que o Autor de *Retrato...* “*parecia flertar com o preconceito*”;⁴⁶⁰ quanto a isso, é ilustrativa a seguinte passagem: “*As negras e mulatas viviam na prática de todos os vícios. Desde crianças começavam a corromper os senhores moços dando-lhes as primeiras lições de libertinagem.*”⁴⁶¹

⁴⁵⁹ Marco Aurélio NOGUEIRA. Retrato do Brasil. In: MOTA. op. cit. p. 212.

⁴⁶⁰ Idem, p. 206.

⁴⁶¹ Paulo PRADO. Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 154. Apud. Marco Aurélio NOGUEIRA. Retrato do Brasil. In: MOTA. op. cit. p. 206. Interessante, aqui, seria tratar a questão da luxúria, conforme o olhar dos mais variados expoentes do modernismo. Como temos acompanhado, ela aparece, em *Retratos...*, como um mal – “*Paulo Prado se reportará ao velho adágio da medicina: post coitum animal triste, nisi gallus que cantat (Após o coito os animais ficam tristes, salvo o galo, que canta). A vida na colônia seria moldada pelos efeitos do predomínio avassalador desses sentimentos.*” Cf. *Ibidem*. Entretanto, *Macunaíma* (0000), obra-prima de Mário, aliás dedicada a Prado, abordará a questão de

É assim, portanto, que o autor de *Retrato...* apresentará seu diagnóstico acerca dos **desvios** de conduta dos brasileiros seus contemporâneos: seríamos, para Ele, um povo deprimido; é o que explicita a seguinte passagem:

Criava-se pelo decurso dos séculos uma raça triste. A melancolia dos abusos venéreos e a melancolia dos que vivem na idéia fixa do enriquecimento – no aborto sem finalidade dessas paixões insaciáveis [o sexo e o lucro] – são vincos fundos na nossa *psique* racial, paixões que não conhecem exceções no limitado viver instintivo do homem, mas aqui se desenvolveram de uma origem patogênica provocada sem dúvida pela **ausência de sentimentos afetivos de ordem superior**.⁴⁶²

Um outro ponto relevante da análise de Prado consideravelmente próximo aos *modernistas* e a Sérgio – como também de Ramos – é a crítica acerca das posturas assumidas pela **intelectualidade brasileira** de todos os tempos. Diferentemente dos autores de *Raízes...* e *El perfil...*, porém, não dá preferência aos pensadores influenciados, em nosso país, pelo positivismo o pelo liberalismo, mas aos expoentes do **romantismo** – caracterizados por seu estilo “*sonhador e egocêntrico, voltado para a grandiloquência e a retórica gratuita e pomposa.*”⁴⁶³ Daí decorrer também (assim como no caso de *Raízes...* e *El perfil...*) a condenação do hábito (insensato) de se importar modelos externos, descrito na seguinte passagem de *Retrato...*:

Nesta terra, em que quase tudo dá, importamos tudo: das modas de Paris ao cabo de vassoura e ao palito. Transplantados, são quase nulos os focos de reação intelectual e artística. Passa pelas nossas alfândegas tudo o que constitui as bênçãos da civilização: saúde, bem-estar material, conhecimentos, prazeres, admirações, senso estético.⁴⁶⁴

Para este Autor seria necessário, pois, bem ao gosto *modernista* – de que Sérgio foi tão crítico – que estivéssemos dispostos a conceber um modelo novo e verdadeiramente **autêntico** de “*brasilidade*”, o qual deveria prever “*modificações radicais (...) não só no aparelho político e financeiro, mas também nos antigos valores materiais e espirituais*”.⁴⁶⁵

É paralelamente a estas publicações que apresentará uma reflexão importante o famoso intelectual Gilberto Freyre. Formado em universidades estrangeiras, tornava ao país natal em 1922, quando afirmou: “*O que venho descobrindo na Europa é que minha*

maneira um tanto mais descontraída e, o já referenciado livro de poemas de Manuel Bandeira, *Libertinagem* (1930), revelará uma visão desrecalcada e irônica, ao propor, nas entrelinhas, que a literatura brasileira prezasse pela falta de “pudor criativo”.

⁴⁶² NOGUEIRA. op. cit. p. 205.

⁴⁶³ Idem, 207.

⁴⁶⁴ PRADO. op. cit. p. 203-204/ 197.

⁴⁶⁵ NOGUEIRA. op. cit. p. 209.

*afinidades com ambientes e gentes daqui são muito mais profundas que com ambientes e gentes dos Estados Unidos.”*⁴⁶⁶

Filho de uma família decadente de produtores de açúcar pernambucanos, em resposta às propostas apresentadas pelo grupo modernista de São Paulo e Rio de Janeiro, no ano de 1926 Freyre ajudou a formular o já citado *Manifesto regionalista*. Conforme propunha este documento, pelo fato de os poetas e prosistas ligados a Mário e Oswald estarem impregnados de **estrangeirismos**, compunham uma literatura desvinculada da tradição cultural brasileira, da qual o Nordeste, para o referido Autor, seria a mais viva expressão. O texto do manifesto revelava, pois, como um dos principais pilares de sustentação da identidade nacional, no Brasil, o (agora decadente) **núcleo açucareiro**, no qual teriam convivido e interagido senhores brancos e escravos negros.⁴⁶⁷

Deve ter sido, portanto, justamente por ter-se posicionado de maneira crítica em relação àqueles que viriam a ser, posteriormente, considerados pelo cânone como os responsáveis pela modernização do estilo de se conceber e produzir cultura no Brasil – somado em grande parte ao fato de ter sido preso durante o regime “desenvolvimentista” de Vargas – que o pensamento de Freyre será em geral, na historiografia brasileira, compreendido conservador. Contudo, tal estigma a Ele atribuído não impediu que *Casa-grande & senzala*, seu mais famoso livro, publicado pela primeira vez em 1933, ao abordar a constituição cultural do povo brasileiro, fosse reconhecido desde o princípio, entre críticas e basbaques, como inovador no que diz respeito às perspectivas tanto metodológicas quanto conceituais de que dispunha.⁴⁶⁸

Importante destacar, antes de mais, que – tal como havia feito Prado, e vivia a fazer e Sérgio – Freyre optara por desenvolver suas reflexões através de uma estrutura **ensaística**. No que diz respeito a este último Autor, Mota destaca a opção por – ao invés de apresentar uma hipótese primeira e dedicar todo o texto ao levantamento de argumentos que a corroborem – sobrepor, em *Casa-grande...* uma enxurrada de teses umas às outras, *ad infinitum*, permeando-as pelos mais diversos e às vezes contraditórios argumentos.⁴⁶⁹

⁴⁶⁶ MARTINS. op. cit. p. 287.

⁴⁶⁷ Maria Stella BRESCIANI. A casa em Gilberto Freyre: síntese do *ser* brasileiro? In: CHIPAPPINI & BRESCIANI. op. cit. p. 43-44.

⁴⁶⁸ O exemplar por mim consultado ao longo de minha pesquisa é, contudo, de uma publicação mais recente. Cf. Gilberto FREYRE. *Casa-grande & senzala*.

⁴⁶⁹ José Carlos REIS. Gilberto Freyre, poeta do Brasil. In: Marco Antônio LOPES (Org). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 516. MOTTA. op. cit. p. 59.

É possível, entretanto, que um primeiro olhar nos faça crer – da mesma maneira que fez crer muitos intelectuais experientes, como o sociólogo Darcy Ribeiro – que a obra de Freyre carece de método, que nela há um certo “*descaso teórico*”⁴⁷⁰; entretanto, conforme nos demonstra Evaldo Cabral, tal postura corresponde, na realidade, a uma opção deliberada por um método específico, o qual julgava Freyre ser mais adequado para alcançar sua finalidade principal de recompor o universo de experiências cotidianas no Brasil colônia.⁴⁷¹ Mas que método seria esse?

Freyre se inspirará nos avanços da nova antropologia por influência da chamada *New history*, de Harry Elmer Barnes, Charles Beard e James H. Robinson, e apresentará um texto formulado a partir da **perspectiva sincrônica**, em que se destacarão a descrição em prejuízo da narração, as continuidades em prejuízo das rupturas, e as totalidades em prejuízo das seqüências.⁴⁷² Lançará, portanto, o Autor de *Casa-grande...*, mão de um conceito de “fonte” muito mais amplo do que o que se costumava observar nos trabalhos dos mais proeminentes pesquisadores brasileiros da época, citando em suas notas de rodapé a consulta tanto a inventários, quanto a relatos de viajantes, diários íntimos, livros de modinhas, cadernos de receitas, e *O bobo*, um romance de Alexandre Herculano; analisará ainda o significado simbólico de móveis, construções arquitetônicas e vestimentas utilizadas pelos homens que viveram no período enfocado, compreendendo que a cultura material pode ser um importante ponto de partida para se apreender os valores daqueles que a produziram. Desta forma, partindo das (aparentemente) mais simples questões, buscará compreender a época estudada, compreender como as pessoas, então, pensavam e se relacionavam.⁴⁷³

Além disso, diretamente influenciado por Franz Boas, pesquisador reconhecido pela crítica às referendadas concepções evolucionistas para estudo das relações sociais, e que fora seu professor nos Estados Unidos, Freyre também compartilhará o ponto de vista de que nada poderia comprovar a tese de que algumas raças são biologicamente inferiores a outras. Depois, lerá também Ortega, que há de ter sido um dos autores que mais contribuiu para que percebesse a necessidade de relativização em toda análise atenta aos valores e conceitos compartilhados pelos homens, em sociedade; e ainda autores ligados à psicanálise, para os quais seria imprescindível remontar ao passado para o exercício da auto-crítica.⁴⁷⁴

⁴⁷⁰ Darcy RIBEIRO. Uma introdução a Casa-grande e senzala. In: Gilberto FREYRE. op. cit. p. 22 e 25-28.

⁴⁷¹ Evaldo Cabral de MELLO. O “ovo de Colombo” gilbertiano. In: FALCÃO, Joaquim & ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. (org.) *O imperador das idéias*. p. 24.

⁴⁷² Características bastante diversas da historiografia até então produzida, que se atinha a fatos políticos e à perspectiva diacrônica, atenta ao movimento das mudanças ocorridas ao longo da experiência histórica.

⁴⁷³ BURKE, Peter. *Gilberto Freyre e a nova história*. p. 1-12.

⁴⁷⁴ REIS. As identidades.

E é assim que, reestruturando o conceito de **raça** tão em voga nos meios intelectuais brasileiros da época, o dito Autor proporá a noção de **identidade** não como algo que se pode impor seja por qual seja o condicionante, mas como uma construção que se opera ao longo da experiência histórica, ativamente, por meio de trocas entre os mais diversos **ingredientes humanos** constitutivos da nação⁴⁷⁵ – no dizer de Elide Rugai, “o & entre as duas palavras [que compõem o título do referido livro] é símbolo de interpenetração”.⁴⁷⁶

Isso quer dizer, pois, que, embora a base de sua reflexão ainda parta de questões raciais, e embora Ele de fato atribua a cada um dos povos que analisava um caráter específico (“*predisposições*” naturais), seu entendimento é, afinal, muito mais fluido e dinâmico do que o então tradicional, preponderante; isto é, concebia, em última instância, a organização brasileira do período como produto de relações econômicas, sociais, e sobretudo culturais-afetivas, não raciais: teria “*razões históricas, portanto, corrigíveis, e não biológicas, incorrigíveis.*”⁴⁷⁷

Quanto a isso, Rugai apresenta algumas problemáticas bastante características da história nacional levantadas por Freyre, e argumenta que, ao aborda-las, o referido Autor “*transfere para o campo da cultura a definição dos conflitos sociais*”. Duas delas seriam: (1) a inadequação do indígena à concepção de propriedade privada, da qual resultava sua exclusão social;⁴⁷⁸ e (2) a corrupção sexual, característica do **escravo** e da **sociedade escravista**, e não propriamente de um africano “em essência” despudorado, libidinoso, amoral.⁴⁷⁹

Há que se ressaltar neste íterim, pois, a inovadora atenção que Freyre dedica à análise da realidade **indígena** e **africana**, no Brasil colonial. Como viemos acompanhando, naquele período os brasileiros pouca ou nenhuma atenção dedicavam aos escravos negros (Prado os apresenta como elementos degenerados; Sérgio os aborda apenas e tão comente enquanto “mão-de-obra”), mas *Casa-grande...*, que confere um capítulo à cultura ibérica e outro à nativa americana, disponibiliza **dois** para o tratamento das contribuições aos brasileiros legadas pelos negros. Isso embora continuem sendo, para Ele, os primeiros os principais responsáveis por criar uma “civilização” de fato; e mais que isso: uma civilização autêntica, tropical, mestiça, brasileira...

⁴⁷⁵ RIBEIRO. op. cit. p. 28-31.

⁴⁷⁶ Elide Rugai BASTOS. *Casa-grande & senzala*. In: MOTA. op. cit. p. 220.

⁴⁷⁷ REIS. op. cit. p. 53. Mas a citação, especificamente, é da página 73.

⁴⁷⁸ BASTOS. op. cit. p. 224.

⁴⁷⁹ Idem, p. 229.

Interessante apontar, então, que, para Freyre, mesmo os portugueses, enquanto povo habitante da Península Ibérica, têm de ser abordados sob a perspectiva de que se constituíram através da miscigenação entre visigodos vindos do norte e povos africanos vindos do sul (entre **semitas** e **mouros**, respectivamente), e apresentam um **caráter** que mescla características de ambos esses povos – são homens de barba ruiva e cabelos negros, são crianças que nascem loiras e se tornam morenas com o passar dos anos, são indivíduos inclinados para as atividades mercantis mais do que para o trabalho no campo, são personagens desprovidos de preconceitos de cor.

Daí se percebe, portanto, uma abertura de possibilidades para se pensar que, na realidade, a mestiçagem do povo brasileiro não é um motivo de lamento; diferentemente, foi teria sido ela que permitiu o surgimento de uma organização social duradoura num ambiente tão hostil quanto a região tropical, a qual habita o povo brasileiro. Quer dizer: só por ter herdado o sangue **semita** é que o português dotou-se daquilo que Freyre chama **mobilidade** (disponibilidade e interesse de buscar riquezas fáceis em locais longínquos), só por ter herdado o sangue **mouro** é que o português dotou-se daquilo que Freyre chama **miscibilidade** (sexualidade aflorada e propensão para relacionar-se de maneira não discriminatória com outros povos) – características essas que habilitou os colonizadores tanto a povoar largos territórios, quanto a manter relativamente estável uma suposta harmonia social entre as diversas raças envolvidas no processo.⁴⁸⁰ Quanto a isso, Freyre argumenta, em defesa dos portugueses:

Outros europeus, estes brancos, puros, dólico-louros habitantes do clima frio, ao primeiro contato com a América equatorial sucumbiriam ou perderiam a energia colonizadora, a tensão moral, a própria saúde física, ou mesmo a mais rija, como os Puritanos colonizadores do Old Providence; os quais, da mesma fibra que os pioneiros da nova Inglaterra, na ilha tropical se deixaram espapaçar nuns dissolutos e moleirões.⁴⁸¹

Segundo José Carlos Reis,

[o autor de *Casa-grande...*] considera que o tempo ibérico sem pressa, sem regras, sem relógio, caprichoso, ocioso, que passa lentamente, expressa um grande [e admirável] gosto de viver, um prazer que não cede a imposições externas e que nem se preocupa em formular resistência. (...) E no brasileiro esse espírito português se acentuou com a liberdade do indígena e a alegria do negro.⁴⁸²

Outra questão levantada por Freyre como fundamental para o sucesso da construção da sociedade brasileira por elementos lusitanos deve ser ressaltada: **a iniciativa particular.**

⁴⁸⁰ RIBEIRO. op. cit, passim.

⁴⁸¹ FREYRE. op. cit. p. 86.

⁴⁸² REIS. op. cit. p. 125.

Segundo o autor, muito mais do que um empreendimento da Coroa portuguesa, a colonização foi tarefa exercida por famílias proprietárias, as quais, em cada uma das fazendas, se esforçavam por encerrar atribuições que podiam ir da justiça, administração e defesa militar à expansão territorial e econômica, e incluíam também funções religiosas, tendo cada uma sua própria capela.⁴⁸³ Aliás, era justamente ali, **entre a casa-grande e a senzala**, para Freyre, reafirmando anúncios esboçados no texto do *Manifesto regionalista*, que estaria fincado o caráter brasileiro.⁴⁸⁴

Aqui podemos depreender que, ao ver deste Autor, os problemas nacionais decorreriam sobretudo de dificuldades e equívocos específicos das elites governantes; a sociedade, por outro lado, deslocada do Estado, se auto-regularia e manteria em ordem por meio de um bom senso característico de nosso povo, historicamente construído e em nosso caráter imputado. Freyre elaborava, assim, um universo onde conflitos e contradições (entre brancos e índios, entre brancos e negros, entre senhores e escravos, entre patrões e empregados) eram em grande parte ofuscados.

Costuma-se por isso dizer que em *Casa-grande...* a desigualdade e a exploração apareciam “justificadas”: ao ver de Freyre era por meio delas que se teria fundado a nação, era por meio delas que manteríamos o equilíbrio social em nosso país. O referido Autor teria mesmo subvertido o sentido das lutas em prol de uma democracia igualitária e inclusiva no país, já que utilizava um argumento idêntico ao utilizado pelos movimentos de contestação (que seja: o escravismo) para justificar uma compreensão oposta (a de que a realidade brasileira seria marcada por um tom harmônico, inquestionável). Sobre isso, escreveu Motta as seguintes palavras:

Freyre consegue mostrar as excelências dos negros e mestiços – como que criando um novo tipo de valorização dessa mão-de-obra, para incorporação menos conflituosa às novas formas que vinha assumindo o capitalismo no Brasil.⁴⁸⁵

Porém, como propõe Sandra Pesavento, “*sua idéia da acomodação sem conflito ignora os problemas, mas tem o fascínio da positividade, dotada de forte apelo*”; apelo ao qual respondia Darcy Ribeiro, quando, refletindo sobre a importância de *Casa-grande...*, concluíra carregar ela consigo, também, possibilidades valiosas para a avaliação do brasileiro em relação ao seu passado, à sua formação, à sua essência, ao promover nossa reconciliação com a ancestralidade lusitana e mestiça (patriarcal, agrária, católica, etc).

[Freyre] ajudou como ninguém o Brasil a tomar consciência de suas qualidades, principalmente das bizarras. Às vezes, com demasiado pitoresquismo, mas vendo-

⁴⁸³ FREYRE. op. cit, passim.

⁴⁸⁴ BRESCIANI. op. cit. p. 44.

⁴⁸⁵ BASTOS. op. cit. p. 61.

as sempre como coisas estranhamente nossas, como carne de nossa carne, *vindas de onde viessem*.⁴⁸⁶

Em entrevista recente, o renomado historiador Evaldo Cabral de Melo Neto, ainda, tratando da relevância de *Casa-grande...* para os especialistas e para os leigos do Brasil, assinalou um ponto essencial:

Melo Neto – Todo mundo acusa Gilberto de conservador, mas ele nos deixou uma visão irritantemente otimista da história do Brasil.

Entrevistador – Então, Gilberto Freyre era otimista *demais*?

Melo Neto – Claro está, mas meu ponto é outro, é o de que *raramente* otimismo e conservadorismo andam de mãos dadas, como andavam no seu caso.⁴⁸⁷

Em *Sobrados e mucambos*, publicado em 1936, Freyre retomará muitas dessas questões, ainda que na análise de uma conjuntura diversa: ao invés do período colonial, ganha foco o Brasil-império, independente. A diferença entre uma obra e outra estará, portanto, mais no **objeto** do que no **modelo de análise**: continuam recebendo ênfase não as realidades político-institucionais, mas as relações pessoais-afetivas, pessoais-econômicas, e as ações cotidianas; contudo, como se trata de um período em que a urbanização é característica, a conclusão a que se chega é de que a sociedade brasileira estaria começando a promover a dissolução da harmonia – nas cidades, os senhores (habitando os sobrados) teriam passado a viver distantes de seus empregados (que viveriam nos subúrbios, em mucambos); os meninos, estudados, romperiam com seus pais, considerados por eles elementos “conservadores” danosos; e, no lugar do “paternalismo”, vão surgindo os burocratas impessoais e os profissionais liberais, encarregados da justiça, da segurança, da saúde, etc.⁴⁸⁸

Disso decorre a tese gilbertiana, segundo a qual, enquanto no período da colonização os portugueses haviam adequado à América costumes aprendidos e apreendidos em suas viagens ao Oriente, terra de clima semelhante ao nosso, no Brasil independente os governadores e figuras de influência intentarão implantar modelos filosóficos e comportamentais propriamente “europeus” (Freyre os chama “ocidentais”) e, portanto, dificilmente adaptáveis à nossa realidade tropical.⁴⁸⁹

[Recorria-se agora a] uma Europa burguesa, donde foram chegando novos estilos de vida, contrários aos rurais e mesmo aos patriarcais: o chá, o governo de gabinete, a cerveja inglesa, a botina Clark, o biscoito de lata. Também roupa menos colorida e mais cinzenta; o maior gosto pelo teatro, que foi substituindo a Igreja; pela carruagem de quatro rodas que foi substituindo o cavalo e o palanquim; pela

⁴⁸⁶ RIBEIRO. op. cit. p. 13. grifo meu.

⁴⁸⁷ MORAES. op. cit. p. 156. grifos meus.

⁴⁸⁸ Brasília SALLUM JR. Sobrados e mucambos. In: MOTA. op. cit. p. 329-345.

⁴⁸⁹ Idem, p. 345-350.

bengala e o chapéu-de-sol que foram substituindo a espada de capitão ou sargento-mor dos antigos senhores rurais.⁴⁹⁰

Neste momento creio ser, então, fundamental contrastarmos, tal como fez Ronaldo Vainfas em artigo publicado há poucos anos no jornal *Folha de São Paulo*⁴⁹¹, as compreensões de Sérgio e Freyre acerca da sociedade patriarcal do Brasil colônia, para daí traçar paralelos entre o significado da herança cultural deixada pelos colonizadores portugueses em solo americano, tanto para *Raízes...* como para *Casa-grande...*

Como observamos no primeiro capítulo de minha disserta, o conceito de **cordialidade** buarqueano se aproxima grandemente do gilbertiano, de **patriarcalismo**. É claro, porém, que, enquanto o segundo é considerado sob a perspectiva de “o saldo é positivo” da colonização portuguesa, o primeiro aparecerá como sintoma de uma clara insegurança em relação às possíveis benesses relacionadas ao legado filosófico, moral e comportamental a nós deixado pelos portugueses. Isto é: para Vainfas, as impressões dos referidos Autores diante do problema da herança ibérica descenderiam do posicionamento político-ideológico de cada um; refletiriam um Freyre “*complacente quanto ao passado e saudoso dele diante dos sinais de modernidade*” e um Sérgio... “*pessimista quanto às nossas raízes e desconfiadíssimo, com razão, de nossa modernidade incerta*”.⁴⁹²

Acredito, contudo, particularmente, que ainda que Vainfas defenda que as proposições desses intelectuais relacionam-se às concepções de “futuro” para o Brasil de que dispunham um e outro... não sugere que elas devem ser percebidas como decorrência mecânica do fato de equivalerem o primeiro à classe social denominada “oligarquia” (decadente) e o segundo ao grupo denominado “classe média” (em expansão). Tais reflexões não de corresponder, na realidade, a opções individuais, que apresentam vínculos não apenas com a vivência pessoal de cada um, ou com a vivência política, mas com as suas referências teóricas, seus contatos acadêmicos, e suas maneiras próprias de ver e entender o mundo.

No que diz respeito aos demais *ensaístas* do período que estamos enfocando, dentre os quais muitos foram, aqui, citados e (ainda que superficialmente) analisados, pode-se dizer que Sérgio veio contribuir com uma visão inovadora da temática da identidade. Isto porque, creio, voltou-se para o passado com a intenção de não apenas **julgar** como positiva ou negativa nossa constituição étnico-cultural, mas de avaliar o que de fato (dos nossos mais

⁴⁹⁰ Gilberto FREYRE. *Sobrados e mucambos*.

⁴⁹¹ Ronaldo VAINFAS. *Gilberto e Sérgio*. p.16-17.

⁴⁹² Ibidem. p. 17.

diversos legados) nos teria marcado profundamente. A meu ver, a contribuição mais determinante de *Raízes...* é, portanto, “**política**”: constitui-se enquanto discurso de oposição às oligarquias (para a qual Freyre parece buscar redenção), mas também crítico em relação à classe média, e de valorização do papel das massas populares (criticadas por Prado), para a construção de um Brasil mais próspero e igualitário.

CONCLUSÃO

Há que se destacar que minha opção pela abordagem, na presente dissertação, de estruturas textuais **ensaísticas** formuladas por autores da **Ibero-América** (um mexicano e um brasileiro) surgiu motivada por duas intenções:

- (1) avaliar de que **formas** os ditos **ensaios** remeteriam a idéia de “**iberismo**”;
- (2) estabelecimento pontos **comuns** entre os livros selecionados para estudo, ainda que, ao focar cada um especificamente, as diferenças de conceitos, realidades e perspectiva acerca da função do intelectual, de que dispunham, em particular, seus Autores, tenham saltado aos olhos.

Esta Conclusão visa, portanto, retomar as – na Introdução aludidas, e ao longo dos Capítulos anteriores trabalhadas – alternativas de análise de textos clássicos sugeridas por Dominick LaCapra, visando, em última instância (e sobretudo), apresentar: (1) as possibilidades de definição para o conceito de “iberismo”, ao longo da pesquisa, descobertas; e (2) apresentar, de forma sistemática, pontos de contato e diversidade entre as conclusões tiradas a partir do estudo da dita obra de Ramos e da dita obra de Sérgio.⁴⁹³

Em primeiro lugar, a conclusão a que cheguei foi que a palavra “iberismo” pode ser associada, através de análises “**internalistas**, a um **modo de escrita** de que lançam mão diversos autores da América que – desde o período colonial, passando pela independência e consolidação da autonomia dos países ibero-americanos, e pelo repensar de suas realidades no século XX, até os dias de hoje – remete ao, bastante característico dos países da Península Ibérica, **ensaísmo**.

⁴⁹³ Creio ainda poder aqui destacar algumas limitações de minha pesquisa: (1) no primeiro capítulo, merecia um maior cuidado a abordagem do pensamento de Ortega y Gasset, Antônio Sérgio, Dilthey, Jung, Adler, Weber, Simmel; creio que seria interessante trabalhar mais pormenorizadamente algumas de suas obras consideradas mais importantes, para com maior propriedade traçar possíveis diálogos com *El perfil* e *Raíces*; (2) no que diz respeito a meu segundo capítulo, uma análise mais dedicada especificamente a textos de políticos e populares do referido período, no México e no Brasil, emparelhados àqueles de Ramos e de Sérgio selecionados, e com textos a nós contemporâneos dedicados às ditas conjunturas poderia garantir um arcabouço maior de informações a serem debatidas, e, conseqüentemente, proposições a serem apresentadas; (3) uma outra pesquisa poderia ainda se dedicar a perceber tanto a relação entre *El perfil...* e *Raíces...* com outras obras do corpus de Ramos e Sérgio, como entre seus textos e outros, elaborados por gerações posteriores – me refiro principalmente Octavio Paz e Leopoldo Zea, no México, e Roberto DaMata, no Brasil – e como tais “apropriações” foram legitimando o rotular de Ramos e Sérgio como, respectivamente, “filósofo” e “historiador”.

Bom lembrar, neste íterim, que esta modalidade de construção textual de que dispuseram Ramos e Sérgio, mais fluida, complexa, dialógica, fugia das, nas primeiras décadas do século XX, correntes perspectivas “factuais” e “cientificistas”, estando ligada, assim como no caso de outros escritores ibéricos do período, ao desejo de propor reflexões “alternativas”, acerca dos problemas políticos, econômicos, sociais e culturais/intelectuais vivenciados por seus respectivos países – e vislumbrando a possibilidade de transformação. Disso pode-se partir, então, para a hipótese de que, a maneira de escrever do dito autor mexicano como do dito autor brasileiro – ainda que irônica, crítica, e, vez por outra, dispondo de uma grande carga de pessimismo – traz consigo um olhar relativista acerca da imagens dos povos ditos “ibéricos”.

Fundamental ter-se ainda em mente que os referidos livros de Ramos e Sérgio que dialogam também – aparentemente devido ao desejo que agregar às proposições um caráter mais “acadêmico” – com metodologias esboçadas por intelectuais (no caso do primeiro, psicanalistas, no caso do segundo, sociólogos) germânicos. Resta, então, pensar melhor acerca das realidades das “jovens” Áustria, Suíça e Alemanha, na transição dos oitocentos para os novecentos, para propor com maior segurança em que medida tais pensadores poderiam estar buscando, em suas reflexões, maneiras de repensar para problemáticas bastante semelhantes às ibero-americanas.

Em segundo lugar, concluí que as apreciações dos referidos textos sobre os momentos históricos em que foram elaborados, quando postas em diálogo com as idéias apresentadas pela historiografia que se dedica, contemporaneamente, a pesquisar aquele período – quer dizer, uma análise “**externalista**” – sugere que o termo “iberismo” pode ser associado a um “**tema de estudo**” para as Ciências Humanas; qual seja as implicações da **herança cultural** a nós deixada pelos povos ibéricos.

Em se tratando especificamente de *El perfil...* e *Raíces...* – malgrado o fato do primeiro ter sido escrito em um país que viveu a experiência revolucionária, e do segundo ter sido escrito em uma nação que começava a viver a experiência populista – parecem, igualmente, manter e contribuir para que se mantenha a percepção de que o México e o Brasil de inícios do século XX – caracterizados tanto um como o outro pelo (1) parco desenvolvimento econômico, (2) pela a fraca democracia, e (3) pelas retomada do debate acerca das noções de mexicanidade, brasilidade e ibero-americanidade – apresentariam, sim, ainda, marcas profundas do legado ibérico.

Aqui se pode dizer que, compreendendo as noções de “modernização” e “identidade nacional/ ibero-americana” como, naquela conjuntura por Eles vivida, intrinsecamente ligadas à de “justiça social”, não hão de ter proposto, tais Autores, avaliações do modo de ser do mexicano e do brasileiro pautadas, implicitamente, por anseios de que apenas nos “atualizássemos”, mas também (ou sobretudo) pelo desejo de que nos “democratizássemos”. Isto posto, para *El perfil...* e para *Raíces...*, a negação das “nossas” características tipicamente ibéricas (tal como apresentação um conceito fixo de quais seriam essas características), não deve ser compreendida como uma alternativa sadia ou viável.

No que tange a intelectualidade mexicana e brasileira pode-se dizer, a respeito mais especificamente ao período em que *El perfil...* e *Raíces...* foram escritas, que Estas obras são bastante ilustrativas de diversas questões: (1) ambos Escritores têm o início de suas carreiras ligado ao grupo de intelectuais (*ateneístas* mexicanos/ *modernistas* brasileiros) que no princípio dos novecentos iniciaram a crítica à geração oitocentista *positivista*; (2) suas obras correspondem a um momento em que o trabalho intelectual começaria a ser desempenhado cada vez mais apenas por profissionais especialistas – quer dizer: seus Autores compartilhavam de uma concepção hoje tida como mais “moderna” de *modus operandi*; (3) enquanto Ramos teve uma formação mais “acadêmica”, a “profissionalização” de Sérgio teria sido marcada, desde o início, pelo anti-academicismo, e pelo jornalismo; (4) Ambos se teriam se associado a grupos atentos à discussão acerca das *vanguardas* (o primeiro, aos “sisudos” *contemporâneos*, e o segundo, aos “confusos” *modernistas*); (5) Um teria escrito sua obra-clássica quando ainda em diálogo com pensadores dedicados à discussão sobre a função da Literatura, enquanto o Outro já tinha renegado o *modernismo*; (6) os dois Escritores citados remetem a conjunturas em que o desejo de contribuir, como intelectual, para o desenvolvimento da pátria deixava novamente de aparecer necessariamente vinculado à participação em cargos do governo em vigor.

Há que se dizer, quanto a isso, também, que, em terceiro lugar, concluí que, quando com foco no **universo letrado** (suas propostas específicas de conceitos, de metodologias, de objetos e de comportamento social), o “iberismo” pode surgir como elemento que delimita espaços de atuação/projeção para a intelectualidade. É claro que nem Ramos nem Sérgio, ao menos nas obras analisadas, não chegaram a utilizar esta palavra em si, mas ao remeterem a (1) perspectivas de pensamento vindas da Espanha e Portugal da época, e (2) ao se dedicarem a pensar o papel histórico da presença espanhola e portuguesa em território americano

(sobretudo no México, certamente), de fato vieram a ajudar a garantir a percepção de que constituíam um corpo de reflexão (filosófica/historiográfica) específico, autêntico.

Isto posto, enfim, pontuo: tendo em vista que a palavra “iberismo”, corresponde, neste trabalho, a um jogo complexo de articulação entre as mais diversas referências, interpretações e valorações conferidas ao ibérico pelo mundo letrado ibero-americano... a conclusão a que se chega é que cada possibilidade de análise de clássicos ibero-americanos traz à tona sempre novas (e complementares) possibilidades de delimitação para o referido conceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Flávio. **A moldura e o espelho**. In: http://www.unicamp.br/siarq/sbh/A_Moldura_e_o_Espelho.pdf.
- ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. Só a antropofagia nos une. In: MATO, Daniel. **Estúdios y otras pácticas intelectuales latinoamericanas en Cultura y Poder**. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales, 2002.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Obras completas**. São Paulo: Cai das Letras.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhuma caráter**. São Paulo: Martins, 1975.
- ANSALDI, Waldo & FUNES, Patrícia. Los años veinte en América Latina In: ---. **Viviendo una hora la latinoamericana**; acerca de rupturas e continuidades en el pensamiento en los años veinte e sesenta. In: <http://www.catedras.fsoc.uba.ar/udishal/art/afviviendounahoralatino.pdf>.
- ARTURO, Castilho Castro. **Filosofia en México**. In: <http://www.universidadabierta.edu.mx/Biblio/C/Castillo%20Arturo-Filosofia%20en%20Mexico.htm>
- ASSAD, Silvana. **Macunaíma e Retrato do Brasil: a construção da identidade nacional, sob o traço da luxúria**. In: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/hist05d.htm>
- AZUELA, Mariano. **Los de abajo**. Mexico: Fondo de Cultura Económica.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina**. São Paulo: Unesp, 1990.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. SP: Cia das Letras, 1992.
- BERTOLLI FILHO, Cláudio. **Sérgio Buarque e Cassiano Ricardo: confrontos sobre a cultura e o Estado Brasileiro**. In: http://www.unicamp.br/siarq/sbh/Bertolli_C_F-SBH_Cassiano_Ricardo-confrontos_Cultura_Estado.pdf.
- BOREE, C. George. **Teorias da personalidade: Alfred Adler**. In: <http://www.social-psychology.de/cc/click.php?id=31>

- BORGES PINTO, Maria Inez Machado. Urbe industrializada: o modernismo e a Paulicéia como ícone da brasilidade. In: **Revista brasileira de História**. ano/vol. 21. n. 42. São Paulo, 2001. p. 452.
- BOSI, Alfredo. **O pré-modernismo**. São Paulo: Cultrix, 1969.
- BURKE, Peter. Gilberto Freyre e a nova história. **Tempo social: Revista de Sociologia da USP**. São Paulo, 9 (2): 1-2, 1997. p. 1-12.
- BURKE, Peter. Unidade e variedade em História Cultural. In: ---. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 225.
- BUSTOS, Luis Ramón. **Maples, el jefe de la tribu estridentista**. In: <http://www.etcetera.com.mx/1998/275/blr0275.htm>
- CALARRI, Cláudia Regina. Os institutos Históricos: do Patronato de D. Pedro II à construção de Tiradentes. In: **Revista Brasileira de História**. v.21 n.40 São Paulo 2001.
- CALDAS, Tatiana Alves. **Remate de males: a louvação improvisada de Mário de Andrade**. In: <http://www.filologia.org.br/soletras/10/07.htm>
- CÂNDIDO, Antônio. O significado de “Raízes do Brasil”. In: SÉRGIO, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- CANDIDO, Antonio (org.) **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Perseu Abramo, 1998.
- CANDIDO, Antonio & CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da Literatura brasileira**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974. v. 3.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. Populismo latino-americano em discussão. In: ---. **O populismo e sua história; debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d.
- CARIELLO, Rafael & COLOMBO, Sylvia. Cânone em Questão. In: **Folha de São Paulo**. Sábado, 10 de junho de 2006.
- CARTER, C. Y. **Ifigência Cruel: obra dramática de Alfonso Reyes**. In: http://www.cvc.cervantes.es/obref/aih/pdf/06/aih_06_1_041.pdf
- CAVALCANTI, Berenice. **História e cultura: Sérgio Buarque de Holanda e as “raízes” da moderna historiografia brasileira**.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural; entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHEVALIER. CHEVALIER, Jean-Jacques. **As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias**. Rio de Janeiro: Agir, 1995.
- CHIAPPINI, Ligia & BRESCIANI, Maria Stella. **Literatura no Brasil: identidades e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2002.

- CRESPO, Regina Aída. **Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922-1938)**. In: <http://www.scielo.br/scielo.php>.
- COHN, Gabriel. O pensador do desterro. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 23 de junho de 2002, Mais!
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**; mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos e outros episódios da História Cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DOZER, Donald Marquand. **América Latina**; uma perspectiva histórica. Porto Alegre: Globo, 1974. p. 406-410 e 426-430. SANTOS, Ana Maria dos. América Latina: dependência, ditaduras e guerrilhas. In: **O século XX**. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- ELLISSON, Fred P. **Alfonso Reyes e o Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- ELLISON, F. P. **Alfonso Reyes, Monterrey e os escritores brasileiros da década de 30**. Suplemento literário. MG. 981. 20/07/85.
- FALCÃO, Joaquim & ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. (org.) **O imperador das idéias**; Gilberto em questão. Rio de Janeiro: Topbooks, s/d.
- FALCON, Francisco. História das Idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**; ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FAUSTO, Boris. A primeira república. IN: ---. **História do Brasil**. São Paulo, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2001.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Vértice/IUPERJ, 1988.
- GOMES, Ângela de Castro. **Capanema: o ministro e seu ministério**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- GOMES, Ângela de Castro. O Estado Novo e a recuperação do passado brasileiro. In: ---, **História e historiadores**. Rio de Janeiro: Fundação GetúlioVargas, 1999. p. 125-155.
- GOMES, Angela de Castro. Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: O caso de Festa. **Luso-Brazilian Review**. 41.1 (2004) 80-106.
- GOMES, Ângela de Castro. **O populismo e as ciências sociais no Brasil**: notas sobre a trajetória de um conceito. Tempo. Rio de Janeiro. V. 1. n. 2. 1996.

- GÓMEZ-MARTÍNEZ. **La presencia de Ortega y Gasset en el pensamiento mexicano.** In: <http://www.ensayistas.org/critica/mexico/gomez/G-MOrtega.htm>
- GÓMEZ-MARTÍNEZ, José Luís. **Literatura y filosofía em Ibero-América: lo ensayístico en la literatura.** In: http://www.tau.ac.il/eial/VIII_2/martinez.htm
- GONZÁLEZ, Mónica Chávez. Antonio Caso e los paradigmas de la nación mexicana. In: **Cuicuilco.** México: Escuela Nacional de Antropología e Historia. 2004.
- GULDBERG, Horacio Cerutti. Herencia inalienable y fecundante. In: **Anais del Seminario de Historia de la Filosofía.** 2001, 18.
- HARLAN, David. A história intelectual e o retorno da narrativa. In: RAGO, Margareth & GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (org). **Narrar o passado, repensar a história.** Campinas: UNICAMP, 2000.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Revista de cultura.** v. 6. n. 1. fev. 1982. In: <http://www.unicamp.br/siarq/sbh/>
- HOLANDA, S. B. de. Sérgio Buarque e as raízes. In: **Folha de São Paulo.** Quarta-feira, 30 de novembro de 1977.
- HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil.** São Paulo, Cia das Letras, 1999.
- JUNG. Prefacio a Tipos Psicológicos. Apud. SHARP, Daryl. **Tipos psicológicos jungianos.** Santiago do Chile: Cuatro Vientos, 2002. Trad. Renato Valenzuela.
- LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Elías José. **Giro lingüístico e historia intelectual.** Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, s/d.
- LACAPRA. Chartier, Darton e o grande massacre do símbolo. In: **Pos-história.** Assis-SP, 03:229-257, 1995.
- LACERDA, Sonia & KIRSCHNER, Tereza Cristina. Tradição intelectual e espaço historiográfico; ou Por que dar atenção aos textos clássicos. In. LOPES, Marco Antônio (org.). **Grandes nomes da história intelectual.** São Paulo: Contexto, 2003.
- LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista e modernização. In: ---. **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno.** São Paulo: Unesp, 1997.
- LOPES, Marco Antônio (org). **Grandes nomes da história intelectual.** São Paulo: Contexto, 2003.
- LOZANO, Gabriel Vargas. **Esbozo historico de la filosofia mexicana del siglo XX.** In: <http://www.ensayistas.org/critica/mexico/vargas>.
- MALLÉN, Ruben Salazar. Los prosistas de los contemporáneos. In: **Tiempo Cariátide.** http://www.difusioncultural.uam.mx/casadeltiempo/80_sep_2005/69_74

- MANNHEIM, Karl. **Ideologia y utopia**; introduccion a la Sociologia del conocimiento. Madri: Aguilar, 1966.
- MARQUES, Ana Luiza. Antônio Sérgio: *Ensaio* por descobrimento da cultura em Portugal. In: ---. **Outros Tempos**. www.outrostempo.uema.br, ISSN 1808-8031,
- MARTINS, Luciano. A Revolução de 1930 e seu significado político. In: CPDOC. **A Revolução de 1930 – Seminário Internacional**. Brasília, Editora da UNB, 1982.
- MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. (I-Feuerbach) São Paulo: Hucitec, 1986. Publicado pela primeira vez em meados do século XIX.
- MENDONÇA, Ana Walesca. C. P. **A universidade no Brasil**. In: Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago 2000 N° 14.
- MICELI, Sergio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.
- MONTEIRO, Hamilton de Mattos. Da República Velha ao Estado Novo; o aprofundamento do regionalismo e a crise do modelo liberal. In: LINHARES, Maria Ieda (org.). **História Geral do Brasil**. da colonização portuguesa à modernização autoritária. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- MONTEIRO, Pedro Meira. **Sérgio Buarque de Holanda e as palavras**. In: http://www.unicamp.br/siarq/sbh/Pedro_Meira_Monteiro.pdf.
- MORSE, Richard M. **O espelho de Próspero**; cultura e idéias nas Américas. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- MORSE, Richard. M. Quatro poetas americanos: uma cara de gatos. In: ---. **A volta de Mc Luhanáima**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- MOTA, Lourenço D. Organização. **Introdução ao Brasil. Um banquete nos trópicos**. São Paulo, Editora SENAC São Paulo, 2000.
- MYERS, Jorge. Gênese ateneísta da história cultural latino-americana. In: **Tempo social**. v. 17. n. 1. São Paulo, junho de 2005.
- NAVAS, Elvia Montes de Oca. Un poco más sobre la revolución mexicana de 1910, narrada a través de las novelas. In: **Nueva Época**. año I, num 2, enero-junio de 2002.
- NEVES, Margarida de Souza. Da maloca do Tietê ao império do Mato virgem. Mário de Andrade: Roteiros e descobrimentos. In: CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **História contada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- NUNES, Benedito. A antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald. **A utopia antropofágica**. Rio de Janeiro: Globo, 1995.

- OLIVERA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Elite intelectual e debate político nos anos 30**: uma bibliografia comentada da revolução de 1930. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.
- OLIVEIRA, Lúcia Lipp. Iberismo e americanismo: um livro em questão. In: ---. **Americanos: representação da identidade nacional no Brasil e Nos EUA**. Belo Horizonte: Ed. UMG, 2000.
- PANABRIERE, Louis. Conciencia nacional e identidad cultural. In: ---. **Jorge Cuesta: saber y poder**. Outuno de 1987. http://biblioteca.itam.mx/estudios/estudio/estudio10/sec_7.html
- PAZ, Octávio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- PESAVENTO, Sandra. **Leituras Cruzadas: diálogos da história com a literatura**. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2000.
- PIVA, Luís Guilherme. Uma visão cada vez mais enraizada do país. In: **O Estado de São Paulo**. Caderno 2/ Cultura. Domingo, 2 de fevereiro de 2001.
- PIZARRO, Ana. **América Latina: palavra, literatura, cultura**. São Paulo: Memorial, 1994. v. 2.
- PRADO, Maria Lígia. **O populismo na América Latina; Argentina e México**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- RAMOS, Samuel. El perfil del hombre y la cultura en México. In: ---. **Obras completas**. México: Universidad Nacional Autónoma, 1975.
- RAMOS, Samuel. **Historia de la filosofía en México**. México: UNAM, 1943.
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil; de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- REYES, Alfonso. **Obras completas e dos epistolarios**. México: Fondo de Cultura Economica, 2005.
- RICCI, Iara Cristina. **Nacionalismo crítico e filosofia**. In: <http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/n00003.htm>
- RIOUX, Jean-Pierre. A associação em política. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

- RORIVA GASPAR, M. de C. Samuel ramos. In: SALADINO. **Humanismo mexicano del siglo XX**. t. 1. Toluca: Universidad Autónoma del Estado de México, 2004.
- SCHWARTZMAN, Simon. O espelho de Morse. In: **Novos Estudos**. CEBRAP. 22 de outubro de 1988. p. 185-192.
- SHERIDAN, Guillermo. “Los contemporáneos’ y la generación de 27: documentando un desencuentro. In: **Cuadernos Hispanoamericanos**. Madrid: abril-mayo de 1993. p. 185-194.
- SHERIDAN, Guillermo. **México, los ‘contemporáneos’ y el nacionalismo**. www.letraslibres.com/pdf.php?id=1291 p.30.
- SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- SOSA, Victor. **El estridentismo**. In: <http://www.revista.agulha.nom.br/bh5arce.htm>
- STANTON, Anthony. **Ostavio Paz y los contemporáneos: la historia de una relación**. In: http://www.cvc.cervantes.es/obref/aih/pdf/10/aih_10_4_021.pdf
- TELES, Gilberto Mendonça. **Oswald Plural**. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.
- URÍA, Victor Manuel Hernández. **Antonio Caso y el concepto del hombre**. In: <http://www.ensayistas.org/critica/generales/C-H/mexico/caso.htm>
- UREÑA, Henríquez. **A influencia de la Revolución en la vida intelectual de México**. In: <http://www.ensayistas.org/antologia/XXA/h-urena/phu3.htm>
- UREÑA, Pedro-Henriquez. **Utopia de América**. In: <http://www.ensayistas.org/antologia/XXA/h-urena/>
- URIARTE, Urpi montoya. Hispanismo e indigenismo. In: **Revista de Antropología**. v. 41. n. 1. São Paulo, 1998.
- VAINFAS, Ronaldo. Gilberto e Sérgio. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 23 de junho de 2003, Mais!, p. 16-17.
- VASCONCELOS, José. **Breve historia de México**. México: Compañía Editorial Continental, 1968. p. 473.
- VASCONCELOS, José. **La raza cósmica**. In: <http://ensayo.rom.ug.edu>.
- VASQUEZ, Karina R. Redes intelectuais hispano-americanas na Argentina de 1920. In: **Tempo social**. V. 17. n. 1. São Paulo: junho de 2005.
- VÁZQUEZ, M. Ángeles. Revista contemporáneos, México. In: ---. **Las vanguardias en nuestras revistas**. Agosto de 2005. http://www.cvc.cervantes.es/el_rinconete/antteriores/enero_05/19012005_02.htm

- VELLOSO, Mônica Pimenta. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. In: **Estudos históricos**. v. 6. n. 11. Rio de Janeiro, 1993.
- VIANA, Luiz Verneck. **A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 2004.
- WASSERMAN, Cláudia. **Nacionalismo: origem e significado em Sérgio Buarque de Holanda, Samuel Ramos e Ezequiel Martinez Estrada**. In: <http://www.ifch.unicamp.br/anphlac/revista/numero03/revista3claudia.pdf>.
- WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.